

A RAINHA DO ROMANCE SENSUAL  
**CHERYL HOLT**

*Autora de Noites de Paixão e Ligações Proibidas*



**MEU  
ÚNICO  
AMOR**

*Um belo desconhecido...  
um coração destruído...  
o amor de uma vida*

# Ficha Técnica

Título original: My Only Love  
Título: Meu Único Amor  
Autor: Cheryl Holt  
Tradução: Maria Ponce de Leão  
Revisão: Domingas Cruz  
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.  
ISBN: 9789897261398

QUINTA ESSÊNCIA  
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda  
uma empresa do grupo LeYa  
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Cheryl Holt, 2000  
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.  
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor  
E-mail: [quintaessencia@oficinadolivro.leya.com](mailto:quintaessencia@oficinadolivro.leya.com)  
[www.quintaessencia.com.pt](http://www.quintaessencia.com.pt)  
[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Maggie Brown perscrutou o salão de chá a abarrotar em busca de George. Da sua mesinha a um canto, não conseguia ver a porta de entrada do estabelecimento e era, portanto, incapaz de ter a certeza se ele entrara ou não. Conhecendo-o como conhecia, tinha a certeza de que ele varreria a multidão com um olhar casual e, se não a avistasse imediatamente, sairia logo em seguida, usando a sua ausência como a desculpa perfeita para a visitar mais tarde.

Ainda estremecia ao pensar na última vez que ele a tinha visitado. Duas semanas antes, aparecera já a noite ia adiantada quando ela e Anne se preparavam para recolher aos seus aposentos. Embriagado e grosseiro, exigira o direito de se lhe juntar na cama, dizendo que chegara a altura de ser recompensado por conceder a Maggie e Anne o privilégio de viverem sem pagar na pequena casa de que era proprietário. Somente a presença de Anne, firme e insistindo para que se fosse embora imediatamente, tinha salvado Maggie nessa noite. Podia não ter tanta sorte uma segunda vez.

Era esperar demasiado pensar que ele solicitara aquele encontro por ter finalmente arranjado coragem para se desculpar pela sua abominável conduta. Poderia viver até uma idade avançada antes que qualquer desculpa saísse dos seus lábios franzidos. Aquele tipo de indivíduo nunca responderia pelo seu comportamento, por mais desprezível que fosse. Não, ele queria falar-lhe sobre uma questão totalmente diferente e decerto não seria coisa boa.

Desde aquela noite horrível, aguardavam a retaliação que constituía uma certeza. George era previsível e a facada no seu ego, bem como na sua virilidade, não seria facilmente perdoada ou esquecida. George não era pessoa para ignorar o facto de que lhe tinha oferecido a oportunidade de pagar a renda deitando-se de costas e ela tivera a audácia de recusar.

Ele encarava indubitavelmente a proposta de uma ligação sexual como uma bênção para Maggie. Afinal, ela não passava da filha de uma cortesã recentemente falecida. Por que razão não agarraria a oportunidade de ser sua amante, como a mãe, Rose, fizera? Maggie estremeceu ante essa ideia. Nunca na vida se ligaria a um homem como George Wilburton. Nem que lhe custasse até à última gota do seu senso comum e recursos, encontraria uma forma de levar uma vida diferente da de Rose.

Rose Brown, que Deus a tivesse em paz, fora amante de vários indivíduos durante a sua curta vida, tal como a sua querida amiga, Anne Porter. Desde muito cedo que ambas haviam protagonizado o papel de mulheres por conta, devido a infortúnios familiares.

Na juventude, poucos atributos tinham além da beleza e dos corpos para singrarem na vida. Um misto de origem, educação e pura sorte colocara-as acima da posição de vulgares prostitutas. Em vez de

clientes diários, tinham mantido, de uma forma mais respeitável, ligações com diversos indivíduos que se ocupavam das suas necessidades financeiras em troca de favores sexuais regulares e monogâmicos. Tratava-se de uma existência precária, carregada de incertezas e fortunas oscilantes, e, por conseguinte, passavam cada dia de cada ano a interrogarem-se sobre o que aconteceria, caso os homens das suas vidas se cansassem delas e as mandassem embora.

Maggie tinha crescido na pequena casa que julgara pertencer à mãe, observando as chegadas e partidas de diversos homens na vida de Rose, enquanto ela passava de um nobre para o outro como um animal de raça. A sua beleza e encanto tinham-na tornado uma lenda, mas haviam começado a decair quando se aproximara dos quarenta anos, sem nunca encontrar o que ansiosamente desejava: uma pensão vitalícia de um dos amantes que lhe proporcionasse uma velhice descansada. Em vez disso, vira-se reduzida a ser sustentada por indivíduos como George.

George era um homem rude e avarento que inspecionava e se queixava de cada cêntimo gasto por Rose. Um homem tão falho de capacidades na cama que Maggie tinha ouvido frequentemente Rose e Anne trocarem segredinhos e risadas quando ele se ia embora. Mesmo assim, fora útil nos últimos anos.

As suas atenções permitiram-lhes continuar a viver na casa onde Maggie crescera. Tiveram um teto a abrigá-las e comida no estômago durante os três anos em que Rose servira George. Anne também conseguira ficar com elas, portanto, não tivera de procurar um novo amante quando o último morrera num acidente. Logo que Rose adoeceu, George podia tê-las posto na rua, mas não o fizera. Haviam ficado com uma casa durante todos os terríveis meses até ela acabar por morrer.

Contudo, agora o que seria delas? Maggie estava receosa de saber.

Nesse preciso momento, avistou George a atravessar a sala. Soergueu-se na cadeira e acenou para lhe chamar a atenção. Ele era um homem magro e ossudo, dolorosamente vulgar, e Maggie não conseguia impedir-se de perguntar o que a mãe tinha visto nele.

George avançou pelo estabelecimento a abarrotar, murmurando desculpas ocasionais, sempre que esbarrava numa mesa pelo caminho. A jovem reparou que ele deixara crescer as patilhas desde a última vez que o vira, permitindo que avançassem pelas faces, talvez para disfarçar a rápida queda de cabelo. Infelizmente, o acréscimo de pelos tivera o efeito contrário. Parecia mais careca do que nunca.

A roupa e as joias de George, bem como a carruagem que estacionara rudemente diante do salão de chá, testemunhavam o facto de que era um cavalheiro com algumas posses. O próprio dono dirigiu-se apressadamente à mesa e afastou uma cadeira, batendo palmas e ordenando às empregadas que trouxessem mais chá e mais biscoitos. O que quer que George quisesse, receberia.

– Olá, George – cumprimentou Maggie. Há muito que tinham desistido de quaisquer tentativas de formalidade. Era difícil manter cortesias adequadas quando ele passara três anos a entrar e a sair do quarto de Rose sempre que queria.

– Obrigado por teres aparecido prontamente, Magdalina.

Maggie sentiu que ele a despia com o olhar. Tinha uma maneira especial de o fazer, observando-a do cimo da cabeça aos seios e novamente no sentido contrário. Uma vez que isso acontecia sempre que estavam juntos, há muito que deixara de se preocupar com o insulto. A sua parecença com a bonita mãe era inacreditável em quase todos os sentidos e fazia com que cabeças masculinas se virassem frequentemente na direção dela, demorando muito mais tempo do que o adequado. Estava habituada à ousada avaliação e nunca desviava o olhar quando a fixavam.

Nem alta nem baixa, com a altura exata para deter o olhar de um homem, o corpo dela era esbelto e com curvas nos lugares certos. Tinha uns seios e umas ancas macios e fartos, ressaltados pela cintura fina. O cabelo castanho-claro descia em ondas compridas e exuberantes, realçadas por madeixas douradas e ruivas. Os caracóis emolduravam delicadamente o rosto em forma de coração, acentuando as

faces lisas e rosadas, os lábios proeminentes. Os olhos detinham uma exótica tonalidade azul fazendo com que as pessoas – mas sobretudo os homens – olhassem duas vezes com a esperança de detetar algo nas profundezas insondáveis. O tom mudava com a cor da roupa e nesse dia parecia violeta, acentuado pelo escuro das suas vestes de luto.

Quando ele continuou a observá-la, corou um pouco, irritada que a tratasse com uma tal falta de respeito num lugar público. Recusando facilitar-lhe a atitude desviando o olhar, fixou-o até perceber que havia mais do que uma mera avaliação sexual na expressão dele. Temendo que Anne estivesse certa, de que ele se preparava para ajustar contas com as duas, sentiu um pequeno estremecimento de medo a percorrer-lhe a espinha.

Tentou esboçar um sorriso, enquanto avaliava mentalmente as possibilidades seguintes e disse:

– Fiquei surpreendida ao receber a sua mensagem. Espero não lhe ter desagradado com as despesas familiares. Esforcei-me por ser frugal.

– Não te chamei por causa das contas. Deixaram de me interessar.

Maggie estendeu a mão para o guardanapo e tentou abster-se de rolar ansiosamente a ponta entre os dedos. Se George não estava preocupado com dinheiro, algo de terrível ia acontecer.

– O que se passa, então? Se me permite a ousadia de perguntar?

– Decidi voltar a casar.

Maggie susteve a respiração, aguardando enquanto ele devorava um prato de biscoitos e depois o estendia à criada para repetir a dose. A rapariga afastou-se a correr e Maggie não aguentou o *suspense*.

– E?

– Vou vender a casa.

Maggie soltou uma exclamação abafada. Embora Rose nunca tivesse sido dona da casa, ela fora comprada em primeira mão pelo pai de Maggie, o duque de Roswell, quando Rose fora amante dele vinte anos antes. Rose tinha engravidado de Maggie e o duque destroçara-lhe o coração ao largá-la a um amigo por esse motivo. A casa mudara de proprietário, mas a mãe continuou a viver lá.

Por seis vezes, ao longo dos dezanove anos de Maggie, Rose conseguira usar a sua beleza e capacidades sexuais para atrair um novo protetor. Sempre que um cavalheiro desistia dela, limitava-se a vender a propriedade ao seguinte. Maggie nunca tinha vivido noutro lugar, nem imaginava que alguém fosse tão cruel a ponto de expulsá-la de lá.

– Vai vender a minha casa?

– Temo bem que sim. A minha noiva é uma mulher astuta e não duvido que ficaria muito desagradada caso ficasse a par de que te sustento.

– Mas não é verdade... nós não somos... – balbuciou ao mesmo tempo que toda a cor lhe afluía ao rosto. Dado ter crescido numa casa com duas cortesãs, estava habituada a uma conversa sexual sem rodeios, mas não tinha experiência de falar dessas coisas com um homem.

– Duvido que a minha noiva perceba a diferença.

A jovem riu, esperando aligeirar a situação, mas falhou em toda a linha. O medo que a voz espelhava era demasiado visível.

– Tenciona pôr-me na rua?

– Precisamos de te encontrar um alojamento.

Maggie respirou mais aliviada. Se ele estava disposto a encontrar-lhe outro lugar, talvez o final não fosse assim tão mau. Acima de tudo, queria ser capaz de impedir que Anne voltasse a servir outro cavalheiro.

– Não preciso de muito – declarou. – Tenho a certeza de que nem sequer dará pelo custo de uma casa tão pequena.

George fixou-a, sem primeiro entender o que ela queria dizer, e em seguida percebendo que ela interpretara as suas intenções de uma forma totalmente errada.

– Desculpa. Não me fiz compreender. *Precisarás* de arranjar outro local. Decerto ficaria muito feliz em prestar ajuda. Como um favor à tua mãe, claro.

– Claro – repetiu Maggie baixinho, interrogando-se sobre o tipo de ajuda que ele teria em mente. Sabia que *deveria haver mais do que aquilo*. Tratava-se sem dúvida de outro estratagema para levá-la para a cama dele, algo que tinha jurado que nunca aconteceria. – O que devo fazer para que mude de ideias?

– Nada me fará mudar de ideias.

Maggie notou pela primeira vez a firmeza da resolução. Ele pretendia mesmo expulsá-la da casa. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Prometeu à minha mãe, no seu leito de morte, devo acrescentar, que me deixaria ficar. Ela só morreu há seis semanas. Jurou-lhe e ela quase não arrefeceu na cova.

– Não quis afligi-la mais nesse momento e, quando fiz a promessa, falava a sério – retorquiu com um encolher de ombros. – Não era na verdade minha intenção expulsar-te da casa. Contudo, a situação mudou. Vou casar e não me parece muito honesto da minha parte usar fundos da minha mulher para sustentar a filha da minha amante. – Desviou o olhar, brincou com a comida no prato, e em seguida olhou para trás, visivelmente embaraçado. – Além disso, tive um pequeno infortúnio. Até casar, posso usar o dinheiro extra da venda da propriedade.

– Essa *propriedade*, como tão jovialmente se lhe refere, é o único lar que conheci.

Maggie queria mostrar-se furiosa, mas não conseguia. Afinal, George deixara-as ficar muito tempo depois de a doença de Rose a impedir de funcionar como sua amante.

– Quanto tempo tenho? – conseguiu perguntar.

– Vou dar-te três meses.

– Mas não possuo dinheiro, nem aptidões. Nunca tive um emprego. O que espera que faça?

– Podes casar, suponho.

– Em três meses?

Ambos sabiam que não havia perspectivas no seu horizonte e era altamente improvável que ela conseguisse encontrar um homem que quisesse desposá-la em tão pouco tempo.

– O que querias que fizesse, Maggie?

– Deixe-me ficar na minha casa. Dê-me uma oportunidade para assentar os pés na terra. Ainda estou a sofrer tanto com o choque da morte da minha mãe que não consegui recuperar-me.

– Compreendo que estejas a sofrer, mas já expliquei porque não posso continuar a ajudar – reagiu George, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. – Tive uma ideia – acrescentou –, mas duvido que a consideres aceitável.

– Fale.

– Pensei que podia apresentar-te a alguns dos meus amigos. Como sabes, sou um homem bem relacionado. Talvez pudéssemos... pudéssemos... – Engoliu em seco e a maçã de adão ressaltou visivelmente quando pôs a sugestão em cima da mesa. – Podemos encontrar alguém que comprasse a casa com o mesmo acordo que fiz com a tua mãe.

No início, Maggie não compreendeu o significado das palavras. Mas quando se fez luz na sua mente, corou de raiva.

– Está a sugerir vender-me, como fez com a minha mãe? Seu crápula desavergonhado! – Quase se expressou num grito e foram várias as cabeças que se voltaram na direção deles. Baixou a voz e inclinou-se sobre a pequena mesa. – Depois de todas as promessas que lhe fez de que cuidaria de mim!

– Que outras opções te restam? Tu própria disseste que não possuis aptidões. Precisas de refletir no

que tens de negociável. Tanto quanto posso ver, há apenas uma coisa.

George avaliou-a casualmente, pensando sem dúvida em quão rapidamente um dos seus amigos a agarraria e lamentando o facto de não ser o único a desfrutar os segredos que ela tinha para oferecer.

Com o coração destroçado, Maggie baixou os olhos. Embora tivesse passado anos a fio a dizer a si própria que nunca cairia na armadilha que havia capturado a mãe, nesse momento encontrava-se perigosamente perto da beira do precipício. Se não encontrasse um protetor, um tutor, o que seria dela e de Anne? Odiando as palavras que sabia ter de pronunciar, continuou a fitar a mesa, mexendo na toalha.

– No caso de concordar, e não estou a dizer que o farei, lembre-se, como trataríamos do assunto?

– É bastante simples. Diria a alguns cavalheiros que estás disponível. Faria as apresentações. Se algum se mostrasse interessado, vocês os dois chegariam a um acordo pessoal. Eu negociaria as condições sobre a casa. O facto de seres tão bonita e ainda virgem tornar-te-ia muito procurada.

Maggie fez uma careta devido ao prazo. Parecia um animal prestes a ser levado para o matadouro.

– Não sei. Preciso de pensar.

– Claro, mas não demores muito.

A jovem levantou-se e olhou em volta com uma expressão ausente.

– Desculpe, mas não estou a sentir-me muito bem. Tenho de ir embora.

– Três meses, Maggie. Três meses é o tempo que te resta.

A voz de George desvaneceu-se enquanto ela se afastava desnorteada pelo meio da clientela. Lá fora, procurou uma carruagem, mas depois desistiu da ideia. Com o desespero bem à espreita, a última coisa de que precisava era desperdiçar algumas moedas numa carruagem alugada para o breve percurso até casa. Em vez disso, foi a pé, interrogando-se sobre como alguém que tinha acabado de completar dezanove anos podia sentir-se tão velho.

Os últimos dois anos da sua vida deveriam ter sido passados a celebrar a aproximação da idade adulta. A mãe imaginara-a uma jovem educada, planeara uma viagem ao continente, festas e convívio social, apresentações a jovens. E ainda um bom e sólido casamento com alguém generoso e de confiança. Nada disso acontecera. Em vez disso, tinha passado o tempo a cuidar de Rose, à medida que a sua saúde ia ficando mais fragilizada.

Agora, George esperava que com um simples estalar de dedos, ela mudasse de objetivo; que, por magia, estivesse pronta a retomar a sua vida anterior. Como poderia concretizar-se tamanho retorno?

– Homens... – murmurou enquanto chegava ao alpendre e subia os três degraus que a separavam da entrada. – Todos uns imbecis.

Empurrou a porta e entrou na salinha da frente. A casa tinha sete divisões no total, espalhadas por três pisos. Era pequena e simples, mas um lar.

– És tu, Maggie? – perguntou Anne do topo das escadas.

– Sim, Anne.

Maggie olhou para cima e avistou Anne que descia esplendorosamente, com passo de rainha. O simples vestido preto acentuava as curvas redondas e lascivas do seu magnífico corpo. O cabelo ruivo, o verde dos olhos, tornaram-se mais exuberantes ao serem banhados por um raio de sol do entardecer. Aos trinta anos era mais bonita do que nunca.

– Bom. O que queria ele? – quis saber.

Não sendo dada a jogar com as palavras, Anne ia sempre direita ao âmago da questão. Num mundo onde as pessoas raras vezes diziam o que lhes ia na mente, ela podia ser assustadoramente franca. Começou a descer as escadas enquanto Maggie demorava a pendurar a capa e o chapéu. Como poderia dizer à bela e maravilhosa Anne, que fora a sua boa amiga e companheira por tantos anos, o que ia acontecer?

– Sentamo-nos?

– Más notícias, não é verdade?

– Muito más.

– Então, venham elas! – insistiu Anne enquanto se sentavam lado a lado no pequeno sofá. – O que se passa?

– Ele vai casar-se.

– Há alguém que queira mesmo casar com aquele idiota chapado? É óbvio que a pobre mulher nunca se deitou com ele debaixo dos cobertores antes de tomar a decisão. Espero que saiba no que se vai meter.

Maggie conseguiu soltar uma risada.

– E vai vender esta casa. Temos três meses para decidir o que fazer.

– Bom. Acho que é um aviso justo. O que nos aconselha?

– Sugeriu que eu deixasse passar o meu nome à roda de amigos. Achou que poderia encontrar-me um cavalheiro com facilidade.

– O crápula!

Anne passou a mão pela testa num gesto cansado. De alguma forma, sempre soubera que aquele final chegaria. Devia ter entrado em ação mal perceberam que Rose estava doente. Agora, poderia estar ligada a alguém e teriam para onde ir. Não se importava de aceitar outro homem, se isso significasse impedir que Maggie tivesse de fazê-lo. Infelizmente não era fácil encontrar um protetor. Uma mulher precisava de referências de outros cavalheiros ou de amigas que espalhassem palavra e ela perdera muitos contactos ao longo dos últimos anos. Seria mesmo muito difícil encontrar um homem adequado em tão pouco tempo.

Com a mente num turbilhão, perguntou a Maggie:

– Já pensaste em voltar a contactar o teu pai?

Rose tinha-lhe escrito quando ficara doente e se tornou claro que não recuperaria, mas o duque não se tinha dado ao trabalho de responder.

– Se ele nem sequer reagiu ao último pedido da minha mãe, não imagino que pudesse ser mais bem-sucedida. Pelo menos, ele conhecia-a e supostamente amou-a. Eu nunca conheci o homem.

– Mas tu és filha dele. Talvez devesses tentar novamente.

– Sabes que isso não passa de uma fantasia, Anne – retorquiu Maggie calmamente.

– Sim, acho que é – concordou com um suspiro e dirigiu-se à lareira vazia, fixando-a sem se voltar até ter conseguido esboçar um sorriso luminoso. – Então, temos de aproveitar o tempo o melhor possível. O que gostarias de fazer?

– Não sei. Preciso de pensar.

– Bem. Acho que devíamos ir de férias, como tínhamos planeado.

– Não acredito que estejas a falar a sério! Com todos estes problemas sobre as nossas cabeças?

– É o melhor plano que me vem à cabeça. Além disso, já pagámos as passagens e o aluguer do nosso quarto na estalagem. Duvido que consigamos recuperar o dinheiro. A tranquilidade e a paz fora da cidade podem ajudar-nos a ver tudo com mais clareza. Sabes tão bem como eu que a tua mãe desejaria que fôssemos. Era o seu lugar favorito em todo o mundo.

– Talvez tenhas razão.

– Claro que tenho – disse Anne ao mesmo tempo que se colocava atrás do sofá e massajava os ombros tensos de Maggie. – Só ficaremos fora alguns dias.

– Se, ao menos...

Contudo, não concluiu o pensamento. Se, *ao menos*, as coisas na sua vida tivessem assumido um curso diferente. Percorrera aquela estrada tantas vezes nos últimos meses e nunca fora dar a um lugar

aprazível.

– Se ao menos, o quê?

– Nada.

Anne deu a volta até à frente do sofá e abraçou Maggie com força.

– Resolveremos tudo, as duas. Iremos de férias e deitaremos fora essas horríveis roupas de luto. Vamos comer, dormir, aspirar a brisa do mar, e regressaremos a casa descansadas e prontas para enfrentar este mundo de uma figa.

Era impossível resistir ao entusiasmo de Anne e Maggie concordou com ela, tentando parecer confiante.

– Estou pronta, se também estiveres.

– Vai correr tudo bem, Maggie – garantiu Anne com um sorriso. – Tenho a certeza. Faremos com que dê tudo certo.

Adam St. Clair retirou um copo de vinho da bandeja de um criado que ia a passar e tentou passar despercebido, o que era difícil dadas as circunstâncias. Ele era o solteiro marquês de Belmont e todas as mulheres presentes tentavam chamar-lhe a atenção. Jovens e velhas, altas e baixas, gordas e magras, vulgares e bonitas, todas esperavam que o seu olhar pousasse nelas e só nelas.

Não o ajudava o facto de ter sido agraciado com a alta estatura do pai, ombros largos, cabelo e olhos pretos. Ao longo dos seus vinte e nove anos, sempre ouvira dizer como era bonito, viril, primorosamente dotado e a sua beleza fazia com que as mulheres ainda o desejassem mais. Contudo, não se deixava iludir. Se fosse baixo e atarracado e com cara de sapo, as mulheres continuariam a procurá-lo, esperando conquistar um pouco da sua atenção.

Todas o desejavam e todas tinham segundas intenções. Algumas queriam partilhar o seu título, outras desejavam as bijutarias que o dinheiro pode comprar e havia as que pretendiam os benefícios de uma aliança com a família dele.

Infelizmente, ele não desejava nenhuma delas. Apenas queria conhecer uma rapariga disponível, uma jovem experiente que lhe oferecesse desinteressadamente a sua bondade e amizade, que gostasse dele pelo homem que era, descomprometido, mas a hipótese de tal coisa acontecer era quase nula. Em vez disso, encontrava-se em mais um estúpido baile, vestido com uma roupa desconfortável, comendo alimentos leves regados com um vinho aguado enquanto sorria e acenava com a cabeça até o rosto e o pescoço lhe doerem.

Era inacreditável a coscuvilhice sobre o seu iminente noivado. Seria aquele o ano em que escolheria alguém exterior à colheita da temporada das debutantes? Fizeram-se e perderam-se apostas à medida que os vários prazos chegavam e terminavam e ele não esboçava qualquer gesto para anunciar a sua escolha. Passou o Natal, o ano novo, o seu aniversário em fevereiro, os idos de março, a Páscoa e agora o primeiro de maio. Em todas essas datas, os salões de jogos enchiam-se de apostadores enquanto vários amigos e conhecidos tentavam adivinhar-lhe o pensamento. Deus do céu! Até o próprio *Times* entrara em campo, publicando uma caricatura deplorável de um cavalheiro que parecia correr freneticamente pelo meio de um labirinto intitulado «O Mercado de Casamento».

A pressão era insuportável, não só por causa do que qualquer dos presentes pensava ou dizia, mas devido ao prazo que impusera a si mesmo. Tencionava seleccionar uma mulher até ao final do ano para que no seu trigésimo aniversário, no próximo fevereiro, estivesse a caminho do casamento. Ao vaguear os olhos pelo salão, recordou-se mais uma vez de como eram sombrias as suas perspectivas de encontrar

alguém adequado.

Compreendia o seu dever para com o título, a sua família e o seu papel de um dos aristocratas mais ricos de Inglaterra quanto a casar e casar bem, mas não conseguia pura e simplesmente decidir-se. Ao longo dos últimos anos, enquanto a mãe discursava e membros da sociedade sustinham a respiração, observara uma série de jovens a desempenharem o seu papel de debutantes, esperando que uma delas lhe chamasse a atenção e facilitasse o doloroso processo de seleção.

Nenhuma delas o conseguiu.

A temporada de verão chegou mais uma vez e os três meses de festas e de bailes prolongaram-se infinitamente. Ele tinha-se convencido de que esse era o ano em que encontraria uma noiva à sua altura, mas, ao olhar à volta, não percebeu o que o levava a acreditar em tal coisa. Na realidade, o mundo deles era pequeno. Conhecia todas as famílias e as respetivas filhas e a tristeza residia em que todas aquelas jovens o entediavam de morte.

A maioria era indubitavelmente bastante bonita, mas tinham sido educadas para apenas manter o ar entre as orelhas. Mal sabiam ler e escrever e muito menos manter uma conversa inteligente. Nem sombra de pensamentos profundos, longas discussões filosóficas, ou debates acalorados, e, que Deus as livrasse, de manifestações emotivas. Tudo se limitava a sorrisos intermináveis e diálogos educados até por vezes sentir vontade de gritar. Assentar com uma daquelas jovens idiotas era impensável. Contudo, não lhe restava escolha.

Era do conhecimento geral. Nem sequer podia virar as costas sem que uma mãe, uma tia, um pai ou um amigo lhe pusesse uma jovem debaixo do nariz. O que não daria para abandonar tudo e fugir para viver a sua vida como uma pessoa anónima. Decerto haveria um lugar, talvez uma ilha tropical onde pudesse simplesmente ser ele mesmo.

James, o seu irmão mais novo, arrancou-o àquele triste devaneio.

– Olha, Adam, é o teu dia de sorte. O duque de Roswell, o grande Harold Westmoreland em pessoa, acabou de chegar na companhia da sua bonita filha Penelope – comentou com uma risada ao mesmo tempo que Adam estremecia. – Parece que te encontraram.

Adam gemeu. Não podia ir onde quer que fosse, sem que eles aparecessem uns minutos depois.

– Achas que têm alguém a seguir-me para descobrirem todos os meus movimentos?

James, aos vinte e sete anos, com dois anos menos do que o irmão, era talvez a única pessoa no mundo que compreendia as pressões inacreditáveis exercidas sobre Adam. Enquanto alguns homens se irritavam com o estatuto de irmãos mais novos, James lembrava-se de agradecer a Deus, pelo menos uma vez ao dia, por lhe ter poupado o fardo de um título.

– Encara isso deste ângulo. Pelo menos, vais abandonar a festa cedo. Em seguida, podemos desfrutar do resto da noite.

– É fácil para ti falares assim. Não é em ti que Penelope está de olho – resmungou Adam entre dentes.

– És mesmo um homem de muita sorte – comentou James com uma risada sem o mínimo intuito.

O duque e a sua comitiva encaminharam-se para os degraus do salão e a sua filha Penelope de dezoito anos perscrutou furtivamente a multidão, tentando vislumbrar Adam. Quase sem se aperceber da própria reação, ele recuou um passo e ganhou alguma proteção e algum tempo atrás das folhas de uma planta colocada num vaso.

– Cobarde! – sussurrou James pelo canto da boca.

– Com bom motivo – respondeu no mesmo tom. – Imaginas-me algemado àquela pequena harpia durante o resto da vida?

– Tremo só de pensar nisso – disse James, passeando um olhar casual pelo salão. – Olha! Ali está a pequenita Arnold!

Era uma miúda linda. E doce, também, o que constituía uma refrescante mudança de ritmo das mulheres que encontravam nestas reuniões da alta sociedade. James tinha-lhe falado várias vezes, mas, à semelhança do que acontecia com as mulheres por quem se sentia atraído, a mãe dela afugentava-o sempre, antes que conseguisse pronunciar mais do que umas palavras de boas-vindas. Ninguém queria um segundo filho a fazer andar a cabeça à roda das filhas enquanto o primogénito estivesse disponível.

– Parece que ela perdeu temporariamente a mãe – observou Adam. – Talvez devesse aproveitar para a levatares até às nuvens enquanto tens oportunidade.

– Ainda bem que trouxe a vassoura. Apetece-me fazer uma pequena varredela – riu James ao mesmo tempo que se esgueirava habilmente pelo meio da multidão até junto da jovem.

James namoriscou escandalosamente enquanto Adam observava, pensando em como James era uma versão mais elegante e bem cuidada de si mesmo. Tinha a boa aparência dos St. Clair, embora o cabelo fosse de um ruivo mais acastanhado. Ao ver os dois irmãos juntos, muitas pessoas tinham sido ouvidas a comentar que haviam herdado todas as facetas da personalidade do pai. Adam ficara com o seu lado duro, cruel e insensível, enquanto James tinha sido agraciado com a sua natureza despreocupada, generosa e divertida.

Como resultado, James saía-se decididamente bem com as mulheres; nenhuma conseguia resistir-lhe. Adam invejava-lhe a graciosidade e amaldiçoara mais do que uma vez o destino, que o tornara primogénito. Como seria bom ser capaz de conhecer uma jovem, pedir-lhe para dançar, desfrutar de um almoço, ou levá-la a passear no parque, sem que toda a cidade de Londres especulasse sobre o facto.

Suspirou quando a mãe da jovem surgiu como uma tempestade e a desviou das atenções de James. Infelizmente, quando James se voltou a juntar a Adam, mãe e filha encontravam-se a pouca distância, do outro lado do vaso com o feto, sem se aperceberem da presença dos irmãos St. Clair, que escutaram assim todo o diálogo.

– Não vais falar novamente com ele – ralhou a mãe.

– Mãe, ele é muito terno.

– Mas não é o marquês.

– Eu sei.

– Então, não o encorajes. Deves concentrar toda a energia no mais velho dos dois.

– Por amor de Deus, mãe. O marquês não está interessado em mim e nunca estará. Consegue meter isso na cabeça?

– Estará, se soubermos jogar as cartas. Agora – os irmãos ouviram o movimento dos pés e o farfalhar dos vestidos enquanto as duas se afastavam – ouvi dizer que St. Clair não demorará a aproximar-se da mesa do bufê. Vamos procurar um sítio estratégico para nos colocarmos na fila logo atrás dele...

Adam fitou James pelo canto do olho, interrogando-se sobre quantas vezes se repetira aquela cena. Sem dúvida, demasiadas. A única vantagem que Adam via no casamento era a de que James poderia finalmente encontrar uma mulher por conta própria, sem ser ofuscado pelo irmão mais velho.

As duas faces ruborizadas de James indicavam a Adam que ele estava furioso. Fora isso, parecia exteriormente calmo enquanto bebia o vinho em pequenos goles.

– Lamento – disse Adam.

– O quê?

– Não... não sei. Lamento apenas – respondeu esvaziando o copo de um trago e tirando outro da bandeja de um empregado que ia a passar. – Odeio isso! Odeio-a a ela e à maldita da mãe – murmurou num tom violento. – Só espero que ela venha a casar com um marinheiro.

– Um ferreiro! – sugeriu James.

– Um lavrador!

– Sim! E que tenha dez pirralhos barulhentos!

– Todos eles vinhos e estúpidos!

– E só a mãe para cuidar deles.

– *Touché*. – Adam sorriu e tocou na borda do copo de James num brinde, feliz por ver que a troca de gracejos o fizera recuperar o bom humor.

Do outro lado da sala, Adam avistou o seu primo, Charles Billington, a falar com um desconhecido de cabelo preto. Mesmo à distância, era visível que estavam a trocar palavras acaloradas.

Embora as mães fossem irmãs, Charles em pouco se assemelhava aos seus dois primos St. Clair. Tinha herdado os traços Billington e, portanto, era vários centímetros mais baixo do que os dois irmãos, um indivíduo magro, com boa aparência, cabelo loiro e olhos azuis. Com vinte e oito anos, tornara-se um grande amigo deles, sendo quase considerado um terceiro irmão.

– Olha o Charlie – indicou Adam com o copo.

James seguiu-lhe o olhar.

– Talvez devêssemos seguir-lhe o exemplo e afastarmo-nos das regras da sociedade aristocrata. Talvez dessa maneira nos víssemos livres de todos esses problemas femininos.

– Vale a pena pensar nisso.

Charles era um retratista popular que conseguia ganhar bastante bem a vida pintando interpretações de beldades da sociedade. Complementava-a ocasionalmente através de transações questionáveis que eles preferiam ignorar. Como artista, eram-lhe permitidas muitas excentricidades, e na qualidade de sétimo filho de oito – os quatro mais velhos eram rapazes – não se preocupava com as aparências e a liberdade de que desfrutava fazia com que aterrasse sempre em qualquer tipo de confusão.

A sua curta vivência como soldado, que acabara cedo devido a um ferimento grave e a uma prolongada recuperação, poderia ter reduzido o seu desejo de aventuras nefastas, mas isso não acontecera. Aparentemente, não resistia à atração por qualquer tipo de pessoa ou de empreendimento duvidosos.

Os irmãos observaram em silêncio até a discussão terminar e o outro indivíduo se afastar com um ar furioso e ofendido. Charles avançou ao encontro dos primos como se não fosse nada com ele. Adam não podia deixar de admirar a sua desenvoltura por entre os olhares de que foi alvo na sua passagem.

– Problemas no paraíso? – inquiriu James com um sorriso.

– Apenas um pequeno desentendimento sobre algumas libras – explicou Charles com um suspiro cansado. – Talvez devesse gastar mais as minhas energias a andar atrás de mulheres. Era decerto menos cansativo.

– Não me parece que o Adam esteja de acordo contigo – riu James.

– Também acho – concordou Charles ao mesmo tempo que percorria as imediações com o olhar e avistava todas as jovens que fingiam não dar pela proximidade de Adam. – Então, o que estavam os dois a fazer escondidos atrás da planta, brindando e rindo?

– Estamos a discutir a nossa *sorte* com as mulheres – respondeu Adam.

– Bem – explodiu Charles. – Vocês deviam converter-se ao catolicismo para poderem entrar numa dessas ordens religiosas e livrarem-se de preocupações. Constou-me que há um bonito mosteiro nos arredores de Bath.

– Seria uma sorte – brincou Adam ao ver o cabelo branco do duque a brilhar num intervalo no meio da multidão. Penelope não podia estar longe.

James deu-lhe uma cotovelada fraterna.

– Podias muito bem ir desfrutar da música. Se continuares escondido aqui, vão pensar que estás a tentar evitá-los.

– Mas *estou* a tentar evitá-los – replicou Adam.

– Ora, ora. Não podemos deixar que perturbes os Westmoreland pois não? – repreendeu Charles. – Podias ferir os sentimentos da pobre Penelope.

– Duvido. Ela não os tem! – troçou James.

– Oooh. Um golpe baixo!

Quando a comitiva do duque se aproximou, dirigindo-se a Adam, Charles virou as costas para se afastar.

– Vais abandonar-nos? – perguntou James.

– Desculpa, mas esta noite não tenho estômago para bajulações – respondeu Charles, que foi engolido pela multidão, deixando os dois irmãos novamente sós.

Aguardaram em silêncio durante vários minutos até o duque se encontrar apenas a poucos passos de distância. Penelope mantinha-se pendurada no braço do pai, aceitando, com um aceno real de cabeça, as vénias e cortesias que sentia que lhe eram devidas.

James bebeu um largo trago do vinho.

– Prepara-te!

– Estou preparado – respondeu Adam com uma visível falta de entusiasmo.

O grupo em torno do duque envolveu-os como uma névoa. James sorriu e conversou sem problemas enquanto Adam se mantinha ao lado dele em silêncio e vigilante. Fizeram as esperadas vénias sobre a mão de Penelope. Ela era uma jovem bonita, com o cabelo loiro-palha herdado do pai a emoldurar-lhe perfeitamente o rosto em forma de coração. Tinha as faces e os lábios de um tom rosado e os olhos eram de um azul maravilhoso, ressaltado pelos enfeites azuis do vestido branco virginal. Era demasiado forte para o gosto de Adam, mas o peso extra enchia-lhe os braços, os seios e o rosto, dando-lhe o ar de uma linda boneca de porcelana.

– Que bom vê-lo esta noite, Adam – disse com uma voz ofegante, brindando-o com o seu melhor sorriso.

Penelope conhecia-o desde criança e os pais de ambos tinham sido bons amigos, portanto, sempre se sentira à vontade para o tratar pelo nome próprio, uma coisa que adorava fazer, dado que a colocava à frente do jogo com muitas das outras que disputavam a sua mão. As rivais ficavam profundamente irritadas com o facto de Penelope e o marquês se tratarem pelo primeiro nome.

– O prazer é recíproco. Está a gostar do baile? – perguntou, desejando levá-la a pensar que ele não lhe tinha prestado a atenção bastante para notar a sua entrada triunfal.

– Acabámos de chegar. E ainda nem sequer preenchi o meu cartão de dança – respondeu ao mesmo tempo que lho estendia com a certeza de que ele não podia recusar.

– Nesse caso, permita-me que seja o primeiro a inscrever-me.

Tinha de dar a mão à palmatória, pois encurralara-o bem. Agora, não podia esquivar-se a dançar com ela.

– Espero uma quadrilha, *sir*, e nada menos.

Penelope e o pai tinham discutido acaloradamente sobre se ela deveria ou não valsar com St. Clair. A jovem achava que, se forçasse uma maior proximidade física, talvez fosse mais bem-sucedida a cativar a atenção dele. Mas, por fim, haviam posto a hipótese de lado. A quadrilha era uma boa segunda opção, pois embora ele não a prendesse nos braços, a dança prolongar-se-ia quase por meia hora e poderia manter-se sempre ao lado dele enquanto executavam os intrincados passos.

– Terei todo o prazer – acedeu Adam, reprimindo o desejo de ranger os dentes ante a quantidade de tempo que teria de passar à conversa com a jovem durante a longa dança que ela pedira.

O duque afastou a comitiva, não sem que antes murmurasse ao ouvido de Adam e brindando James com um olhar brusco:

– Vá ter comigo à biblioteca dentro de quinze minutos. Preciso de discutir um assunto consigo, em privado.

Dado que Adam fazia questão em ignorar as diretivas do duque, chegou dez minutos atrasado, consciente de como esse pequeno desrespeito o irritaria. Era raro curvar-se à vontade de alguém, mesmo à de um homem tão poderoso como o duque de Roswell. Embora Harold Westmoreland se situasse hierarquicamente acima dele, os dois possuíam fortunas e propriedades de grandeza semelhante e Adam poderia traçar a linhagem a uma distância de três gerações mais antigas. Além disso, o indivíduo tinha apenas quarenta e poucos anos e dificilmente poderia usar a idade a seu favor. Para grande pesar do duque, Adam não se rojaria aos seus pés, como os demais faziam sempre que lhes dava ordens.

Ao entrar na sala forrada de livros, Adam quase sentiu vontade de rir pela forma como Harold tinha encenado a reunião. Deslocara uma grande poltrona para o fundo e colocara-se entre duas estátuas esculpidas. Sorvia um conhaque em pequenos goles e o efeito tornava-o decididamente um aristocrata.

Recusando aceitar as regras do jogo do duque, Adam optou por uma cadeira lateral e sentou-se fora da linha de visão do indivíduo, obrigando-o a rodar um pouco a cadeira para que os olhares se encontrassem.

– Diga, Harold? – perguntou Adam, depois de ter resolvido mais a seu modo. – De que se trata?

– Pensei que gostasse de saber que recebi mais uma proposta de casamento para Penelope.

– Parabéns. Quando é o feliz acontecimento?

Todo o sangue afluiu ao rosto de Harold. Chegara ao extremo da sua sagacidade para tentar descobrir como apanhar Adam St. Clair numa cilada. À exceção de casar Penelope com um estrangeiro – algo que recusava fazer –, não conseguia encontrar um marido suficientemente nobre. Adam era o único inglês, atualmente à procura de mulher, que ele conseguia suportar pessoalmente e dono do título e da fortuna necessários para se ligar à família Westmoreland.

Penelope reclamava a união e enraivecira-se de dia para dia pelo facto de Adam recusar pedir-lhe a mão. Tinha tentado de tudo em que podia pensar, salvo comprometer-se. Harold recusava insistir para que ela descesse tão baixo.

– Ouça bem – retorquiu, tentando conter a irritação, mas sem resultado. – Quero que saiba que estou farto da sua postura.

– Mas que postura? – replicou Adam, adorando conseguir irritá-lo daquela maneira.

– Sabe muito bem a que me refiro. Estou meio decidido a aceitar a proposta. Decerto ia servir-lhe de lição perder a oportunidade de a ter.

– Então aceite, Harold. Não me interessa.

– O que diabo se passa consigo?

– Já lhe disse antes e repito: não me decidi. Penelope é uma menina querida – cerrou os dentes ao pronunciar a mentira – e, se lhe encontrar um par adequado, deve aceitar. Não faz sentido esperar por mim.

– O que o leva a hesitar tanto?

Adam encolheu os ombros. Não estava disposto a discutir a situação com Harold Westmoreland. James e Charles eram as duas únicas pessoas que mereciam a sua confiança sobre o assunto. Se contasse alguma coisa ao duque, ele encontraria uma maneira de usá-la como incentivo.

– Ainda não tomei uma decisão. É tão simples quanto isso.

– Não é não, porque está a brincar com os sentimentos da minha filha.

Na verdade, a Harold não lhe interessava o que Penelope desejava. Só o que ele desejava tinha importância.

– Harold, os dois sabemos que não fiz uma única coisa para encorajá-la. Se ela tem projetos a meu

respeito, e a deixa pensar que estão a ser bem-sucedidos, nesse caso diria que a culpa é sua. E não minha.

– O que tem ela que o impede de se decidir? É muito jovem e ninguém melhor do que eu sabe como por vezes pode ser terrivelmente exigente, mas crescerá com o casamento. É o que acontece a todas e, portanto, não vejo como pode pensar em arranjar uma união melhor. Não percebo simplesmente o que deseja.

– Não tem nada a ver com Penelope. – Como odiava aquela situação! A ténue linha que Harold o obrigava a ultrapassar era insuportável. Não podia pura e simplesmente insultar a jovem, nem queria parecer um tímido idiota romântico à procura de compatibilidade e conveniência, mas tinha de dar qualquer desculpa. – Pretendo manter-me casado durante várias décadas e estou apenas a tentar ter a certeza de que consigo tolerar quem escolher.

– Deus do céu, Adam. No escuro, são todas iguais.

– Não é o escuro que me preocupa. É a manhã seguinte, do outro lado da mesa do pequeno-almoço.

– Então arranje uma amante – sugeriu Harold com uma risada aguda. – Passe as manhãs com ela. O seu pai fez isso durante anos. Não vejo porque é um problema tão grande!

Harold não via obviamente o problema. Estivera ligado a uma série de bonitas mulheres, umas atrás das outras, durante quase três décadas. A sua amante de momento encontrava-se no salão e fitava-o a uma distância discreta. Ele voltaria para se lhe juntar mais tarde, depois de acompanhar a família a casa. Como todos os homens da sua posição, não ligava aos seus atos.

Contudo, ele não vivera no lar St. Clair nem assistira à tremenda infelicidade que a amante do seu pai havia causado. Aston St. Clair apaixonara-se loucamente aos vinte e poucos anos e tinha sustentado essa mulher durante toda a sua vida. Tivera três filhos bastardos com ela e atrevera-se a providenciar o destino de todos após a sua morte, deixando-lhes uma bela casa, fundos fiduciários e, mais importante ainda, a legitimidade. Ao passo que James insistia que não se importava, Adam e a mãe mal conseguiam suportar a humilhação.

Todos os dias da sua vida, a mãe de Adam, Lucretia, tinha sido forçada a viver com a vergonha de saber que o marido a achava desinteressante em todos os aspetos. A fenda que a amante de Aston abrira no casamento deles levou-a a endurecer até se tornar atualmente uma mulher amarga e solitária. Não passava um dia sem que Lucretia acautelasse Adam quanto ao desgosto que causaria à sua futura família se alguma vez fizesse tal coisa à sua própria mulher.

Não, Adam St. Clair jamais teria uma amante. Casaria e manter-se-ia fiel aos seus votos, por mais que isso lhe custasse. Era o que tornava a sua escolha tão difícil, mas jamais admitiria tal coisa a Harold Westmoreland.

Levantou-se com um ar entediado.

– Há mais alguma coisa?

– Vou conceder-lhe mais um mês para pedir a mão dela.

– Então ficará a aguardar em vão – retorquiu Adam. Abandonou a sala com um brusco aceno de cabeça, voltando rapidamente à multidão, sem dar tempo a que o duque o seguisse e o abordasse novamente. Verificou, aliviado, que James o esperava no mesmo sítio onde o tinha deixado.

– Ia perguntar-te como correu – disse James com um sorriso irónico –, mas o teu olhar assassino impede que o faça.

– Filho da mãe – murmurou Adam. – A interrogar-me como se fosse um padre.

– Foi assim tão mau?

– Alguma vez tiveste vontade de desaparecer? – retorquiu o irmão, perscrutando a multidão deslumbrante. – Sair simplesmente daqui? Para qualquer lugar onde ninguém te conhecesse nem

esperasse nada de ti?

Do outro lado do salão, James observou a jovem Arnold que dirigia um sorriso conquistador a Adam.

– Sim. Passo a vida a desejá-lo.

– Então, vamos embora. Só nós dois. Viajaremos anonimamente para qualquer lado. Fingiremos que somos trabalhadores do campo ou algo do género. Vamos beber, jogar, levar mulheres para a cama e divertir-nos.

– Que ideia positivamente escandalosa, Adam – comentou James. – Contudo, a temporada começou agora e a mãe teria uma apoplexia se desaparecesses subitamente.

– Não me importa o que a mãe pensaria.

James fitou o irmão com um novo interesse.

– Estás mesmo a falar a sério?

– Sem dúvida. Sinto que vou enlouquecer se não fugir a tudo isto apenas durante uns tempos.

James sorriu, agradado com aquele impulso. Adam nunca fazia nada sem premeditação. Gastara toda a vida a estudar, a trabalhar e o peso das suas responsabilidades nunca diminuiu.

Adorando a oportunidade de trocar do irmão por um segundo, James comentou:

– Sinto o dever de mencionar o desgosto que todas as meninas e as respetivas mães vão sofrer, se não te encontrarem para te atormentar.

– Tenho a certeza de que conseguirão sobreviver à minha ausência por uns dias.

– Então, vamos fazê-lo. Onde gostarias de ir? Tens alguma ideia?

Adam fechou os olhos por um momento, ponderando em todas as hipotéticas direções que podiam tomar.

– Vamos apenas para o campo. Talvez acabemos ao longo da costa.

– Há anos que não vamos até lá, pois não?

– Não – concordou Adam. – E chegou a altura de voltarmos.

– Uma ótima escolha. Quando queres partir?

– Que tal agora mesmo?

– Estou pronto, se também estiveres.

Nesse preciso momento, a orquestra começou a tocar alguns acordes da próxima música e Adam fez uma careta.

– Oh, não!

– Diria que a tua repentina fuga foi à vida! – exclamou James a rir e dando-lhe uma palmada nas costas.

– Parece indubitavelmente uma quadrilha.

– Que tal daqui a trinta minutos?

Maggie fitou o oceano. As águas eram de um azul luminoso, refletindo o bonito céu de maio. Quase não se via uma nuvem a pairar e que estragasse a perfeição do dia encantador. O vento ainda não começara a soprar e uma suave brisa ondulava, afastando-lhe somente um pouco o cabelo das faces, mas chegando para resfriar o ar quente. Lá em baixo, uma pequena praia isolada brilhava, tentando-a a que enterrasse os pés na areia fria. Sem hesitar, começou a descer o trilho bem definido que levava à costa.

Tinha ido à praia algumas vezes, quando a mãe vivia um espaço entre as relações e necessitava de descansar das suas preocupações na cidade. Ficavam sempre na Tidewater Inn, o lugar onde Rose passara férias uma vez com Harold Westmoreland, o duque de Roswell. Embora a sua ligação com o duque tivesse acabado de uma forma horrível, continuara a gostar do local. Era lá que Rose encontrava aparentemente o conforto de que precisava durante as suas curtas estadas. Regressavam a Londres com a mãe cheia de ideias e de planos sobre como conseguiriam outro rendimento, sobre como encontraria outro amante.

Depois da morte de Rose, parecia apropriado que Maggie e Anne fizessem o mesmo, embora, agora que George estava decidido a correr com elas da casa, não pudesse deixar de achar que o dinheiro que tanto se tinham esforçado por poupar devesse ser usado para um fim mais prático. Como o aluguer de um mês num apartamento que fossem habitar.

Ao chegar ao fundo do trilho, afastou os pensamentos angustiantes. De qualquer maneira, o dinheiro estava gasto, a viagem de carruagem e a reserva da estalagem haviam sido pagas antecipadamente e, portanto, não seriam reembolsadas. Anne dissera que não valia a pena preocuparem-se e, como habitualmente, tinha razão. Além disso, não mereciam um pouco de descanso depois do que haviam suportado no ano anterior? Rose era a única família que Maggie e Anne tinham no mundo e a morte dela fora prolongada e dolorosa. Não era decerto indecoroso que tirassem uns dias para retomar o fôlego antes de passarem à fase seguinte das suas vidas.

Felizmente estava sozinha na praia. Erguendo os olhos para o trilho que acabara de descer, não avistou ninguém que a tivesse seguido. Na colina inclinada, onde a Tidewater Inn se encontrava oculta por árvores e rochas, não havia ninguém a observá-la de qualquer dos bancos. Mesmo que assim fosse, pouco lhe importaria.

Sabia-lhe tão bem estar liberta do sufocante traje de luto. O vestido verde-claro de algodão leve era fresco e confortável. Descalçou as sandálias e pousou-as em cima de uma rocha grande; depois, levantou a saia e deu um nó na bainha para que as pernas ficassem expostas até acima dos joelhos. A modéstia

impediu-a de ir mais longe e, por esse motivo, conservou as meias de vidro.

Correu pela areia e soltou uma leve exclamação quando os dedos dos pés apanharam o rebentar de uma onda que depois recuou. A água oferecia um frio contraste com a amena temperatura do ar e gritou de surpresa e de alegria. A correnteza puxava-lhe os pés; ela recuou de um salto, calculou quando a espuma branca do mar voltaria a avançar ao seu encontro e depois correu na sua direção. Brincou ao toca-e-foge vezes seguidas, enquanto corria para a água e depois recuava e se punha a salvo. Ocasionalmente, o oceano apanhava-a, encharcando-lhe as pernas e a orla da saia.

Indiferente ao sol brilhante e ao efeito que teria na sua pálida compleição, desatou as fitas do chapéu e atirou-o para a areia, onde ele flutuou até ao chão. Com a cabeça descoberta, voltou até junto da água, usufruindo a carícia do vento que a despenteava e lhe punha a roupa em desalinho. Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. De braços estendidos, rodopiou em pequenos círculos, ordenando que os fardos dos meses anteriores fossem engolidos pela maré vazante.

Adam mantinha-se de pé no trilho e observava divertido. Quando saíra da estalagem uns minutos antes, a praia lá em baixo parecera deserta e pensou numa tarde tranquila, a passear sozinho. O desapontamento ao verificar que não estava sozinho foi de curta duração, pois sentiu-se intrigado e encantado com a jovem mulher que se divertia tão ingenuamente. A rapariga achava sem dúvida que ninguém a observava e, portanto, era o cúmulo da grosseria espiá-la daquela maneira, mas não se conteve.

Devia ter havido qualquer altura da sua vida em que também saboreara tão simples e totalmente um momento assim, tal como a jovem que tinha diante dos olhos, mas não se lembrava de quando isso podia haver ocorrido. Em criança, não tivera férias de verão alegres. Viajara com a mãe até às várias propriedades que possuíam no campo, mas as viagens nunca foram de lazer. Tudo se resumira a trabalho e estudos intermináveis. A mãe nunca achara apropriado que a criadagem o visse a brincar e, portanto, aguentara uma vida inteira sentado na sala de aulas, a ouvir professores, a fazer os trabalhos, aprendendo a gestão das vastas propriedades da família.

James, sem qualquer preocupação de título ou de reputação, passara a juventude a divertir-se e a causar problemas. Quando Adam se lembrava dos ciúmes que sentira na juventude quanto às liberdades do irmão mais novo, era surpreendente que tivessem sido capazes de cultivar uma amizade em adultos.

Como desejava saber a maneira de se juntar à jovem mulher na praia. De lhe agarrar na mão enquanto chapinhavam nas ondas. James saberia como; não hesitaria, mas Adam não conseguia imaginar-se a fazer algo tão frívolo.

Em vez disso, ficou a observar, deliciando-se com a indubitável alegria da jovem que corria lá em baixo e lhe oferecia uma visão encantadora. O vento aumentara e soltara-lhe os alfinetes do cabelo que pendeu numa maravilhosa cascata castanha-clara sobre as costas. A brisa brincou com o fino tecido do vestido simples, moldando-lhe o tronco, deixando muito pouco a nível de imaginação, ao ressaltar os seios fartos, os mamilos ainda mal perceptíveis, a superfície lisa do estômago, o montículo do sexo, um pouco da coxa. Ela desnudou ousadamente a barriga das pernas e a exibição proporcionou-lhe um ar sedutor, como se tivesse acabado de desfrutar de uma brincadeira com o amante, ou talvez, o esperasse.

Adam não conseguia acreditar que aquele pensamento o excitara. James tinha sem dúvida razão. Passara decididamente muito tempo sem uma mulher.

Sacudindo a cabeça ante a sua estupidez, decidiu voltar noutra vez para não interromper o momento de solidão relaxante da mulher. Ao virar-se para ir embora, viu pelo canto do olho que ela tropeçava e caía. Parou quando ela dobrou a perna e observou a planta do pé. Mesmo à distância, viu o sangue começar a correr pela meia rasgada e a pingar na areia. Devia ter pisado uma concha ou qualquer objeto cortante.

Sem hesitar, desceu apressadamente os últimos degraus do trilho e saltou para a areia.

– Olá! – saudou, acenando, e, em seguida, fazendo uma pausa para não a assustar.

– Olá! – respondeu ela num tom prudente.

Sabendo que nesse momento ela estaria preocupada com a sua vulnerabilidade, quis tranquilizá-la e assim ficou onde se encontrava.

– Parece que se feriu.

– Sim. Pisei qualquer coisa aguçada.

– Posso ajudar? – Ela hesitou. – Estou hospedado na estalagem ao cimo da colina. Talvez possa ser útil.

A referência à estalagem pareceu acalmar o medo que ela pudesse sentir quanto às suas intenções. Esboçou um sorriso deslumbrante.

– Também vou ficar lá – confidenciou enquanto o fitava numa rápida tentativa de avaliação de caráter. Ele estava vestido casualmente com calções e botas, embora as roupas fossem de ótima qualidade e não conseguiu deixar de se interrogar sobre quem seria. Talvez se tratasse do secretário de qualquer cavalheiro ou algo do género e não de um desconhecido ameaçador, mas, fosse como fosse, parecia alguém capaz de ajudá-la com o seu dilema atual. – E, sim, acho que preciso de ajuda.

Adam deu mais um passo, e depois outro, movimentando-se pela areia. Quando ficou ao lado dela, pôs-se de joelhos, apoiando as mãos nas suas coxas. Vista de perto, era ainda mais bonita. O cabelo emitia uma miríade de luzes ressaltadas pelo brilho do sol e, ao sorrir, mostrava duas covinhas, uma de cada lado das faces. Tinha o nariz coberto de sardas, uma pele suave e pálida, o nariz levemente arrebitado e lábios de um rosa-avermelhado. Apertava o lábio inferior entre os dentes.

Embora aparentemente ainda não tivesse completado vinte anos, estava longe de se assemelhar às jovens com quem bebia chá em salões elegantes. Emanava uma personalidade calma e pacífica que parecia provir do íntimo, como se tivesse visto e passado por muitos momentos difíceis na sua curta vida, o que a tornara mais forte.

Era muito estranho, mas sentiu-se melhor só por estar na sua presença.

– Então... qual é a gravidade? – perguntou.

– Só olhei de relance – admitiu ela, corando. – Sinto-me uma idiota, mas não suporto ver sangue.

– Posso ver? – perguntou, apontando para o ferimento.

A jovem torceu o nariz e em seguida desviou o olhar, estendendo o pé na direção dele, enquanto pensava em como o momento se tornara rapidamente chocante. Encontrava-se sozinha numa praia deserta com um desconhecido que era, de longe, a criatura mais bonita com que alguma vez se deparara. Era alto, de ombros largos, ancas estreitas e pernas inacreditavelmente altas. Tinha o cabelo castanho-escuro, quase preto, um pouco mais comprido do que era apropriado e um pouco encaracolado sobre as costas.

Uma madeixa caía-lhe sobre a testa, oscilando entre duas grossas sobrancelhas, ressaltando as linhas austeras do rosto. Os olhos eram de um castanho acentuado, parecendo tão escuros como o cabelo à luz do dia e, quando os fitou pela primeira vez, percebeu que eram os olhos de um homem solitário. Havia rugas de preocupação nos cantos dos lábios, um ar de cansaço e de tristeza. Sabia, de alguma forma, que raramente sorria e não conseguiu impedir-se de pensar no motivo, nem de como ele seria devastadoramente bonito se o fizesse.

As mãos que agarraram no pé eram grandes e fortes, os dedos compridos e esguios, e ele envolveu-os no tornozelo, erguendo-lhe suavemente o pé, para que o calcanhar assentasse na sua coxa. Nunca um homem lhe tinha visto os pés e muito menos lhe tocara de uma forma tão íntima. Com as saias erguidas, as pernas apenas tapadas pelas meias de vidro, e apoiada nos cotovelos, sentiu-se totalmente devassa.

Se Anne pudesse vê-la naquele momento!

Ele deslizou a palma da mão ao longo da pele coberta pela meia de vidro e invadiu-a o estranho desejo de que lhe beijasse o pé. Exatamente na curvatura.

O próprio pensamento era tão chocante que emitiu uma onda de desejo anteriormente desconhecida e nunca experimentada ao longo das pernas até ao âmago da sua feminilidade. O toque da pele dele era quente e agradável e fez com que corasse novamente. Ficou contente por estar a olhar para o lado, passando assim despercebida.

Adam pousou o calcanhar dela na sua perna e tentou desesperadamente ignorar a posição íntima que surgira entre ambos. As pernas femininas faziam jus ao resto do corpo, longas e esguias, e invadiu-o o estranho pensamento de como seria tê-las à volta da cintura. Baixou os olhos para o pequeno pé que segurava na mão, apenas a uns escassos centímetros da virilha, e não conseguiu afastar a fantasia de que o pressionava onde mais desejava ser tocado. A imagem provocou-lhe uma ereção.

Felizmente, a jovem estava distraída, olhando na direção da água, embora, mesmo que o tivesse fixado, decerto uma criatura tão inocente jamais perceberia os indícios de desejo que lhe despertava.

Forçando-se a uma concentração na tarefa, observou a planta do pé, que estava um desastre. O corte era profundo e grave, a meia tinha-se rasgado e embebido na ferida e toda a zona se apresentava cheia de areia, conchas e sangue seco. Devia doer-lhe muito e a situação ia piorar porque provavelmente necessitaria de ser cosida.

– O que acha? – inquiriu ela num tom rouco que lhe trouxe uma imagem de lençóis de seda e pequeno-almoço na cama.

Adam sacudiu a cabeça para afastar o pensamento. O que tinha aquela rapariga para lhe causar tal reação?

– Parece-me com bastante mau aspeto.

– A sério?

– Sim. Receio que necessite de uns pontos – respondeu, lamentando as palavras mal lhe saíram da boca.

Ela soltou uma exclamação, totalmente assustada com a perspetiva. Nunca tinha levado pontos e parecia-lhe uma coisa terrível.

– Tem a certeza?

– Bom, não – mentiu, sem querer assustá-la mais do que o fizera –, mas devemos ligar a ferida para estancar o sangue e depois subir a colina. Deve haver alguém na pousada ou na vila que possa examiná-la e proceder a uma melhor avaliação.

Ela desviou o rosto da água e fitou-o em vez de observar o pé. Os olhares cruzaram-se sem se afastarem e Maggie sentiu um forte desejo de pousar a palma da mão no rosto dele, dizer-lhe que tudo correria bem, embora não tivesse ideia do motivo por que lhe ocorrera esse pensamento. Algo na forma como se comportava transmitia a ideia de que carregava o peso do mundo sobre os ombros.

– Não tenho nada com que atar a ferida – disse ela.

– Nem eu, receio bem. Talvez possamos rasgar um bocado da combinação.

A jovem voltou a fixar os olhos na água e em seguida sussurrou:

– Não trago nenhuma.

A noção de que havia tão pouco a separar-lhes os corpos provocou uma nova onda de desejo nas suas virilhas. Ergueu o rosto para o céu.

– Ajuda-me, Senhor! – gemeu baixinho.

– O que disse? – retorquiu Maggie virando a cabeça e encontrando-o calmamente sentado, mas fitando-a como um gato olhando a presa antes de dar o salto.

– Disse que talvez pudesse ajudar-me, dando-me uma das suas meias.

– Está a sugerir que me dispa?

– Não, não – respondeu Adam corando ante as suas palavras, como se ela lhe tivesse lido o pensamento. Nada lhe agradaria mais do que ver aquela beleza totalmente nua, mas estava disposto a contentar-se com um pouco da perna à mostra. – Na verdade, a meia do seu pé ferido está embebida no corte e, à medida que o sangue seca, uma parte cola-se à ferida, o que ainda tornará mais dolorosa a remoção quanto mais esperarmos. Pensei que talvez pudéssemos tirá-la agora e depois usá-la para ligar o corte.

Maggie fez uma pausa, decidindo que a ideia era credível.

– Acho que tem razão. Devíamos fazer isso. Vire a cabeça. – Adam moveu-se um pouco. – Mais. E nada de espreitar!

Ele obedeceu e virou-se um pouco mais, demasiado longe para poder ver algo de interessante, mas suficientemente perto para sentir o que ela fazia. Os seus pensamentos eram pura agonia.

Quase como se fosse a mão dele a subir pela perna para desapertar a liga, sentiu a saia a cair, revelando uma sedosa extensão da parte interna da coxa. Seria macia e quente. Ele cheiraria um pouco do almíscar. Aproximar-se-ia mais, depositaria um beijo na pele suave, voltaria a beijá-la, mais e mais acima, até...

– Ai! – Maggie arrancou-o ao devaneio lascivo a que se entregara. Puxara a meia para baixo à volta do tornozelo e tentava afastá-la do corte.

– Deixe-me fazer isso – ordenou.

Inclinou-se para diante, libertando terna e cuidadosamente o pedaço de tecido colado à pele. Acabou por conseguir e fê-lo escorregar pelos dedos dos pés, levando muito mais tempo do que o necessário, enquanto saboreava a parte da perna exposta. A barriga da perna era macia e esguia, coberta com uma leve penugem loira. Tinha uns pés pequenos e delicados.

Com a meia rendada na mão, foi incapaz de resistir a percorrê-la pelos dedos. O tecido ainda estava quente pelo contacto com a pele. Desprendia um pouco do seu cheiro e teve de resistir à tentação de encostar a meia à face. Mudou-lhe a posição do pé entre as coxas para o estabilizar. Ela ficava mais confortável, mas era mais doloroso para ele, dado que os dedos do pé pairavam uns escassos centímetros acima do local onde ele desejava verdadeiramente que estivessem.

– Vai doer! – avisou.

– Está bem – disse ela.

– Tentarei não magoar – prometeu Adam, sem conseguir acreditar até que ponto aquela inocente troca de palavras engendrou um momento muito diferente e decididamente carnal.

Começou lentamente, ligando-lhe o pé, sem deixar de notar a fina qualidade da meia de renda. A jovem devia ter dinheiro para ser dona de uma roupa interior de tanta qualidade. Não foi a primeira vez que se interrogou de quem se tratava. Um frémito de emoção percorreu-o ao decidir que era possível que ela fosse a filha de um nobre que fora escondida no campo – uma jovem que nunca tinha conhecido. Embora conhecendo a sua sorte com as mulheres, era sem dúvida mais provável que fosse a filha de um comerciante rico.

Maggie notou a forma como ele reparava na sua meia de vidro rendada. A sua mãe, que nunca poupava no essencial, usava sempre a roupa interior da melhor qualidade, insistindo em que uma mulher da sua posição nunca sabia quando seria necessário despir-se a qualquer momento. Dado que seduzir era a sua profissão, gastava sempre uma boa parte do seu parco rendimento nas mais belas sedas italianas e rendas belgas.

Quando Rose tinha morrido, Maggie começara a usar alguns desses exóticos itens, gostando do seu toque na pele. Certamente a rainha não usava roupa interior de tão fina qualidade.

– Que desperdício de belas rendas! – lastimou Adam, examinando a mancha de sangue e o rasgão no fundo.

Maggie não conseguiu pensar em nenhuma maneira delicada de trocar impressões sobre a sua roupa íntima. Em vez disso, conseguiu perguntar:

– Já acabou?

– Quase. – Usando as duas extremidades da meia, deu um nó seguro na parte superior do pé. – Está muito apertado?

– Não. Sinto-me bem. – Balançou ligeiramente o pé e em seguida fez uma careta de dor. – Talvez nem tanto – acrescentou. – Mas a ligadura está ótima. Obrigada.

Incapaz de resistir, pousou a mão na parte de trás do tornozelo dela e acariciou a barriga da perna até onde se atreveu. Verificou, surpreendido, que ela não protestou com a sua incrível violação das boas maneiras, e foi subindo quase até ao joelho, adorando a pele macia, e o calor que ela irradiava.

Maggie não conseguiu erguer os olhos de onde ele a massajava em pequenos círculos, mesmo abaixo e atrás do joelho. O gesto emitia uma onda de prazer que percorreu a parte traseira das coxas, continuando pela espinha até os cabelos parecerem arrepiar-se. Forçou-se a procurar o olhar dele. Adam inclinara-se sobre ela, com o rosto a uns escassos centímetros de distância, e fitava-a com tanta intensidade que ela começou a sentir borboletas no estômago. De súbito, invadiu-a a sensação de que ele desejava beijá-la, o que era sem dúvida ridículo.

Talvez não fosse tão despropositado. Anne jurou que se apaixonara por Stephen mal se tinham conhecido e insistiu que tais coisas eram possíveis. Maggie afastou esses devaneios, interrogando-se sobre o que aquele encantador cavalheiro pensaria se adivinhasse as suas ideias eróticas. Beijá-la era provavelmente a última coisa que tinha em mente.

– Violeta – sussurrou ele.

– O quê?

– Os seus olhos. São violeta. Estava a pensar.

O coração de Maggie saltou-lhe no peito. A mãe protegera-a de avanços ousados e por isso tinha muito pouca experiência a nível de homens, sobretudo com alguém tão elegante como o desconhecido ajoelhado na sua frente.

Sem saber que resposta dar, engoliu em seco e disse:

– Não sei se consigo pôr-me de pé.

– Permita que a ajude a equilibrar-se.

Adam estendeu uma das mãos, em seguida rodeou-lhe a cintura com a outra, adorando a desculpa proporcionada para lhe tocar de uma forma mais íntima. Inclinou-se sobre as ancas, depois ergueu-se e levantou-a com ele. Por um breve instante, ela balançou e ele acolheu-a, com o corpo estendido ao longo do seu. Sentia cada centímetro da jovem, os seios fartos, o ventre liso, o montículo suave do sexo. Com todas as fibras do ser, teve de resistir a passar a mão da cintura para as nádegas femininas, pressionando-a contra a sua ereção.

Quebrou o contacto entre ambos, sem querer que ela suspeitasse da sua excitação.

– Não se apoie no pé – avisou.

– Não o farei.

Maggie ergueu o rosto para os seus belos olhos – uns olhos orlados de longas pestanas negras ainda mais compridas do que as dela. Que ligação estava a sentir com ele? Sabia que era correspondida. Embora sem experiência, não ignorava as artes da sedução. Naquele breve momento de contacto físico, tinha a certeza de que ele ficara excitado. Sentia-se ansiosa por regressar à estalagem e falar com Anne.

Tocou cautelosamente com o pé no chão, percebendo que não podia andar, mesmo que quisesse. Ergueu

os olhos para a falésia, virou-se para ele e suspirou:

– Como conseguirei chegar lá acima?

Se a pergunta tivesse sido colocada por uma das mulheres que namoriscava com ele nos salões londrinos, abanaria a cabeça ante o truque óbvio. Aquela jovem era tão falha de maldade, mostrava-se tão preocupada, que ficou entusiasmado com a oportunidade de desempenhar o papel de cavaleiro de armadura reluzente.

– Minha bela donzela. Terei simplesmente de ajudá-la.

Juntou o gesto às palavras e ergueu-a nos braços.

– O que está a fazer? – perguntou ela, ofegante, enquanto um dos braços dele balançava atrás dos seus joelhos e o outro lhe segurava a nuca.

– Vou levá-la até lá acima.

– E o meu chapéu? E os meus sapatos?

– Mandarei alguém vir buscá-los. – Ao ver que ela se preparava para ripostar, acrescentou num sussurro: – Envolve-me o pescoço com os braços. – Ela hesitou e ele disse num tom convincente: – Não se preocupe. Prometo que não a deixarei cair.

A possibilidade de que a *deixasse* era a última coisa que tinha em mente. O olhar com que a brindava fazia com que parecesse diabólico. O patife era demasiado encantador para seu próprio bem.

Obedecendo ao pedido, ela moveu-se um pouco e colocou os braços nos seus ombros. A posição empurrou um dos seios contra o peito masculino e, quando Adam começou a andar na direção do trilho da praia, cada flexão dos músculos causava uma maravilhosa fricção contra o mamilo da jovem. Maggie nunca tivera uma sensação idêntica que lhe provocou um formigueiro no estômago. Teve de lutar contra todos os reflexos do corpo que lhe pediam para se arquear contra ele como um gato a espreguiçar-se.

Adam transportou-a com facilidade; ela era muito leve. Apertou-a mais e com mais força do que o necessário, adorando a sensação do seio contra o seu peito e da anca ajeitada contra o seu ventre. Enquanto subiam até ao topo da pequena colina, permitiu-se divagar sobre como ela ficaria sem roupa: linda, esguia, com seios de mamilos rosados, uma cintura fina, quadris curvilíneos. E todo o belo cabelo castanho-claro tombando em cascata sobre os ombros e pelas costas.

Alcançou, pesaroso, o topo do penhasco e os relvados bem cuidados da pequena pousada, sem saber se teria uma desculpa para voltar a ver a jovem depois de a entregar aos cuidados de outras pessoas. Um jardineiro avistou-os imediatamente e, depois de ter recebido rápidas instruções, correu para a sala principal da estalagem. Quando Adam entrou com a jovem nos braços, o dono já se encontrava a aguardar ao lado de uma cadeira. Adam sentou-se com ela ao colo.

– A jovem fez um corte no pé – disse ao proprietário. – Há um cirurgião na zona?

– Não, *sir*, mas a minha mulher faz curativos e é muito competente, se permite que lho diga.

Antes que Adam tivesse tempo para a mandar chamar, ela entrou na sala. Era uma mulher baixa e robusta que se ajoelhou na frente deles.

– Como fez isso, Miss Brown? – perguntou, erguendo o rosto para a jovem.

– Pisei uma concha ou qualquer coisa assim na praia. Este amável cavalheiro... – Hesitou, fitando-o. – Desculpe, mas nem sequer sei como se chama.

– Aston Carrington – mentiu Adam sem hesitar, usando o nome falso sob o qual se tinha registado com James.

– Como está, Mister Carrington? O meu nome é Magdalina Brown.

– Muito prazer em conhecê-la, Miss Brown.

Maggie sorriu-lhe e em seguida desviou o rosto para a proprietária da estalagem.

– Mister Carrington teve a gentileza de ligar o corte e ajudar-me na subida do trilho.

– Vamos lá examiná-la. – A mulher expôs cuidadosamente o ferimento, dando estalidos com a língua enquanto o observava. – Oh, arranjou aqui um bonito trabalho!

– Precisaré de ser cozido? – perguntou Adam.

– Só de uns pontinhos – respondeu, dando uma palmadinha no joelho de Maggie. – Espere um momento, querida. Vamos limpar e tratar disso num abrir e fechar de olhos.

Maggie gemeu ante as palavras da mulher e Adam apertou-a com mais força. A mulher saiu da sala e voltou rapidamente, munida de uma pequena mala de primeiros socorros, toalhas, água, uma bacia e ligaduras.

– Beba isto, querida – disse, estendendo um copo a Maggie.

– O que é isso? – perguntou ela, torcendo o nariz ante o cheiro, embora soubesse muito bem do que se tratava. Era impossível ter passado o ano anterior à cabeceira de uma moribunda sem o saber.

– Apenas um pouco de láudano.

Maggie hesitou e Adam pegou no copo e levou-o aos lábios dela.

– É para seu bem, Miss Brown.

Incapaz de recusar quando ele a olhava daquela maneira, ela engoliu rapidamente o líquido.

– Que sabor horrível! – exclamou com um arrepio.

Por qualquer motivo inexplicável, ele sentiu um impulso irresistível de a confortar. Optando por não resistir, sussurrou:

– Está a ser muito corajosa!

– Não me sinto nada corajosa, mas sim apavorada.

– Continue a olhar para mim. Vamos passar por isso juntos – disse ao mesmo tempo que lhe pegava na mão, apertando-a.

Com a toalha na mão, a dona da estalagem ajoelhou-se na frente de Maggie, limpou a ferida e em seguida preparou a agulha e a linha. Ergueu os olhos para Adam e abanou a cabeça, indicando que estava pronta.

– Vou precisar que a agarre bem e não deixe que se mexa.

– Não olhe – disse ele a Maggie. Encostou-lhe delicadamente o rosto à curva do seu pescoço, onde sentia a respiração quente pulsando na sua pele. – Estarei aqui consigo.

– Obrigada. – Quando a dona da estalagem espetou a agulha e deu o primeiro ponto, Maggie respirou fundo e susteve a respiração. – Isto dói – disse baixinho para que só ele pudesse ouvir.

– Eu sei, pequenina, mas não tarda a acabar. Surpreso e estupefacto pela emoção que sentia pela jovem, depositou-lhe um beijo ao de leve no cabelo e apertou-a com força nos braços, segurando-a como se pudesse absorver a dor. Nunca em toda a sua longa vida se lembrava de ter desejado confortar alguém daquela maneira. Era uma nova e maravilhosa experiência.

A dona da estalagem revelou-se eficiente e deu os seis pontos e ligou a ferida, antes que os dois dessem pelo que se passara.

– Vamos levá-la para a cama – disse a Maggie com um sorriso. – Qual é o quarto?

– O número cinco. À esquerda, no cimo das escadas.

A dona da estalagem foi à frente e deu uma pancada leve na porta do quarto. Anne abriu a porta e surpreendeu-se quando a mulher recuou para dar passagem a Maggie, transportada nos braços de um dos homens mais bonitos que Anne alguma vez tinha visto.

– Oh, céus! O que aconteceu? – inquiriu ao ver a ligadura no pé de Maggie.

– Uma coisa ridícula – disse Maggie com um gesto destinado a afastar preocupações.

Adam pousou-a na cama enquanto Anne ajeitava as almofadas.

– Ela pisou qualquer coisa pontiaguda lá em baixo, na praia – esclareceu.

– Aston salvou-me – disse Maggie com um sorriso e usando o seu nome próprio. Já a sentir os efeitos do láudano, tinha esquecido as regras da etiqueta.

– Aston Carrington – mentiu novamente ao apresentar-se a Anne. – Encontrava-me casualmente por perto, depois de ela se cortar.

– Anne Porter – disse Anne, correspondendo ao sorriso e examinando-o atentamente. O indivíduo parecia-lhe muito familiar e estava a tentar situá-lo mentalmente, mas teve o cuidado de não dar essa ideia. – Obrigada, *sir*. Maggie é a minha melhor amiga. Não imagina o quanto lhe agradeço tê-la ajudado.

– O prazer foi meu – redarguiu ele. – Maggie estava sob o efeito do láudano e ele fez um gesto para que Anne se afastasse da cama. A sua curiosidade levou a melhor e perguntou: – Os pais dela estão hospedados aqui?

– Não, *sir*. Não tem pais. Sou toda a família que ela tem no mundo.

– Entendo. – Contudo, não entendia e a resposta apenas serviu para lhe espicaçar mais a curiosidade. – A dona da estalagem deu-lhe seis pontos e uma dose de láudano. Ela precisa de descansar e de não se levantar durante alguns dias.

– Que decepção! – suspirou Anne. – Só estamos aqui para umas curtas férias. Temo que isso vá arruinar em grande parte a sua diversão.

– Se precisar de alguma coisa, o meu irmão e eu estamos no quarto número dez.

– Não me esquecerei e mais uma vez obrigada. Agradeço tudo o que fez.

Em seguida, e sem que lhe ocorresse uma razão para ficar mais tempo – afinal, ele e Maggie eram dois estranhos – aproximou-se da cama e disse-lhe baixinho:

– Virei vê-la amanhã de manhã.

– Gostaria – respondeu ela com um sorriso satisfeito.

Sem se conter, inclinou-se para a frente e beijou-a ao de leve na testa.

– Descanse bem, pequenina.

Envergonhado e confuso devido aos sentimentos de ternura que o coração albergava, despediu-se de Anne e saiu.

Anne fechou a porta atrás dele e ergueu as sobrancelhas, surpreendida, enquanto se ocupava a fazer com que Maggie se sentisse confortável, embora a amiga já tivesse adormecido.

– Então, minha menina – sussurrou –, o que encontraste por ti própria?

Maggie sentou-se numa cadeira perto da janela, à espera que batessem à porta a qualquer momento. O pé tinha uma ligadura nova e encontrava-se graciosamente apoiado num banquinho. Embora latejasse, não lhe doía tanto como imaginara.

Aston Carrington tinha enviado previamente um bilhete, perguntando se poderia fazer uma visita e elas aceitaram, como é óbvio, sem hesitar. Como Anne tinha vincado, não havia nada de errado com as atenções de um homem encantador e alguns elogios e devaneios contribuiriam para animar Maggie antes que voltassem para as difíceis escolhas que as aguardavam em Londres.

Maggie passou a mão pelo cabelo, esperando que estivesse composto. Por norma, Anne operava maravilhas, mas quando tinham feito as malas para as curtas férias, não lhes passara pela cabeça que receberiam um convidado encantador. Não haviam trazido muita coisa em termos de elegância, nada de belas fitas ou alfinetes de cabelo. Nem sequer levavam na bagagem lindos vestidos, pensando que o destaque da estada seria a sala de jantar no andar inferior.

Tinham feito o seu melhor com o que possuíam à disposição e Maggie, lembrando-se de como Aston parecera gostar da cor dos seus olhos, optara por um vestido simples cor de lavanda. O tom aclarava-lhe o cabelo que parecia quase loiro e escurecia os olhos, dando-lhes uma coloração púrpura. Antes de se dirigir a coxear até à cadeira, observara-se ao espelho e tivera de admitir que estava bastante bonita. Herdara todos os melhores traços da mãe e, pela primeira vez na vida, desejou ter a roupa e os complementos necessários para acentuar a sua beleza.

Anne sentou-se na cadeira ao lado dela.

– Este é o teu primeiro visitante – disse.

– Não lhe chamaria propriamente um *visitante*. Vem apenas certificar-se de que estou bem.

– Para mim é quase o mesmo. Sentes-te nervosa?

– Não. Apenas excitada. Não seria divertido se me convidasse para dar um passeio ou jantar com ele?

– Seria fantástico. Nada no mundo é melhor para levantar moral do que as atenções de um homem bonito.

– Achas que é um trapaceiro e um canalha?

– Esperemos que sim. São muito mais divertidos.

Maggie soltou uma risada no momento em que soou uma pancada na porta, interrompendo mais comentários. Anne dirigiu-se à porta e sorriu ao deparar com o novo amigo de Maggie com um ramo de flores numa das mãos e uma vara de madeira talhada como a mais bonita das bengalas, na outra.

– Bom dia, Mister Carrington.

– Bom dia, Miss Porter. Como está a nossa doente?

– A recuperar muito bem. Entre e veja com os seus próprios olhos – convidou Anne, recuando para lhe dar passagem.

Adam parou na ombreira da porta e respirou fundo. Maggie estava linda, mais encantadora do que se lembrava do primeiro encontro, se isso era possível. A luz do sol entrava pela janela por trás do seu ombro, acentuando as tonalidades do cabelo. O vestido simples que escolhera condizia na perfeição com a cor dos olhos. Até mesmo o pé lesionado estava adorável. Ela descobrira em qualquer sítio um pedaço de fita púrpura com que ligara o ferimento e ele sentiu vontade de rir ante o bonito gesto feito em sua honra.

Passara uma noite agitada, dando voltas e mais voltas na cama, pensando nela. Há muito muito tempo que não se preocupava assim com uma pessoa. Oh! Preocupava-se obviamente com as propriedades, os seus negócios, os investimentos e coisas do género. Contudo, não com uma pessoa. Aqueles sentimentos de preocupação eram estranhos e bem-vindos.

Não sabia muito bem porque se encontrava ligado àquela jovem, nem tão protetor, mas o sentimento existia. Era algo palpável que se apoderara dele e, pela primeira vez, resolveu ceder ao desejo de cuidar dela. Quanto mais não fosse, passar alguns dias na sua companhia, assemelhar-se-ia a receber um belo presente.

Não fora esse, aliás, o motivo que o levara a fugir de Londres? Conhecer uma mulher como Maggie? Relaxar, divertir-se e desfrutar de uns dias de repouso longe das pressões que todos lhe infligiam? A terna e bela Magdalina Brown assemelhava-se a um raio de sol num dia nublado. Tencionava mergulhar no seu brilho o maior número de dias possível.

– Olá, Miss Brown – saudou, dando um passo em frente e inclinando-se sobre a mão dela. – Está linda, hoje. E muito melhor do que na última vez que a vi.

O decoro exigia que lhe soltasse a mão, mas não o fez. A estranha sensação que o invadira desde a primeira vez em que a vira marcava novamente presença, atraindo-o. Não conseguia largá-la. Em vez disso, entrelaçou os dedos nos dela e apertou-os. A jovem ergueu o rosto, brindando-o com o mesmo olhar que lhe vira no dia anterior e, de repente, sentiu-se muito melhor.

– Estou a recuperar bastante bem. Mais uma vez obrigada por me ajudar. Ainda bem que apareceu naquele momento.

Maggie correspondeu ao aperto dos dedos, adorando o toque quente da pele masculina na sua. Sentiu-se ligada a ele como nunca lhe acontecera com ninguém, como se tivesse andado à sua procura, sem ter consciência disso. Era muito estranho, mas sentia-se como se o tivesse conhecido desde sempre, e esse o motivo por que se apercebia da atmosfera de tristeza e solidão que pairava no quarto com a presença dele. Estar na sua companhia levava-a a desejar envolvê-lo nos braços e protegê-lo dos fardos do mundo que ele parecia carregar nos ombros.

Adam baixou-lhe relutantemente a mão para o colo e sentou-se na cadeira ao lado dela. Percorreu rapidamente os olhos pelo quarto e viu que Anne estava sentada no canto oposto, parecendo embrenhada num livro e deixando-os sozinhos, tanto quanto possível, naquele espaço exíguo. Eram um estranho par de damas e Adam não conseguiu deixar de se interrogar sobre ambas.

– Pensei que pudessem alegrar o seu dia – disse, entregando a Maggie as flores que tinha colhido nos jardins, atrás da estalagem. Com o sorriso mais genuíno que alguma vez testemunhara, a jovem aproximou o pequeno buquê do rosto e aspirou profundamente como se fossem as mais belas rosas de estufa.

– São encantadoras, Mister Carrington. Absolutamente encantadoras.

Maggie não conseguia acreditar nas lágrimas que lhe subiram aos olhos causadas por um gesto tão

simples. Era a primeira vez que um homem lhe dava um presente e sentiu-se absolutamente maravilhada.

– Chame-me Aston, por favor – pediu Adam, detestando a ideia de lhe pedir que usasse o seu nome falso. Daria tudo para ouvir o seu verdadeiro nome pronunciado pelos lábios dela, mas era demasiado tarde para lhe contar a verdade. O ardil necessitava de continuidade.

– E, por favor, chame-me Maggie.

– Obrigado, Maggie. – Pronunciou o nome dela apenas por desejar ouvir como soava na sua língua e adorou o som. Deu a volta à cadeira e entregou-lhe o outro presente. – Achei que isso podia ser-lhe útil nos próximos dias.

– Que ideia maravilhosa!

– Nada de importante.

Adam encontrara a vara durante um passeio matutino. Tinha o formato perfeito e era suficientemente curta para que ela pudesse apoiar-se. Arrancara-a e mandara um dos rapazes do estábulo retirar as asperezas. Na altura, parecera-lhe boa ideia, mas agora que ela a segurava nas bonitas mãos, achava-a uma oferta miserável para uma jovem que considerava extraordinária.

– É exatamente o que preciso e não me tinha apercebido disso.

– Encontrei-a na praia esta manhã – disse, com vergonha de o admitir, pensando que ela poderia ofender-se.

– É um pedaço de madeira fascinante, não acha? Olhe bem para todos os nós e os vários veios que o atravessam. – Percorreu-o com as mãos, como se fosse o melhor presente que qualquer mulher alguma vez recebera. – Interrogo-me sobre que tipo de aventuras teve, flutuando no oceano. Talvez tivesse sido atirado para as ondas por um selvagem feroz, e feito todo o caminho desde quaisquer terras exóticas, só para vir parar à praia quando eu mais precisava.

– Imaginemos exatamente que é assim.

Levantou um canto da boca encantadora e Maggie deu-se conta de que era o mais próximo de um sorriso que ele mostrara na sua presença. Não era obviamente um homem dado a momentos de espontaneidade. Talvez conseguisse mudar isso.

– Experimento?

– Só se achar que está pronta. Não quero que se magoe.

– Bah!... – exclamou, rejeitando a ideia com um gesto da mão. – Tenho a certeza de que com esta vara maravilhosa poderia fazer o caminho de ida e volta a Londres, se necessário. – De pé, deu alguns passos cautelosos, em seguida, mais alguns, coxeando à volta da pequena sala, antes de regressar à cadeira. – É perfeita. Obrigada pela atenção.

– De nada. Só queria que tivesse sido esculpida da melhor madeira de carvalho especialmente para si.

– Não, não. Isto é muito especial.

Maggie não conseguia afastar a imagem dele a caminhar pela praia, pensando nela, encontrando a vara e trazendo-a simplesmente para lhe ser útil. Conhecera tão poucas pessoas bondosas na vida que a surpreendia e comovia ser o objeto de um ato tão gentil.

Adam teve dificuldade em acreditar que corara com o elogio. A sua enorme riqueza permitia-lhe oferecer todos os presentes caros que desejasse, mas ninguém lhe agradecera tão efusivamente. Aclarou a garganta para se libertar do nó que se formara.

– Ontem à noite, Miss Porter disse que a sua lesão lhe estragaria as férias. Espero que não o permita.

– Oh! Esta maravilhosa viagem jamais poderia ficar estragada. Quanto mais não seja, posso sentar-me junto à janela e contemplar a bonita paisagem campestre. É tão agradável estar longe de Londres que nada poderia estragar a minha aventura.

A jovem era, na verdade, uma lufada de ar fresco.

– É, então de Londres?

– Sim. E você?

– O meu irmão e eu somos de Portsmouth. Estamos aqui em negócios para o nosso patrão.

Ele e James haviam arquitetado a mentira muito antes da chegada à Tidewater Inn, mas agora que a pronunciava em voz alta, as palavras deixaram-lhe um sabor desagradável. Mentir-lhe era insultuoso, mas impossível de evitar. De qualquer maneira, aquele conhecimento nunca poderia durar mais do que uns dias. Surpreendentemente, a realidade encheu-o de uma imensa nostalgia. Quantas vezes se vira forçado a abdicar do prazer em prol do dever e da responsabilidade? Maggie seria apenas mais um pesar nessa série de inconvenientes.

Sem querer aprofundar demasiado a mentira sobre o emprego, optou por outro caminho.

– É a primeira vez que vem até ao oceano?

– Não. Estive aqui cinco vezes. Este era o local favorito da minha mãe. O meu pai trazia-a aqui quando era mais nova. – Maggie nunca contara a ninguém a verdade sobre o pai, quem era ou o que era, portanto, não mencionou aqueles primeiros dias inebriantes em que Rose estivera tão loucamente apaixonada por Harold Westmoreland. – As suas recordações dessa altura eram tão boas que regressava sempre ali em busca de tranquilidade e de isolamento.

A voz prendeu-se-lhe ao falar da mãe. Embora tivessem passado mais de dois meses desde que ela morrera, o desgosto acabava por vir sempre à tona nos momentos mais inoportunos. Apertou a cana do nariz entre o polegar e o indicador, respirou fundo e sorriu timidamente.

– A minha mãe morreu há pouco tempo. Ainda me custa falar sobre ela.

Adam ficou sem palavras. Só muito raramente tivera ocasião de prestar consolo aos desgostos de outros e não fazia ideia de como atuar. O seu próprio luto pelo pai, um homem de quem nunca se sentira próximo e que mal conhecera, parecera-lhe artificial e falso. Estendeu a mão e pegou na dela.

– Desculpe. Não me apercebi...

– Deixe lá. Não estamos vestidas de luto e portanto não podia saber.

Anne participou na conversa pela primeira vez.

– A Rosie esteve terrivelmente doente durante muito tempo, Mister Carrington. Sentíamos como se tivéssemos feito luto por ela todos os dias e desejámos celebrar a sua vida, viajando até aqui.

– Sim – concordou Maggie. – Ela foi sempre muito feliz neste local. É assim que gosto de a recordar. – Maggie fitou-o com um olhar pleno de esperança e de angústia. – Considera uma falta de respeito termos deixado a roupa de luto em casa?

– Não. Acho que teve a atitude certa. Estou certo de que ela desejaria que encontrasse um pouco de alegria nas suas recordações.

– Também foi isso que pensámos.

Adam decidiu ali mesmo tornar agradáveis as suas curtas férias. Já havia perguntado na receção e sabia que ela e Ms. Porter apenas tinham reservado o quarto por mais quatro dias. Tencionava aproveitá-las ao máximo.

– Hoje, o tempo está muito bonito e detesto imaginá-la presa aqui no seu quarto. Queria saber se me daria a honra de se juntar a mim para almoçar? Obviamente na companhia de Miss Porter.

– Parece-me fantástico. O que achas, Anne?

Anne não desejava intrometer-se no primeiro romance de Maggie.

– Não, obrigada – recusou, abanando a cabeça. – Estava a pensar em dar um pequeno passeio pela aldeia. Há lá uma igreja muito antiga que morro de desejo de visitar. Contudo, os dois devem certamente divertir-se – acrescentou com um sorriso experiente para Mr. Carrington.

Adam sentiu-se curioso que a mulher mais velha não parecesse demonstrar vontade de servir de dama

de companhia a Maggie, nem achasse que isso fosse necessário. Por um momento, o seu pânico habitual atacou-o. Estariam a fazê-lo cair na armadilha de manchar a reputação da jovem, com a esperança de forçar uma união?

«Não, não», pensou, quase abanando a cabeça de uma forma visível. A sua paranoia sobre as segundas intenções do sexo fraco estava a ficar descontrolada. Ninguém em Londres sabia onde eles estavam ou para onde tinham ido. Ele e James tinham escolhido a Tidewater Inn aleatoriamente enquanto seguiam pela estrada. Fora uma decisão de momento. Apenas se haviam instalado nos quartos quando ele caminhara até à praia na tarde anterior e deparara com Maggie. Era simplesmente impossível que ela conhecesse a sua identidade.

Anne avaliou Aston Carrington, voltando a interrogar-se porque lhe parecia tão familiar, mas continuou sem conseguir situá-lo. No entanto, ele olhava-a com estranheza e foi incapaz de suster o riso.

– Por favor, Mister Carrington, não fique tão horrorizado com a minha sugestão de que almoce a sós com Maggie. Provavelmente, devia ter dito que não sou parente nem a dama de companhia da Maggie. Sou sua amiga de há muitos anos. Ela é uma mulher adulta, com a cabeça bem assente nos ombros. É perfeitamente capaz de decidir se gostaria de almoçar com um cavalheiro. Não me cabe aprovar ou desaprovar.

Adam detestou que aquela mulher perspicaz conseguisse ler-lhe o pensamento com tanta facilidade. O que mais veria?

– Na verdade, Miss Porter, estava a pensar fazer um piquenique lá em baixo, na praia. Se conseguir encontrar o meu imprevisível irmão, gostaria de convidá-lo a que se nos juntasse. Dar-me-ia uma grande ajuda se também nos acompanhasse. Ele fala sem parar e a companhia de uma quarta pessoa fornecer-me-á e à Maggie uma pausa ocasional de ter de aguentar as suas brincadeiras.

Anne riu, imaginando como seria o irmão dele e achando que era um belo dia para ser acompanhada a um piquenique por um cavalheiro encantador.

– Bom. Se posso oferecer uma ajuda tão importante, então aceito de bom grado o seu convite.

– Fantástico. Que tal se passar por aqui à uma para a escoltar até lá abaixo?

– Será maravilhoso.

Tinha chegado rapidamente a altura de se despedir e constatou, surpreendido, que não queria sair. Qual estudante apaixonado pelo seu primeiro amor desejava ficar o dia todo ao lado dela.

– Então, vou-me embora – disse, esperando que as palavras não espelhassem a grande relutância que sentia.

Maggie estendeu a mão para agarrar a dele quando se levantou. Não queria que ele partisse e desejou pensar em qualquer desculpa que o levasse a ficar. Censurando-se pela sua estúpida ansiedade, lembrou-se que devia estar satisfeita por irem passar uma parte da tarde juntos – uma dádiva em que não pensara quando recebeu o seu pedido para visitá-la no quarto.

Com um sorriso gentil e apertando-lhe os dedos, disse:

– Por favor, não se incomode demasiado por nossa causa.

Surpreendendo-se de novo, fitou-a e confessou:

– Não consigo imaginar que algo que faça por vossa causa seja demasiado trabalho. – Inclinou-se sobre a mão dela, servindo-se desse gesto delicado como desculpa para beijar intimamente a palma da mão. A pele era macia e quente e cheirava a lilases. – Vou contar os minutos até à uma hora.

– Sentirei a sua falta até esse momento – sussurrou Maggie.

O coração dele pulsou com mais força. Nunca ninguém lhe tinha dito tal coisa. Sorriu e piscou-lhe o olho, após o que saiu do quarto com um passo muito mais ligeiro do que quando tinha chegado.

James estava sentado no bar, descontraído e a ler um jornal londrino de há uns dias. Tinha ouvido tudo sobre a aventura de Adam com a jovem no dia anterior e sabia que ele fora visitá-la. Embora não ficasse surpreso pelo facto de Adam ter ajudado a rapariga – afinal, sabia ser um cavalheiro quando a situação o exigia –, achou estranho que o irmão sentisse necessidade de verificar se ela estava bem.

Eram poucas as vezes em que Adam se envolvia no quotidiano do próximo. O seu próprio mundo apresentava-se tão cheio de pesadas responsabilidades, e estava sempre tão focado no seu caminho, que raramente dava atenção à vida dos que o rodeavam. Não que fosse indiferente ou insensível, mas tinha simplesmente tantos assuntos importantes em mente que nunca os resolveria, caso se preocupasse com detalhes.

Era um desenvolvimento interessante que a jovem tivesse atravessado facilmente as suas defesas. Adam mencionara que ela era muito bonita, mas tinha de haver algo mais do que isso. A aventura estava a tornar-se mais interessante a cada segundo.

Adam entrou nessa altura. James não pôde deixar de notar a mudança que aqueles dias, afastado de Londres, já tinham causado no irmão mais velho. A cada hora que passava, parecia mais descontraído, mais tranquilo. Nesse momento parecia extremamente feliz!

James estava a rir quando Adam se sentou na frente dele.

– O que te deu, irmão? Tens o ar de quem está pronto para dominar o mundo.

– Tive finalmente uma noite de sono reparador.

– Também eu, e não me fez tão bem. Acho que devias tirar férias mais vezes.

– Parecem estar a fazer-me maravilhas.

– Tenho a sensação de que é algo mais do que isso. Talvez devesse visitar pessoalmente a tua ave ferida. Ao que parece, tem algumas incríveis propriedades reconstituíntes que desconheço – comentou, erguendo interrogativamente uma sobrancelha.

– Mantém-te bem longe dela, canalha desavergonhado. Conheço-te demasiado bem. A pobrezinha não estaria segura a conviver com gente da tua laia.

– Olha a raposa a avisar o lobo – comentou James. Adam expressara-se num tom de brincadeira, mas o irmão detetou o toque de posse inerente às palavras. O que se passava? – Pareces embevecido. Quem é essa jovem que conseguiu apoderar-se tão rapidamente da tua atenção?

– Já te disse ontem, que é apenas uma rapariga que está aqui de férias com uma amiga. Acho-a extraordinária.

– Como assim?

– Não tenho a mínima ideia. Ela apenas faz com que me sinta melhor – respondeu com um leve rubor envergonhado. – Pareço disparatado. Não me liguês. Ignoro o que me deu hoje.

Se James não conhecesse tão bem o irmão, poderia pensar que ele fora picado pelo inseto do amor. Contudo, dado Adam ser totalmente incapaz de demonstrações afetivas, e sempre o fora, James sabia que isso estava fora de questão.

Ou não estaria?, interrogou-se James. Já tinham acontecido coisas mais estranhas. Que maravilhosa experiência seria para Adam viver um pouco de romance inocente antes de regressar à cidade. Tanto quanto sabia, isso nunca acontecera ao irmão.

– Então... permites-me ser apresentado a essa mulher que cativou tão depressa a tua atenção?

– Sim. Temos um compromisso para almoçar com ela. Vamos a um piquenique. E, amanhã à noite, há um baile na aldeia. Também virás connosco.

– Almoçar e dançar? O que te passou pela cabeça?

– Ignoro, mas como sou incapaz de me controlar, decidi não combater a sensação.

– Porque devo acompanhar-vos?

– Porque quero que entretinhas a amiga.

– O que é isto? – resmungou James entre dentes. – Armaste-me um plano com uma mulher? Pensei que te disse que nunca mais repetisses a graça depois do fracasso com as irmãs Heathrow.

– Isso foi há dez anos, James – ripostou Adam, exasperado. – Não achas que o meu gosto melhorou desde essa altura?

– Não sei muito bem. Podes ter quase trinta anos, mas o teu conhecimento relativamente a mulheres cabe na cabeça de um alfinete. – Bebeu o resto da cerveja e puxou a cadeira para trás. – Sabes que odeio joventinhas tolas. O que terei para conversar enquanto arrulhas com a tua amada?

– Na verdade, não se trata de uma jovem.

– É velha? – perguntou, engolindo em seco.

– Tem a tua idade. Ou talvez a minha. E não é nada *tola*. É bastante perspicaz, diria mesmo, atraente.

James imaginou o género de mulher com quem Adam esperava que passasse a tarde.

– Vais ficar em dívida para comigo – resmungou.

– Depois de a conheceres, vais agradecer-me de joelhos.

– Isso querias tu! – Levantou-se e Adam imitou-o. – Para que saibas o sacrifício que faço por ti, um dos rapazes do estábulo diz-me que há uma taberna de reputação duvidosa mesmo ao fundo da estrada. Dão trabalho a várias mulheres bonitas de má fama. Tinha planeado passar a tarde a receber conforto nos braços de uma rapariga chamada Peggy. Supostamente, ela é muito dotada.

– Se prometeres comportar-te e não esqueceres as boas maneiras durante o nosso almoço, irei lá contigo logo à noite. Acho que poderia usar algum desse *conforto*.

James abanou a cabeça surpreendido enquanto se dirigiam ao quarto. Se Adam estava disposto a fazer um piquenique com uma plebeia e a enrolar-se com uma prostituta, tudo no mesmo dia, o mundo estava certamente às avessas.

Maggie batia com o pé ileso no chão ao ritmo da música. Um trio musical tocava num palco improvisado ao fundo do celeiro e, embora estivessem longe de serem os melhores de Inglaterra, conseguiam desdobrar-se em melodias. A multidão de dançarinos mostrava-se selvaticamente entusiasmada.

Ela queria participar, mas a maioria das danças era tão mexida que, com o ferimento enfaixado, não poderia acompanhar os outros participantes e ficaria frustrada com os movimentos das pessoas ao seu redor. Só lhe restava observar do seu lugar no banco.

Concluiu que o facto de ter crescido na cidade lhe limitara a experiência de vida, pois jamais imaginara um evento daquele género. Toda a vizinhança das redondezas da Tidewater Inn tinha sido convidada para a celebração de um casamento local na aldeia e, na verdade, parecia que ninguém faltara. Avós, crianças e gente de todas as idades divertiam-se, conversavam e comiam e também dançavam. Uma comprida mesa de bufê fora armada contra uma parede, cheia de alimentos cozidos e assados por mulheres locais.

Até então, Maggie tinha assistido a dois bailes na companhia da mãe e de George Wilburton. Embora se sentisse interessada pela novidade da ida a eventos do género, achara-os insípidos e monótonos. As conversas eram estritamente controladas, a interação entre os convidados arrogante e polida e as mulheres cruéis e venenosas com a sua coscuvilhice e insinuações.

Aquela festa era muito diferente. Todos se conheciam e não havia exigência de comportamentos ou de regras sociais entre amigos e vizinhos que se divertiam e conversavam à vontade. Observar tudo aquilo era muito agradável, mas, oh, como desejava pôr-se de pé e ocupar um lugar na fila de dançarinos. Nesse preciso momento, Anne e James rodopiaram por perto, rindo e sorrindo. Seguiu-se Aston com uma parceira gorda que o arrastara para dançar sem esperar por uma recusa. O que não daria para se juntar a eles.

Sempre que avistava Aston, ele parecia olhar diretamente para ela e para mais ninguém, como se fosse a única naquele local. Só de pensar que Aston Carrington podia ter desenvolvido um *sentimento terno* por ela, causava-lhe aquelas idiotas borboletas no estômago.

Apressou-se a respirar fundo, sufocando a euforia. Sempre realista, não era suficientemente idiota para pensar que existia algum tipo de futuro para eles. Dali a dois dias e meio, quando chegasse a altura do regresso a Londres, nunca mais o veria. Ele não se referira a *mais tarde*. Por qualquer motivo, não podia considerar um *mais tarde* com ela. Portanto, dispunha daqueles preciosos dias para passar na companhia dele e até agora haviam sido surpreendentes.

Compreendeu, finalmente, o calor do desejo. Entregar-se-ia a Aston sem hesitar caso ele lho pedisse, desfrutaria da sua atenção e do seu afeto sem pensar duas vezes em possíveis consequências. A premência de estar com ele em todos os sentidos era demasiado forte para ser negada e, pela primeira vez na vida, ficou contente por ter nascido mulher, por poder nutrir tal sentimento por um homem.

Adam contemplou-a através da multidão e ela era de longe a mulher mais bonita ali presente. Sentada com o seu simples vestido azul-claro e o cabelo apanhado em adoráveis cachos no cimo da cabeça, era a mulher mais espetacular que já tinha visto. Mesmo num salão de baile londrino, faria com que todas as cabeças se virassem.

O dia anterior fora o melhor da sua vida. Sentado com ela na praia, rindo e falando sobre as respetivas vidas e passados, tinha sido reconfortante. Nunca experimentara um dia assim. Não sabia que era possível desfrutar de um sentimento tão profundo de amizade com uma mulher. O seu único desgosto residia em não poder dizer-lhe quem era e isso significava que não podia revelar-lhe a verdade sobre muitas coisas. Como ansiava pela liberdade de se desafogar completamente! A ligação emocional entre ambos desafiava toda a lógica e sabia que ela compreenderia todas as pressões e forças que moldavam a sua vida e que essa compreensão poderia afastar o peso.

Como seria difícil quando se separassem dali a dois dias e meio. Não só lhe sentiria terrivelmente a falta, como o facto de a ter conhecido frustrara muitos dos seus planos para o futuro. Sempre achara que esse tipo de ligação com uma mulher era possível. Embora nunca o tivesse conhecido, acreditara que a amizade e plena confiança podiam aliar-se ao desejo e estabelecer o alicerce de um romance eterno.

Agora compreendia porque tinha evitado o matrimónio e fora incapaz de seleccionar uma esposa: porque, no íntimo, aguardava o tipo de ligação que encontrara com Maggie, mas nunca encontrara com outra mulher. Que ironia do destino havê-la descoberto, compreender finalmente o que era aquilo que procurara tanto e saber que não podia tê-lo.

Uma ligação como a deles só acontecia uma vez na vida. Por mais mulheres que viesse a encontrar, jamais conheceria o elo emocional que descobrira com Maggie. O pensamento de voltar a Londres para retomar a busca fútil por uma noiva parecia-lhe mais desagradável do que nunca.

O casamento com Maggie estava posto de lado para um homem da sua posição. Ela era, afinal, filha de um comerciante. Desde que a sua ligação emocional com ela ultrapassara um intenso desejo físico, passou a querer torná-la sua amante. A jovem não tinha família a quem dar satisfações e uma relação com o marquês de Belmont só poderia beneficiá-la. Embora tivesse brincado um pouco com a ideia, sabia que não poderia fazê-lo, pois ela merecia melhor do que acabar como a concubina de um homem como ele.

A música terminou e ele acompanhou a sua idosa parceira de volta ao lugar, escapando-se a outros pedidos mais impetuosos para dançar enquanto traçava gradualmente o caminho de volta a Maggie. Acomodou-se ao lado dela, e como de todas as outras vezes que os seus corpos se tocavam ocasionalmente, quer se tratasse de coxas, ombros ou mãos, sentiu como se fosse atingido por um raio. Qualquer breve contacto acabava sempre por se refletir na sua virilha, causando um palpitar doloroso.

– Finalmente consegui escapar-me – disse.

Maggie ergueu a borda do xaile e abanou-lhe a face afogueada.

– Penso que se esqueceu de mencionar algo a seu respeito quando estávamos a conversar ontem.

– O quê? – inquiriu, cauteloso.

– É o homem de todas as senhoras. As avós do local não o largam com o olhar.

– Tenho de confessar que me desgastaram. Não consigo acompanhar-lhes o ritmo.

– Estão à espera do momento em que estiver repousado para poderem arrastá-lo de volta à pista.

– Bem podem tentar que não voltarei a fazê-lo. Fico aqui consigo. – Deslizou a mão até à dela, onde os dedos se escondiam sob as pregas da saia. – Posso repetir-lhe como está bonita esta noite?

– A sua companhia faz com que me sinta bonita.

– Está a divertir-se?

– Muito. Assisti a alguns bailes em Londres, mas ficaram muito longe deste.

A menção de Londres fê-lo contorcer-se. Qual seria a sensação de assistir a um baile e encontrá-la lá?

O que acharia dele se percebesse que não era um trabalhador de Portsmouth? Abanou a cabeça para afastar o pensamento, recusando que recordações de Londres ou da sua vida lá interferissem nessa sua breve incursão na fantasia.

– Esta parece ser a melhor maneira de celebrar algo, não acha?

– Sim. Parecem todos tão felizes. – Anne e James rodopiaram novamente junto deles e Maggie suspirou. – Oh! Quem me dera poder dançar. É a única coisa capaz de tornar esta noite mais maravilhosa do que já é.

Nessa altura, os músicos iniciaram uma melodia diferente que ela nunca tinha ouvido. Era uma versão mais lenta da valsa, que estava na moda em todos os salões de dança londrinos. A noiva e o noivo avançaram até ao centro da sala, onde dançaram sós durante uns minutos no meio de aplausos e de risos. Em seguida, outros membros da família e amigos juntaram-se-lhes até a pista se encher novamente.

Adam virou-se para Maggie.

– Faria qualquer coisa para tornar a sua noite perfeita – disse, estendendo-lhe a mão. – Dance comigo.

– Como vamos conseguir?

– Deixe isso ao meu cuidado – respondeu, levantando-se e ajudando-a a pôr-se de pé.

Maggie não hesitou. Tratava-se da sua oportunidade não só de dançar, mas de apertar Aston contra o corpo, o que ansiara fazer toda a noite.

Dirigiram-se para trás do celeiro, junto às portas duplas, que tinham sido abertas para deixar entrar o ar fresco da noite, e a valsa em nada se assemelhava à dos elegantes salões de Londres, onde os parceiros giravam em círculos perfeitos ao tempo da música. Esta não era uma dança de precisão e havia pessoas de todas as idades e capacidades em torno deles. Ninguém lhes prestava atenção.

Ele inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Coloque os braços a rodear-me o pescoço.

Maggie estendeu os braços e obedeceu ao mesmo tempo que sentia os dele à volta da cintura. Ele ergueu-a um pouco de forma a que os pés se levantassem um pouco do chão. As pontas dos dedos dela tocavam levemente nas suas. Ela atirou a cabeça para trás e fitou-o, gostando do sorriso que viu espelhado.

– O que pensará toda a gente?

– Não me importo.

– Então, também eu não – respondeu, brindando-o com um dos seus belos sorrisos, mostrando as covinhas do rosto. – Isto é perfeito.

– É mesmo.

Ela era uma coisinha tão pequena, leve e compacta. Enquanto a segurava de encontro ao corpo e a fitava, o resto da multidão desvaneceu-se e parecia que eram eles os únicos no local. Sentia cada centímetro do corpo feminino alongado de encontro à sua longa compleição. Estava pressionada contra ele desde os seios às coxas, e, porque não usava todos aqueles elegantes saiotes e outra roupa interior do gosto da maioria das jovens, pouco deixava à imaginação.

Tal como tinha acontecido na tarde em que a conhecera na praia, sentiu um desejo que ultrapassou a racionalidade. Desejava-a como nunca desejara outra mulher. Era preciso que ela se apercebesse da sua excitação e, por vergonhoso que fosse, não se importava. Queria mais do que tudo fletir as ancas, esperando aliviar um pouco da sua dor contra o V das coxas femininas.

Maggie achara que a noite não poderia tornar-se ainda mais fantástica, mas enganara-se. A pressão do largo tronco encostado firmemente ao dela fez com que os seios se avolumassem dolorosamente. Apresentavam-se cheios e doridos, os mamilos duros e eretos, e, embora ressaltassem contra a camisa dele, o calor que sentia não diminuiu.

Contorceu-se desenfreadamente para mais perto e sentiu o que sabia tratar-se do membro excitado dele contra o seu ventre. O facto de saber que ateava tamanho desejo elevou a sua excitação a um nível insuportável.

Por um momento inebriante, questionou-se se deveria oferecer-se-lhe. Dar a sua virgindade como presente, a fim de se lembrar para sempre que ele tinha sido o primeiro. A sua virtude não era algo que valorizasse ou guardasse para qualquer futuro marido sem nome, nem rosto. Como a mãe e Anne lhe haviam dito frequentemente, por vezes o homem *certo* podia surgir, mas nunca estaria disponível para casar. Era essa simplesmente a forma como o mundo delas funcionava. Não era preferível entregar-se a alguém como Aston que desejava com todo o seu ser?

Adam tentou afastar-se um pouco para quebrar o intenso contacto físico entre eles, mas, antes que conseguisse mudar de posição, Maggie rodeou-lhe os ombros com mais firmeza.

– Aperte-me mais – sussurrou.

Ele emitiu um gemido rouco e obedeceu, sussurrando por sua vez:

– Não sabe o que está a fazer-me.

– Sei perfeitamente. Não me largue.

– Não o farei.

Maggie encostou o rosto ao centro do peito masculino, pressionando o ouvido sobre o coração, onde podia escutar as batidas firmes. Fechou os olhos e aguentou enquanto Aston a fazia rodopiar lentamente em pequenos círculos ao ritmo da música. Os sons do celeiro baixaram e apagaram-se até nada mais haver para ouvir, excetuando a noite que os rodeava. Quer por acidente ou propósito, pouco lhe interessava, tinham saído a dançar do celeiro e atravessado o pátio.

A lua cheia desenhava-se no céu, brilhando tão intensamente que a propriedade parecia inundada pela luz do dia. Alguns candeeiros bem posicionados iluminavam o longo caminho até à estrada principal. Havia carruagens estacionadas dos dois lados, tanto quanto Maggie podia ver, e um par ocasional passou por perto ao entrar ou sair do celeiro. Contudo, na maior parte do tempo, viram-se sozinhos. Aston mudou-lhe cuidadosamente o peso do corpo para que o pé ileso tocasse em chão firme, mas ela equilibrou-se contra ele, adorando a desculpa para continuar próxima.

Quando Maggie ergueu o rosto e lhe sorriu, ele teve a certeza de detetar um brilho de profunda emoção nos seus olhos. Embora concordasse com James de que nem sempre era astuto quando se tratava de lidar com mulheres, conseguiu facilmente ler a mensagem. Talvez estivesse apaixonada por ele ou assim o julgasse; decerto seria típico de uma jovem como ela ter esse pensamento em relação a um homem mais velho que a inundara da atenção que ele lhe dera nos últimos dias.

A percepção de que se interessava por ele agradou-lhe, mas em simultâneo assustou-o. Estava feliz por saber que ela sentia o mesmo vínculo a atraí-los, por saber que experimentava algumas das incríveis sensações de que tudo estava certo. Contudo, também tinha medo de como ficaria magoada quando se separassem dali a uns dias. No tempo que passara ao seu lado, tivera indubitavelmente cuidado em não dar a impressão de que aquilo era mais do que um encontro de férias, mas ela era muito jovem. Havia boas hipóteses de que não entendesse.

A última coisa do mundo que desejava fazer era magoar alguém por quem sentia uma profunda consideração.

Incapaz de resistir, passou-lhe a mão pelo cabelo que parecia de um loiro-prata, sob o luar.

– Quer sentar-se comigo uns minutos? – perguntou.

– Gostaria muito.

Adam olhou em volta e avistou um banco em frente da propriedade vizinha. Embora grande parte do pátio estivesse iluminada, o banco encontrava-se imerso numa profunda escuridão. Poderiam apreciar um momento privado sem que ninguém os observasse.

– Que tal ali?

Caminharam juntos até ao banco, embora Adam lhe rodeasse a cintura com o braço e quase a transportasse. A anca e a perna dela mantinham-se contra ele e não conseguiu deixar de pensar em como parecia ajustar-se ao seu lado. O banco era pequeno e só havia espaço para se sentar ao lado dela com as coxas e joelhos de ambos tocando-se. Passou o braço por trás das suas costas e virou-se para ela.

– Achei que devíamos falar um momento.

– Não quero falar – retorquiu Maggie, divertida com o olhar de surpresa que ele lhe lançou. Refletira durante muito tempo e não estava disposta a permitir que toda a noite passasse sem que algo de maravilhoso acontecesse. – Sei que isto parece terrivelmente ousado da minha parte, mas nunca fui beijada antes e interrogava-me se... – Qualquer ponta de coragem que possuísse, abandonou-a... – Era fácil pensar em namoriscar com um homem, mas, na realidade, nunca o fizera e não sabia muito bem como concretizar o seu objetivo.

– Se o quê?

Mordeu o lábio inferior, fitando os seus belos olhos castanhos. Agora, ele estava tão perto que conseguia ver o brilho das luzes refletido neles. A sua respiração roçou-lhe as faces.

– Interrogava-me se me beijaria.

Todas as intenções dele quanto a uma conversa séria desapareceram. Que mal teria dar-lhe um beijo? Era o que ansiava por fazer desde que a vira pela primeira vez. Mexeu-se, tirou o braço das costas do banco e pousou-o nos ombros dela.

– Feche os olhos.

Mantendo-se sentada e muito quieta, ela obedeceu. Desejava com todas as fibras do seu ser estender os braços e abraçá-lo, mas já lhe havia flagrantemente pedido um beijo e, portanto, forçou-se a aguardar com paciência.

– Assim?

– Assim mesmo.

Adam inclinou-se para diante unindo a boca à dela. Os lábios da jovem eram macios e quentes e sabiam ao sumo de framboesa que tinham estado a beber. O toque simples e íntimo era tão encantador como imaginara. Afastou-se um pouco, não muito, para que o hálito quente pairasse sobre o seu rosto. Ante a quebra de contacto, ela abriu os olhos e as longas pestanas subiram lentamente e enquadraram os belos olhos cor de violeta.

Maggie julgou que o coração fosse explodir. Tocou os lábios com as pontas dos dedos, como se pudesse manter o gosto dele para sempre e depois estendeu a mão e pousou esses mesmos dedos contra o coração dele que pulsava com a mesma rapidez.

– Existe algo entre nós, não é verdade? – disse. – Também o sente.

Ele queria negá-lo, mas com ela a olhá-lo tão afetuosamente foi incapaz de mentir.

– É algo que nunca senti antes.

– É maravilhoso.

– Muito, mas Maggie... – A sua consciência estava a levar a melhor. Por mais que tentasse disfarçar o seu comportamento, brincava com ela e chegara a altura de colocar ponto final no jogo.

Contudo, ela não suportou escutar o que quer que ele se preparava para dizer. Elevou os dedos do

coração dele até aos lábios, abafando a próxima frase.

– Não quero escutar palavras de cautela ou de arrependimento da sua boca – disse.

– Precisamos de falar.

– Sobre o quê?

– Sobre isto... – Esboçou um gesto entre ambos, incapaz de encontrar palavras que descrevessem adequadamente o que parecia atear-se sempre que estavam juntos. – O que quer que exista entre nós não pode ir por diante. Já tomei liberdades incríveis consigo e sinto-me um canalha. Não tem pais por perto que a orientem, o que me permitiu aproveitar-me completamente da situação.

– Não fez nada que eu não quisesse.

– Mas receio ter-lhe dado uma imagem errada.

– Em que aspeto?

– Posso dizer que está à espera de mais. Contudo, é impossível.

– Pedi-lhe algo mais?

– Não.

Surpreendentemente, ficou irritado ao dar-se conta de que ela não o fizera. Quando fora a última vez que uma mulher não lhe pedira nada?

– Então, porque está preocupado?

– Porque é jovem e inexperiente e receio acabar por magoá-la.

– Posso ser jovem e inexperiente, mas não sou estúpida – suspirou Maggie. – Soube imediatamente a partir do momento em que nos conhecemos que jamais poderia existir alguma coisa entre nós. Homens do seu tipo não caem dos céus na vida de mulheres como eu. Tenho consciência de que esta é a realidade e não um conto de fadas, mas só por não podermos cavalgar juntos para ver o pôr do Sol, não significa que deva negar o que sinto por si. Temos muita, muita sorte por nos conhecermos. Lembrar-me-ei com carinho de si durante todos os dias da minha vida.

– Oh, Maggie, minha doce jovem! – Afastou-se, retirando o braço que pusera à volta do seu ombro e inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nas coxas. Com o rosto apoiado nas mãos, vagueou o olhar pelo pátio, e através das luzes que saíam do celeiro, teve a certeza de avistar James e Anne a escaparem-se para a floresta para um encontro de amantes! Se pudesse fazer o mesmo com Maggie! – Deus do céu! Como odeio a minha vida! – murmurou mais para si próprio do que para ela.

A jovem pousou a palma da mão entre as suas omoplatas e começou a massajar em círculos pequenos e suaves.

– É casado?

– Não, mas em breve o serei – respondeu com um abanar da cabeça e fitando-a.

Era então esse o motivo.

– É por isso que se sente tão infeliz?

– O que a leva a pensar que sou infeliz?

– Não sei bem porquê, mas parece que sei muitas coisas a seu respeito. Não a ama?

Pensando em Penelope Westmoreland e noutras como ela, cheias de esquemas e fingimento, encolheu os ombros e depois virou-se para olhar Maggie de frente.

– Passei o tempo à espera de encontrar uma mulher que me fizesse sentir como você.

– E como é isso?

– Faz-me sentir forte, generoso e bom. Faz-me sentir que o seu mundo está completo só porque existo nele e sou a melhor coisa que lhe aconteceu.

– Acredito que é tudo isso. E muito mais – redarguiu Maggie, estendendo as duas mãos e entrelaçando os dedos nos dele. – Sabe, a minha mãe sempre disse que algumas pessoas estão destinadas a amarem-se

uma à outra. Que os seus corações e a mente se movimentam num nível semelhante que não é partilhado por mais ninguém. Talvez seja o que aconteceu entre nós.

Antes, quando Adam a observara do lado oposto do celeiro a abarrotar, tinha pensado o mesmo, mas com as palavras a saírem da boca dela, recusou dar-lhes crédito. Para o fazer, era necessário que valorizasse a típica fantasia feminina do amor romântico, o que não acontecia. Significaria que ela era muito provavelmente a única companheira aceitável que encontraria na vida. Significaria também que a sua procura de uma companheira aceitável era inútil e o seu futuro ainda mais sombrio do que já parecia.

– A sua mãe deve ter sido bastante romântica.

– Em muitos aspetos, sim, mas também era realista. Herdei um pouco dessas duas facetas. É esse o motivo por que recuso sentir arrependimento, vergonha ou qualquer outra coisa à exceção de uma tremenda alegria por nos termos conhecido. – De uma forma acalorada, rodeou-lhe o pescoço com os braços e inclinou-se para diante de forma a apoiar totalmente os seios contra o seu peito. – Beije-me outra vez, por favor. Como se fosse a única vez que tivesse essa oportunidade.

Como poderia recusar? Com os seios fartos roçando no seu peito, e as coxas premidas contra as dele, o olhar radioso e com um brilho de súplica, o que mais havia a fazer? Toda a sua firme resolução desapareceu.

Dessa vez, quando baixou a boca ao encontro da dela, não houve hesitação da parte dela, nenhuma espera inocente, nem aceitação passiva. Dessa vez, correspondeu ao beijo com uma ferocidade igual à dele. Sentiu-se perdido.

Os seus lábios cobriram os dela, quentes e exigentes. Desejando mais e sem obter o suficiente, a sua língua implorou aceitação e ela recebeu-a, iniciando imediatamente um duelo entre ambas. Soou um rugido distante e ele percebeu que vinha da sua própria garganta. Chupou-lhe a língua, atraindo-a para mais fundo, enfiando-a e desenfiando-a, numa imitação do ritmo primitivo que desejava usar com o falo avolumado.

As mãos fortes percorreram o cabelo, a cintura, as ancas. Ela acabou por se sentar no colo dele, com as nádegas pequenas e redondas pressionadas contra a sua feroz virilidade e ele conseguiu finalmente encostar a virilha ao corpo feminino. Porém, não era suficiente. Precisava de se enterrar bem fundo.

Dedos ágeis moveram-se da anca, de volta ao pescoço, com o polegar sentindo a pulsação. Enrolado nos seus cabelos, inclinou-lhe as costas sobre o braço, ao mesmo tempo que abandonava a boca em oferta para mordiscá-la debaixo do queixo, pelo pescoço até ao peito. Roçou-lhe os seios através do tecido do vestido. Desejando mais e sem obter o bastante, deslizou uma das mãos por baixo do corpete onde o mamilo ereto se assemelhava a uma pedrinha na sua palma da mão.

Maggie estava certa de que tinha morrido e ido para o céu. Tudo o que ele fazia era tão arrebatador que quaisquer inibições que pudesse ter albergado haviam desaparecido por completo. Quando a mão dele deslizou sob o corpete para procurar e encontrar o seu mamilo, desejou soluçar de alívio por finalmente lhe tocar onde queria ser tocada. Tinha os seios inchados e latejantes e sabia que ele podia colocar a boca sobre eles e diminuir um pouco a sua agonia.

Com um movimento do pulso, ele desnudou um dos seios. Era tão belo como soubera que seria. O mamilo carnudo, redondo e cheio, implorava a sua atenção e fez uma pausa suficiente para erguer os olhos na direção dos dela.

– Deus do céu, Maggie! É tão bonita! – Baixando a boca, percorreu devagar a língua quente sobre ela e chupou-lhe o mamilo.

Abafando um grito de prazer, ela arqueou as costas, ofertando o máximo de si mesma que podia. Entrelaçou as mãos nos cabelos dele e puxou-o para mais perto, fazendo com que a chupasse ainda com mais avidez. Um pulsar desesperado ocupou lugar entre as pernas dela. Estava molhada, dorida e

desejando muito mais dele do que isso.

Os lábios masculinos deixaram a sua marca e ela soltou um gemido, mas o grito de protesto foi abafado rapidamente quando ele percorreu o caminho de volta para lhe exigir a boca. As línguas desafiaram-se até ele se afastar, explorando-lhe os olhos, a testa, uma das faces, uma orelha, onde inalou profundamente o aroma a lilases do seu cabelo.

– Desejo-te, miúda. Desejo-te tanto.

– Então, possui-me. Sou tua. Leva-me daqui e ama-me como gostarias de fazê-lo. Para a floresta, o teu quarto ou a praia. Para qualquer lado. Basta dizeres a palavra e irei para onde pedires.

O desejo que ele sentia era mais forte do que tudo que alguma vez imaginara ser capaz de sentir por uma mulher, mas era um homem racional e, surpreendentemente, a parte racional do seu cérebro continuava a funcionar. Não podia simplesmente possuí-la. Apertando-a fortemente e com a respiração ofegante como se tivesse feito uma longa corrida, passou-lhe a mão pelos cabelos enquanto acalmava os impulsos prementes.

Desde o primeiro momento em que tinha olhado para ela, debatera-se com a ideia de possuí-la, achando que podia usá-la para uns dias de prazer, deleitar-se com a sua doce e confiante natureza e depois pô-la de lado quando chegasse a altura de regressar a Londres. Agora, com a oportunidade de intimidade física à sua frente, apercebeu-se da sua loucura. Tê-la, correspondia a feri-la e simplesmente não podia fazê-lo.

– Não posso, pequenina.

– Podes, sim. É algo que quero muito.

– Não sabes o que estás a pedir. Jamais passará de uma rápida diversão na floresta. Mereces muito mais do que isso.

– Deixemos de lado o que *mereço*. Só sei o que desejo. Quero que te deites ao meu lado e me mostres como pode ser.

– Não, Maggie. Achas que queres fazer isso agora, mas, mais tarde, ao perceberes tudo o que me deste, ias odiar-me.

Ela tinha na ponta da língua contar-lhe a verdade a seu respeito – que podia ser virgem mas conhecia bem as ligações entre homens e mulheres – mas já elaborara uma mentira tão intrincada sobre Rose e a vida de ambas, que dificilmente poderia mudar o relato naquela altura do relacionamento.

Em vez disso, pousou-lhe a mão na face.

– Jamais poderia odiar-te pelo que quer que fosse. Independentemente do que faças, sempre te amarei. *Amo-te*. De todo o coração.

Ele estremeceu com a declaração. Que caminho insensato pisara! Ela era pouco mais do que uma garota e cortejara-a indevidamente. Sentia-se envergonhado, pois sabia comportar-se e chegara a altura de tomar as rédeas de situação.

– É exatamente por isso que não podemos envolver-nos mais. Sou mais velho e experiente nessas matérias e vejo que o teu coração inocente te levou a acreditar que uma ligação emocional se desenvolveu entre nós.

– Não mintas, Aston. Podes não conseguir expressá-lo em voz alta, mas sei que sentes o mesmo que eu. Por qualquer motivo, partilhamos profundos sentimentos um pelo outro. Negá-los não vai torná-los menos reais.

– Errei ao deixar que isso começasse. Não permitirei que continue. – Sustendo um gemido de arrependimento, puxou-lhe o corpete de forma a tapar-lhe o seio. Sem confiar em si próprio para ficar sozinho com ela por mais tempo, levantou-a e colocou-se ao lado dela. – Voltemos ao celeiro – disse.

Maggie ergueu o rosto na sua direção, interrogando-se como era possível que ele mudasse do auge da

paixão para aquele delicado e imponente cavalheiro. Ainda sentia o próprio corpo em chamas.

– Não estejas zangado comigo – pediu, dando-lhe a mão.

– Não estou zangado.

Esboçou o meio-sorriso que ela aguardara.

– Então, perdoa-me por agir de uma forma tão descarada.

– Não há nada a perdoar. Adorei cada minuto passado contigo. Só que na minha vida nunca posso ter as coisas que verdadeiramente desejo.

A voz dele emanava tamanha tristeza que ela não conseguiu resistir ao impulso de o consolar. Rodeou-lhe a cintura com os braços e abraçou-o fortemente.

– Vai correr tudo bem – disse. – Tenho a certeza.

Adam não respondeu. Abraçou-a por uns momentos e depois afastou-se.

– É melhor voltarmos para dentro.

James atraiu Anne de encontro ao corpo e beijou-a ferosamente. Vagueou as mãos pelos seus cabelos, os ombros, os braços e as costas. Baixando-se mais, agarrou-lhe as nádegas com as duas mãos e, movendo-se ao mesmo ritmo que a língua, acariciou-lhe o monte para trás e para diante com a sua excitada virilidade.

Anne gemeu quando James a empurrou contra uma árvore próxima. Depois de terem passado a noite a dançar e agarrados, ela não podia negar o desejo que brotava entre ambos. Precisando tanto quanto ele do contacto, deliciou-se na sensação provocada pelo membro volumoso contra o seu corpo.

As mãos masculinas soltaram-lhe o traseiro e ergueram-se para baixar o corpete do vestido, libertando os seios. Esfregou os polegares sobre os mamilos inchados. Afastando os lábios dos dela, tentou controlar a respiração enquanto aumentava a pressão, fazendo-a contorcer o corpo.

– É bom, não é? – indagou com uma risada.

– Já lá vai muito tempo.

– Para mim também. – Na verdade, embora convivesse regularmente com prostitutas e outras mulheres de reputação duvidosa, não se lembrava de quando uma mulher lhe havia despertado tamanho desejo. Roçando-lhe os seios com os lábios, sussurrou: – Oh, minha bela Annie.

A Lua iluminou os cabelos castanhos e Anne percorreu-os com os dedos, adorando a textura. Enquanto ele lhe chupou um mamilo e depois o outro, atraiu-o mais de encontro ao corpo, desejando mais sem nunca se faltar.

Ele traçou um caminho de beijos pelos seios, o pescoço, o queixo, até lhe morder ao de leve o lábio superior.

– Quero-te, Anne. Mas não aqui, não desta maneira. Volta comigo para a estalagem. Sobe ao meu quarto quando todos estiverem a dormir.

O pedido não a surpreendeu. Afinal, ela era uma consorte experiente e já o fora desde os quinze anos. O que ele lhe tinha proposto era tão fácil de aceitar, mas hesitou:

– Oh, James, não sei bem...

– Diz que sim – murmurou, continuando a pressionar-lhe os mamilos. – Diz que vens ter comigo. Deixa que te ame na minha cama durante toda a noite. Quero abraçar-te até ao amanhecer e assistiremos juntos ao nascer do Sol através da minha janela.

Anne estava dividida. Queria aquilo mais do que qualquer outra coisa, mas tinha a certeza absoluta de que não ia trazer-lhe nada de bom.

– Não posso – suspirou.

– Porquê, amor? És viúva e eu sou um homem adulto. Só nós o saberemos. – De súbito, pousou-lhe a mão no ventre. – Se a tua preocupação é um bebé, prometo que terei cuidado.

Anne sorriu, encantada por ele se preocupar com uma coisa daquelas. Lembrava-lhe tanto o seu amado Stephen, de quem sentia saudades a cada momento do dia.

– Não se trata disso, embora esse pensamento tenha sido gentil da tua parte.

– Então o que é? Sei que me desejas tanto como te desejo a ti.

– Bom. Acredito que desejarias fazer amor comigo mais do que uma vez.

Com uma risada lasciva, James agarrou-lhe na mão e pressionou-a contra o seu membro.

– Acho que posso garantir um fantástico desempenho de inúmeros prazeres. Uma vez contigo não será decididamente bastante.

– Não era a isso que me referia – disse Anne sem conseguir reprimir um sorriso, mas ignorando como explicar-lhe, sem se denunciar. – Agradas-me, James. Sou incapaz de pensar em fazer amor contigo uma noite e nunca mais voltar a desfrutar da tua companhia. Ficaria demasiado magoada.

Ao ouvir as palavras, James parou o movimento sexual das ancas, fitando-a intensamente.

– Não tem de ser apenas uma noite.

Anne estava certa de que ele se dispunha a dizer coisas que não tencionava cumprir, talvez promessas sussurradas de amor e de compromisso a fim de levá-la para o quarto. Pousou-lhe os dedos nos lábios para o silenciar.

– Por favor, não me digas nada que não seja verdade, James. Sei quem és e, portanto, compreendo quão limitado o nosso envolvimento teria de ser.

– De que estás a falar?

– Sei que não és James Carrington. És James St. Clair e o teu irmão é Adam St. Clair.

– Mas isso significa... – Olhou através das árvores na direção do celeiro, questionando-se imediatamente sobre se elas estariam a planear um esquema contra Adam.

Anne colocou a mão no peito dele.

– Não estejas tão preocupado. Não revelei a Maggie quem ele é.

– Porque não?

– Porque queria que ela vivesse o seu primeiro romance. Sentem-se muito atraídos um pelo outro e temi que, se ela conhecesse a verdadeira identidade de Adam, optaria por ignorá-lo.

Incrédulo, James ergueu uma sobrancelha com ar de mofa.

– Ao famoso marquês de Belmont? Absurdo.

– Não tanto. Ela foi tratada de uma forma bastante abominável por alguns dos vossos iguais – redarguiu, pensando no pai de Maggie, o duque de Roswell. – Acredita realmente que Adam é Aston Carrington, o assistente de um cavaleiro de Portsmouth. Se soubesse a verdade, não estou certa de que desejasse conhecê-lo melhor.

– Isso é novidade. Todas as mulheres de Londres atiram-se-lhe aos pés. Tem sido uma época muito cansativa.

– É por isso que estão aqui?

– Sim, fugimos como dois rapazinhos malcomportados e revelou-se a melhor das ideias. Há anos que não via Adam tão feliz nem tão descontraído.

– Também foi bom para a Maggie saber como pode ser estar com um homem. A mãe e eu tentámos explicar-lhe muitas vezes, mas é difícil compreender até que aconteça.

Anne estremeceu ligeiramente sob o ar frio da noite e James inclinou-se para a envolver nos braços, acariciando-lhe as costas.

– Fazem uma dupla estranha, Anne Porter. Não te preocupa que ela regresse a casa com o coração despedaçado?

– Ela é mais forte do que parece e sabe melhor que ninguém o que na realidade se passa.

– E o que se passa?

– Ele está simplesmente a divertir-se com ela até encontrar algo melhor com que se entreter – respondeu sem pestanejar.

James tinha dificuldade em negar.

– Achas que é o que estou a fazer contigo?

– É exatamente o que estás a fazer comigo. – Para minorar o agulhão das palavras, pois não pretendera ser tão severa, ergueu-se e beijou-o ao de leve nos lábios. – Contudo, sejamos francos, por favor. É por isso que não posso deitar-me contigo. Desejaria mais do que alguma vez podias dar-me; sinto-o no íntimo e recuso começar algo que não podemos terminar.

– Mas, Annie, não sou o Adam. Posso estar com qualquer mulher que desejar. Não há nenhum motivo para que não te visite quando regressarmos a Londres.

– Há todos os motivos.

– Cita um.

Com muita suavidade, afastou os braços masculinos que a rodeavam e voltou a enfiar os seios no vestido. Sem dúvida que ele não desejaria continuar a vê-la quando soubesse que género de mulher era realmente e detestava ter de admiti-lo. Esperava que apenas ficasse com boas recordações a seu respeito quando se separassem no final das férias.

– Não te questionas sobre como sei quem és?

– Sim, na verdade. Não me lembro de alguma vez nos termos encontrado.

– Encontrámo-nos. Uma única vez. Foi num baile organizado pela tua tia Lavinia quando o teu primo Charles fez vinte e cinco anos. Estive presente com um grande amigo meu, Stephen Frasier...

– Já me lembro! – exclamou James. – Levavas um vestido verde-escuro de veludo. Com enfeites de ouro aqui e aqui – disse, passando-lhe a mão pelo peito e os ombros – e tinhas o cabelo mais comprido do que agora, apanhado ao alto. Estavas tão bonita. Senti ciúmes dele durante toda a noite – acrescentou, brincando com uma madeixa do cabelo dela. – Como conhecestes o Stephen?

– Já disse que era um bom amigo. – Esperou que a declaração assentasse, mas não pareceu resultar, e prosseguiu: – Um muito, muito bom amigo.

– Eras companheira dele?

– Mais do que isso.

– Amante?

Anne esboçou um breve aceno de cabeça e ele acrescentou:

– Agora lembro-me que tinha ouvido dizer que ele mantinha alguém. Mas o que te leva a pensar que tal me incomoda?

– Porque ele não foi o único. Envolvi-me pela primeira vez com um cavalheiro aos quinze anos. Existiram vários desde então.

Baixou os olhos para o chão, irritada consigo mesma por ter vergonha do seu percurso de vida. Fizera as únicas escolhas disponíveis na altura e não estava disposta a justificar-se ou desculpar-se por elas. Um homem na posição de James jamais entenderia.

– Estou a perceber – declarou num tom tenso, indignado por terem passado quase dois dias maravilhosos juntos e ela haver mentido sobre tudo. O facto de também ter mentido foi facilmente esquecido na sua apressada tentativa para se convencer de que ela não passava de uma prostituta bem paga. – Anne Porter é o teu nome verdadeiro?

– Sim. – Anne apercebeu-se pelo tom de voz que ele estava irritado, mas recusou sentir-se envergonhada pelo passado, sobretudo quando a levaram a Stephen e ao grande amor que haviam partilhado. – Mas agora percebes porque não posso ir para a cama contigo.

– Na verdade, não. Parece ser esse o teu apelo de vida, erguer as saias a qualquer homem que tenha dinheiro suficiente para te tentar. – Sem saber o que lhe passara pela cabeça, pois não fazia simplesmente parte da sua natureza ser indelicado para uma mulher, sentia-se enfurecido com o pensamento de imaginá-la com outros homens, mesmo com alguém que conhecera e de quem gostara como Stephen Frasier. Desejava atacar e fê-lo. – A situação ficaria mais agradável se te pagasse?

Anne recuou como se a tivesse esbofeteado.

– Não te armes em canalha comigo, James St. Clair. Fui maltratada por gente superior da tua laia e não estou disposta a suportar. – Virou-se, compondo o vestido e o cabelo, ocultando as lágrimas do seu olhar avaliador. Depois de controlar as emoções, fitou-o novamente. – O que tencionava dizer era que não podia ir para a cama contigo porque acreditava que podia apaixonar-me por ti, se o fizesse. Vejo que estava enganada. Seria incapaz de desenvolver qualquer tipo de ternura por um idiota como tu.

Sem esperar por resposta, dirigiu-se ao pátio da propriedade.

– O que estás a fazer? – perguntou Adam ao irmão quando ele entrou no quarto através da porta de comunicação. Tinha a mala pronta e o jovem empregado do estábulo trouxera os cavalos até à porta lateral da estalagem. Era inútil atrasar a partida um instante mais que fosse.

– Estou a escrever um bilhete a Anne Porter.

– Para quê?

– Para me despedir.

– Pedi-te que não o fizesses – ripostou Adam que queria partir com o máximo de discrição.

– Eu sei, mas devo-lhe uma desculpa. Disse-lhe uma coisa horrível na noite passada.

– Interroguei-me sobre a tensão entre vocês durante o regresso a casa. Julguei que estavam a dar-se muito bem.

– Estávamos, mas depois portei-me como um perfeito idiota.

– Mesmo assim, James, de que serve isso? Nunca mais a verás.

– E daí? Sempre me orgulhei de ser um cavalheiro. Não posso ir embora sem lhe dizer que lamento e tenho vergonha de admitir que sou demasiado cobarde para a enfrentar – disse James, erguendo os olhos da mesa onde escrevia. – E tu? Vais-te embora sem deixares uma palavra a Maggie?

Adam encolheu os ombros, tentando parecer indiferente enquanto percorria com os dedos uma pequena estatueta pousada no parapeito da janela.

– O que poderia dizer-lhe?

– Que tal qualquer coisa que tornasse a tua despedida menos dura? Que foste obrigado a ir embora? Que lamentas partir tão rapidamente, mas tem mesmo de ser, e que adoraste conhecê-la?

– Não. Ela perguntaria o que me obrigava a ir embora e teria de inventar qualquer história. Já lhe menti o suficiente.

Olhando através da janela, fixou demoradamente as ondas azuis que se desfaziam lá em baixo, na praia. O que não daria para poder ficar até aos últimos dias de férias de Maggie, mas não podia. Haviam começado a surgir problemas na noite anterior depois de regressarem ao celeiro. Deixara-a sentada num banco enquanto tinha ido à procura de James e de Anne para saber se estavam prontos para ir embora.

Enquanto caminhava por entre a multidão, fora de encontro a um convidado do casamento que conhecia, um rico comerciante que se encarregava de alguns dos negócios de transporte por barco da

família St. Clair. O homem estava acompanhado de duas filhas solteiras e Adam teve, obviamente, de suportar as apresentações. Quando se foi embora de braço dado com Maggie, sentiu o zumbido da multidão, dado a sua identidade ter passado rapidamente de boca em boca.

Nessa manhã, quando Adam desceu para comer na sala de jantar da estalagem, o escudeiro local estava presente com a sobrinha a reboque. Seguiram-se mais apresentações e um convite para tomar o pequeno-almoço na companhia do grupo do escudeiro, o que lhe foi impossível recusar por delicadeza. Consequentemente passara quase uma hora a ser bombardeado sobre as qualidades da sobrinha do indivíduo.

Os seus sentimentos por Maggie eram confusos e estranhos, mas de uma coisa tinha a certeza: não queria magoá-la. Se estivesse sentada ao lado dele e ouvisse tratarem-no pelo seu verdadeiro nome ou título, o que iria pensar? Como reagiria se, durante os dois últimos dias da sua estada, encontrassem um pai afetuoso que desejava apresentar a filha? Que explicação daria Adam sobre o que estava a acontecer? O que diria Maggie se fosse subitamente confrontada com a fria e dura realidade de que ele lhe mentira a respeito de tudo?

Era indubitavelmente melhor deixá-la regressar a Londres e à vida que levava lá com as suas recordações e sentimentos intactos. Era o desejo de uma sua parte egoísta, o de saber que Maggie sempre o recordaria carinhosamente. Tratava-se de uma saída de cobarde, mas não conseguia pensar numa maneira melhor de colocar ponto final no assunto.

– Ela é terrivelmente jovem, Adam – venceu James. – Não achas que ficará magoada se desapareceres sem uma palavra de despedida?

– A despedida magoá-la-á mais.

– Mas não gostarias de vê-la novamente? Pensei que talvez pudesses explicar-lhe a verdadeira situação, pedir-lhe desculpa. Depois, podias continuar a vê-la em Londres.

– Com que finalidade?

James sacudiu a cabeça ante a estupidez do irmão.

– Simplesmente porque te faria feliz. Precisas de um motivo melhor?

– És um romântico, James. Sabes bem que, em boa consciência, não poderia inundá-la de atenções. Ela possui sem dúvida a beleza e o porte para se enquadrar na alta sociedade, mas é inocente. Se aparecesse em público de braço dado comigo, seria engolida pelo vendaval de atenções que me segue. As mulheres do nosso círculo iriam comê-la viva e no fim acabaria por ser humilhada. Nunca poderia oferecer-lhe um envolvimento emocional sério, que é o que ela deseja. E o que merece.

– Já lhe perguntaste o que ela quer? Talvez goste de ti o suficiente para lidar com algumas coisas más e assim desfrutar de algumas boas.

Adam tinha pensado nisso, mas não se atreveu a perguntar-lhe.

– Ela é jovem, James. Demasiado jovem para saber o que quer ou avaliar as circunstâncias com realismo. Poderia pensar na eventualidade de um romance inocente, mas sabes que isso seria impossível com alguém como ela. Na presente situação, já se imagina semiapaixonada por mim. – Adam não ousou admitir, nem para si mesmo, que também ele nutria esse mesmo sentimento por ela. – E não posso fazer algo que piore a situação. Já me aproveitei o suficiente da sua ingenuidade.

– Então, torna-a tua amante. Conserva-a ao teu lado.

– Sabes que nunca faria uma coisa dessas à nossa mãe ou à minha futura noiva.

– Pior para ti.

Adam permaneceu em silêncio.

– Vamos embora. Quero estar longe daqui, antes que me ponham a filha de mais alguém na frente.

Anne respondeu à pancada na porta do quarto que ela e Maggie partilhavam. Deparou com um dos filhos do dono da estalagem que trazia um bilhete selado na mão. Com um sorriso delicado, aceitou a missiva e fechou a porta.

– O que é isso? – perguntou Maggie do outro lado do quarto, onde praticava o andar de um lado para o outro, coxeando e apoiada na bengala que Aston lhe dera de presente.

Anne franziu a testa quando quebrou o selo com o polegar e deparou com a assinatura rabiscada a negro na parte inferior.

– É do James – respondeu. Com essa breve explicação, atirou-o, sem o ler, para cima da pequena secretária.

Maggie observou-a com uma expressão crítica. Anne mantivera-se extremamente silenciosa desde que haviam abandonado o baile e Maggie preocupara-se em deixá-la cismar sobre o que quer que tivesse acontecido. Não era preciso ser um génio para saber que se relacionava com James.

– Não estás um pouco curiosa? – inquiriu suavemente.

– Não. Não tenho a mínima vontade de ouvir algo que o homem tenha a dizer.

Maggie assentiu pensativamente com a cabeça.

– Pois eu morro de desejo de saber o que ele escreveu. Importas-te?

Anne não respondeu e dirigiu-se silenciosamente até à janela, onde permaneceu enquanto Maggie perscrutava o conteúdo do curto bilhete.

– Ele diz que lamenta muito e que teve um comportamento abominável – informou, olhando para o canto oposto do quarto na direção dos ombros rígidos de Anne, mas não obteve qualquer informação. – Pode perdão e espera que se alguma vez te voltar a encontrar consigas dizer que lhe perdoaste.

– Nem em sonhos – murmurou ela.

– Ele parecia tão simpático, Annie. O que fez?

– Nada, à exceção de revelar a sua verdadeira personalidade. É uma cobra desprezível. – O pensamento de que ele tentara desculpar-se com um miserável bilhete quase fez com que se descontrolasse. – O que mais escreveu esse filho da mãe?

– Diz... que eles voltaram para... Londres.

– Boa viagem para ambos – resmungou Anne entre dentes. – Já temos suficientes problemas sem que gente da sua laia se intrometa nas nossas vidas.

– Julguei que eram de...

– Portsmouth? – Anne olhou por cima do ombro para o rosto confuso e estupefacto de Maggie. – Não. São de Londres.

– Mas porque iriam mentir sobre uma coisa dessas?

– Porque nos consideram tão abaixo da sua elevada posição – respondeu num tom amargo – que não queriam que soubéssemos quem são.

– Julguei que eram Aston e James Carrington.

Anne suspirou e sentou-se na cama. Tencionara dar a notícia a Maggie suavemente e não que ela a soubesse daquela maneira. Talvez depois de as férias terem terminado e de o seu primeiro amor haver partido há muito. A última coisa que Anne queria era despejar toda a sua raiva em Maggie, mas ainda se sentia tão irritada pelo comportamento de James que precisou de um esforço extra para se acalmar.

Fez sinal à amiga para que se sentasse na cadeira ao lado da cama e Maggie obedeceu.

– Eles são Adam St. Clair e o seu irmão mais novo, James. Adam é o...

– O marquês de Belmont? – interrompeu-a Maggie. – Esse tal Adam St. Clair?

– Receio bem que sim.

– Tens a certeza?

– Sim.

– Há quanto tempo o sabes?

– Bom. Senti-me curiosa no primeiro dia quando Adam te levou lá para cima após teres ferido o pé; parecia-me tão familiar. Contudo, soube quando conheci James. Ele tinha sido colega de escola de Stephen e encontrei-o uma vez numa festa.

– Porque não disseste nada?

– Porque tu e o Adam começaram logo a entender-se muito bem. Queria que te divertisses. Achei que, se soubesses a sua verdadeira origem, não lhe darias atenção. Desculpa – acrescentou, estendendo a mão a Maggie. – Lamento. Pensei que era importante manter o segredo deles.

Maggie queria zangar-se com Anne, mas não conseguiu. Anne tentava sempre fazer tudo pelo melhor, a ponto de ter comprometido o próprio futuro ao permanecer junto de Rose para cuidar dela até ao final. Maggie inclinou-se para diante e aceitou a mão de Anne, dando-lhe um aperto de encorajamento.

– Não estou zangada. Pelo menos, não contigo. – Releu o bilhete e também se sentiu prestes a explodir, como acontecera a Anne. – Esses canalhas! Divertindo-se connosco e depois fugindo de noite como dois ladrões! Porque teriam agido dessa maneira?

– São esse tipo de pessoas. Há muitos homens da classe deles que são verdadeiros cavalheiros, mas para cada um existe uma dúzia de canalhas.

– Mas os dois pareciam tão sinceros.

– Claro que sim. São mestres em dizerem uma coisa e pensarem outra. Não conhecem outra forma de vida. Pensa no teu pai e no que ele fez a Rose.

Os sentimentos de Maggie entraram em conflito e não conseguia decidir se estava mais triste ou irritada. Embora soubesse que estava destinada a ficar com o coração despedaçado dali a dois dias quando ela e Anne partissem para Londres, pensara que isso se deveria às saudades de Aston – não, Adam. Não esperava... aquela... aquela decepção e intriga.

Virou e revirou o bilhete de James na mão.

– Do que estás à procura? – inquiriu Anne.

– Pensei que talvez... – Sentiu-se envergonhada por levar Anne a perceber até que ponto era ingénua. Acreditara em tudo o que Adam lhe tinha contado. – ... Bem, talvez tivesse acrescentado uma nota ou algo para mim. Mas não o fez – concluiu, ruborizada.

Fora tudo uma mentira. Inocente como era, desejava convencer-se de que apenas a sua origem e o nome haviam sido forjados; de que o apego emocional que sentira por ele tinha sido real. Todavia, sabia que tudo era falso, cada pedaço, até mesmo o pseudo afeto. Como devia ter rido com as suas tolas declarações românticas!

– Lamento, Maggie – disse Anne. – Nunca quis que tudo acabasse assim.

– Eu sei. Só que... Céus! E pensar que estive quase a dormir com o indivíduo.

– A sério?

– Sim. Na noite passada. Praticamente atirei-me a ele.

– Porque não foste até ao fim?

Anne ficara tão consternada quando eles haviam chegado a casa depois do baile que Maggie não tivera oportunidade de discutir os acontecimentos da noite. Fitou Anne com um olhar triste.

– Ele rejeitou-me.

– Talvez, no fundo, ainda exista um resquício de consciência sob aquele duro exterior.

– Duvido. Ele deve ter o seu tipo de mulher. O que faria com alguém como eu? A ideia de uma virgem inexperiente provavelmente aborrecê-lo-ia de morte.

De súbito, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Conhecê-lo significara algo para ela. O facto de não haver sido correspondida era a pior humilhação possível.

– Sei que agora te sentes confusa e magoada. – Anne levantou-se da cama e dirigiu-se à cadeira, ajoelhando-se ao lado dela. – Contudo, recebeste uma boa lição.

– Sim, é verdade. Agora, odiarei todos os homens para sempre.

– Nada disso, pateta – riu Anne. – Precisas de fazer as escolhas certas. O homem certo aparecerá. Apenas tens de pôr de lado todos os canalhas antes de o encontrares.

– Sinto-me tão infeliz.

– Eu sei, mas vai passar. Dá tempo ao tempo. Entretanto, só nos restam dois dias das nossas férias e recuso permitir que eles os estraguem. O que gostarias de fazer hoje?

– Não tinha pensado nisso. Dás-me uns minutos?

– Claro. – Anne deu-lhe uma palmadinha no joelho e levantou-se. – Acabei de me lembrar... Preciso de fazer a nossa reserva para o jantar. Vou descer e volto já.

Maggie esboçou-lhe um leve sorriso enquanto Anne saiu do quarto e apreciou a oportunidade de ficar só. Examinou novamente a carta de James e em seguida avançou a coxear até à janela e olhou para fora. O sol brilhava intensamente. As ondas, azuis e convidativas, quebravam-se lá em baixo, mas ela quase nem reparou. O dia parecia-lhe cinzento e triste.

Beijou as pontas dos dedos e acenou-os na direção da estrada que nesse preciso momento devolvia Adam à sua vida real em Londres.

– Sentirei a tua falta. Todos os dias e para sempre – jurou.

Depois virou-se e compôs um sorriso nos lábios. Quando Anne regressasse ao quarto, decidira parecer feliz para que a amiga não soubesse até que ponto o seu coração estava despedaçado.

Maggie abriu sem ruído a porta de casa, esperando que Anne estivesse fora ou ocupada com qualquer coisa para não se verem obrigadas a discutir imediatamente como o dia anterior tinha sido frustrante. Existia sempre a leve hipótese de Anne haver encontrado uma posição, mas Maggie começava a desesperar. A centelha de esperança que guardavam quanto a encontrarem um emprego adequado perdera o brilho.

Com os pés inchados e doridos, sentia-se como se tivesse percorrido Londres de uma ponta à outra, desde que saíra de manhã cedo, mas era impossível evitar distâncias longas. Em menos de três semanas, deviam estar a viver num outro lugar, embora não tivessem dinheiro para transformar essa mudança em realidade. George estava disposto a pô-las na rua, se necessário; mantinha a decisão.

De início, o prazo de três meses que lhes tinha dado para arranjar uma casa parecera muito tempo, mas agora que o mesmo estava quase a cumprir-se, os dias passavam num abrir e fechar de olhos. Embora nenhuma delas o tivesse admitido, as duas começavam secretamente a entrar em pânico.

Maggie iniciara a procura de emprego, contactando as lojas femininas onde Rose fizera compras ao longo dos anos. As proprietárias mostraram-se gentis e preocupadas, mas nenhuma delas tinha uma vaga. Uma delas oferecera-se para despedir outra rapariga, a fim de arranjar espaço para Maggie. O facto de Maggie ter momentaneamente considerado aceitar a proposta apenas confirmou até que ponto a situação se tornara desesperada. A sua consciência levou a melhor no último minuto e recusara a sugestão da mulher.

Após contactar as donas de lojas que conhecia, optou por falar com as desconhecidas. Embora não fosse de forma alguma uma especialista, sempre se interessara pelas cores e a moda e achava que poderia singrar como vendedora. A sua aparência e a forma como se movimentava eram um bom passaporte, mas nem uma única proprietária se mostrou disposta a aceitá-la sem experiência. Os tempos estavam difíceis e havia demasiadas mulheres a precisar de emprego. Ninguém era obrigado a contratar alguém que nunca tivesse trabalhado.

Tentara comparecer a entrevistas para lugares de governanta, mas sem referências, ninguém iria tomá-la em consideração. Um cavalheiro permitira que entrasse, mas, pelos seus comentários, tornou-se claro que esperaria mais do que capacidade como ama, caso fosse contratada. Travara-lhe os avanços que surgiram no final da entrevista e fugiu a correr da casa, de saias erguidas.

Com a rápida diminuição de alternativas, começara a percorrer as ruas de todos os bairros respeitáveis e mesmo dos que não o eram. Começando cedo e prosseguindo durante o dia, passava de loja em loja,

interessando-se mais pela possibilidade de ser contratada do que pelo tipo de produtos à venda. A confiança e o orgulho de Maggie haviam sofrido um profundo revés, pois, embora recebesse muitas ofertas, nenhuma delas se relacionava com um emprego remunerado.

Tinham passado dois meses desde aquelas desastrosas férias na praia. Dois meses em que ela e Anne bateram a portas, imploraram ajuda, pediram a paga de antigos favores. Tudo inútil. Maggie não conseguiu encontrar emprego em nenhum lugar. Tão-pouco Anne. Dentro de dias, George iria pô-las na rua apenas com as roupas e o punhado de moedas que tinham conseguido amealhar.

Anne apareceu no topo das escadas e começou a descer lentamente. Quando chegou ao fundo, embora o comportamento de Maggie deixasse claro que não havia novidades, perguntou:

– Tiveste sorte?

– Não. E tu?

– Madame LeBlanc informou-me delicadamente que eu era sem dúvida bastante bonita, mas simplesmente demasiado velha para trabalhar no seu luxuoso estabelecimento. Vou fazer trinta anos daqui a uns meses. Quase terei idade para ser mãe de muitos dos seus clientes.

Maggie abanou a cabeça condoída, mas no íntimo sentiu-se aliviada. A ideia da bela e doce Anne se ver obrigada a trabalhar num bordel era simplesmente impensável.

– Não vou dizer que lamento muito. Sou incapaz de aceitar a ideia de te imaginar num desses lugares.

– Os mais requintados não são assim tão maus – insistiu Anne com mais entusiasmo do que sentia.

Estava disposta a dar o salto para ser prostituta a tempo inteiro. Na sua qualidade de mais velha e mais prática das duas, Anne via o prazo a aproximar-se muito mais rapidamente do que Maggie. Aceitaria qualquer proposta que as mantivesse afastadas das ruas, sentindo que, depois de perderem a casa, não haveria esperança para qualquer delas.

– Oh, Anne, a que estado chegou o nosso mundo. Não acredito que estejamos a ter esta conversa.

– Eu sei. Parece-se um pouco com um sonho, não é? – retorquiu Anne, pegando na mão de Maggie. – Acabei de fazer chá. Vamos beber uma chávena e ver se as coisas não parecem melhores quando terminarmos.

Foram sentar-se nas duas cadeiras usadas da sala de estar. Maggie inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, escutando o barulho da rua que lhe chegava através das janelas. Os sons e os ritmos eram calmantes e, quando esvaziou a chávena, sentiu-se mais confortada.

Ao abrir os olhos, viu que Anne observava serenamente a agitação do exterior. A luz do final de tarde refletia-se no seu rosto, fazendo-a parecer jovem e cheia de vida e Maggie não conseguiu deixar de pensar em como tinha sorte por Anne fazer parte da sua vida. Como a situação seria muito mais assustadora, caso estivesse sozinha!

Maggie quebrou o silêncio daquele companheirismo.

– Tenho uma ideia. Há uns dias que ando a pensar nisso e queria saber a tua opinião.

– Do que se trata?

Engolindo em seco, prosseguiu antes que lhe faltasse coragem:

– Talvez devesse permitir que George me apresentasse a alguns dos seus amigos... como se ofereceu para fazer no começo. – Anne manteve-se sentada sem fazer qualquer comentário, o que fez com que Maggie sentisse uma enorme necessidade de preencher aquele vazio silencioso. – Decerto resolveria todos os nossos problemas. E depois de conhecer alguém como Adam St. Clair, sei que poderia tolerar o que quer que fosse para ser bem-sucedida.

Anne sorriu ante a ingenuidade de Maggie. Havia poucos homens por perto como os irmãos St. Clair. Nada que se parecesse com a riqueza, aparência e charme que emanavam. Contudo, a ideia tinha mérito.

– Tenho uma confissão a fazer – disse com uma leve risada.

– Qual?

– Pedi ao George que fizesse isso mesmo. Só para mim. Pensei que talvez conseguisse encontrar uma posição junto de um cavalheiro para mim.

– E como reagiu?

– Ele e Madame LeBlanc têm algo em comum. Os dois acham que estou demasiado velha.

– Tens menos oito anos do que tinha a minha mãe e ele ligou-se-lhe rapidamente.

– Sei disso, mas não me achei em posição de assinalar tal coisa.

– Tens razão.

Riram as duas ante o ridículo da situação em que se encontravam, até a alegria dar lugar a mais um prolongado silêncio que Maggie finalmente interrompeu:

– Então... o que achas? Passarias a odiar-me se fizesse uma coisa dessas? Sei que tu e a minha mãe desejavam muito mais para mim, mas nem quero pensar no que nos acontecerá, se não tentar.

– Maggie, como poderia odiar-te por fazeres o que passei a maior parte da minha vida a fazer? É o estado deste mundo que nos obriga a encontrar uma forma de sobreviver. O próprio facto de sermos mulheres limita as nossas escolhas. Não posso irritar-me com qualquer das tuas escolhas para nos ajudar a sair desta confusão.

– É assim tão horrível?

– Pode ser ou não. Depende do cavalheiro. Agora, sou mais velha e mais experiente. Se recebesses uma oferta, poderia ajudar-te a decidir se devias ou não aceitá-la.

Maggie fechou os olhos e sussurrou uma curta prece. Quem iria pensar que a sua vida chegaria àquele ponto?

– Vamos em frente – suspirou, resignada. – Como começo?

Anne estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha de apoio.

– Primeiro, vamos enviar uma mensagem a George, dizendo-lhe que queremos que comece a falar com os amigos. Depois, precisaremos de começar a cuidar do teu guarda-roupa.

– Fazes com que tudo pareça bastante simples.

Anne soltou uma risada, pois tudo seria na verdade incrivelmente fácil. A falta de presunção de Maggie impedia-a de perceber como era bonita. Anne não duvidava que muitos cavalheiros tomariam em consideração arrebatá-la – até mesmo os que não sabiam que andavam em busca de uma amante – mal tivessem a sorte de pôr os olhos nela.

– Podes acreditar que será incrivelmente fácil.

Adam seguiu a multidão ao longo da subida que conduzia à mansão. Um criado estava à disposição para receber o seu chapéu e a capa. Entregou-lhos em silêncio e virou-se para as escadas, pronto para se dirigir ao imponente salão de baile. Sentindo-se como um homem condenado, subiu lentamente os degraus, como se a forca o aguardasse no topo.

Sempre que participava numa daquelas festas, passava a odiá-las mais. As conversas superficiais, as mulheres insípidas, os pais presunçosos. Desde a sua estada na praia, em maio, tudo havia piorado. Fizera a viagem qual cotovia, esperando que uns dias de diversão e brincadeiras o libertassem de alguma da tensão e tédio do quotidiano. A tentativa não resultara. Em vez de haverem minorado a ansiedade e a pressão, as férias apenas tinham servido para cimentar quão profundamente desprezava tudo na sua vida.

Conhecer Maggie Brown fora a pior coisa que lhe acontecera! Pensava nela constantemente, na forma como sorria e ria, nas suas conversas francas e opiniões saudáveis. E também na sua fantástica – mas absurda – afirmação de que eles tinham sido feitos para serem ternos amantes e almas gémeas. Como

podia uma jovem ocupar tão completamente os pensamentos de um homem?

Recuava muitas vezes até àquela noite no exterior do celeiro e à maneira como ela lhe oferecera a sua inocência de uma maneira franca e sincera. Como tinha sido estúpido em recusá-la! Embora ela estivesse disposta a contentar-se com qualquer pequena porção de felicidade que pudessem encontrar juntos, ele não poderia fazer o mesmo. Na realidade, era um cobarde. Fora-lhe dada a oportunidade de agarrar uma coisa maravilhosa e tivera demasiado medo.

Como resultado, a sua mente vagueava nas reuniões sociais, totalmente ocupada com recordações dela. Enquanto percorria as ruas de Londres, procurava-a constantemente, pensando e esperando ser capaz de vê-la no meio da multidão. Andava em círculo como um tolo cisne apaixonado.

Nunca lhe tinha perguntado onde vivia, mas supunha que podia contratar alguém para a encontrar.

*E depois?*

A pergunta surgia inevitavelmente. O que faria se a localizasse? Nada relativamente à situação de ambos mudara, exceto que ela saberia a verdade: ele não passava de um mentiroso e de um crápula. Não queria que ela alguma vez viesse a ter essa opinião, embora existisse a hipótese de que já o sentisse, considerando a forma como a deixara na pousada sem um mero aceno de mão.

Encontrá-la não era uma opção.

Em vez disso, entregara-se de corpo e alma à tarefa de escolher uma esposa, passar mais tempo fora, acompanhar mulheres a vários eventos, aceitar mais apresentações, frequentar mais festas, tal como era o caso nessa noite.

Nesse percurso, desenvolvera uma interessante e inexplicável ligação a Penelope Westmoreland. Havia algo naquela jovem que lhe recordava Maggie. Não se tratava de uma questão de parecença, já que Penelope era loira e robusta, enquanto Maggie era morena e magra. A semelhança cifrava-se em algo mais subtil. Estranhamente partilhavam muitos dos traços faciais, gestos e movimentos do corpo. Em numerosas ocasiões, vira-se a olhar para Penelope, observando lampejos ocasionais de Maggie que vinham à superfície.

Por vezes, interrogava-se se estaria a enlouquecer.

Depois de ser anunciado, desceu para o salão, evitando ao máximo olhar para os restantes convidados, enquanto procurava James ou o seu primo Charles, sem encontrar a segurança de uma companhia masculina. Conseguiu atingir uma parede do fundo e manteve-se a um canto, bebendo champanhe.

Uma voz à esquerda chamou-lhe a atenção e virou-se, emitindo um gemido silencioso quando avistou George Wilburton. Conhecera desde sempre aquele homem arrogante e não o suportava. Compondo uma expressão simpática, saudou o velho conhecido.

– O que o traz aqui, Wilburton? Julguei que estava no campo a preparar o seu casamento.

– Tenho alguns assuntos para resolver antes de deixar a cidade. Não está por acaso interessado numa pequena vivenda?

– Não posso dizer que sim.

George examinou St. Clair com um olhar atento. Não tinha planeado abordá-lo, mas que mal poderia advir? Ele apreciava tanto uma cara bonita como qualquer outro.

– Na verdade, à casa junta-se um complemento que pode suscitar-lhe curiosidade.

– O quê? – perguntou Adam, mais por necessidade de manter a conversa do que por interesse genuíno.

– Uma mulher – sussurrou George num tom conspiratório, inclinando-se.

– Uma mulher? – Era a última coisa que Adam esperava ouvir de um bronco como Wilburton e não conseguiu reprimir a surpresa que acompanhou a pergunta. – Tem uma amante?

– Há anos que a tenho. – George estivera prestes a confessar a verdade sobre a sua relação com Maggie, mas mesmo nos tempos da juventude sempre havia desejado impressionar St. Clair. Não

conseguiu evitar a pequena mentira ou a enorme insinuação que a frase acarretava.

– *Hmm...* – cogitou Adam. Podia sempre saber-se uma novidade a cada dia que passava. – Ela vale a pena?

– Sem dúvida.

– A sério? – Segundo a experiência de Adam, os seus conhecidos que mantinham mulheres acabavam por considerá-las um tédio. Todos, à exceção do seu maldito pai que tivera a audácia de se apaixonar.

– Ela é requintada, mas já a sustento há algum tempo e não posso continuar – prosseguiu George, dando o seu melhor para parecer farto da ligação. – Ela precisa de arranjar um novo acordo e prometi-lhe delicadamente que lhe faria várias apresentações.

– Claro! – exclamou Adam, mantendo uma expressão séria, frente à atitude condescendente do indivíduo. – Tenho a certeza de que ficará muito grata.

– Sem dúvida – anuiu, erguendo sugestivamente as sobrancelhas. – Gostaria de conhecê-la? Ela é excecional.

– Se é tão *excecional* – reagiu Adam, incapaz de reprimir um tom de sarcasmo – porque se dispõe a abandoná-la?

– Por causa da minha noiva – respondeu ele com um suspiro. – Sabe bem como algumas senhoras reagem a esse tipo de assunto.

– Sim. Sei muito bem – concordou Adam, pensando na mãe e no ódio que ela albergava contra o seu pai devido à prostituta que tingira as suas vidas.

– Mesmo assim, é uma mulher encantadora – disse George. – Estou empenhado em fazer o que puder para zelar pelo seu bem-estar enquanto ainda tenho oportunidade. Ela está comigo esta noite. Tem a certeza de que não quer conhecê-la?

Adam sentia-se divertido. A ideia de um homem como Wilburton a manter uma amante era tão absurda que seria ridícula, se não fosse patética. Ficou curioso. Nada lhe agradaria mais do que conhecer a mulher que estava suficientemente desesperada para prestar serviços sexuais regulares a um homem como George Wilburton. A imagem servir-lhe-ia provavelmente de motivo de troca para vários dias.

Tentando parecer casual, encolheu os ombros e bebeu um longo gole de champanhe.

– Porque não? Tenho a certeza de que vou achá-la encantadora.

George perscrutou a multidão.

– Ah... lá vem ela.

\* \* \*

Maggie observou a sua imagem refletida no espelho. Poucas vezes em toda a vida parecera melhor. Anne tinha-se esmerado como habitualmente com o cabelo de Maggie e apanhara-o no topo da cabeça. Alguns cachos suaves emolduravam-lhe o rosto. Havia usado várias tonalidades para colorir as faces e realçar o violeta dos olhos, mas a aplicação fora feita tão ao de leve que pareciam naturais.

O vestido, alfazema-claro orlado de púrpura, estava puído no ombro, expondo a maior parte dos seios, e a brancura da pele era apenas quebrada por um único fio de pérolas emprestado por George. A cintura elevada do vestido acentuava na perfeição os seios arredondados e a figura esbelta. O corte e o fluir do tecido faziam-na parecer mais alta e esguia.

– O que estou a fazer aqui? – perguntou à imagem refletida.

De início, quando abordara com Anne a questão de se tornar amante, a ideia parecera-lhe boa. Contudo, agora, sozinha na casa de banho das mulheres enquanto o baile decorria em pleno no andar inferior, mudara de opinião. Como Anne dissera, podia conhecer o amor da sua vida, ou, com mais

probabilidade, um canalha e um tratante – o que, aos olhos da amiga não era necessariamente mau, desde que o homem não fosse cruel.

Rose estava provavelmente às voltas na sepultura.

A porta para o compartimento exterior abriu-se e ouviu o barulho da multidão lá em baixo filtrado por quem quer que tivesse entrado. Sem desejar falar com ninguém, virou-se para sair, mas parou devido às vozes de duas mulheres que falavam lá fora.

– Lorde Belmont deve estar a chegar a qualquer momento, Penelope.

Maggie quase soltou um gemido em voz alta ante a possibilidade de encontrar Adam. Naqueles dois meses, desde a sua saída abrupta da Tidewater Inn, ele ocupara-lhe frequentemente o pensamento. Na verdade, embora se sentisse furiosa e humilhada devido às suas mentiras e atitudes, não conseguia esquecê-lo. Quantas vezes um homem tão elegante, bonito e educado apareceria na sua vida? Muito provavelmente, nunca.

Que golpe do destino ele aparecer numa noite em que tencionava vender-se pela melhor oferta! Tinha de sair dali. Estendeu a mão para abrir a porta, mas voltou a parar quando a mulher chamada Penelope respondeu à amiga.

– Estou ansiosa por ver a cara dele quando puser os olhos no meu vestido. Vem cá. Puxa-me o corpete um pouco mais para baixo. – Soou o restolhar de tecido caro. – Isso mesmo. Mais ainda. Como está o meu decote?

– Inclina-te um pouco – respondeu a outra mulher. – *Hmm...* Perfeito.

– Ele terá certamente uma bela vista... se conseguir que se aproxime o bastante – disse Penelope com uma risadinha enquanto a outra mulher se lhe juntava.

– A proximidade não deve ser um problema, tendo em conta a atenção que te tem dado ultimamente.

– É verdade – concordou Penelope ao mesmo tempo que se ouvia mais um sussurrar de tecido. – Vê só isto.

– O que é?

– Aquele perfume francês de que te falei. Ao que parece, tem um ingrediente secreto que fará com que um homem se apaixone loucamente pela mulher que o usar. Adam não conseguirá resistir-me nem mais um segundo. Vamos para a outra sala. Resolvi que quero colocar um pouco nos mamilos.

– Mas que garota perversa! – exclamou a amiga, deliciada. – E se o teu pai reparar?

– Duvido que o duque se aproxime o suficiente do meu peito – redarguiu, sarcástica. – Além disso, que comentário podia fazer o meu pai a esse respeito numa sala cheia de gente?

Maggie respirou fundo quando a porta se abriu. Antes que pudesse mover-se, pensar ou reagir, viu-se frente a frente com a sua mais jovem meia-irmã. Sabia tudo a respeito de Penelope – nascida da esposa legítima do duque quase um ano depois de Rose ter dado à luz Maggie – mas nunca a tinha visto.

Até esse momento.

Quase da mesma altura, ficaram praticamente ao mesmo nível, avaliando-se uma à outra. Maggie conseguiu detetar muitas semelhanças e, na verdade, sentiu uma picada de simpatia por Penelope ao ver que ela lhe perscrutava o rosto à procura de reconhecimento, mas sem o descobrir. Maggie duvidava que a jovem soubesse que tinha uma irmã.

Maggie foi a primeira a falar, desejando apenas ir embora e nunca mais pôr os olhos na beleza angelical que tinha crescido com tudo o que poderia ter sido dela, caso o mundo fosse um lugar justo e imparcial. Não era por natureza uma pessoa mesquinha ou invejosa, mas tornava-se difícil pensar num comentário delicado quando Penelope estava ali a perfumar os seios para seduzir Adam St. Clair enquanto Maggie, a *outra* filha do duque de Roswell, estava ali para vender o corpo a fim de conseguir manter um teto sobre a cabeça. O ressentimento e a inveja tinham um sabor amargo.

– Desculpe. – Afastou-se para dar passagem a Penelope e à amiga.

Penelope não se mexeu. A mulher na sua frente parecia-lhe muito familiar, mas não conseguia localizá-la. Tinha a certeza de que conhecia toda a gente do seu círculo próxima da sua idade. A mulher estava impecavelmente vestida da cabeça aos pés e era deslumbrante. Penny detestava encontrar rivais sobre as quais nada sabia e ocorreu-lhe rapidamente que havia indivíduos no baile capazes de achar aquela mulher mais bonita do que ela. Que pensamento aterrador!

– Desculpe perguntar – disse com um sorriso forçado –, mas sinto como se a conhecesse. Nunca nos cruzámos?

– Não.

– Sou Lady Penelope Westmoreland – apresentou-se, ficando à espera do habitual lampejo de reconhecimento bajulador; todos sabiam quem ela era ou endireitavam-se respeitosamente quando o descobriam. Sem ver a reação aguardada, sentiu-se obrigada a acrescentar: – O meu pai é Harold Westmoreland, duque de Roswell.

– Sim, eu sei. – Maggie não fazia tenção de se apresentar ou conversar, portanto, foi extremamente indelicada quando não indicou o nome, depois de Penelope ter mencionado o dela. Passou pelas duas mulheres, o que não foi uma tarefa fácil com Penelope a bloquear cuidadosamente a saída. – Desejo-vos uma noite agradável.

– Ora, bem...! – comentou Penelope ofendida, quando Maggie saiu para o corredor.

– Quem era?

Maggie ouviu a pergunta feita pela voz exasperada da amiga de Penelope, mas o resto dos comentários foi abafado quando a porta se fechou.

Havia provavelmente quinhentas pessoas presentes naquele baile. Quais eram as hipóteses de se ver aprisionada numa pequena divisão, tendo apenas por companhia uma Penelope Westmoreland de mamilos espetados? Ou descobrir que a sua meia-irmã tencionava conquistar Adam? Se ficasse, tinha a certeza de que seria novamente abordada por Penelope, um confronto que queria evitar a todo o custo.

Dada a forma como a noite se desenrolava, encontrar-se-ia provavelmente com o pai que, sem dúvida, a reconheceria, dado parecer-se imenso com a mãe durante os anos em que eles haviam sido amantes. O pensamento de ser desprezada por ele em público era mais do que conseguia suportar.

E ainda havia Adam a ter em conta. Esbarrar com ele estava fora de questão, sobretudo se houvesse a mínima hipótese de Penelope estar pendurada no braço dele quando isso acontecesse.

Estava tremendamente corada e desejou saber onde havia um outro toucador para poder banhar a cara com um pano frio antes de regressar ao salão de baile. Infelizmente, não sabia e estava disposta a queixar-se de dor de cabeça e a abandonar o baile antes que se tornasse mais desastroso.

Desceu as escadas e circulou por entre os convidados, até ao fundo do salão, esperando que George a aguardasse no sítio onde dissera que ficaria. Avistou-o através da multidão, bebendo champanhe e falando animadamente com quem quer que estava ao seu lado. Deu a volta junto a um grupo e avançou até junto dele.

George ergueu o rosto e deu pela sua aproximação.

– Ah... lá vem ela! – disse ao seu companheiro. – Ainda bem que já voltaste, Maggie. Quero apresentar-te a uma pessoa.

– Adam St. Clair, marquês de Belmont, permita que lhe apresente... – George nem chegou a acabar a frase, pois olhou casualmente para St. Clair. Nunca até esse momento tinha testemunhado uma raiva tão intensa num homem. Conhecia St. Clair desde que eram estudantes e ele sempre tivera fama de ser uma pessoa fria que jamais mostrava as suas emoções. Naquele instante, dava a sensação de estar prestes a atingir algo... ou alguém.

– Aceito – murmurou Adam entre dentes.

– Ah... o quê? – retorquiu George, confuso.

Adam repetiu, pronunciando claramente as palavras:

– Disse que vou ficar com a casa e a mulher.

George olhou para Maggie que tremia como varas verdes e parecia prestes a fugir pelo meio da multidão. Sem lhe dar tempo a fazê-lo, St. Clair estendeu o braço e agarrou no dela acima do cotovelo. O movimento teve um ar de casualidade, mas George viu que ele lhe enterrou os dedos na carne.

– Mas... mas não discutimos as condições ou o preço ou...

– Qualquer preço que peça é aceitável – interrompeu-o Adam. – Apresente um contrato ao meu advogado logo de manhã. Terá um depósito bancário ao meio-dia.

– Mas não gostaria de saber... quero dizer... – Abanou a cabeça, totalmente perplexo. – Posso, pelo menos, apresentá-lo?

– Não há necessidade de apresentações. Há muito tempo que Miss Brown e eu somos amigos. Não é verdade, querida? – perguntou, apertando o braço dela com força.

– Oh, claro – conseguiu ela articular. – Os *melhores* amigos.

– Aí tem! – exclamou Adam com um aceno de cabeça a Wilburton. – A casa está vendida, bem como a mulher. Ambas deixaram de ser problema seu – prosseguiu, colocando Maggie mais perto de si com um rápido gesto de posse. – Agora, se me der licença, gostaria de começar a desfrutar dos *benefícios* da minha recente aquisição.

«Esta foi sem dúvida a pior noite de toda a minha vida», pensou Maggie. O facto de ver Adam, de pé, junto a George foi tão chocante e surpreendente que o momento não parecia real. Sentiu-se paralisada. Ouviu vagamente Adam dizer que estava a comprar a casa e a comprá-la, mas as palavras chegaram-lhe como se estivesse a ouvi-las através da água.

Se ele falava a sério, a sua casa estava a salvo. A sua vida encontrava-se segura – pelo menos, de momento – e a situação de Anne resolvida. Era isso mesmo o que esperara, não era?

Sim, mas não daquela maneira. Tornava-se impossível ignorar a raiva estampada no tom de voz ou nos olhos dele. Na verdade, nunca tinha visto ninguém tão furioso em toda a vida. A dor provocada pelos dedos masculinos enterrados no seu braço assemelhava-se a uma faca espetada, chamando-a à realidade.

– É muito bom voltar a vê-lo, *Lorde Belmont* – disse, acentuando propositadamente o facto de conhecer a sua verdadeira identidade. – Contudo, penso que haja um erro – acrescentou, sem desviar o rosto do seu olhar irado. – Já prometi a George que me encontraria com um amigo dele. Provavelmente é impossível acompanhá-lo.

– Não haverá necessidade de se encontrar com mais ninguém. Está tudo arranjado. Não é verdade? – inquiriu, fulminando Wilburton com o olhar, desafiando-o a discordar.

– Bem... sim... Suponho que... – George não tinha a mínima ideia do que fazer. Maggie fitava-o com um misto de terror e de raiva, mas St. Clair comunicava-lhe pura fúria e nada mais. A última coisa que desejava na vida seria discutir com o marquês.

«Maggie não podia agir pior», pensou subitamente. Aquela estúpida rapariga não compreenderia o golpe de sorte que a atingira? Além disso, a jovem e a casa eram uma grilheta de trabalhos forçados que tinha ao pescoço e nunca acreditara que se livraria delas tão rapidamente. Decidido a que apoiar St. Clair era a atitude certa a tomar, endireitou-se e pigarreou.

– Sim – pronunciou num tom firme. – Está tudo arranjado. Posso ser o primeiro a felicitar-te, Maggie? Conseguiste uma bela recompensa. – Ergueu os cantos da boca num arremedo de sorriso, mas não foi correspondido por nenhuma das partes. – Falarei com o seu advogado de manhã cedo, St. Clair.

– Faça isso – retorquiu Adam, voltando as costas sem uma palavra de despedida.

Tinha um braço à volta da cintura de Maggie e outro no seu pulso, sem lhe dar hipótese de fuga. Avançaram pelo meio da multidão na direção das escadas.

– Largue-me – disse ela, tentando soltar-se em vão.

– Pare com isso. Vamos embora.

– Não vou a nenhum lugar consigo – sibilou. Tinha apoiado os calcanhares no chão, tentando evitar que a puxasse, mas de nada serviu.

Adam estava mais irado do que alguma vez se sentira em toda a vida. Compreendia agora como e porque um homem podia ser levado a bater numa mulher. Nesse momento, o que mais desejava era dar-lhe uma cinturada. Só de pensar em todas as conversas inocentes e românticas, nas mentiras idiotas! Em como ela lhe suplicara que lhe desse o primeiro beijo, fosse o seu primeiro amante, e como recusara, tentando agir de uma forma nobre e contida.

Entretanto, vendera-se a Wilburton. Interrogou-se por instantes se o Georgezinho sabia como ela lhe pusera os cornos quando andara à solta por sua conta. Quantos homens tinha levado para a cama durante as suas curtas férias?

Com um duro puxão, viu-se encaixada ao lado dele. A rápida luta fez virar algumas cabeças, mas ele agarrava-a com tanto cuidado e uma tal frieza no rosto que ninguém pareceu notar que estavam a lutar no meio da pista de dança.

– Basta! – murmurou num tom severo ao ouvido dela. – A primeira coisa que vai aprender sobre mim é que nunca... repito: nunca!... fará uma cena quando estivermos em público. – Obrigou-a a dar meia volta de maneira a ficarem de frente. – Entendido?

Maggie apreendeu a fúria que lhe provocava um leve tremor, a raiva estampada no olhar. A última coisa que ela também desejava era fazer uma cena. Relaxou a postura, inspirou fundo e lentamente e deixou sair o ar.

– Sim. Entendido.

– Muito bem. Então, vamos embora? Diria que temos algumas questões a debater e uns preliminares a

resolver. E, em seguida, faço tenção de explorar a minha nova *propriedade* durante o resto da noite.

Não restava qualquer dúvida quanto aos seus propósitos, mas Maggie lidaria com isso quando saíssem. Compondo uma expressão de um tédio displicente, acompanhou as longas passadas masculinas.

Quando transpuseram as portas do salão de baile e se dirigiram às escadas, ela viu-se frente a frente com o pai. Naquele breve encontro, verificou surpreendida que eram os dois muito parecidos. Teve também o prazer inesperado de ouvi-lo inspirar o ar com força e de ver como ergueu a sobancelha, examinando-a antes de Adam a arrastar junto a ele sem mesmo um aceno de cabeça.

Apesar do barulho da multidão e da orquestra, ainda ouviu a voz de Penelope vinda de trás dela, no sítio onde a jovem se encontrava ao lado do duque.

– Pai, quem é essa mulher que está com o Adam?

– Não sei – respondeu ele, distraído –, mas tenciono descobrir.

A afirmação repercutiu-se na sua cabeça enquanto Adam a levava para o ar frio da noite.

A carruagem dele era magnífica, digna de um homem com a sua riqueza e posição, e tinha um cocheiro e quatro lacaios fardados. O interior cheirava a cabedal e os acessórios em bronze emitiam um brilho fulgurante. Tentando acalmar o bater desenfreado do coração, fitou-o pelo canto do olho. Parecia impossível que aquele homem encantador vestido com o traje escuro de cerimónia fosse o mesmo que tinha rido e gostado dela dois meses antes.

– Não entendo toda essa raiva contra mim – observou num tom calmo.

– Então, ou é estúpida, o que coloco de lado, ou extremamente ingénua, o que cheguei a acreditar, mas agora duvido seriamente.

– As aparências iludem.

– Ah, sim? Ia jurar que acabei de comprar os seus favores, o que a torna uma prostituta de luxo. Considerando esse facto, ainda tem a audácia de estar aí sentada a interrogar-me sobre o motivo da minha raiva? É incrível!

– Nós estávamos tão desesperadas.

– «Nós», quem?

– Anne e eu.

– Ah, sim, a indomável Miss Porter – comentou num tom rude. – Ela também é prostituta?

Maggie conseguia suportar quase tudo na vida, e já tinha uma boa dose de experiência nesse campo, mas não estava disposta a ficar sentada a ouvir insultos sobre a sua leal amiga.

– Não sou obrigada a aguentar isto. Vou sair.

Fez um movimento na direcção da porta, pronta a saltar da carruagem em movimento, se assim fosse necessário para se livrar dele. Adam agiu com muito mais rapidez, agarrando-lhe no braço e atirando-a novamente para o banco.

– Sente-se! Já! – gritou.

Com um empurrão furioso, soltou o braço do dele e escapou-se para o canto mais afastado da carruagem, sentando-se o mais longe que conseguiu, o que nunca seria suficiente.

– O que sabe sobre isso? O que sabe sobre o que quer que seja? Não tem qualquer direito de fazer juízos a meu respeito.

– Não podias ter-me contado o que se passava?

– Contado o quê? Que estávamos prestes a ser expulsas da nossa casa? Que não tínhamos sítio para onde ir? Por favor, o que terias feito? – Ficou satisfeita ao ver que o calara. O silêncio prolongou-se, tornou-se incómodo e ela acrescentou: – Não fazes ideia do que é a vida para pessoas como nós, e portanto poupa-me às tuas atitudes virtuosas. Foste suficientemente rápido a pôr dinheiro na mesa para me comprares.

Adam não ouviu nem mais uma palavra dos seus protestos, optando em vez disso por se divertir a despi-la lentamente com os olhos. Ela era uma beleza, mais perfeita do que se recordava, a joia que imaginava que seria num salão de baile a abarrotar dos seus iguais, uma bonita embalagem à volta de um coração negro. Bem, poderia usá-la como o próximo homem e aliviar o desejo. Só de pensar no que se seguiria, em possuí-la dura e rapidamente, ficou excitado.

Embora parecesse muito calmo, recostado, com um braço pousado casualmente no assento, ardia por dentro, imaginando-a a abrir as pernas para George Wilburton.

– Então, qual foi o objetivo? – quis saber.

– Que objetivo? – retorquiu, erguendo a cabeça.

– O de fazeres de inocente comigo durante as tuas férias. Pensaste que seria mais fácil atrair-me para a tua cama dessa maneira? Ou achaste que ficaria mais excitado com a ideia de que teria uma virgem?

– Francamente... – Era inútil discutir. Em vez disso, virou-se e fez questão de olhar pela janela. – Nem sequer me vou dignar responder a essa barbaridade.

– Qual é o problema? Não consegues optar pela melhor das duas respostas? Jamais me passaria pela cabeça que uma mentirosa nata como tu precisasse de muito tempo para compor a história.

– Uma mentirosa como eu? Isso diz o roto ao nu, não é assim, *Aston*? Sei que Aston era o nome do teu pai, mas de onde vem *Carrington*?

– Uma atitude esperta a de responder às minhas perguntas com perguntas, tomar a ofensiva. – Recostou-se mais, enterrando as mãos no cabedal para se impedir de agarrá-la e sacudi-la. – Devo dizer que estou muito ansioso por te provar. Desde que partimos da praia que me arrependo de não o ter feito naquela noite. Agora, verei se a realidade se aproxima da fantasia.

– Se pensas que vou para a cama contigo quando estás aí sentado a insultar-me, à minha melhor amiga e à minha vida, esquece. Não vai acontecer.

Adam meteu a mão no bolso e consultou o relógio. Pouco passava da meia-noite. Poderia estar algumas horas com ela.

– Protesta o que quiseses – disse –, mas lembra-te de uma coisa: agora sou dono da tua casa. Quando chegarmos, servir-me-ás ou, caso contrário, farás as malas e irás para a rua. A escolha cabe-te totalmente. Pouco me importa qual será a decisão.

Tentou parecer indiferente, mas ardia por dentro, sem saber o que faria se ela recusasse. Não expulsaria um cão a meio da noite e muito menos uma mulher, mas sentiu que a ameaça se impunha. Ela precisava de compreender logo de início que seria ele, e não ela, a definir os limites do relacionamento.

– E se me opuser?

– Apenas servirá para me excitar ainda mais – retorquiu enquanto a sua raiva crescia lentamente e ateava a pulsação latejante entre as pernas. Tentou convencer-se de que a possuiria antes que a noite chegasse ao fim. O facto de poder ou não concluir a ameaça era uma outra questão.

Maggie respirou fundo.

– Eras capaz de possuir-me contra a minha vontade?

– Duvido que resistisses muito tempo. No fundo, há algum tempo que me desejaste na cama. A tua curiosidade está prestes a ser apaziguada.

Olhando novamente pela janela, Maggie reconheceu os edifícios por onde passavam. Era apenas uma questão de minutos antes que parassem em frente da casa dela. Dispunha de uns escassos minutos para tomar a decisão que mudaria a sua vida: entregar-se a Adam ou enfrentar a noite. Ele cumpriria sem dúvida a ameaça. No estado em que se encontrava era provavelmente capaz de tudo.

Inalou fundo e devagar e em seguida virou-se para o fitar.

– Não sou a mulher que achas que sou.

– Estavas ou não estavas a vender-te no baile, tentando encontrar a melhor situação de vida? Bem, minha querida, podes confiar nas minhas palavras. Conquistaste a cereja no topo do bolo. Não há melhor partido do que eu. Agora responde – prosseguiu, sacudindo um grão de poeira das calças –, com quantos homens já te deitaste? Vou desfrutar dos frutos apenas dos esforços de Wilburton ou houve vários que te ensinaram técnicas amorosas?

– Achas que me deitei com George? – Teria rido se a situação não fosse tão absurda.

– Ele diz que és excepcional.

Maggie semicerrou os olhos como se tentasse focá-lo melhor, pois tornava-se difícil acreditar que estava diante do mesmo homem que julgava ter sido o seu primeiro amor.

– Continuo sem entender toda essa raiva contra mim. Não significo nada aos teus olhos. Porque te interessa o que fiz com a minha vida?

Adam cerrou os dentes, negando-se a analisar ao pormenor os motivos da sua irritação. A parte lógica do seu cérebro percebia que apenas poderia sentir aquela onda de emoções, caso gostasse verdadeiramente da jovem. Não podendo enfrentar a realidade, disfarçou a confusão de sentimentos com mais hostilidade.

– Não há nada que despreze mais do que uma mulher mentirosa. E não há ninguém que me tome por idiota e consiga levar a melhor. É melhor que te lembres disso durante a nossa relação. A propósito, ainda não respondeste à minha pergunta. Quantos mais existiram?

– Queres saber quantos amantes tive?

– Sim. Um, alguns ou muitos?

Se estivesse mais perto, tê-lo-ia esbofeteado. Dadas as circunstâncias, não havia forma de argumentar com o indivíduo. Revirando os olhos, um gesto que falhou a Adam na penumbra da carruagem, adotou um tom sarcástico:

– Oh, foram às dezenas. Tenho dificuldade em controlar-me no que se refere a homens.

Desconhecedora dos jogos do amor, ignorava como aquela declaração o perturbaria. O músculo contraído da face foi o único sinal da sua indignação.

– Vem cá – ordenou, estendendo uma das mãos.

– Não.

– Vem. – Não foi um grito mas quase, nos limites estreitos da carruagem. Agarrou-lhe no pulso e puxou-a através da curta distância que os separava, para que ficasse entre as suas pernas e equilibrada numa das coxas. Pondo a mão no membro avolumado, serviu-se da palma da mão para pressionar a dela a que o acariciasse num movimento de vaivém. – Tenho a certeza de que acharei que valeu a pena esperar.

Nesse momento, a carruagem parou com uma forte sacudidela. Maggie teria caído no chão se Adam não a agarrasse contra o corpo. Colocou-a de novo no banco da frente e depois foi o primeiro a sair quando o cocheiro abriu a porta. Depois de sussurrar algo ao indivíduo, aproximou-se e estendeu a mão a Maggie.

– Bem. Qual é a tua decisão?

Em casa ou na rua? A jovem desceu, perscrutando a escura avenida de cima a baixo. Naquele bairro não havia nenhum dos elegantes candeeiros de rua que pontilhavam zonas mais caras. As sombras pareciam negras e fantasmagóricas. De facto, não havia alternativa. Engoliu em seco e disse suavemente:

– Promete-me uma coisa.

– Não estás em posição de pedir o que quer que seja.

Os joelhos de Maggie cederam e quase desfaleceu, fazendo com que ele a agarrasse pela cintura. O brilho da lanterna da carruagem iluminou-a, tornando-a mais pequena e muito pálida. Tinha os olhos cheios de lágrimas. A raiva dele esvaiu-se um pouco. Ela era tão bonita e tão jovem e estava a tremer.

Afastou os pensamentos, necessitando que a raiva incentivasse o próximo passo para o encontro.

– Por favor... Apenas peço que prometas não me magoar. Farei tudo o que quiseses. É só que... pareces tão enraivecido que me sinto amedrontada. Por favor, diz que não vais magoar-me.

Ele estremeceu. O cocheiro e os quatro lacaios deviam ter ouvido as palavras dela. O que diabo estava a pensar? Bater numa mulher não fazia parte dos seus princípios, por mais que fosse provocado.

– Contrariamente ao que pareces acreditar, não sou um animal.

– Juras que não vais magoar-me?

Deus do céu! Ela parecia uma criança indefesa. Sentiu-se contente por a noite ocultar o rubor que lhe subiu às faces quando jurou:

– Tens a minha palavra.

– De acordo, então – respondeu, hesitante. – Entremos.

Maggie destrancou a porta. Anne tinha apagado todos os candeeiros. Percorrendo o caminho familiar no meio da escuridão, deu a mão a Adam e conduziu-o pelas escadas. No topo, iam a atravessar a ombreira da porta quando Anne surgiu no corredor com uma vela a iluminar o caminho.

– Maggie, estás bem?

Adam saiu da sombra e respondeu antes de Maggie.

– Está tudo em ordem – disse.

– O que faz aqui?

– Ao que parece, minha senhora, comprei uma casa e uma prostituta. Tenciono desfrutar dos prazeres da última – elucidou, agarrando no braço de Maggie.

– Um momento. – Anne bloqueou o acesso ao quarto de Maggie, examinando ambos com um olhar desconfiado. Colocou um dedo sob o queixo de Maggie e ergueu-lhe o rosto, obrigando a jovem a fitá-la.

– Diz-me que estás bem.

– Apenas um pouco nervosa – respondeu Maggie com um sorriso trémulo.

– Tens a certeza de que é isso o que desejas fazer?

– Sim – anuiu Maggie com uma súplica de compreensão no olhar. – Explicarei tudo amanhã.

– Explica agora – insistiu Anne.

Adam estendeu o braço e afastou Anne da ombreira da porta.

– Duvido que o assunto seja da sua conta.

– É da minha conta. Maggie é minha amiga e esta é a nossa casa.

– Não. Esta casa agora pertence-me e não tenho vontade de a sustentar, como farei com Maggie. Partirá de manhã.

Maggie engoliu em seco.

– Não, Adam. Por favor. Preciso que a Anne fique comigo. Não tem nenhum sítio para onde ir.

– Não implores por minha causa, Maggie – interferiu Anne com os olhos brilhantes de raiva. – Sobretudo a uma pessoa como ele. – Fitou Adam e acrescentou: – Não se atreva a magoá-la.

– Não é essa a minha intenção.

– Olhe bem para si! Está demasiado raivoso para contemplar a ideia de se lhe unir. Não haverá forma de fazê-lo sem lhe causar qualquer dano. – Fitou Maggie com uma expressão suplicante. – Não faças isso, Maggie. Vem para o meu quarto. Falaremos do assunto como planeámos e podes ir por diante com isso amanhã, se ainda o desejares.

Estendeu a mão e aguardou uma eternidade enquanto Maggie não desviava a cara, mas sem a agarrar.

– Não, não quero esperar – decidiu Maggie finalmente. – Tudo correrá bem, Anne. Verás.

– Oh, Maggie... – suspirou Anne.

Adam interpôs-se entre as duas.

– Boa noite, Miss Porter. – Empurrou Maggie para o quarto e foi atrás dela, fechando a porta e dando a volta à chave com um sonoro estalido. – Acende uma vela – disse. – Quero ser capaz de ver tudo.

Com mãos trémulas, Maggie conseguiu acender a vela que estava junto à cama. Procurando e encontrando a coragem que ameaçava faltar-lhe, virou-se para o encarar, resolvida a passar a noite sem quebrar a dignidade. Ela poderia fazer isso!

– Estou a fazer isto mais pela Anne do que por mim – disse-lhe. – Não suportaria o pensamento de imaginá-la sozinha nas ruas. Por favor, promete que não a obrigarás a ir embora.

Adam encolheu os ombros.

– Então, convence-me a deixá-la ficar.

– Muito bem.

Provavelmente, Maggie sabia mais sobre a arte de amar do que qualquer virgem do reino. Rose e Anne nunca tinham defendido a teoria de que uma jovem devesse ser ingénua sobre o que acontecia no quarto de dormir. Como resultado, Maggie crescera a ouvir conversas francas e recebera explicações sobre os vários atos sexuais praticados de todas as maneiras. Ainda assim, embora soubesse o que uma mulher fazia com as mãos, a boca e o corpo, e o que o homem fazia com o dele, tudo não passava de teoria. Não estava muito segura de como colocá-la em prática, mas tinha a certeza de poder resolver este primeiro encontro com alguma habilidade.

Ele tinha de apreciar o momento. Tinha mesmo!

De manhã, se jogasse os trunfos certos, teria a casa segura e as finanças organizadas. Havia boas hipóteses de que Adam viesse a sustentá-la mais tarde, depois de o caso ter acabado, sobretudo se existissem crianças. Não havia espaço na sua mente jovem para acreditar que ele a abandonaria se criassem um filho juntos. Recusava dar crédito à ideia de que ele poderia agir como o pai agira em relação à sua mãe.

Determinada, resolveu dar-lhe o coração e a sua paixão por inteiro, fazer tudo o que pedisse, ser tudo o que desejasse. Não duvidava que ele acabaria por compreender que, independentemente do motivo que o levara a fechar aquele negócio, se tratava de um bom e benéfico acordo. De manhã, ele estaria calmo, saciado e feliz. E o mundo dela estaria a salvo.

Adam conservava-se de pé no lado oposto do quartinho, examinando-a em silêncio. Maggie transpôs os poucos passos que os separavam e pousou as palmas das mãos no seu peito. O coração batia firme e com força quando começou a acariciar-lhe a pele sob as lapelas do casaco que lhe tirou dos ombros, fazendo-o deslizar pelos braços, atirando-o para a cadeira. Ele levou os dedos ao laço, mas ela impediu-o.

– Deixa-me fazer isso.

Começou a despi-lo lentamente. Centímetro a centímetro, o peito ficou exposto. Ela pousou as palmas das mãos no estômago liso e foi explorando o peito. Apresentava-se coberto de um espesso tapete de pelos escuros, suave e encaracolado, e ela massajou-o repetidamente.

Quando a camisa de Adam caiu no chão, apercebeu-se de que era a primeira vez que via o peito de um homem e tinha a certeza de que contemplava um exemplar magnífico. Os ombros eram largos e a cintura estreita. Os pelos que se encontravam espalhados no cimo estreitavam-se num V para em seguida desaparecerem numa linha por dentro das calças. Os olhos dela seguiram impulsivamente o traçado. A excitação dele tornou-se logo visível. Incapaz de resistir à sedução do corpo masculino, inclinou-se e encostou o rosto ao peito dele, absorvendo profundamente o cheiro da pele quente. Iniciou um movimento de vaivém com a face enquanto as mãos se ocupavam da parte inferior, acariciando o duro inchaço entre as pernas, como ele lhe tinha mostrado na carruagem.

Até então, ele não se mexera nem pronunciara uma palavra e a jovem ignorava se estava a dar-lhe prazer. Não conseguiu resistir a passar a língua sobre o pequeno e duro mamilo. Obteve como recompensa um gemido saído bem do fundo da garganta. Encorajada, beliscou-o ao de leve e depois premiu os lábios e chupou-o.

Adam tentara permanecer calado e aguentar com estoicismo. Tencionara ficar por uma relação sexual desprendida e isenta de emoção com o único objetivo de obter satisfação. Pensara que desejava um acoplamento com moldes definidos logo de início, para que ela soubesse que se uniriam fisicamente, mas de nenhuma outra maneira. Mas quando sentiu os lábios de Maggie no mamilo e os dedos longos e esguios se movimentaram entre as suas pernas, deixou de conseguir manter a defesa.

A raiva que o consumira durante a última hora atingiu o rubro e transformou-se em puro desejo. De repente, sentiu-se arrebatado e não havia nada no mundo inteiro que desejasse mais do que aquela mulher. O lento e cuidadoso início a que ela se dedicara tinha mudado tudo. Assemelhando-se a um animal selvagem, saltou para cima dela, tomando as rédeas.

Tapou-lhe a boca com um beijo violento e exigente que a deixou sem tempo para pensar ou planear. Apenas para reagir. Ele limitou-se a roubá-lo e depois continuou. Enfiou a língua mais e mais, reclamando-a e querendo resposta. Maggie acedeu com uma entrega selvagem, enquanto as mãos dele mergulhavam no seu cabelo, espalhando alfinetes de dama com algumas ferozes sacudidelas. As madeiras desfizeram-se sobre os ombros, chegando à cintura e Adam gemeu enquanto lhe percorria o cabelo sedoso com os dedos. Servindo-se dele como alavanca, enrolou algum em torno do punho e puxou-lhe a cabeça para trás, buscando maior acesso.

Depois de lhe expor o pescoço, iniciou um caminho ao longo do peito, até aos seios. Não denotou qualquer delicadeza ao rasgar o tecido. Sem conseguir senti-la com a proximidade desejada, deixou pender uma das mãos até às nádegas para encostar o monte dela à sua virilidade, ao mesmo tempo que enfiava a outra no decote do vestido, encontrando o seu mamilo duro e excitado.

Puxou o corpete para baixo e um dos seios ficou exposto. Sem lambidelas delicadas nem chupões suaves, assaltou-o violentamente, enfiando o bico na boca, beliscando-o com os dentes. Maggie torcia-se de encontro ao seu corpo, numa procura mais próxima do prazer e em simultâneo afastando-se. A luta dela só contribuiu para o excitar mais e beijou o caminho de volta até à boca dela.

– Preciso sentir-te contra mim.

– Sim, tudo o que quiseres.

Tinham brincado à beira da fogueira durante o curto encontro na praia, mas agora ele oferecia-lhe muito mais e ela estava pronta. O seu corpo de dezanove anos encontrava-se preparado para o que acontecesse.

Obrigando-a a dar meia volta, começou a desapertar os botões e os ganchos que lhe cobriam as costas,

mas os dedos tremiam-lhe tanto que não conseguiu. Cada vez mais frustrado, agarrou na seda com as duas mãos e rasgou-a ao meio. O vestido tombou-lhe dos ombros e deslizou até ao chão.

– O meu vestido... – sussurrou num tom triste, mas ele interrompeu-a, virando-a para que ficasse de frente.

– Vou comprar-te outros mil – retorquiu, cobrindo-lhe novamente os lábios com os dele, sem qualquer oportunidade para discussão ou queixa.

Com mãos experientes, debateu-se com fitas e alças, até ela ficar diante dele num círculo de osso, renda, seda e cetim. Encontrava-se somente tapada com uma fina combinação e ele descolou os lábios o tempo suficiente para admirar os contornos eróticos do corpo escondido por baixo. Nunca tinha visto uma combinação semelhante, toda em renda. Era transparente nos lugares certos. Consequia ver o rosa dos mamilos, a sombra do umbigo, o montículo dos pelos da gruta.

A roupa íntima cobria o corpo de um anjo. Os seios tinham o tamanho exato para encher as mãos de um homem, sem serem demasiado grandes ou demasiado pequenos. A cintura era estreita, as ancas curvas e as longas e esbeltas pernas não tardariam a rodear-lhe a cintura. Com os lábios inchados pelos seus beijos e as faces coradas pelo bater do coração, ela era a encarnação do desejo. Representava o sonho de qualquer homem e pertencia-lhe para fazer o que quisesse.

Ele voltou a enrolar a mão no cabelo de Maggie e puxou-lhe a cabeça para trás, forçando-a a erguer o rosto.

– Desaperta-me as calças.

Tentando controlar o tremor dos dedos, ocupou-se cuidadosamente da parte da frente. Ele aguardou impaciente até a braguilha estar aberta e as calças se alargarem nos quadris. Pegando-lhe na mão, guiou-a para o interior e colocou-a exatamente onde queria – à volta do seu volumoso membro. Ela acariciou-o hesitante e ficou surpreendida quando o encontrou duro e suave ao mesmo tempo, como veludo sobre aço.

– Com mais força – disse ele e, quando Maggie continuou sem o satisfazer, colocou os dedos sobre os dela, mostrando como queria. – Assim.

A jovem não tardou a ajustar-se ao ritmo que ele desejava e as suas carícias foram premiadas com mais um gemido de prazer que a tornou mais ousada. Enquanto a mão prosseguia o seu bailado erótico, roçou a face contra o tapete de pelo encaracolado do peito. Ronronando como uma gata, ela respirou fundo, adorando o seu cheiro a suor e almíscar, que a tentava e excitava.

– Dá-me prazer – ordenou Adam, forçando-a a ajoelhar-se com uma leve pressão sobre os ombros. Ela hesitou e ele tornou-se mais explícito. – Recebe-me na boca. Quero sentir-te assim.

Maggie não se dispôs a protestar. Estava decidida a fazer o que lhe agradasse. Fechando os olhos e esperando que tudo corresse pelo melhor, aproximou a boca, roçou suavemente a língua pela ponta do membro e foi recompensada quando ele contraiu os músculos do estômago. Sugou-o e a realidade em nada se pareceu com o que imaginara. Ele tinha um sabor maravilhoso, quente e salgado.

A sua masculinidade reagiu como um ser vivo, sensível e pulsante a tudo o que ela fazia, mas tudo acabou quase antes de começar, quando Adam se afastou repentinamente, pressionando-lhe a face contra o estômago. A respiração saía-lhe em golfadas, as pernas e as nádegas apresentavam a rigidez do granito. Ela tentou conduzi-lo de volta, mas ele deu-lhe uma palmada na mão.

Não conseguia acreditar na rapidez com que ela o levara à beira do orgasmo. Usando todo o autocontrolo para evitar vir-se ali e nesse instante, sibilou:

– Para!

– O que é? – perguntou Maggie, sem compreender que quase fizera com que ele se viesse.

Em vez de responder, levantou-a do chão e atirou-a para cima da cama, agarrando na orla da

combinação e tirando-lha por cima da cabeça, desnudando as coxas, as ancas, o ventre, os seios.

Parando um momento a apreciar a vista, examinou-a do cimo da cabeça às pontas dos pés. O olhar emanava paixão, o rubor espelhava-se nas faces, a respiração saía-lhe arquejante e a sua masculinidade latejava de excitação.

– Estou bastante satisfeito contigo – conseguiu articular, depois do que inclinou a cabeça e se pôs a chupar-lhe o seio.

Enquanto ele se posicionava em cima dela, Maggie ficou fascinada com aquela primeira vez em que um homem a pressionava numa cama. Não era pesado e o toque do corpo masculino era excitante e exótico. Os pelos do peito roçavam-lhe o ventre; o tecido áspero das calças arranhava-lhe a pele nua. Os braços fortes envolvendo-lhe firmemente as costas, davam-lhe um acesso mais fácil aos seios e ele apreciou os dois, chupando-os e beliscando os mamilos, passando de um para o outro. O movimento dos lábios e dedos masculinos despertaram uma sensação dolorosa no culminar do ventre.

A dor era idêntica à que sentiu nos seios. Agradável, mas terrível. Lutou contra ela tão ferozmente quanto avançou na sua direção. Adam enfiou o joelho entre as suas coxas. Retirou uma das mãos do seio, fê-la deslizar pelo ventre e depois apertou-lhe o tufo do sexo e enfiou dois dedos no interior da gruta. A jovem nunca fora tocada daquela maneira e o movimento provocou-lhe estranheza e bem-estar.

Ao mesmo tempo que a acariciava com os dedos, o polegar encontrou o pequeno botão situado no centro da sua feminilidade. Maggie conhecia o local e também que muitos homens o desconheciam. Ou se o conheciam, não o usavam para dar prazer a uma mulher. Ele titilou-o uma vez e outra a seguir. Ela comparou a sensação a ver-se estilhaçada num milhão de pedaços de vidro espalhados pelos céus.

À distância, ouviu o grito de uma voz que reconheceu como pertencendo-lhe. A próxima sensação terrestre foi o rugido de uma gargalhada rouca soltada pelo homem cujas mãos a tinham atormentado tão requintadamente.

– Estás tão pronta para mim – disse Adam, erguendo a cabeça para a fitar. – Observa como te encho pela primeira vez.

Sem qualquer outro preliminar, aninhou-se entre as coxas dela, apartando-lhe os joelhos. Levantou-lhe as nádegas, roçou uma vez a fenda, mais outra, e em seguida mergulhou até ao fundo.

Maggie sabia que sentiria dor. Esperava-a e preparara-se para ela, mas não o suficiente. Gritando de agonia, arqueou todo o corpo.

Adam arregalou os olhos, chocado. Uma virgem!

– Mas que raio...

– Dói – conseguiu ela articular, tentando respirar fundo.

– Com mil diabos! – praguejou. – Ao detetar a aflição que ela sentia, desejou minorá-la. – Tenta descontrair – sussurrou, consciente de que tal coisa seria impossível.

Invadido por uma repentina ternura por ela que não queria sentir, quis desenfiar-se, mas não conseguiu. Nunca se sentira tão excitado e nunca desflorara uma virgem. A noção de que havia sido o primeiro, aliada à sensação escorregadia do sangue virginal e da contração dos músculos em torno do seu sexo, fizeram-no perder o controlo. Um instinto primitivo apoderou-se de todo o seu ser e seria incapaz de se conter ainda que um pelotão de soldados invadissem o quarto de espadas desembainhadas, ordenando-lhe que parasse.

Todo o seu corpo ficou tenso ao arremeter uma vez mais com um movimento das ancas. Repetidamente. À quarta penetração, a sua semente inundou-a e abateu-se exausto ao lado dela.

Maggie acordou com um pequeno gemido. Sentia dores em todo o corpo, sobretudo entre as pernas, o que

Lhe recordou com impressionante clareza o que acontecera entre ela e Adam na noite anterior. Cautelosamente, abriu um olho, em seguida o outro, esperando que ele tivesse ido embora, mas ao mesmo tempo desejando que continuasse ali. Mexendo-se para o lado, despertou totalmente ao vê-lo sentado descontraidamente numa cadeira ao lado da cama. Vestido dos pés à cabeça, parecia prestes a ir embora, o que era uma hipótese assustadora.

Teria ficado insatisfeito? Ainda sentiria raiva? A noite passada de nada servira?

Uma carroça fez-se ouvir na rua e, com um rápido olhar para a janela, avistou os primeiros raios do amanhecer.

A dor que sentia entre as pernas era insuportável e sentou-se cuidadosamente, tentando não se encolher. Percebendo que a roupa da cama lhe dava pela cintura, puxou-a, tapando os seios e não dando pelo esgar que ele fez ante aquela sua tentativa de modéstia.

– Ainda bem que acordaste, pois tenho de pôr-me a caminho.

– Cl... claro – anuiu no tom mais calmo que conseguiu.

Tinha os lábios gretados e secos dos beijos dele e teve de humedecê-los antes de poder falar. A voz masculina ecoou sonoramente no pequeno quarto e ele parecia indiferente e rígido. Não sabia muito bem que comportamento deviam adotar, depois do que acontecera umas horas antes, mas achava que supostamente não deveria ser aquele. Sentiu um aperto no coração.

– Quero discutir os termos do nosso acordo antes de partir – começou por dizer – para que tenhas noção de como será. Também enviarei uma cópia por escrito. Dessa forma, não haverá quaisquer surpresas ou desentendimentos.

– Seria útil – anuiu, esforçando-se por parecer serena, interrogando-se em simultâneo como podia ele estar ali sentado e impassível, quando o seu ser tremia, abrasado de emoção, e lhe doíam todos os ossos do corpo.

– Apenas forneceras favores sexuais a mim e a mais ninguém. Em troca, providenciarei todas as tuas necessidades. Esperarei que me sirvas três vezes por semana. O número de noites pode aumentar ou diminuir no futuro; terei de ver como tudo progride. – Estava decidido a mantê-la à distância, mas valia a pena considerar a ideia de possuí-la todas as noites. – Por enquanto, três noites devem bastar. Numa dessas noites, desfrutaremos de uma saída antes de nos entregarmos a relações íntimas.

– O que significa isso?

– Significa que te acompanharei ao teatro, a jantar ou a qualquer outro tipo de entretenimento que considere apropriado para assistirmos. Encarregar-me-ei de todas as despesas de roupa e pessoais. Na próxima sexta-feira, gostaria que fizesses uma lista das lojas que pretendes frequentar e abrirei contas. Espero que consultes uma determinada modista cujo estilo me agrada. Ela ajudará a garantir que te vestes de uma forma apropriada.

– Que generosidade essa!

Baixou os olhos, magoada por tudo estar a transformar-se numa proposta de negócio, pois embora não passasse disso, o seu jovem coração convencera-a de que seria algo mais.

– Dei uma vista de olhos por aí enquanto esperava que acordasses. Se vais ser minha companheira, precisarás do conforto adequado. Esta casa não serve, nem tão pouco a vizinhança. Darei ordens à minha assistente para que encontre um sítio melhor. Serás informada quando tudo estiver preparado.

– Mas... mas eu sempre vivi aqui.

– Não é aceitável.

– Não preciso de mais nada. Não quero mais nada.

– Não é aceitável – repetiu ele, dando o assunto por encerrado.

Maggie fitou-o à luz pálida do amanhecer. Tinha as faces obscurecidas pela barba da manhã e o cabelo

desgrenhado do sono. Parecia mal-humorado e adorável, excetuando a calma gelada do olhar. O que quer que tivesse de humano encontrava-se bem oculto. Sem querer contrariá-lo, mentiu:

– Aceitarei tudo.

– Mais duas coisas – disse, apontando o indicador. – Primeiro, a nossa ligação só durará até me casar, o que acontecerá em qualquer altura do próximo ano. Assim, a nossa relação apenas se prolongará por doze meses. Precisas de pensar no futuro.

– Então, já há uma escolha, não é verdade? – perguntou com um sorriso forçado.

– Não, mas estou prestes a fazê-lo.

– Entendo – reagiu Maggie com um aperto no coração.

A jovem tinha sido completamente instruída sobre a mecânica do amor, mas não estava de forma alguma preparada para o tumulto emocional que ele causaria. Não havia simplesmente uma maneira de alguém explicar até que ponto o ato sexual era uma coisa pessoal. O facto de ter recebido Adam dentro dela era mais íntimo, mais invasivo do que se esperaria. Não conseguia imaginá-lo a fazer o mesmo com outra mulher, nem a considerar a situação tão casual a ponto de falar em casar com outra, quase em simultâneo. O seu mundo deslocara-se do eixo durante a noite e ele parecia pouco afetado com isso.

– O que me acontecerá quando casares?

– Terás simplesmente de fechar outro acordo, o que não deverá ser um problema. Depois de acabar contigo, haverá imensos homens dispostos a ocupar o meu lugar.

O homem era incrível! Frio como pedra e insensível como um pedaço de carvão. Ela não significava nada para ele. Não era nada para ele. O que fizera na noite anterior não tinha tido qualquer tipo de impacto.

– E qual é a segunda coisa?

– Não engravidarás. Se o fizeres, expulso-te no próprio dia em que souber. Não reivindicarei a criança, não te sustentarei nem a ela, e, mais importante, não deixarei que envergonhes a minha mulher ou a minha mãe com o teu bastardo.

– Também seria teu filho – observou num ímpeto.

– Não. Os meus filhos nascerão da minha mulher.

Nunca tinha ouvido palavras tão cruéis. Eram um insulto contra ela, a mãe e qualquer filho que pudesse conceber acidentalmente.

– E se já aconteceu ontem à noite? – balbuciou com um nó na garganta.

– Peço desculpa pela minha falta de controlo. Esperava ser mais cuidadoso. Contudo, não te preocupes. É raro um bebé ser criado num único acoplamento.

– Espero que seja assim – disse ela sem muita confiança.

– Entretanto, não quero ver-me privado do meu prazer, e, portanto, há uma mulher que pretendo apresentar-te. Ela irá ensinar-te diversos métodos de prevenção.

– Como quiseses – anuiu em vez de mencionar que fora criada por uma cortesã profissional e estava a viver com ela. Tinham-na ensinado bem, mas permanecia a realidade de que nenhum método era cem por cento seguro. Maggie tinha o coração despedaçado e só desejava que ele se fosse embora. – Mais alguma coisa?

– Por enquanto não. Esta noite estou ocupado, mas passarei amanhã à noite por volta das oito para que possamos continuar a familiarizar-nos. – Inclinou-se, beijou-a na testa e acrescentou com um sussurro rouco: – Estou ansioso por isso.

Abandonou silenciosamente o quarto e fechou a porta atrás de si.

Maggie deslizou para baixo dos cobertores e desfez-se em lágrimas.

Anne ergueu o rosto ao ouvir o som dos passos de Adam na escada. O indivíduo transbordava de alegria. Maggie devia ter desempenhado bem o seu papel, pois ele parecia muito satisfeito.

– Bom para ti, garota – sussurrou, esperando ansiosamente que St. Clair tratasse Maggie com gentileza e não lhe quebrasse demasiado o coração quando tudo tivesse acabado.

Adam avistou-a quando chegou ao fundo das escadas. Fitaram-se em silêncio e com desconfiança pelo espaço de segundos e depois Adam inclinou a cabeça, cumprimentando-a.

– Bom dia, Miss Porter.

– St. Clair – respondeu como saudação.

Ele reparou na capa e na mala feita que repousava aos pés dela. Anne parecia pronta a cumprir a ordem dele para que se mudasse. Na pressa de se ir embora, esquecera os acontecimentos da noite anterior.

Ela era uma mulher lindíssima que encantara James. O que lhe passara pela cabeça para a tratar tão duramente?

Muito envergonhado pelo comportamento adotado, engoliu em seco, aclarou a garganta e engoliu novamente em seco.

– Vejo que fez a mala para se ir embora.

– Achei por bem partir de imediato. Só gostaria de despedir-me da Maggie, se considerar aceitável. – Fez uma pausa. – Na verdade, vou despedir-me dela, quer aprove ou não.

– Miss Porter... Anne. – Deu alguns passos na pequena divisão. – Na noite passada estava furioso. Lamento o que disse, Maggie deseja a sua presença aqui e eu preferia que ficasse.

– Não tenho vontade de permanecer. – Recusava ter a sua vida sujeita a um equilíbrio tão precário, sujeita aos caprichos de um homem com um temperamento como o dele. Sempre que se irritasse, explodiria e ela passaria uma boa parte do seu tempo a fazer e a desfazer as malas.

– Mas a Maggie disse que não tem sítio para onde ir.

Anne encolheu os ombros.

– Não é a primeira vez na vida que isso me acontece e sempre fui capaz de não soçobrar. Também encontrarei uma solução desta vez.

Ele esboçou um aceno de cabeça, sentindo-se à toa.

– Bom... se mudar de ideias, pode voltar.

– Obrigada, mas não voltarei.

– Então, bom dia e boa sorte. – As palavras soaram a oco e ele sentiu-se um crápula. Anne correspondeu ao aceno de cabeça com tamanha frieza que o reduziu totalmente ao seu lugar. – A Maggie precisa da sua criada. Pode mandá-la vir?

– Vou ter de discutir o assunto com ela. Nós não temos criadas.

– Porque não?

– Quem lhes pagaria?

– Mas pensei que... – Virou o rosto na direção das escadas, pensando no estado virginal de Maggie e nos comentários gabarolas de Wilburton.

– Pensou o quê? Que Wilburton a mantinha?

– Bem, sim. – Anne parecia ler-lhe os pensamentos, o que ele detestava. – Foi o que deu a entender.

– Aposto que o fez – retorquiu Anne, impando de raiva. – Por amor de Deus! Nem sequer perdeu tempo a reparar que ela era virgem?

Não, até ser tarde de mais para ser mais gentil. A cor subiu-lhe às faces.

– Sim.

– Então, como podia achar que Wilburton tinha dormido com ela?

– Não sabia o que pensar.

– Wilburton mantinha a mãe dela, seu idiota – prosseguiu Anne com uma sacudidela de cabeça. – Rose. Ele mantinha a Rose.

– Ela morreu há algum tempo.

– Sim, e ele deixou-nos continuar a viver aqui, mas há meses que não manda dinheiro. Mal temos o suficiente para a comida, quanto mais para criadas. Portanto, desculpe a nossa falta de educação, mas se quiser uma chávena de chá, terá de prepará-la você mesmo.

– Wilburton tem-nas deixado à fome?

Anne recuou imediatamente, controlando a fúria. De nada valia queixar-se das injustiças da vida a um nobre como St. Clair. Era um desperdício de tempo e de fôlego.

– Não vou dizer nada de mal sobre o indivíduo. Ele deixou-nos ficar muito tempo depois de Rose já não estar em condições de o satisfazer e permitiu que a mantivéssemos aqui para que pudesse morrer na cama dela, no andar de cima. E apenas me obrigou a ganhar a renda algumas vezes. – Anne nunca tencionara confessar tal coisa a quem quer que fosse e agora chegara a sua vez de corar até às orelhas.

– Foi obrigada a satisfazê-lo para que você e Maggie pudessem ficar? – disse Adam com dificuldade em formular a pergunta.

– Por favor, não conte à Maggie – insistiu, horrorizada por a confissão lhe ter escapado. – Ela não sabe e não quero que saiba.

– Não – anuiu com uma sensação de repugnância. – Não vou contar-lhe.

Anne passou junto dele, nesse momento demasiado perturbada para ficar na sala, mas parou na ombreira da porta, de costas para ele.

– É melhor ir ter com a Maggie. Em seguida, ponho-me a caminho.

– Diga-lhe que lhe enviarei algum pessoal ainda hoje. Uma ou duas criadas, uma dama de companhia, um cozinheiro. Se houver alguma coisa em que possa ajudá-la...

– Há uma coisa – respondeu sem se virar, continuando a olhar em frente. – Prometa-me apenas que cuidará dela, que nunca a magoará, nem será cruel e a dispensará gentilmente quando tudo acabar. Prometa-me isso, se puder.

Fez-se silêncio enquanto Anne aguardava uma resposta que nunca obteve. Saiu da sala e subiu as escadas. Na verdade, rebobinava mentalmente a viragem drástica dos acontecimentos ocorrida durante a noite e mal conseguia pensar claramente e muito menos antecipar o futuro. Saiu sem ruído pela porta da

frente e dirigiu-se à esquina onde a sua carruagem tinha esperado toda a noite.

Anne bateu ao de leve na porta do quarto de Maggie, depois entrou e foi encontrar a jovem enroscada debaixo dos cobertores e lavada em lágrimas. Anne atravessou o quarto e sentou-se na beira da cama, passando ternamente a mão pelo cabelo de Maggie.

– Ele foi-se embora? – inquiriu Maggie quando se acalmou o suficiente para formular a pergunta.

– Foi.

– Ainda bem. – Maggie sentou-se e virou-se para encarar a amiga. Tinha o cabelo emaranhado, as faces vermelhas e cobertas de lágrimas. – Canalha.

– Canalha mesmo – concordou Anne. – Foi assim tão terrível?

– Doeu-me, mas não foi muito mau. Só o fizemos uma vez.

– Foi tudo o que conseguiu? Parece mais viril do que isso.

– Não, depois adormecemos.

– Deu-te algum prazer?

– Deu.

– Bom, pelo menos sabe fazê-lo. É algo positivo, acho.

– Também acho – concordou Maggie desanimada e em seguida lamentou-se: – Oh, o que vou fazer?

– Bem, primeiro, que tal se te limpássemos?

– Sim, por Deus que sim – concordou, saltando da cama como se estivesse cheia de cobras. Havia uma mancha de sangue no centro do lençol. – Ele não sabia que eu era virgem – declarou, envergonhada.

– Percebi isso. Porque não lhe disseste?

– Ele mostrou-se tão convencido sobre tudo.

– Canalha! – repetiu Anne num murmúrio, examinando Maggie da cabeça aos pés, tocando em algumas marcas de dentadas e nódoas negras. – Da próxima vez, não te vai doer.

– Eu sei – redarguiu Maggie ao mesmo tempo que um arrepio lhe percorria todo o corpo. – Contudo, não me imagino a fazê-lo novamente. Nem com ele, nem com ninguém.

– Vai sendo mais fácil. É só fechares os olhos e seguir em frente. Quando tiveres mais experiência, podes aprender formas de levá-los a terminar mais rapidamente. Agora, só te parece esmagador porque foi a tua primeira vez.

Maggie enfiou os braços no roupão. Verificando que tinha os joelhos fracos e as pernas trémulas, ajeitou-se na beira do colchão, colocando-se um pouco de lado, em deferência ao seu traseiro dorido. Ergueu o rosto para Anne, com um olhar cansado e a alma despedaçada.

– Não posso ficar aqui, Anne. Não posso fazer isto para ele. Julguei que podia, mas não posso.

– Tens a certeza de que seria assim tão terrível?

– Na verdade, ele não me oferece nada. Um relacionamento até se casar, o que será no próximo ano. Nenhuma garantia futura. De facto, se ficar grávida, disse-me com todas as letras, que me poria na rua.

– Não entendo os homens – reagiu Anne, sacudindo a cabeça.

– Nem eu – anuiu Maggie, estendendo o braço e agarrando nas mãos da amiga. – Tenho a certeza de que pode parecer uma tolice, mas esperava mais.

– De que maneira?

– Mais dele, acho. Estava tão furioso quando me viu no baile e só Deus sabe o que George lhe disse antes de eu aparecer. Contudo, sabe ser atencioso, divertido e gentil e pensei... pensei que se me entregasse, ele... – pronunciou baixando muito a voz –, ele me daria importância.

Anne sentiu piedade. O coração de Maggie já estava despedaçado e a situação iria piorar. Era

simplesmente uma questão de lógica. Para uma jovem bondosa e encantadora como Maggie, uma relação com alguém como St. Clair era o pior que podia acontecer.

– É o que todas desejamos, Maggie – disse num tom suave. – Infelizmente, raras vezes acontece. Os homens só querem uma coisa de mulheres como nós e, quando a conseguem, partem para o próximo desafio.

– Isso é a pura verdade! Entreguei-me de corpo e alma quando fiz amor com ele, e, quando abri os olhos esta manhã, só dizia que estava com muita pressa, que tinha resolvido que podia deitar-me com ele três vezes por semana, e que se me portasse bem me levaria ocasionalmente ao teatro. – Surpreendeu-se ao ver que lhe rolavam novamente lágrimas pelas faces; julgava que já não restavam mais. – Sinto-me tamanha idiota.

– Não sintas!

– Mas desejava tanto que tudo desse certo para que ficasses a salvo e nem isso consegui.

– Não te preocupes comigo. – Anne deu-lhe uma palmadinha na mão. – À saída, ele teve um rebate de consciência e disse-me que poderia ficar, se quisesse.

– Que galante.

– Foi não foi? Contudo, recusei.

– Mas não vais deixar-me, pois não?

Anne puxou uma cadeira para junto dela e sentou-se com uma expressão cansada. A mensagem chegara na noite anterior depois de Maggie já ter saído para o baile.

– Preciso de dizer-te uma coisa.

– O quê?

– Ontem, recebi uma proposta de uma velha amiga. Está a começar um novo negócio e quer algumas mulheres com experiência que a ajudem a ir em frente.

– Que tipo de negócio?

– É um bordel, Maggie. – Apressou-se a continuar sem dar tempo a que a jovem protestasse. – É um lugar bastante aprazível. Terei o meu próprio quarto e só irei para a cama com um homem, se quiser. Ela está disposta a dar-me uma oportunidade e, portanto, vou aproveitá-la. – Sorriu, tentando desanuviar o momento. – Tenho a certeza de que tudo correrá pelo melhor.

– Oh, Anne, por favor, diz que não vais.

– Tenho de ir. Tu própria disseste que esta situação com St. Clair é apenas temporária. Se ficarmos de braços cruzados, dentro de alguns meses estaremos de volta ao ponto de partida. Dessa forma, posso pelo menos começar a trabalhar para uma nova vida. – Há um ano que andava a tentar arranjar uma oportunidade como aquela e não queria desperdiçá-la. – Quando ele acabar contigo, espero ter uma maneira de te ajudar.

– Mas não consigo suportar a ideia de me deixares. E não consigo suportar a ideia de ficar aqui e fazer isso com ele noite após noite. Agora que tivemos relações íntimas, não sou capaz de imaginar a continuação. Creio realmente que é uma coisa que só deve acontecer quando há amor entre as duas partes.

«Tão jovem. Tão inocente. Tão incrível e estupidamente ingénua», pensou Anne, abanando a cabeça.

– Falas como uma verdadeira romântica. Infelizmente, o amor e o romance não põem comida na mesa, nem um teto por cima da cabeça. Pelo menos, isso nunca aconteceu comigo. Tenho de seguir em frente, Maggie. Por nós as duas.

– Também não posso ficar aqui. O que Adam quer de mim devia ser tão bonito e fazer-me tão feliz. Em vez disso, sinto-me ordinária e suja. Receio o género de pessoa em que me tornarei se permanecer.

Anne suspirou.

- Gostarias de vir comigo? Falei de ti à minha amiga e ela disse que te daria trabalho.
- Jamais conseguiria trabalhar como prostituta – reagiu Maggie, ofegante.
- Eu disse-lhe isso. Que precisarias de outra coisa. Na taberna ou nas cozinhas. Como criada. Ela respondeu que, se te esforçasses, te deixaria ficar. Terias de partilhar um quarto no sótão com algumas das outras criadas.
- Isso facilita-me tudo – redarguiu Maggie, levantando-se com cuidado. – Ajuda-me a lavar. Quero fazer as malas e ir embora antes que ele tenha hipótese de voltar.

Adam estava sentado à secretária na sua biblioteca, revendo a última carta de um monte de correspondência. Nesse dia só lhe restava cumprir a tarefa de um longo e monótono jantar com a mãe. Depois, chegaria finalmente a hora de se dirigir a casa de Maggie. Nas últimas trinta e seis horas tinha-se sentido bastante orgulhoso de si. Depois de a deixar na cama na manhã anterior, concluíra um dia inteiro de trabalho, de reuniões e compromissos. À noite, levara uma jovem dama ao teatro e conseguira agir como se lhe agradasse manter uma conversa com ela.

Tinha dormido durante a maior parte da noite e o sono apenas fora perturbado por um mínimo de frustração sexual que o fizera dar voltas na cama. Depois passara mais um dia a tratar do negócio da família e de outros assuntos pessoais. Tudo sem descurar as obrigações para se apressar a ir vê-la mais cedo do que lhe dissera. Como seu protetor, cabia-lhe o direito de aparecer sempre que quisesse e sentira indubitavelmente desejo de a visitar, mas fora capaz de se conter. Achava um procedimento necessário para definir os moldes exatos do relacionamento. Se Maggie acreditasse que estava apaixonado, tornar-se-ia assertiva e exigente e ele não podia deixar que tal acontecesse. Tencionava controlar o ritmo daquela união.

Ainda assim, estava preocupado. Algo na sua despedida não parecia certo, embora não fosse capaz de identificar totalmente o problema. Maggie mostrara-se tão extraordinariamente tímida e calma que as recordações dos últimos momentos juntos continuavam a atormentá-lo. A cópula tinha sido incrível – vista do seu lado. Ele montara-a brusca e violenta, demasiado violenta para uma virgem e não podia deixar de se preocupar sobre como ela se sentia. Estava provavelmente dorida, interrogando-se sobre se seria sempre assim.

Na manhã seguinte, ele deveria sem dúvida ter passado algum tempo a elogiá-la e tranquilizá-la, em vez de se concentrar nos termos em que se processaria o final da relação, mas sentia-se demasiado oprimido para pensar com clareza. À luz do dia, os seus atos haviam parecido muito chocantes. O facto de ter aceitado uma amante, algo que tinha jurado nunca fazer, era um pouco assustador e desconfortável. Precisando de tempo e de distância para organizar as ideias relativamente ao assunto, deixara-a o mais rapidamente possível.

Mas, oh, como desejara ficar! Ela era tão encantadora à luz do amanhecer. O cabelo despenteado e emaranhado, os lábios ainda rosados e inchados dos seus beijos ofereciam uma visão espetacular.

Fechou os olhos e passou o indicador e o polegar ao longo da cana do nariz, numa tentativa para aliviar o stresse que tinha sofrido nos últimos dias, mas o que viu por trás das pálpebras cerradas limitou-se aos seios fartos da jovem ao alvorecer, quando se tinha sentado na cama e os cobertores descaíram até à cintura. Os mamilos encantadores tinham a cor de pêssegos maduros.

– Oooh! – gemeu, apoiando a palma da mão contra o membro, tentando aliviar um pouco da pressão. Faltavam apenas umas horas. Sorriu, mas o sorriso e a ereção desapareceram rapidamente quando os passos da mãe soaram no corredor. Foi de imediato assaltado por um sentimento de culpa, ponderando no que lhe passara pela cabeça ao comprar os favores de Maggie, embora sabendo o quanto a mãe ficaria

magoada se ficasse a par.

Logo atrás da culpa sobreveio a irritação pelo facto de ser um marquês, um dos homens mais ricos e poderosos do reino, próximo dos trinta anos, mas ainda agarrado às saias da mãe e obedecendo-lhe cegamente por reear ofendê-la. O facto de ter ou não uma amante não era da conta dela.

Lucretia St. Clair entrou na biblioteca sem se dar ao trabalho de bater à porta. Era uma mulher baixa e robusta que não envelhecera bem. Com cinquenta e muitos anos, tinha o cabelo de um cinzento baço, o rosto marcado por rugas de infelicidade, as mãos pontilhadas de manchas. Adam nunca a tinha compreendido, mas tratava-a com um sentimento de dever e de respeito – o mesmo dever e respeito que ela lhe incutira em cada dia da sua existência. A ascendência da família dela remontava a muito mais séculos do que a maioria das outras e era uma das mais antigas de Inglaterra. Adam recebera a mesma educação que a mãe – centrado no que era melhor para o país e o título e não necessariamente no que era melhor para as pessoas implicadas.

Se a mãe alguma vez tivera um momento de felicidade na vida, Adam não o testemunhara. Apesar de toda a riqueza e posição com que nascera e fora criada, tinha permanecido uma mulher amarga e infeliz. O seu casamento arranjado com Aston, o pai de Adam, revelara-se um desastre desde o primeiro dia. Lucretia afirmava que isso se devia ao facto de ele ter uma amante à época do casamento, uma tal Grace Stuart, que mantivera durante os anos em que vivera. Aston nunca se tinha pronunciado sobre o assunto, deixando que os atos falassem por si próprios.

O homem concebera três filhos com Grace Stuart, cumulou-a e aos filhos de amor, atenção e carinho e, nas últimas duas décadas de existência, fora viver publicamente com ela e tivera a ousadia de morrer nos seus braços a meio do ato carnal. Durante todos esses anos raramente foi a casa. Adam e James mal o conheciam e Lucretia nunca o via. Comunicavam por intermédio de um advogado se ela precisava de alguma coisa. A humilhação fora tão grande que Lucretia nunca tinha recuperado.

A sua tia Lavinia insistia que Lucretia nascera amarga e desiludida e que haviam sido os seus modos rancorosos e detestáveis a afastar Aston da sua vida e de casa. Dizia ainda que tudo o que lhe acontecera ao longo dos anos era pura e simplesmente merecido. Adam não sabia.

Apenas sabia que era sua mãe e tinha o dever de cuidar dela, bem como a responsabilidade de a suportar. Suspirou quando ela entrou na sala.

– Boa noite, mãe.

– Adam, fico contente por estares aqui. Preparei os convites para a festa em nossa casa. Queria que os examinasses antes da impressão final.

A temporada estava prestes a terminar e aquela reunião seria um dos eventos mais elegantes depois de as pessoas abandonarem Londres. Programada para o fim de setembro, também seria algo mais do que uma simples festa, pois os convites incluíam uma dúzia ou mais de jovens na idade casadoura.

– Confio inteiramente na sua escolha – disse ele.

– Mesmo assim, quero que os vejas – insistiu, pousando os convites em cima da secretária.

– Parecem-me excelentes, mãe, a sério – disse após examiná-los de relance.

Os olhos fixaram-se na data. Duas semanas! Caramba! Esquecera-se de que concordara passar esse período a avaliar as candidatas. A demora soou a um género de tortura medieval. Ainda ficou mais surpreendido ao concluir que a sua reação se devia a não poder ver Maggie durante esse tempo. A jovem já estava a apoderar-se dos seus pensamentos e da sua vida e só se deitara uma vez com ela. O que lhe aconteceria depois de uma dúzia de vezes? Depois de cem? Estremeceu só de pensar nisso.

– Talvez uma semana chegue. Não tenho a certeza de poder dispensar duas.

– Serão duas. Não podemos esperar que as jovens façam a viagem para uma estada mais curta.

– Mãe, para passarem tempo comigo, elas viriam nem que fosse apenas por uma hora.

– Duas semanas. Está dito.

– De acordo, mãe. Subscribo tudo o que achar que é melhor para mim – retorquiu com um olhar apaziguador, que a levou a ir embora.

Aprendera há uns anos que era preferível limitar-se simplesmente a anuir aos seus desejos, o que fazia com regularidade. Depois, acabava por fazer o que queria, independentemente da vontade dela. Geralmente dava resultado, embora nesse caso se tornasse difícil seguir em frente. Abandonar a sua própria festa uma semana mais cedo seria o cúmulo da indelicadeza e todos os convidados se sentiriam desprezados.

A dor de cabeça provocada pela visita da mãe desapareceu imediatamente com a chegada do seu irmão. Adam tinha estado tão ocupado que não se viam há mais de uma semana. A sala transbordou da energia de James quando ele entrou a rir e bem-humorado. Servindo um uísque duplo para os dois, puxou uma cadeira e sentou-se do outro lado da secretária.

– O que fizeste agora? – inquiriu James com um brilho nos olhos.

– O que queres dizer?

– Quero dizer que estava no clube, quando fui abordado nem mais nem menos que pelo grão-duque de Roswell em pessoa, exigindo saber a identidade da mulher com quem saíste do baile na quinta-feira à noite.

– Imaginas ter aquele homem como sogro? – reagiu Adam ao mesmo tempo que a dor de cabeça voltou a fazer-se sentir.

– Antes tu do que eu – riu James e prosseguiu: – Mas devo confessar que, pela descrição, só podia deduzir que a mulher era a encantadora e incrível Maggie Brown.

Adam ergueu bruscamente a cabeça.

– Não lhe disseste o nome dela, pois não?

– Claro que não. Portanto... era ela. Como é que se encontraram?

– É melhor encheres o copo. Não vais acreditar.

James foi bebendo devagar, enquanto Adam relatava os acontecimentos da noite. Omitiu estrategicamente os detalhes mais picantes do que se passara no quarto, mas James percebeu pelo esboço generalizado que Adam estava em êxtase com as circunstâncias e ansioso por se lhe ir juntar mais tarde, nessa noite.

– Sempre tiveste uma sorte dos diabos. Estou com ciúmes. – Tentando adotar uma postura tão casual quanto possível, perguntou: – E a amiga dela, Miss Porter? Sabes alguma coisa sobre o que é feito dela?

– Na verdade, vi-a por um momento – respondeu Adam, demasiado embaraçado para confessar que quase a tinha posto fora de casa.

– Como a achaste?

– Parecia a mesma. Bonita. Astuta.

– Astuta é uma boa palavra para a definir – riu James. – Fazes alguma ideia de onde está a viver?

– Não – respondeu com sinceridade. – Mas provavelmente a Maggie sabe como contactá-la.

Nesse preciso instante, o mordomo bateu à porta e entrou.

– Sim, o que se passa? – perguntou Adam.

– Um dos criados, que mandou para a casa em Mulberry, regressou. Diz que precisa de falar com o patrão.

– Manda-o entrar.

Uns momentos depois, um homem novo, parte do pequeno grupo de criados que enviara para casa de Maggie no dia anterior, apareceu na ombreira. Visivelmente nervoso, o homem dava voltas ao chapéu que conservava na mão, à espera de que dessem pela sua presença.

– Olá, John – cumprimentou Adam, fazendo-lhe sinal para entrar. – O que se passa?

– Lorde Belmont, fui para a casa, como pediu. Juntamente com as senhoras que mandou e, bom, elas pediram-me que viesse falar consigo.

– A que respeito?

– Bom, passámos a maior parte de dois dias na casa. Não está lá ninguém e as senhoras acharam que era um pouco estranho e que talvez devêssemos informá-lo, dado estar a planear fazer uma visita esta noite.

– Não há ninguém lá?

– Não, *sir*. Limpámos tudo, arrumámos a comida, começámos a receber a mobília nova e o que tem chegado, mas não há ninguém.

– Nem mesmo ontem à noite?

– Não, *sir*. E a dama de companhia disse-me que as arcas das senhoras estão parcialmente vazias, como se tivessem levado algumas das roupas.

Adam olhou para James, tentando entender o que ouvia. Dali a umas horas, iria juntar-se a Maggie na cama dela. Era impensável que estivesse ausente. Nos últimos dias só tinha pensado nela e em como seria o próximo encontro. Não podia ter-se ido embora.

– Mais alguma coisa? – conseguiu articular.

– Havia um bilhete, deixado num dos quartos. Mistress Perkins disse que devia trazer-lho.

Adam estendeu a mão e pegou na missiva selada.

– Obrigado.

O laçaio pigarreou.

– As senhoras e eu estávamos a pensar... ah... devemos ficar, ir embora, ou o quê?

– Diz a todos que fiquem, até eu saber melhor o que se passa.

– Muito bem, milorde. Obrigado. Nesse caso, vou regressar... – Hesitou e em seguida escapou-se quando se apercebeu de que o marquês estava distraído.

Adam quase não se apercebeu da saída do criado enquanto perscrutava as breves palavras escritas por Maggie.

*Obrigada pela sua generosa oferta, mas acho que não posso aceitar o que tão graciosamente propôs. Boa sorte com o seu futuro casamento. Desejo-lhe muitas felicidades.*

Ele virou e revirou o bilhete entre as mãos, pensando que deveria haver mais alguma coisa. Uma explicação mais pormenorizada ou uma despedida melhor. Algum indício sobre o que pensava ou para onde fora. Franziu o sobrolho e ergueu o rosto, fitando James.

– Não acredito.

– O que é isso?

– É um bilhete de Maggie, recusando a minha oferta.

James atreveu-se a soltar uma risada ao ouvir as novidades e ergueu o corpo num brinde.

– Bravo, jovem Maggie.

– Achas graça? – balbuciou Adam.

– Muita. Vivi o bastante para assistir ao grande marquês de Belmont colocado no devido lugar. – Riu novamente, engoliu a bebida de um trago e em seguida perguntou: – O que têm essas duas mulheres? Despertam simplesmente o que de pior há em nós ou portamo-nos sempre como canalhas e são as únicas com coragem suficiente para nos dizer isso?

– Não acho que me tenha portado como um canalha em relação a Magdalina Brown.

– Deixa-me adivinhar. Puxaste-a à força para fora de um salão de baile a transbordar de gente curiosa, ameaçaste-a e puniste-a durante todo o trajeto para casa, conquistaste-a ao tirar-lhe dolorosamente a

virgindade e passaste o resto da noite a dizer-lhe que tinha conseguido um bom partido.

Demasiado envergonhado para confessar que a descrição correspondia à realidade, Adam explodiu:

– O que te faz pensar que foi isso o que aconteceu?

– Porque, meu irmão, és tremendamente previsível.

Adam estava atordoado, chocado e sem saber o que fazer. Nenhuma mulher lhe recusara o que quer que fosse. Todas as que havia conhecido lançavam-se praticamente aos seus pés. Mulheres que nunca conhecera deitavam-se na cama, à noite, urdindo esquemas para a melhor forma de seduzi-lo. Finalmente, tentara manter mais do que uma relação passageira e ela atirara-lhe a oferta à cara.

– Nunca entenderei as mulheres enquanto viver – comentou, olhando para James.

– O que não entendes?

– Ofereci a essa rapariga tudo o que uma mulher pode desejar: uma casa nova, todas as belas roupas que poderia usar, comida na mesa, idas ao teatro. E se continuasse a satisfazer-me, teria mesmo direito a joias e bijutarias.

– E não vamos esquecer o privilégio de estar ligada a alguém como tu – observou James num tom irónico que escapou a Adam.

– Exato. E não foi o suficiente. O que mais poderia desejar?

Ao ver a expressão consternada do irmão, James decidiu compadecer-se dele.

– Não sabes mesmo?

– Estou com ar de quem sabe?

– Adam, às vezes preocupo-me verdadeiramente contigo.

– Porquê?

– Porque não compreendo como pudeste chegar aos vinte e nove anos e ainda seres tão obtuso quando se trata de mulheres.

– Admito-o sem hesitar. Sou ignorante no que se refere a mulheres, mas, se sabes assim tanto, diz-me o que ela queria.

– Queria o que nunca poderias dar-lhe.

– Sou um dos homens mais ricos ao cimo da terra. O que podia ela desejar que fosse incapaz de lhe dar? – inquiriu, exasperado.

– Uma parte de ti.

– Que parte?

– O teu coração, meu grande idiota. Ela queria a única coisa que jamais darás.

– Ela queria... – pronunciou hesitante dado o absurdo da ideia – ... amor?

– Assim parece e tudo indica que se não podia ter o teu coração, não desejava mais nada de ti.

– Mas tratava-se de um contrato – rugiu Adam, frustrado.

– Para ti. É evidente que aos olhos dela significava algo mais.

– Repito: nunca entenderei as mulheres enquanto viver.

Charles Billington recostou-se no cabedal macio do sofá e passeou casualmente o olhar pela sala escura forrada a painéis do seu clube. Graças a Deus que o seu irmão mais velho, o conde, era suficientemente generoso para pagar as suas quotas. Charles nunca conseguiria pagá-las por conta própria e o irmão sentia-se feliz por dispensar a quantia que lhe permitia continuar a frequentar o local.

A inscrição era uma necessidade financeira, pois a base do rendimento de Charles provinha de contactos com os outros membros. Muitos dos seus contratos de retratista provinham dos homens que conhecia e trabalhava duramente para ganhar dinheiro, pintando com diligência as suas mulheres e filhas.

Como o sétimo de oito irmãos e o quinto filho, Charles tivera de fazer algo para se permitir uma habitação própria, dado que o seu estilo de vida e gostos em nada favoreciam continuar a viver na casa da mãe. Embora o irmão não se mostrasse muito entusiasmado pela forma como Charles sobrevivia, sentia-se feliz por Charles raramente precisar da sua ajuda.

Quanto a Charles, saía-se bastante bem com a sua arte. Não era muito famoso mas tinha qualidade e gostava da pintura e da liberdade que o rendimento lhe proporcionava. A sua mãe, Lavinia, que adorava a excentricidade dos artistas e era, por conseguinte, uma patrona das artes, sentia-se tão satisfeita por ter um na família que toda a gente era obrigada a partilhar essa felicidade.

O facto de ser membro do clube também trazia outros benefícios, pois Charles nunca parecia ter dinheiro suficiente e recusava ir ter com o irmão de chapéu na mão, estando, assim, sempre atento a outros processos criativos de ganhar umas libras extras. Outros membros do clube tinham-se mostrado de vez em quando interessados nos seus vários esquemas e empreendimentos e havia tanto dinheiro a circular entre eles que Charles se sentia feliz por ajudá-los a gastar. Nas alturas em que os negócios corriam mal, os homens mostravam-se reservados, demasiado orgulhosos e envergonhados para partilhar os seus prejuízos financeiros com outros.

Pelo menos foi o que acreditara no passado. Infelizmente, dessa vez fizera a escolha errada. Robert, o seu parceiro atual, sentou-se agitado ao lado dele e Charles já tinha que chegasse das suas birras. Apenas desejava realizar os seus negócios com a maior discrição e decoro e a sua paciência com o rapaz esgotou-se.

– O que queres que faça? – perguntou a Robert com um sorriso bastante simpático e que levava anos a aperfeiçoar. Conseguia falar sobre quase tudo, sem que os outros percebessem a sua verdadeira opinião sobre o tema atual de discussão.

– Estou farto desse ar superior! – exclamou Robert. – Preciso do meu dinheiro de volta e preciso dele

agora.

Na qualidade de segundo filho de um barão menor, ele era um jovem interessante, com cabelo preto e olhos azul-claros. As faces denotavam sempre uma cor saudável, mas ficavam muito coradas quando se irritava, como era o caso.

– Superior, eu? Já te disse o que aconteceu. Também perdi dinheiro e sinto-me bastante tenso.

Robert queria que Charles lhe devolvesse o dinheiro que investira, mas Charles simplesmente não o tinha. Jamais repetiria o erro de aceitar dinheiro de um jovem tão sensível.

– Não permitirei que me ignores – retorquiu Robert, cada vez mais agitado. – Não admito isso.

– Não estou a ignorar-te, Robert. Só não sei como explicar-te as coisas para que entendas. Agora, ouve bem: o investimento não foi bem-sucedido. O dinheiro foi-se e não podemos recuperá-lo. Esclareci todos os riscos antes de começarmos e, portanto, não sei o que mais esperas de mim.

– Preciso absolutamente de ter o dinheiro de volta! Preciso!

Nesse momento, o alívio estampou-se no rosto de Charles ao avistar o seu primo James a entrar na sala. Constituía a perfeita desculpa para se escapar.

– Está ali o James. Desculpa, mas teremos de retomar a conversa noutra altura.

– Vês... isso é exatamente o tipo de coisa... – lamuriou-se Robert.

– Controla-te já! – silenciou-o Charles com um olhar fulminante. – Não deixarei que me envergonhes aqui, sobretudo na frente de um membro da minha família. Desculpa-me.

Sem permitir que o jovem argumentasse, levantou-se e atravessou a sala na direção do bar, onde James já engolira o conteúdo âmbar do copo.

– Um jovem encantador! – sussurrou James, olhando discretamente para Robert.

– Acredita, primo, que as aparências enganam. – Estendendo o copo para que voltassem a enchê-lo, também sorveu a bebida de um trago.

– Será que noto algum desagrado?

– Uma sinfonia completa.

– Nesse caso, diria que cheguei na altura exata.

– Na altura exata para quê? – perguntou Charles.

– A verdade é que me encontro numa missão desesperada de caridade e és a pessoa indicada para me ajudar.

Charles soltou uma risada, interrogando-se sobre que esquema James tinha em mente. Havia indubitavelmente centenas de que haviam desfrutado juntos. Estava disposto ao que quer que fosse que o afastasse da presença de Robert.

– Sou todo ouvidos.

– Vamos raptar o Adam.

Tinham-no capturado várias vezes ao longo dos anos, sempre que sentiam que ele precisava de ser resgatado dos fardos das suas responsabilidades.

– De onde?

– De um sarau do duque. Quando saiu de casa, parecia um homem prestes a subir à forca.

– Esta semana, Penelope ainda não conseguiu prendê-lo, pois não?

– Ainda não.

– Graças a Deus – murmurou Charles.

– Mas ele passa demasiado tempo com ela, se queres a minha opinião. Pensei que devíamos agitar um pouco as coisas.

– Não duvido que ela tenha um ataque de raiva se o arrastarmos connosco.

– Pelo menos, assim o esperamos.

– Posso perguntar para onde vamos levá-lo?

– Um bordel. – Os dois homens abandonaram o bar e dirigiram-se às escadas para recuperar as capas, a caminho da carruagem de James. – É um lugar novo. Abre esta noite.

– Sim, já tinha ouvido falar. Estão a oferecer algumas diversões interessantes. Pelo menos foi o que me disseram.

– Exatamente o que o Adam precisa.

– Ele está danado, não está?

– Com o coração partido, diria.

– O quê? – surpreendeu-se Charles, sem saber se ouvira bem. Era difícil imaginar Adam consternado com algo... ou alguém. – Estás a brincar.

– Não, não estou. Lembras-te da rapariga de que te falei?

– A que conheceram nas férias?

– Sim. Ele voltou a encontrá-la e deu-se ao trabalho de torná-la sua amante.

Charles arregalou os olhos ao imaginar Adam a fazer algo tão contrário à sua personalidade.

– Quero mesmo conhecer essa mulher.

– Não vais conseguir. Ela recusou a proposta.

– Impossível!

– É verdade. Em seguida, desapareceu sem deixar rasto. – «E Anne também», quase acrescentou, mas mordeu a língua. Era inútil meter por esse caminho. – Desde então tem estado absolutamente insuportável.

– E estás a pensar aliviar-lhe o stresse... digamos?

– Isso ainda é o menos. Nos últimos dias quase não tenho conseguido aguentá-lo.

– Que seja o bordel, então.

– O que achas? – quis saber James, passeando o olhar pelo quarto privado e luxuosamente decorado do bordel. A dona, que tinha sido atriz na juventude, era uma mulher com quem James confraternizara ao longo dos anos e, quando ela decidira inaugurar um negócio, tinha recebido um convite.

Ante a pergunta de James, Adam acompanhou o olhar do irmão, examinando o que o rodeava. Tendo em conta alguns dos lugares para onde James e Charles o haviam arrastado ao longo dos anos, aquele era bastante simpático. No começo, ficara irritado quando lhe desvendaram para onde se dirigiam, mas as boas-vindas privadas e a decoração confortável tinham-no ajudado a descontrair. Fazia exatamente um mês que Maggie desaparecera e não tivera qualquer alívio sexual desde a breve noite de paixão que vivera nos braços dela. Umhas horas de atividade sexual seriam uma diversão agradável.

Mesmo assim, negava-se a que os seus dois raptos soubessem que tinha aprovado.

– Acho que serve.

– Madame Barbara diz que podemos estar com quantas raparigas quisermos.

– Muito amável da sua parte.

– Primeiro, vai enviar a sua mais bonita e experiente colaboradora para começarmos da melhor maneira. Quer que passemos palavra aos nossos amigos de como nos divertimos.

– Deus do céu! – exclamou Adam. – Num abrir e fechar de olhos a nossa visita vai ser o tema de conversa da cidade.

– Já estou a ouvir – concordou Charles, acrescentando com uma má imitação de uma voz feminina: – O marquês de Belmont é um dos nossos clientes mais satisfeitos.

– Raios! – praguejou Adam, abanando a cabeça. – Vou-me embora.

– Não, não vais – opôs-se James com um olhar irritado. – Vais estar com todas as raparigas que for preciso para arrancares de vez Maggie Brown do teu sistema. Estou farto do comportamento que tens adotado.

– Que comportamento?

– Tens sido um perfeito idiota. Sei que falo em nome dos que contactaram contigo no último mês ao dizer que estamos todos pelos cabelos.

Era verdade. Adam mostrara-se mal-humorado, rude, grosseiro e mesmo cruel desde a noite em que soubera que Maggie tinha desaparecido. O seu comportamento piorara de tal maneira que até a mãe tinha notado e ela era tão egocêntrica que o facto de lhe ter chamado a atenção provava que a questão se encontrava fora da sua alçada.

– Se umas cambalhotas com algumas bonitas raparigas não te soltarem, não sei o que te soltará – venceu ainda James.

Nesse preciso momento abriu-se a porta do corredor para dar entrada a uma única mulher. Charles era o único que se encontrava de frente para a porta e, na sombra, não conseguiu ver-lhe o rosto, mas percebeu pelo balançar do fino roupão que não se tratava de uma criada.

– Acho que chegaram os refrescos – brincou.

Ao ouvir o comentário, a mulher soltou uma risada rouca.

– Constou-me que o cavalheiro estava com fome – retorquiu.

James e Adam partilhavam um macio sofá. Aproximando-se mais, a mulher deu uma volta por trás deles, passando-lhes um dedo pelos ombros. Por fim, chegou-se à frente do enorme sofá e ficou visível.

Se alguém estivesse a observar a cena, teria dificuldade em concluir qual dos indivíduos ficara mais surpreendido. Charles, Adam e James, todos a conheciam. E ela também os conhecia.

– Anne? – perguntaram Charles e James ao mesmo tempo.

– Miss Porter? – pronunciou Adam, incrédulo.

– Oh, meu Deus...! – exclamou Anne, levando as pontas dos dedos aos lábios.

James interrompeu o momento de tensão, levantando-se bruscamente.

– És mesmo tu, Anne?

– Sim, sou eu – confirmou, descaindo os ombros.

– O que fazes aqui?

– Estou a trabalhar – respondeu com um encolher de ombros, como se isso explicasse tudo.

– Aqui?

– Porque não? – redarguiu, tentando que a voz não lhe tremesse.

Pairou um silêncio insuportável sobre o quarto, tornando Anne dolorosamente consciente de que estava quase nua e de que os três homens a examinavam com vários níveis de surpresa e de indignação. Tinha apenas meias de vidro e chinelos com um roupão por cima e a parte da frente estava completamente exposta para avaliação, desde o rego dos seios ao montículo de pelos escuros entre as pernas. Puxou freneticamente as bandas do roupão, mas considerando que o tecido era bastante transparente, o movimento em pouco minorou a situação.

James, que de início ficara hipnotizado ao vê-la, levou um momento a perceber que ela estava nua. Em seguida, despiu o casaco e enfiou-lhe os braços nas mangas.

– Tapa-te – disse.

– Obrigada – sussurrou, baixando os olhos para o chão. Demasiado envergonhada para o fitar, desviou o rosto para Charles, que a avaliava com uma expressão bondosa, mas experiente. As lágrimas subiram-lhe aos olhos. – Desculpem, mas acho que não consigo fazer isto. Vou pedir à Barbara que mande outra pessoa.

Virou-se para sair, mas James rodeou-lhe a cintura com o braço e agarrou-a com firmeza antes que ela pudesse escapar-se. Encostou-lhe a face ao seu peito e roçou-lhe os cabelos, ao mesmo tempo que lhe percorria as costas de cima a baixo, como se estivesse a acalmar um cavalo nervoso.

– *Cher*, não vou deixar que fiques aqui – disse suavemente. – Quero que saias connosco – acrescentou, olhando para Charles para que ele confirmasse a sua decisão.

– Ele tem razão, Anne – disse Charles, assentindo com a cabeça. Conhecera-a há uns anos, quando ela era amante do amigo de ambos Stephen Frasier. Depois da morte de Stephen, nunca mais soubera qual fora o seu destino. Pensar que acabara naquele local! – Não podemos deixar que continue aqui!

– Mas está tudo bem. A sério – retorquiu, tentando parecer mais positiva do que se sentia. – É uma boa situação.

Na verdade, esperava que assim fosse. Contudo, aquela era a sua primeira noite e os três os seus primeiros clientes, portanto, quem poderia afirmar se as promessas de Barbara viriam a concretizar-se?

– Não pode afirmar uma coisa dessas – redarguiu Charles num tom de conforto. – O que diria Stephen se soubesse que estava a trabalhar num lugar destes?

A menção do nome de Stephen associada ao que se preparara para fazer era demasiado e começou a chorar em silêncio.

– Não tenho outro sítio para onde ir – sussurrou, baixando os olhos.

James, esmagado por aquela comovente confissão, inclinou-se e beijou-a na face.

– Vamos encontrar um sítio.

Até essa altura, Adam tinha-se mantido em silêncio, observando a troca de palavras. Por fim, levantou-se, juntando-se aos outros e perguntou num tom ríspido:

– Onde está a Maggie?

– Calma, Adam – advertiu James.

– Onde está ela? – Adam ignorou o irmão, concentrando-se totalmente em Anne. Ela fitou-o com os olhos cheios de lágrimas, mas, antes que pudesse responder-lhe, ele ergueu a mão para a deter. – Antes de responder, deixe-me avisá-la que, se me disser que ela está a atender alguém num desses quartos, não garanto que possa responsabilizar-me pelos meus atos.

– As coisas não são o que parecem.

– Miss Porter, estamos num bordel. Creio que tudo é exatamente o que penso.

– Ela está aqui, mas a trabalhar como criada. Nada mais.

– Onde?

– Provavelmente no andar de cima. Ou talvez esteja lá em baixo, na lavandaria. Pode ter de perguntar a alguém.

Adam desviou o olhar furioso de Anne para James.

– Leva Miss Porter para a carruagem. Vou procurar a Maggie e encontramo-nos lá.

Anne abanou a cabeça, interrogando-se porque ficava o indivíduo tão furioso sempre que se tratava de Maggie.

– Duvido que ela saia consigo.

– É o que veremos.

Maggie bateu à porta do quarto de Monique. Uma vez, a segunda, e ainda uma terceira, como lhe tinham ensinado. Não obteve resposta. Entrou bruscamente no quarto particular da prostituta, carregada de água fresca e de toalhas. Com uma eficiência aprendida recentemente, começou a arrumar, preparando a visita do próximo cliente de Monique. A mulher não armara grande confusão com o cliente anterior, portanto,

não havia muito que fazer. A colcha nem sequer estava mexida, o que a levou a interrogar-se sobre qual fora a exigência do cavalheiro.

De vez em quando, questionava-se sobre o que aconteceria nos quartos luxuosamente decorados, mas tentava não pensar demasiado nisso. Não colhia nada de bom, pois o que quer que Monique acabasse por fazer aproximava-se bastante do que Anne teria de fazer no quarto dela, no piso inferior. Maggie pedira especificamente para trabalhar numa zona diferente do bordel para não ter de se cruzar com Anne nessas ocasiões.

Viram-se muitas vezes durante os dias que antecederam a grande inauguração, mas Maggie sabia que isso mudaria assim que o negócio arrancasse. O bordel tinha uma hierarquia definida e Maggie, na sua categoria de copeira, encontrava-se indubitavelmente no degrau mais baixo. Os horários de ambas também seriam um pouco diferentes. Maggie trabalharia sem parar, lavando roupa durante o dia e encarregando-se do serviço de quartos à noite. As prostitutas, que eram consideradas como pertencendo ao escalão superior dos funcionários, trabalhariam toda a noite e descansariam de dia, levantando-se ao final da tarde, apenas para cuidar do cabelo, da pele e preparar a *lingerie* para a noite seguinte de clientes.

Com um último olhar em redor do quarto de Monique, Maggie decidiu que estava tudo em ordem. Queria começar com o pé direito, mostrando-se extremamente meticulosa quanto às necessidades de cada mulher, pois sabia melhor do que ninguém como era difícil encontrar um emprego e queria conservar este, independentemente de já estar desgastada com o trabalho. Imaginava como se sentiria dali a algumas semanas ou meses depois de manter o ritmo extenuante.

O salário era mínimo e, portanto, nunca seria capaz de economizar algum dinheiro, mas, pelo menos, tinha comida e cama, embora o quarto que partilhava no sótão deixasse muito a desejar. A exígua divisão começara por estar limpa e arrumada, mas com uma dúzia de jovens a habitá-lo, era impossível mantê-lo assim. Não havia privacidade.

Já lhe tinham roubado alguns dos seus magros pertences, o que logo destruiu quaisquer ilusões que pudesse acalantar quanto a estabelecer amizades com as companheiras. Até então nada era como imaginara e o otimismo que pudesse ter tido em relação ao futuro, esfumara-se há muito.

Dois tipos de passos soaram no corredor. Nenhum deles se parecia com os de uma mulher e Maggie já tinha sido avisada frequentemente pelas outras raparigas para nunca ser apanhada no andar de cima por um homem desacompanhado. Naquele caso pareciam ser dois. Antes que tivesse tempo de se interrogar sobre o que estavam a fazer ali, dado que pessoas do sexo masculino supostamente não tinham permissão de vaguear pelas salas do andar de baixo desacompanhados, um dos homens entrou no quarto de Monique.

Olhou rapidamente em volta, enquanto Maggie se mantinha quieta e calada encostada à parede do fundo, esperando manter-se invisível na penumbra. Mesmo do canto oposto do quarto, chegava-lhe o cheiro forte a álcool. Os homens estavam bebidos.

– Ela está aí? – perguntou o que ficara no corredor.

– Não, aquela cabra. Quando a encontrar... – Parou ao pousar os olhos em Maggie. – Bem, bem, o que temos aqui?

Tentando agir como se tudo estivesse normal, baixou a cabeça, parecendo constrangida.

– Desculpe, *sir*. Não sabia que a Monique tinha um visitante à espera. Vou dizer-lhe que está aqui – disse, avançando para a porta, com a esperança de fugir rapidamente.

O homem agarrou-lhe o braço.

– Não me parece que tenhamos de esperar pela Monique. – Entrou no quarto, puxando-lhe as nádegas contra a sua parte da frente e imobilizando-lhe os braços atrás das costas. – O que achas, Harry?

– Que podemos desfrutar da Monique noutra altura – respondeu Harry estendendo a mão e passando-a pela face de Maggie, em seguida pelo pescoço, até lhe tocar nos seios.

A jovem ouviu o estalido da fechadura nas suas costas. Tentou distanciar-se do toque desagradável, mas o amigo de Harry segurava-a com muita força. O aperto doloroso expôs totalmente o peito a Harry, que estava de pé, diante dela. Ambos riram e, pelo olhar que trocaram, percebeu que uma coisa terrível estava para acontecer. Sentia-se assustada, mais do que alguma vez na vida, mas recusou mostrá-lo.

– Por favor, *sir* – implorou. – Se não voltar ao trabalho, perderei o emprego.

– Pensa nisto como sendo uma promoção – disse Harry, ao mesmo tempo que lhe punha as mãos na cintura e ela começava a debater-se.

– Não passo de uma jovem, de uma virgem – mentiu, percebendo imediatamente que cometera um erro, pois a confissão apenas servira para os excitar mais.

– Ouviste isso, George? – Harry soltou uma risada perversa. – O raio de uma virgem. Deve ser a nossa noite de sorte.

– Uma virgem? Num bordel? Imagina só!

A *madame* avisara-a de que não lutasse se uma coisa daquelas acontecesse. Na altura, Maggie quase não prestara atenção, sem lhe passar pela cabeça que algo de tão horrível pudesse ocorrer. Embora a mulher tivesse provavelmente dado o conselho com boa intenção, não estava de forma alguma disposta a deixar que os homens levassem a sua avante, sem lhes dar luta.

Soltando um dos braços, balançou o punho com a máxima força que conseguiu e acertou num dos lados da cabeça de Harry, o suficiente para lhe chamar a atenção. Os olhos do indivíduo fulminaram-na de raiva.

– Com que então, minha gatinha, gostas à força, não é? Também eu. Agarra-a bem – ordenou, fitando George.

– Quero ser o primeiro a estar com ela.

– Não, não. Esse privilégio é todo meu. – Levou os dedos às calças e Maggie começou aos pontapés, quase lhe acertando nas partes vitais. Parecendo mais irritado do que qualquer outra coisa, agarrou-lhe nos tornozelos, prendendo um deles que usou como alavanca para lhe apartar as pernas.

Gregory manteve-lhe os braços imobilizados atrás das costas, enquanto Harry se movia entre as pernas dela, colocando-as à volta da sua cintura. Maggie gritou a plenos pulmões e ele esbofeteou-a com força, o suficiente para a levar a ver estrelas e ela nada mais desejava do que afundar-se no chão e enroscar-se numa bola, mas não houve tempo.

A sensação de uma mão a avançar pela parte de dentro da sua coxa trouxe-a de volta à realidade. A orla da saia foi erguida até à cintura e uma mão tateou, lutando por se enfiar por dentro dos culotes, tentando tocá-la onde apenas Adam lhe tocara até então. Apertou as pernas com força, na esperança de impedir o que se seguiria.

No início, estava tão imersa no momento que não percebeu o que estava a acontecer. Ouviram-se pancadas fortes na porta, depois um estrondo seguido de um ruído surdo e de pontapés. Alguém emitiu um grito horrível quando um golpe lhe acertou e viu-se liberta e caindo no chão. Desorientada e confusa, tentou rastejar, mas dois braços musculosos envolveram-na, antes que pudesse escapar. Começou novamente a lutar, dando pontapés e gritando.

– Para! Para com isso, Maggie! – repetiu a voz várias vezes.

– Não – insistiu, revoltada, tentando libertar-se dos braços que a prendiam.

– Maggie, sou eu, o Adam. Está tudo bem.

O nome de Adam, pronunciado de uma forma tão firme e calma, foi a única coisa capaz de atravessar o pânico e trazê-la de volta à realidade. Deixou imediatamente de lutar e desfaleceu contra ele. Todo o

corpo lhe tremia. Atrás dele, conseguiu ver os dois atacantes caídos por terra. Os dois estavam a gemer. George tinha a cara feita num bolo ensanguentado e aparentemente o nariz estava partido.

– Oh, meu Deus!... – Levando os dedos aos lábios, fitou os olhos escuros de Adam, uns olhos tão familiares e amados. – As outras raparigas disseram-me que não lutasse, mas tinha de fazê-lo. Não podia deixar que eles...

– Chiu! Está tudo bem. Não tentes falar.

– Acho que vou vomitar.

Face ao aviso, Adam mudou-a de posição e ela vomitou várias vezes em cima do tapete quando ouviu passos apressados no corredor.

– Lorde Belmont? – Era a voz da dona do bordel. – O que aconteceu?

As palavras de Adam soaram abafadas aos seus ouvidos latejantes. Era qualquer coisa sobre *ataque e canalhas*. Maggie olhou em volta e avistou dois homens corpulentos que arrastavam Harry e George para fora do quarto. Mal se foram embora, Adam ergueu-a e sentou-a em cima da cama, onde ela se equilibrou na beira. Apenas o braço dele agarrando-lhe o cotovelo com firmeza impediu que deslizesse para o chão.

– Esta mulher é minha amiga – disse à dona do bordel num tom que não admitia réplica. – Ela vai sair comigo.

A dona do bordel olhou para um e para outro e, embora momentaneamente desse a sensação de que iria protestar ou queixar-se, ficou muito séria ao perceber que não valia a pena questionar qualquer ação que o marquês resolvesse levar a cabo.

– Muito bem.

– Traga-lhe uma capa e mande embalar as coisas dela. Alguém virá buscá-las.

A mulher foi-se embora e ele baixou os olhos para Maggie com uma expressão indecifrável.

– Lamento muito – retorquiui Maggie. Eram palavras inadequadas e pronunciadas num fio de voz, mas tremia demasiado para pensar em algo melhor.

– Merecias que te deixasse aqui – disse ele por entre dentes, enterrando-lhe os dedos nos ombros. – De entre todas as ideias estúpidas, idiotas, perigosas... – Faltou-lhe o ar ao mesmo tempo que o medo e a raiva cediam lugar a uma onda de gratidão por ter conseguido chegar a tempo de salvá-la.

Precisando senti-la a salvo e perto dele, colocou-a de pé e envolveu-a nos braços. Embalou-a com suavidade enquanto lhe beijava o cabelo e sussurrava:

– Vai ficar tudo bem, agora vai ficar tudo bem. – Repetiu a frase vezes sem conta até o tremor abrandar.

– Deixa-me cuidar de ti. Deixa-me cuidar de tudo.

Maggie passeou o olhar pelo ambiente familiar do quarto da sua casa de infância. Muitas coisas estavam diferentes, mas muitas permaneciam as mesmas, como se Adam, nas suas renovações, soubesse exatamente o que ela desejaria guardar e o que deitar fora.

Lar, doce lar.

Melhor era impossível.

Antes de sair do bordel, Adam tinha enviado um mensageiro na frente, com instruções para o pequeno grupo de criados. Quando a sua carruagem parou à porta dela, os candeeiros estavam acesos, as lareiras flamejantes e um banho quente aguardava-a diante da pequena lareira do seu quarto.

Uma jovem, praticamente da idade dela e que se apresentou como Gail, era a sua criada pessoal. Despiu-a com eficiência e ajudou-a a entrar na água fumegante, o que foi muito bom. Os braços e as pernas de Maggie pareciam ter deixado de funcionar.

Gail lavou-lhe o corpo, em seguida o cabelo, que enxaguou e secou, passando a escova pelas longas extremidades que colocou sobre a borda da banheira para que pudessem secar diante do fogo. Só quando a criada achou que todos os vestígios do calvário haviam sido suficientemente lavados é que Maggie obteve permissão de mergulhar sozinha.

Suspirando de alívio, afundou-se na banheira fumegante e fechou os olhos para absorver melhor o prazer. Doíam-lhe todos os músculos do corpo, a cabeça latejava fortemente e ardia-lhe a face onde o homem chamado Harry a esbofeteara. O banho era exatamente o que precisava, mas o bem-estar proporcionado foi temporário, pois Adam apareceu uns minutos depois de Gail se ter ido embora.

Não haviam trocado uma palavra desde o abandono do bordel. A viagem na carruagem decorrera num ambiente tenso e o silêncio apenas fora quebrado por James e Charles, ao dirigirem-se ocasionalmente a Anne. Nenhuma das mulheres se entreolhara durante o percurso de regresso à casa de Mulberry Street, como se fossem duas crianças desobedientes apanhadas a praticar qualquer maldade terrível.

Era difícil saber o que Adam pensava enquanto se mantinha de pé, em silêncio, bebendo o conhaque em pequenos goles. Maggie supôs que devesse estar a refletir no futuro. Teria todo o direito de pô-las fora de manhã, livrando-se delas, mas sentia-se demasiado cansada para se preocupar com o que aconteceria a seguir.

Como estava cansada, Deus do céu! Cansada do trabalho duro, cansada da sua sorte, cansada de estar sozinha, sem ninguém a quem recorrer quando precisava de ajuda, cansada de tudo. Sabia-lhe tão bem estar de volta a casa onde se sentia sã e salva. Não queria sair dali nunca mais.

Adam esvaziou o copo e reparou que as mãos ainda lhe tremiam. A partir do momento em que ouvira o seu grito assustado quando percorria o corredor do bordel, soubera que era ela. Sem pensar um segundo para medir as consequências, tinha arrombado a porta. Vê-la nos braços daqueles dois canalhas tinha sido a coisa mais horrível que alguma vez testemunhara.

Conhecia o par: tratava-se de dois canalhas que viviam da caridade de parentes afastados, sempre com problemas devidos ao jogo e ao álcool. Tinha adorado o som de carne e de ossos triturados. Desde os vinte e dois anos que não participava numa boa briga numa taberna das docas, com James e Charles ao lado dele.

Maggie também estava a tremer, tinha uma nódoa negra na face onde um deles lhe batera e Deus sabe quantas outras lesões ocultava debaixo de água. Pálida e frágil, assemelhava-se a uma bonita boneca prestes a quebrar-se em mil pedaços.

Não sabia muito bem como fazer a pergunta, mas precisava de saber.

– Eles...? – A voz ecoou muito alto no quarto silencioso. Ela já estava corada da água quente e aquela pergunta contribuiu para lhe avermelhar mais o rosto.

– Não – respondeu, baixando os olhos de vergonha. – Não, não tiveram tempo suficiente.

Aproximando-se da banheira, examinou-a. Os seios eram totalmente visíveis e a água embatia contra os mamilos róseos. Mais abaixo, conseguia divisar a sombra do monte de Vénus, o que despertou a sua virilidade. Raios! Ela tinha sido atacada, quase violada, atormentada, estava esgotada de cansaço, mas ele desejava-a. Seria sempre assim no que lhe dizia respeito.

– Porque te foste embora?

A pergunta queimara-lhe o interior durante dias e semanas a fio, impedindo-o de se concentrar e enervando-o.

– Tinha de ser.

Estava tão exausta que não concebia a ideia de discutir nada importante, mas supunha que ele não iria parar até obter as respostas pretendidas. Então, talvez pudesse fechar os olhos e isolar-se do mundo durante algumas horas.

– A ideia de partilhar a minha cama era assim tão horrível que preferiste trabalhar num bordel?

– É o que achas?

– Que mais devia achar?

– Não compreendes nada.

– Não, não compreendo. Olha para as tuas mãos. – Meteu a mão dele na água e puxou uma das dela para fora, pingando e molhada. Esfregando o polegar na palma, virou-a para cima e examinou a pele avermelhada. Dantes, as mãos dela eram macias e perfumadas. Agora, estavam ásperas e calejadas, com as unhas falhadas e quebradas. – O que te passou pela cabeça para fazeres algo tão imprudente? Preferias trabalhar como escrava? Ou correr risco de vida nas ruas? Ofereci-te tudo o que poderias desejar ou precisar, portanto, tens razão: não compreendo.

– O que me ofereceste? – O lábio inferior começou a tremer-lhe, mas prendeu-o com os dentes. Respirando fundo, acrescentou: – Algumas voltas rápidas? Uns vestidos e bijutarias?

– Não esqueças um teto sobre a cabeça e comida na mesa.

– Oh, sim. Não esqueçamos isso. E por quanto tempo? Um mês? Dois? Seis? Quais eram os teus planos para mim depois disso? Impingires-me a um dos teus amigos? Talvez casar-me com um dos teus criados?

Adam não tinha resposta. Quando a levava do baile naquela noite, não lhe restara tempo para ponderar no seu futuro. No mês anterior, dissera para si mesmo que por essas razões fizera muito bem em livrar-se dela.

– Trataste-me como a uma prostituta – continuou, precisando de expressar o seu desgosto em voz alta. –

Na minha própria casa, onde vivi toda a vida com a minha mãe. E disseste... disseste – acrescentou, engolindo um soluço – que se ficasse grávida te envergonharia. Os teus próprios filhos seriam uma vergonha aos teus olhos.

Todo o sangue afluiu ao rosto de Adam. De humilhação e arrependimento. Sabia que ela estava a dizer a verdade relativamente às suas palavras, mas reformulara as recordações dessa noite para fingir que nada se passara dessa maneira. Contudo, tinha sido assim e as suas palavras duras haviam-na enviado para as ruas, à procura de sustento e de abrigo.

– Não sei o que mais dizer, senão que lamento. – Estendeu a mão e pousou-a em cima da cabeça dela. – Sei que não há desculpa por deixar escapar essas palavras, mas nessa noite estava furioso e confuso e é a única explicação que consigo dar. Espero que me perdoes.

O seu pedido de desculpa foi comovente e gentil e Maggie tinha a certeza de que não o fizera muitas vezes na vida, mas, sob as camadas de fadiga e de vergonha, sentiu-se a arder de uma raiva profunda. Contra Adam. Contra o seu pai. Contra George Wilburton. Contra a mãe por ter morrido. Contra a sua meia-irmã Penelope, que tinha tanto e ela tão pouco.

Baixou os olhos para a água e sussurrou:

– Mereço alguém melhor.

Adam ergueu um dos cantos da boca num sorriso. Nunca tinha sido tão insultado nem colocado no devido lugar em toda a sua vida, mas era difícil ficar enraivecido quando merecia cada palavra.

– Tens razão – concordou. – Mereces alguém muito melhor do que eu. Mas, por agora, sou tudo o que tens. Vais deixar que cuide de ti?

– Não sei. Estou tão cansada.

– Promete-me apenas que ficarás aqui. Que ficarás onde sei que te encontras segura. – Ajoelhou-se junto à banheira, voltou a retirar-lhe uma das mãos de dentro de água e apertou-a. – Vamos resolver tudo, Maggie. Juro-te.

A jovem sentia-se demasiado cansada para pensar, discutir ou ir embora. Demasiado cansada para fazer algo que não fosse simplesmente ficar. Esboçou um aceno de concordância e deixou que a couraça se quebrasse. Uma lágrima escorreu-lhe pela face, seguida de outra. Antes que pudesse controlar-se, as lágrimas fluíram em torrente, caindo na água.

– Oh, pequenina... não faças isso... não chores – incitou suavemente. – Aquele pedido só fez com que chorasse ainda mais. Sem saber o que fazer, pôs-lhe um braço à volta do ombro. Com um puxão atraiu-a a si. Ela resistiu por um momento, e, em seguida, necessitada de conforto, virou-se e os braços dele encheram-se com uma mulher molhada, ardente e nua. Acariciou-lhe as costas macias, sussurrando: – Tudo correrá bem, prometo. Limita-te a descansar e deixa tudo ao meu cargo.

Por fim, as lágrimas pararam. Adam descobriu um pano dentro de água, torceu-o e esfregou-lhe a face. Não falaram; a troca de palavras parecia inútil. De qualquer maneira, Maggie estava demasiado cansada para qualquer diálogo.

Gail meteu a cabeça na porta, erguendo uma sobrancelha para o marquês, numa pergunta silenciosa. Ele acenou-lhe e ela entrou, dirigindo-se à banheira, segurando uma toalha grande e macia.

– Vamos meter-te na cama, pequenina – disse Adam meigamente.

Maggie dificilmente poderia contestar e ele pegou-lhe nas duas mãos e ajudou-a a levantar-se.

Gail enxugou-a com rapidez e eficiência antes que a pele arrefecesse, depois enfiou-lhe uma camisa de algodão branco pelos ombros e alisou-a. Era uma peça de roupa simples, macia e confortável, com borboletinhas bordadas no corpete, e uma fita rosa formando um arco perfeito no pescoço. Assim vestida, Maggie parecia bonita, jovem e acabada de sair do banho. Muito semelhante a uma virgem na noite de núpcias. Gail puxou a roupa da cama para trás e Adam ajudou Maggie a sentar-se. Em seguida, os dois

aconchegaram-na e ela adormeceu, mal pousou a cabeça na almofada.

Adam virou-se para Gail.

– É tudo por esta noite. Informo-te quando estivermos prontos para tomar o pequeno-almoço. Talvez seja tarde. Diz ao cozinheiro.

– Com certeza, milorde – anuiu num tom calmo. Embora fosse jovem, trabalhara a maior parte da vida na casa dele. Se pensava algo sobre o que havia testemunhado durante a noite, ou sobre o facto de ele estar prestes a passar a noite no quarto de Maggie, teve o bom senso de não deixar transparecer o mínimo indício no rosto. – E a banheira, milorde? Mando-a tirar?

– Não te preocupes. Alguém pode vir buscá-la de manhã. Não quero acordá-la.

Com um último sorriso apropriado ao seu novo cargo, fez uma pequena vénia e saiu.

Adam tirou lentamente a roupa, demorando-se em cada peça, adiando o momento em que deslizaria para debaixo dos cobertores. Provavelmente devia portar-se como um cavalheiro. Devia sair do quarto, abandonar a casa, ir para a dele. Contudo, o âmago da questão residia em que não era capaz de se afastar. Pela primeira vez na vida, desejava abraçar, acalmar e cuidar de outra pessoa. Coisas que nunca até esse momento fizera por uma mulher.

Estendeu-se ao lado dela, deslizando um dos braços por baixo da cabeça e rodeando-lhe a cintura com o outro. Como se tivesse estado a aguardá-lo, Maggie mexeu-se, pressionou as nádegas contra a sua virilha, dobrando as pernas e colocando-se na posição de colher. Roçando-lhe os cabelos, Adam deliciou-se com o perfume e o toque feminino enquanto se interrogava e deixava arrebatado pelas sensações despertadas pelo simples ato de abraçá-la.

Anne sentou-se no banquinho diante do toucador do seu antigo quarto. Embora o verão fosse adiantado, a noite estava fria e normalmente estaria gelada nesse momento. Que apetecível mudança ter carvão em abundância para o pequeno fogão. As chamas ardiam vivamente na lareira, acesa pelos criados antes da sua chegada, e estava sentada quase nua, vestida apenas com uma fina camisa de noite, sentindo a pele ainda quente devido ao banho fumegante que acabara de tomar. O calor era um luxo inacreditável.

Estava indubitavelmente preparada para o descanso de que usufruiria por ter alguém a cuidar dela durante algum tempo. Mas até quando?

«E agora?», pensou.

James tinha dito que ela podia ficar, mas não dava muito crédito às promessas dele. Os cavalheiros ingleses com quem convivera ao longo dos anos passavam o tempo a gabar-se da sua honra e do valor da palavra que, a seu ver, não valiam muito quando as apostas eram elevadas. Haviam-lhe feito juras para depois as quebrarem mais vezes do que poderia contar.

Soou uma pancada na porta e julgou tratar-se de uma das criadas que vinha verificar como ela estava, antes de apagar as luzes para se deitar. Era estranho dispor novamente de pessoas por perto depois de ter passado tanto tempo sem a presença delas, mas também era bom. Era bom sentir-se cuidada. A criada que a servira e a ajudara a tomar banho, escovou-lhe o cabelo, colocou a roupa de dormir em cima da cama e Anne deixara-a ocupar-se de tudo, nada mais desejando do que repousar e pensar.

– Entra – disse baixinho.

A porta abriu-se e fechou-se e Anne olhou por cima do ombro e ficou perplexa ao deparar com James. Julgara que ele se fora embora há muito tempo na companhia de Charles, que partira logo a seguir a ela e Maggie terem regressado a casa.

– Julguei que tinhas ido embora com o teu primo.

– Não. Primeiro queria desejar uma boa noite. – De súbito, parecia tímido. – Posso entrar um

momento?

Anne assentiu com a cabeça e fez um gesto na direção da cama. Era um quarto pequeno e não havia mais nenhum lugar para ele se sentar. James empoleirou-se na beira, ela virou-se para o fitar. Os joelhos de ambos distavam uns meros centímetros. Ponderou em deixá-lo ficar sentado até ele arranjar coragem de dizer o que quer que tivesse vindo dizer, mas ele parecia tão pouco à vontade que decidiu mostrar-se piedosa.

– O que se passa?

– Estava apenas a pensar... Perdoaste-me? Pelo que aconteceu entre nós durante as férias, quero dizer?

– São águas passadas, James – respondeu com um gesto desdenhoso da mão. – Além disso, é difícil ficar zangada, quando tudo o que disseste a meu respeito é verdade. Sou uma prostituta. E sempre o fui desde que os meus pais morreram, quando tinha quinze anos. Ganhei mais dinheiro umas vezes do que outras, mas continuo a ser uma prostituta.

– Não é essa a minha opinião a teu respeito.

– Agradeço a gentileza, mas os factos falam por si.

James estendeu o braço e agarrou-lhe na mão.

– Charles disse que Stephen te tinha deixado algum dinheiro. O que lhe fizeste?

– Bem, ele garantiu-me sempre que cuidara do meu futuro, portanto, quando morreu, fui ter com o irmão e ele respondeu que Stephen não o fizera. Acrescentou que se tentasse negá-lo, ele diria que algumas das joias da mulher haviam desaparecido e que eu as roubara.

– Céus! Conheço o Frasier. Não consigo acreditar que tenha feito uma coisa dessas.

– É o que aconteceu – redarguiu Anne, soltando a mão. – Pouco me importa que acredites ou não.

– Entendeste mal, Anne. Apenas pretendi dizer que não acreditava que ele te fizesse algo tão desprezível, sobretudo quando era tão óbvio que Stephen gostava tanto de ti.

– Também gostava dele. – Anne engoliu em seco, sem vontade nem capacidade para continuar a discutir Stephen por mais tempo. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas enquanto admitia: – A vida tem sido difícil desde então. Se Rose e Maggie não me tivessem acolhido, não sei qual seria o meu destino.

– Ou talvez saibas – retorquiu ele suavemente e Anne ergueu o rosto para o fitar, ambos conscientes de quanto ela tivera de descer na tentativa de se aguentar.

– Sim – concordou num tom fatigado. – Talvez saiba. É um mundo difícil lá fora. Para pessoas como eu.

– Sei disso. Muito mais do que provavelmente possas julgar. A amante do meu pai é minha amiga. Ouvi algumas histórias terríveis da boca dela. Sobre mulheres, na maioria amigas dela, e sobre as coisas que lhes aconteceram.

Tratava-se de uma confissão interessante, sobretudo vinda de alguém como ele. Normalmente, os cavalheiros da sua classe só pensavam neles próprios.

– Fico contente por saber que não me julgas muito duramente – disse.

– Não te julgo de forma alguma, minha querida. Na verdade, senti saudades tuas – declarou com um encolher de ombros atrevido.

– Mentira.

– É verdade – insistiu James. – Senti-me um perfeito idiota quando nos separámos e nunca mais deixei de pensar em ti desde que voltei. Interrogava-me constantemente se conseguiria descobrir-te caso me empenhasse a fundo, mas fui demasiado cobarde para o fazer. Achei que poderia bater à tua porta e apenas receber em troca um soco nas orelhas e uma ordem de despacho.

– Provavelmente pensaria nisso. Acho que deixei de ter paciência para idiotices, à medida que me

torno mais velha.

– É uma das coisas que tanto aprecio em ti. Na verdade, desde a última vez que te vi, tive muito tempo para pensar e há muitas coisas a teu respeito que me cativam totalmente. É esse o motivo por que desejava falar contigo.

– Sobre o quê?

– Tenho uma proposta a fazer.

Anne revirou os olhos.

– Vamos lá ouvi-la.

– Bem, pensei... ah... talvez... – Aclarou a garganta. – Talvez pudesse convencer-te a tornares-te minha amante.

– Como?

– Minha amante – repetiu com um sorriso de orelha a orelha. – Nunca tive uma antes, mas se vou fazer uma coisa dessas, gostaria que fosse contigo.

Anne percebeu que abrira a boca e fechou-a rapidamente. Julgara que ele ia pedir-lhe uma volta rápida como recompensa por tê-la trazido a casa. Nem nos sonhos mais ousados imaginara uma coisa assim.

– Se estás a brincar comigo, peço-te que não o faças.

– Nunca falei mais a sério. Não tenho de forma alguma a riqueza do meu irmão, mas possuo um rendimento bastante elevado, se te preocupa como poderia desenvencilhar-me.

– Não, não foi isso. Estou apenas surpreendida. Depois desta noite, não consigo imaginar porque desejarias ter-me.

James estava tão emocionado por tê-la encontrado novamente que mal conseguia conter a excitação. Voltou a pegar-lhe na mão e murmurou:

– Disse que não te julgo, Anne. Estou a falar a sério.

Deus do céu! Ele parecia tão sincero, como se atribuísse significado a cada palavra! O coração começou a bater-lhe com força ante as possíveis consequências; no entanto, já não era uma menina assustada e inexperiente. Se isso acontecesse, ela teria de saber todos os pormenores de antemão, antes de concordar.

– Quais seriam as condições? – inquiriu cautelosamente.

– Essa é mais uma coisa que aprecio em ti – comentou com uma risada. – A tua franqueza.

– Imagino que te vá desgastar; à medida que me fores conhecendo.

– Duvido. Acho-a muito revigorante – disse, batendo ao de leve com um dedo nos lábios. – Bom, vejamos... Providenciaria todas as tuas necessidades.

– Define «necessidades».

– A tua casa própria ou também podes ficar aqui com a Maggie se te sentires mais confortável. Dinheiro, roupa, acessórios. Proporcionaria tudo o que precisasses.

– Por quanto tempo?

– Enquanto nos aguentarmos um ao outro? – Anne torceu o nariz e ele prosseguiu: – Já sei! Vou criar um fundo fiduciário em teu nome para que possas governar-te quando nos separarmos.

Anne já ouvira aquela mesma deixa antes e, na qualidade de mulher mais jovem e mais ingénua, acreditara. Mas agora não, quando tanta coisa dependia do que realmente ia fazer.

– Como sei que cumprirás a promessa? – indagou.

– É o problema nesse tipo de compromissos, não é? – disse, franzindo um pouco o sobrolho enquanto refletia. – Já sei. Vou elaborá-lo com um administrador que o vai gerir até ao momento em que disseres que precisas dele. Ordenarei ao meu advogado que trate dos papéis amanhã. És *tu* que escolherás o fundo. Tomarei disposições para que depois da transação finalizada, eu deixe de ter controlo sobre o

dinheiro. O teu administrador fará os investimentos e encarregar-se-á de tudo até ao dia em que precisares do dinheiro. – Respirou fundo e deixou sair o ar, como se tivesse acabado de fazer uma longa corrida. – Que tal?

– O que teria de fazer em troca para ganhar o meu sustento? – quis saber Anne, ainda cética.

– Essa é a parte fácil. Serás minha amiga e minha companheira. Cuidarás de mim, encher-me-ás de carinho e deixarás que faça o mesmo por ti. E, sempre que te deitares comigo, mostrarás todo o afeto e alegria que conseguires reunir.

Susteve a respiração, pensando que talvez tivesse proposto o acordo mais importante da sua vida e interrogando-se sobre o que faria se ela o rejeitasse.

– Deixa-me ver se entendi bem – redarguiu Anne no tom mais severo possível. – Dás-me tudo o que sempre desejei e, em troca, tenho de dar-te paixão, amizade e felicidade.

– Isso praticamente resume tudo.

– O acordo é duro, St. Clair, mas acho que me rendi.

– Aceitas? – inquiriu timidamente.

– Sim, aceito, idiota! – Sorriu, achando que ele ficava adorável quando a olhava daquela maneira, com o seu próprio sorriso pleno de desejo e de malícia. – Gostarias de provar a mercadoria?

– Bem, estava à espera de que o sugerisses.

Com um movimento fluido, Anne deixou cair o roupão e saltou para o colo dele, enroscando as pernas em torno da cintura masculina, ao mesmo tempo que lhe cobria os lábios com um beijo violento e desesperado. – Não te arrependers disso um único dia da tua vida.

– Nunca imaginei que o fizesse – reagiu James, virando-a de costas e assumindo o controlo.

Quando Maggie acordou, a manhã despontava. Uma pálida luz rosa brilhava na janela. Tinha plena consciência de tudo o que a rodeava. Não havia qualquer imprecisão persistente sobre o que tinha acontecido na noite passada ou sobre onde estava ou quem estava por trás dela, tão grande e quente contra as suas costas. Estava em casa onde era o seu lugar e Adam também estava ali, talvez onde deveria estar, pelo menos de momento.

Esticou as pernas e encolheu-se involuntariamente e em silêncio quando todos os músculos clamaram de dor. Mais devagar, alongou as pernas e deu a volta. A respiração pesada de Adam indicou-lhe que ainda estava a dormir e não quis desperdiçar a vantagem de observá-lo durante algum tempo, antes que despertasse e exigisse atenção e respostas.

Afastadas as preocupações mundanas, parecia jovem durante o sono. Muito à semelhança do que deveria parecer em menino. Uma madeixa de cabelo preto caiu-lhe sobre a testa. Contraiu as pálpebras ao atravessar as fases de um sonho e não conseguiu impedir-se de pensar sobre o que estaria a sonhar e se, eventualmente, ela faria parte do sonho.

Um mês antes, tinham despertado naquele mesmo quarto. Adam mostrara-se zangado e arrogante; Maggie estava assustada e com o coração despedaçado. Fora-se embora nesse mesmo dia, resolvida a nunca mais voltar. Adam trouxera-a novamente para casa – onde pertencia. Sem necessitar de pensar muito, tinha chegado à conclusão de que ficaria. Permaneceria na casa como amante de Adam. A decisão foi fácil.

A partir do momento em que se haviam conhecido nas férias, invadira-a o forte sentimento de que tinham sido feitos um para o outro. Depois dos episódios do mês anterior, tornava-se realmente difícil questionar que os seus destinos não estavam ligados de alguma forma. Como se alguma força invisível estivesse a dirigir os seus caminhos, regressavam permanentemente um para o outro. Que hipóteses existiam de que a encontrasse por acaso no baile quando estava com George em busca de um protetor? E ainda mais interessante, quais eram as hipóteses de que tivesse sido ele a salvá-la na noite anterior, no bordel?

*Algumas coisas são obra do destino.*

Quase conseguia ouvir a voz da mãe, como se ela estivesse presente. Rose tinha sido uma grande crente no destino, de que havia acontecimentos impossíveis de alterar por mais que se tentasse. Aquele parecia ser um deles.

Quando Maggie se fora embora um mês antes, ignorara se conseguiria tomar conta de si e talhar o seu

caminho, mas aprendera que poderia. A pequena aventura fora positiva, pois servira para lhe demonstrar que era mais forte do que sabia e poderia sobreviver à adversidade. Mas por enquanto aproveitaria o que Adam estava a oferecer-lhe.

Durante os meses em que procurasse uma mulher, seria tudo para ele: amante, amiga, companheira, confidente. A mãe ensinara-a bem e sabia o que tinha a esperar. Satisfaria tudo o que ele desejasse, com todas as capacidades e sem hesitar Defenderia o coração dos sentimentos que nutria por ele e levaria a cabo o acordo de negócio.

Finalmente, quando ele tivesse escolhido a noiva, talvez mudasse de opinião. Seria compassivo e dar-lhe-ia dinheiro, uma casa, talvez uma joia valiosa como presente de despedida. Talvez lhe desse referências ou cartas de apresentação para ajudá-la a seguir caminho.

Na eventualidade de nenhuma dessas coisas acontecer, economizaria e pouparia. Uma parte do dinheiro para alfinetes ou despesas domésticas que ele lhe desse iria sempre para o seu fundo de futuro. Se a encorajasse a comprar alguma coisa, optaria pelo mais barato e colocaria a diferença de lado. Venderia tudo o que pudesse. Se, no final, ele decidisse pô-la na rua, teria pelo menos algum dinheiro no bolso.

Determinada, respirou fundo. Não sabia muito bem como devia passar-se a manhã entre dois amantes, mas teve uma ideia. Era melhor começar as coisas com o pé direito, fazendo com que ele ficasse satisfeito por tê-la trazido para casa. Encostou a face contra o centro do peito dele, onde podia sentir a batida forte e regular do coração.

Ele estava quente e cheirava a suor, tabaco e àquele almíscar especial que sempre lhe associaria e a mais ninguém. Avançou pelo tapete peludo, a língua encontrou o mamilo e titilou-o, despertando-o. Fechando os lábios em torno dele, chupou-o suavemente, deliciada com o sabor salgado da pele.

– *Mmmm* – gemeu Adam roucamente quando ela passou de um mamilo ao outro. – Gosto disso.

Ainda não tinha aberto os olhos, mas esticou as pernas e pôs-se mais de lado, fazendo com que o seu peso a arrastasse com ele e os corpos se tocassem dos seios aos bicos dos pés. Maggie rodeou-lhe a cintura com a mão e apoiou-a no fundo das costas dele, pressionando levemente os quadris para diante. Ainda meio a dormir, ficou tremendamente excitado e o duro membro fez força contra o ventre feminino como um ser vivo que deseja a sua refeição matinal.

Timidamente, Maggie percorreu-lhe a anca com os dedos deslizando-os, passando o polegar sobre a zona sensível e fazendo com que um silvo de prazer lhe escapasse dos lábios. Adam apertou as nádegas e avançou os quadris, deixando que a mão dela o acariciasse. Maggie aninhou-se no seu pescoço e em seguida deu-lhe um beijo leve e virginal nos lábios, dizendo:

– Bom dia.

Um dos cantos da boca masculina ergueu-se num sorriso.

– Se abrir os olhos, acho que vou saber que morri e fui para o céu. – Pronunciadas as palavras, abriu um dos olhos e fitou-a. – Ah, tinha razão. Há um anjo na minha cama.

Maggie soltou uma risada rouca e ainda meia ensonada. Apertou-o um pouco mais com a mão.

– Acho que, se prestares atenção, verás aqui um demónio em vez do anjo.

– Ooh... talvez – murmurou enquanto ela o acariciava novamente. Abraçou-a com mais força, apertando-a como se nunca mais tencionasse largá-la. Por fim, soltou-a um pouco e fitou-a bem nos olhos. – Bom dia, também. Como te sentes?

– Melhor. Tudo bem – respondeu, apoiando a palma da mão na face dele. – Queria agradecer-te por ontem à noite. Por tudo.

– Chiu. Não precisas agradecer-me. Ainda bem que estava lá – disse, beijando-lhe a nódoa negra ainda visível na face. – Dói-te? – quis saber, percorrendo-a com a ponta do dedo.

– Um pouco.

Adam beijou de novo o local e roçou-lhe os lábios com um beijo suave. Pedindo permissão. Voltando a pedir. Maggie respondeu pondo-se de costas. O movimento dos corpos no colchão colocou-o em cima dela. Com um joelho metido entre as suas coxas, ele equilibrou o peso num cotovelo. A sua masculinidade era uma coisa pesada, insaciável, pressionando contra a perna dela.

– Quero fazer amor contigo, pequenina – disse enquanto lhe devorava a testa, os olhos, as faces com beijos. Como se achasse que ela poderia protestar, acrescentou: – Vou fazê-lo devagar e com cuidado, como se fosse a tua primeira vez.

– Não precisas ser meigo comigo, Adam. Podes fazer o que quiseres. Não me importei como o fizeste antes. A sério.

– Mas eu importei-me – venceu, depositando um leve beijo nos seus lábios como se ela fosse a sua casta noiva. – Magoei-te com o meu corpo e com as minhas palavras. Não quero que isso volte a passar-se entre nós, nunca mais.

Como resposta, Maggie levou uma das mãos trémulas ao laço junto ao pescoço e puxou pela fita cor-de-rosa, mas ele deteve-a.

– Deixa-me fazer todo o trabalho. Limita-te a fechar os olhos e tenta relaxar.

Nenhum pedido seria mais difícil de atender com um homem nu, viril e excitado na sua cama e dado ser apenas a sua segunda vez, mas estava decidida a agradar-lhe de todas as maneiras. Respirando fundo, expeliu lentamente o ar, fechando os olhos, enquanto ele puxava para baixo a fita do corpete da camisa de noite. O ar frio sobre os mamilos indicou-lhe que ele lhe desnudara os seios, mas conservou os olhos bem fechados, sabendo que ele a observava, e tentou imaginar o que se seguiria. Não precisou de esperar muito tempo.

– És tão bonita – elogiou Adam enquanto baixava a cabeça para depois chupar um dos mamilos rosados. «E sinto-me tão contente por seres minha.» O pensamento surgiu sem convite na sua mente. «*Minha.*» Era uma palavra sempre assustadora no passado, mas, nesse momento, a ideia provocou-lhe um leve arrepio na boca do estômago. Maggie era dele e só dele.

Até então, nunca desejara possuir uma mulher, nunca desejara estar perto de uma. Em todos os anos de vida, nunca tinha passado a noite na cama de uma mulher, quer se tratasse de uma prostituta ou de uma aristocrata. Maggie era a primeira e única. Pretendia desfrutar plenamente dos benefícios de tal momento inacreditável, se isso significava que a manteria de costas durante todo o dia.

O mamilo da jovem revelou-se duro e protuberante contra a sua língua. Começando com cuidado, sugou e puxou-o, exercendo maior pressão ao sentir que ela se acostumava ao movimento. Afastou-se, observando, maravilhado, a forma como o biquinho se espetava, molhado e rosado da atenção que lhe dedicara. A ponta estava húmida e ele soprou-a, fazendo com que ela se mexesse e gemesse do mais fundo da garganta. Mudando para o outro seio, prendeu o mamilo entre os dentes, dando-lhe uma infinda atenção até sentir que as ancas dela começavam a mover-se ligeiramente para a frente e para trás.

Após prolongados instantes de prazer, abandonou os seios, movendo-se para que ela pudesse sentir o seu peso a pressioná-la. Os pelos das nádegas e do peito causaram uma fricção contra o algodão da camisa de noite. Igualando o ritmo lento das ancas femininas, acompanhou os movimentos para a frente e para trás, tendo apenas a fina camada de tecido a separá-lo do sítio onde realmente queria estar. O prazer era doloroso.

Beijando-lhe o peito e o pescoço, encontrou os lábios e encheu-os de beijos lentos e entorpecedores ao mesmo tempo que os dedos lhe rodavam os mamilos, fazendo com que ela se contorcesse debaixo dele. Como por instinto, Maggie ergueu as pernas, envolvendo-as em torno dele. A orla da camisa de noite caiu para trás e as coxas sedosas roçaram as duras coxas masculinas.

– Por favor – sussurrou num tom de voz que em nada se assemelhava ao dela. – Preciso de mais de ti.

– Ainda não, pequenina – disse ele com uma risada, baixando a cabeça para lhe chupar de novo um mamilo.

Maggie arqueou as costas.

– Não aguento isso muito mais tempo.

– Sim, mas a espera tornará o final muito melhor.

Adam afastou-se, apoiou a palma de uma das mãos na cama e baixou a outra ao longo do ventre até a enfiar sob a orla da camisa de noite. Meteu um dedo na sua gruta secreta. Um outro juntou-se ao primeiro. Empurrou com força e mais fundo, abrindo-a. A jovem gotejava de desejo.

– Preciso de ti – disse, fitando-o com um olhar nublado, sem qualquer vestígio de timidez ou constrangimento em alguém tão jovem.

Ele fizera tenção de prolongar a tortura antes de lhe saciar o corpo, mas cometeu o erro de se posicionar entre as pernas dela. Ao mover-se junto à fenda, o roçar dos pelos do montículo no seu membro destruiu-lhe todos os planos.

– Desta vez não vai doer – pronunciou entre os dentes cerrados.

– Eu sei.

Maggie arqueou as ancas, com o cabelo totalmente espalhado sobre a almofada, os seios implorando atenção, os lábios inchados dos beijos dele, a camisa de noite descaída sobre os ombros quase até à cintura. Adam sentiu-se um pirata clamando a presa, um antigo viquingue saqueando os despojos. Colocou as mãos debaixo das nádegas da jovem, erguendo-lhe as ancas. Com uma estocada feroz mergulhou, reclamando o que lhe era devido.

Quando se enfiou até ao fundo, Maggie ergueu o corpo, rodeando-o com os braços para o prender enquanto o seu universo se estilhaçava por completo. A pressão tinha crescido sem parar enquanto ele a acariciava. Dessa vez não houve dor, só alegria e prazer. O vazio pareceu prolongar-se sem fim.

O regresso à realidade foi lento, à medida que as emoções e a sensação se voltavam a instaurar aos poucos. Adam estava ao lado dela, grande, quente, sólido. Conseguia sentir-lhe o cheiro e o sabor nos lábios. Rodeava-a com os braços, segurando-a com força a cada espasmo que a sacudia. Por fim, o corpo amoleceu e ele deitou-a com cuidado nas almofadas.

– Oh, como és ardente, minha gatinha selvagem. – Tomou-lhe os lábios num beijo arrebatador, após o que apoiou os braços de cada lado da sua cabeça. Os olhos brilhavam com o esforço concentrado de se dominar. – Deixa que te conduza novamente àquele lugar e desta vez junto-me a ti.

Como um homem possuído, moveu os quadris até todos os músculos do corpo se retesarem. O coração palpitava-lhe sob as costelas, o suor escorria-lhe pelo peito e pingava da testa. Ergueu-a, mudando-a de posição para que a gruta fosse acariciada sempre que ele se enfiava e desenfiava. A nova sensação fê-la libertar um gemido vindo do fundo da garganta. Apalpou às cegas, tentando descobrir um ponto de equilíbrio.

– Agora, pequenina. Vem-te comigo.

– Sim. Agora – disse, agarrando-o e puxando-o contra o corpo.

Gritaram em uníssono enquanto Adam mergulhava no seu interior, derramando a semente até o corpo todo estremecer e se deixar cair em cima dela.

Lentamente, recuperou os sentidos e rolou para o lado, levando-a com ele. Permaneceram assim durante muito tempo, deixando que a brisa fresca vinda da janela lhes arrefecesse a pele. A face de Maggie descansava no centro do peito musculoso e traçava com a mão círculos lascivos no seu abdómen. Passado algum tempo, a mão parou e Adam julgou que ela tinha adormecido dada a respiração calma e regular, mas ficou surpreendido ao ouvir-lhe a voz.

– Estás muito quieto – disse. – Não te sentes insatisfeito, pois não?

Adam esvaziara-se tão ferozmente que Maggie achava que gostara imensamente do ato, mas sentia-se muito preocupada com a sua inexperiência. Mantivera-se silencioso durante muito tempo e ignorava se isso se tratava de um bom ou mau sinal.

– Insatisfeito? Se tivesse ficado mais *satisfeito*, poderia ter morrido de paixão. – Passou-lhe distraidamente a mão pelos cabelos. – Estava só a pensar que tinha prometido ser gentil, mas receio que me tenha deixado arrebatado novamente.

– Dei por isso – comentou Maggie com uma gargalhada.

– Não te magoei, pois não?

– Nem por um momento. – Ele parecia tão consternado pela ideia, que não conseguiu resistir a erguer-se para o beijar ao de leve. – Gosto bastante dessa maneira. É tudo tão avassalador que me deixa levar no calor do ato. É tudo muito diferente do que imaginava que seria.

– Aparentemente, temos uma certa febre um pelo outro.

– Sim. Achas que será sempre assim quando estivermos juntos?

– Acho bastante possível. – Ela parecia desarranjada e saciada e fitava-o com um tal carinho que o coração lhe doeu. Aproximou-a mais para lhe encostar a face novamente no meio do peito e sentiu a calma e a tranquilidade que sempre o invadiam quando ela se encontrava perto. – Obrigado – agradeceu, beijando-lhe o topo da cabeça.

– Pelo quê? – quis saber, desejando afastar a cabeça para trás e fitá-lo, mas ele agarrava-a com muita força.

– Por... apenas por estares aqui comigo. Por me dares essa parte de ti.

Tinha ido para a cama com dezenas de mulheres ao longo da vida e pensava que sabia tudo o que havia para saber sobre o ato sexual, mas nada o preparara para o que o invadia quando estava com ela. Sentia-se poderoso, sábio, forte, generoso e bom. Desejava protegê-la, guiá-la, ensiná-la e cuidar dela. Acima de tudo, isso. Desejava a oportunidade de lhe mostrar que a amava acima de todas as outras.

De onde vinham as emoções, ou porque se revelavam tão ardentemente no que lhe dizia respeito, era um mistério absoluto e sempre o fora desde que a tinha conhecido, mas uma coisa era certa: o que sentia por ela era tão diferente, tão raro, que não queria negá-lo a ela ou a si próprio.

– Estou feliz por teres voltado.

Maggie não conseguia ver-lhe o rosto, mas sentiu a emoção que as palavras transmitiam. Abraçou-lhe a cintura.

– Também eu. Quero fazer-te feliz. Adam. Muito feliz.

– Já fazes, pequenina.

Mantiveram um prolongado silêncio, cada um imerso nos seus pensamentos, até que Maggie voltou a falar.

– Adam, o que estavas a fazer no bordel na noite passada?

Ele engoliu em seco.

– Não acho que devamos discutir essas coisas.

– Porque não?

– Bom, não é... – Estivera quase a dizer respeitável, mas percebeu rapidamente que não se tratava da palavra correta. Manter uma amante, deitar-se com uma mulher com quem não era casado, dificilmente seria respeitável.

– Não sei o que é, mas acho que não devemos discutir essas coisas.

– Mas posso fazer-te uma pergunta?

– Está bem. – Sabia que tinha errado ao concordar, mas não conseguiu pensar numa resposta melhor.

– Gostas de ir a esses lugares?

– Maggie... estás a envergonhar-me.

A jovem mantinha a face encostada ao seu peito e Adam fitou o teto, satisfeito por não estar a olhá-la de frente.

– Não é minha intenção. Apenas me interrogo porque o farias.

– Bem, é diferente para um homem.

– Eu sei.

– E para um homem na minha posição é difícil... ah...

– Imagino que sim. – Apoiou-se num cotovelo para poder baixar os olhos na sua direção. – Por favor, não voltes a um lugar desses. Enquanto estivermos juntos, quero dizer.

– É um pedido estranho o que me fazes.

– Eu sei e talvez aches que não tenho o direito de pedir tal coisa, mas agora que fomos... íntimos um com o outro, não consigo imaginar-te com outra mulher. Acredito que ficaria com o coração partido se o descobrisse.

Tinha prometido que não voltaria a magoá-la.

– É assim tão importante para ti?

– Muito. Quero ser aquela que procuras. De todas as vezes. Farei o que desejares e vou dar-te tudo o que precisas. Juro. Apenas quero saber que sou a única.

Fidelidade. Era isso o que ela estava a pedir, uma palavra em que nunca tinha pensado porque não precisara. A ideia de que ela não queria partilhá-lo era curiosamente agradável e reconfortante. Deitar-se apenas com ela era algo que não havia considerado na sua rápida e precipitada transformação num homem com uma amante. Poderia prometer-lhe fidelidade?

Um breve olhar ao longo do corpo feminino facilitou-lhe a resposta. Maggie mantinha-se deitada ao seu lado revelando uma bela imagem de nudez. Pensou no momento em que ela gritara de paixão quando a penetrara, e na explosão de prazer pouco depois, nos gritos em uníssono quando se tinham vindo em simultâneo.

Ela seria sempre mais do que suficiente, muito mais do que imaginara que encontraria e, portanto, a promessa foi fácil.

– Enquanto estivermos juntos, serás a única.

O sorriso dela compensou todas as palavras que pronunciara.

– Nesse caso, acho que é melhor praticar para ficar à altura – decidiu Maggie.

Baixou a mão, agarrou-lhe no membro e ele ficou imediatamente excitado, pronto para mais.

– Então, pai, onde foi ele? – inquiriu Penelope num tom petulante.

– Devo ter um relatório em breve.

Harold Westmoreland, duque de Roswell, olhou para a filha do outro lado da secretária. Ela era uma juvenzinha bastante bonita, mas demasiado cheia para o seu gosto. Sempre tinha pendido para mulheres magras e esguias. No entanto, outros homens não pareciam importar-se com o peso dela. Devido ao dote e ao nome de família, Penelope era um partido fantástico. E uma pechincha incrível pela qual ele receberia dinheiro, terras, novas alianças. As hipóteses de enriquecimento através do contrato de casamento ultrapassavam o imaginário. Era uma pena que o único homem com que ambos desejavam que casasse parecesse não ter nenhuma consideração por ela.

– Como foi capaz de fugir daquela maneira a meio da minha festa? Nem sequer consegui dançar com ele! – Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. – Foi o irmão dele que o convenceu a ir embora, não foi?

– Acredito que sim.

– Desgraçado! E aquele horrível primo dele?

– Vi os três a saírem juntos, sim.

– Como conseguiram entrar esses dois?

– Foram convidados, Penny.

– Oh! – exclamou desanimada, deixando-se cair na sua cadeira de uma forma pouco apropriada a uma dama. Era sempre esse o problema quando se convidavam várias centenas. Muitos indesejáveis recebiam convite. – Espera só até estar casada com o Adam. Vou fazer com que se arrependam mil vezes por isto.

– Bom – murmurou o pai –, é esse o âmago da questão, não é? Convencê-lo a casar contigo? Não planeies a tua vingança com demasiado cuidado. A este ritmo, jamais conseguirás apanhá-lo.

Penelope tentou medi-lo de alto a baixo com os olhos azuis gelados que eram um espelho dos dele. Como era habitual, o pai saiu vencedor. A personalidade dela não se lhe comparava e tal jamais aconteceria. Sem estar preparada para uma áspera troca de palavras, compôs um sorriso plácido.

– Já não sei o que fazer, pai. Jantamos com ele, senta-se ao meu lado no nosso camarote no teatro, danço com ele, andamos a cavalo e, tanto quanto sei, dedica-me a mesma estima que às outras mulheres que conhece.

– Porque achas que é assim? – inquiriu com sarcasmo.

Embora não estivesse disposto a ensinar truques femininos à filha, desejava que alguém o fizesse. A

mulher possuía um número limitado dos mesmos para partilhar, caso contrário incumbi-la-ia dessa tarefa. A sua atual amante conhecia bastantes. Era uma pena que não pudesse apresentá-la à filha. Penelope beneficiaria sem dúvida de algumas sábias palavras.

– Estás a culpar-me, pai? – inquiriu, visivelmente chocada.

– Não foi minha intenção – respondeu com um encolher de ombros.

– Bom, mas foi o que me pareceu. Não sei o que esperas que faça. Na terça-feira à tarde fomos andar a cavalo. Conversámos, rimos, divertimo-nos. Julguei que o enfeitiçara totalmente.

Quando tinha regressado a casa, estava com uma dor de costas horrível por todos os movimentos que fizera de fim de levá-lo a reparar nos seios. Não resultara. Ele não baixara os olhos para o seu peito uma única vez.

– E?

– Ele levou Jane Cummings a andar a cavalo na quarta, Barbara Ferguson na quinta e Sarah Walters na sexta-feira.

Harold suspirou. Penny era a jovem inglesa perfeitamente criada e educada à espera de um marido, tal como dúzias de outras que esperavam casar nesse ano. Na opinião de Adam, era visível que a personalidade dela em nada diferia da das outras. Além disso, ele não tinha necessidade de aumentar a fortuna, nem precisava de uma aliança familiar, o que aparentemente tornava a sua captura uma tarefa impossível. Como era possível despertar o interesse de um homem que aparentemente não desejava nada?

– Quais são os teus planos para mudar a situação? – indagou.

– Não faço a mínima ideia. A temporada acabou e, por conseguinte, terei poucas oportunidades daqui em diante. A menos que me comprometa, o que recusas totalmente, não vejo como posso levá-lo a mudar de atitude em relação a mim.

Tratava-se de um tema que haviam discutido inúmeras vezes, sempre acaloradamente, e não lhe apetecia repetir a cena.

– Já te disse uma dúzia de vezes, Penelope, que duvido que Adam possa ser apanhado dessa forma. Também me parece que poderia recusar pedir-te em casamento se achasse que lhe tínhamos montado uma armadilha.

– É um cavalheiro. Não se atreveria!

– Não? – suspirou Harold. – Era estranho pensar que a sua própria filha, sangue do seu sangue, pudesse ser tão estupidamente ingénua. Por um breve momento, sentiu uma ponta de compaixão por Adam, sabendo por experiência o que era ficar amarrado para sempre dessa forma. – Confia em mim, Penny. Conheço os homens. Conheço o Adam. Se cometesses uma imprudência, ele ia rir-se nas nossas caras. Então, o que seria de ti?

– Oooh! Odeio-o! De alma e coração. – Soou uma pancada na porta da biblioteca e levantou-se, sabendo que o tempo concedido para a discussão chegara ao fim. – Ignoro quanto tempo vais permitir que ele me trate assim, pai. Está a fazer-nos de idiotas aos dois.

Deu meia volta, satisfeita com aquelas palavras de despedida. Acima de tudo, o duque detestava passar por idiota.

– Penelope! – A voz do pai fê-la parar e voltou-se para o enfrentar uma vez mais. – Leva isto contigo – disse, estendendo-lhe um envelope.

– O que é?

– É um convite dos St. Clair. Para uma festa em casa deles, em setembro.

A jovem quebrou o selo do envelope e perscrutou o conteúdo rapidamente.

– Vai prolongar-se por duas semanas. Sabes quantas pessoas foram convidadas?

– Falaram-me numa dúzia.

– Uma dúzia!? Serei uma entre doze? Como fui digna dessa honra?

– Penso que foi a mãe a elaborar a lista.

– Como é que esse velho morcego se atreveu a enfiar-me no meio de uma multidão? – Num acesso de raiva, rasgou o envelope, atirou-o para cima da secretária do pai e arrebitou o narizinho. – Bem, vou mostrar-lhe! Não vou.

– Vais sim. E serás tão encantadora como sempre. Sugiro que te dirijas à costureira para começares a planear o guarda-roupa. – Teve a satisfação de ver a filha corar. Por mais que vociferasse e rebelasse, não se oporia à sua vontade. Ninguém se atrevia a desafiá-lo quando dava uma ordem, sobretudo a sua teimosa e mimada filha. Ela teria de fazer o que fosse necessário para agradar a Adam St. Clair. – Agora, se me dás licença, tenho outro compromisso.

Despediu-a com um gesto da mão e ficou a observá-la a sair com um restolhar de saias. As solas macias dos chinelos pouparam-lhe o som dos passos furiosos enquanto se dirigia ao corredor. Pior para ela, se estava furiosa. Deixá-la-ia a ruminar a situação durante algum tempo. Talvez lhe ocorressem algumas ideias novas para pôr em prática na festa dos St. Clair.

Quando a filha saiu, entrou um dos seus assistentes.

– O que soube? – perguntou, quase sem dar tempo a que o indivíduo se instalasse na cadeira.

– Eles foram para um bordel. Um novo que abriu ontem à noite por...

– Sim, eu sei qual é – interrompeu o duque que recebera um convite, mas não tinha podido ir à inauguração por causa do maldito baile de Penny. – Porque foram lá?

– Bem, Vossa Senhoria... – hesitou o homem com uma cara de que o duque lhe fizera a pergunta mais idiota que alguma vez ouvira – ... não tenho a certeza, mas sendo um bordel, diria que foram para desfrutar das senhoras.

– Eu sei, idiota. Mas porquê esse e não outro? O que fizeram enquanto estiveram lá? Por quanto tempo e com quem? – Tentava saber tudo sobre Adam, na esperança de descobrir alguma informação que obrigasse o indivíduo a tomar uma decisão. – Quanto tempo ficaram? Dê-me os pormenores, que é para isso que lhe pago.

– Sim, Vossa Senhoria. – Folheou um livrinho, examinando as páginas, e depois enfrentou o olhar avaliador do duque. – Bom, reservaram uma suíte privada e deviam passar lá a noite, mas surgiu uma espécie de briga.

– Briga? Entre eles?

– Não. Com outros dois convidados. Os pormenores foram silenciados, mas parece que os outros homens se preparavam para violar uma das prostitutas quando o marquês resolveu prestar-lhe auxílio.

– E depois?

– Os irmãos St. Clair, ajudados pelo seu primo, Charles Billington, levaram duas prostitutas para fora do bordel e partiram na companhia delas.

– A dona permitiu-lhes desfrutarem as raparigas fora das instalações?

– Não sei bem porque as levaram, mas os dois irmãos passaram a noite toda com as mulheres. Numa pequena casa nos arredores de Mayfair. Na verdade, o mais novo, James, ainda estava lá quando me vim embora para lhe apresentar o meu relatório.

– E o marquês?

– Saiu esta manhã, mas apenas perto do meio-dia.

– Elas deviam indubitavelmente ter valido a pena – murmurou o duque e o assistente limitou-se a encolher os ombros, sem possuir qualquer opinião. – Como se chamam?

– Quem?

– As duas mulheres!

– Ah... uma é Anne Porter – elucidou o assistente, revendo as anotações. O duque abanou a cabeça; nunca tinha ouvido falar da mulher e acenou ao homem para que continuasse. – A outra é uma tal Maggie Brown.

Harold endireitou-se na cadeira. Deus do céu, era ela. Tinha pensado isso mesmo quando a tinha visto com Adam no baile no mês anterior, mas não conseguira verificar a sua identidade. Apenas lhe havia chegado aos ouvidos que Adam tornara a beleza desconhecida sua amante. Ela era filha de Harold que o sabia sem precisar de ser informado. Nenhuma outra pessoa no mundo poderia parecer-se tanto com Rose.

– Onde disse que ficava a casa?

– Levaram-nas para um sítio em Mulberry. É uma casa pequena.

Bem, a informação confirmava tudo. Maggie era sua filha e continuava a viver na casa que ele comprara para Rose, vinte anos antes, embora tivesse ouvido dizer que se degradara desde então.

– Acho que o marquês a comprou recentemente – continuou o assistente –, mas há muito que as duas mulheres viviam lá. Segundo as declarações dos vizinhos, não parecem de forma alguma serem prostitutas, mas duas senhoras simpáticas e sossegadas. Portanto, ignoro o que estavam a fazer no bordel.

– Pode aguardar lá fora?

– Certamente, Vossa Senhoria.

– Vou escrever uma curta mensagem. Gostava que fosse entregá-la em meu nome e esperasse a resposta.

O homem saiu sem mais uma palavra e o duque recostou-se na cadeira, avaliando a situação, enquanto decidia o que escrever.

Mesmo depois de vinte anos, as memórias de Rose Brown não se tinham apagado. Desfrutara de muitas mulheres bonitas ao longo da vida, mas nenhuma que se lhe assemelhasse em aparência e estilo. Nenhuma com uma pele tão macia, uns seios fartos, a voz rouca e dotes sexuais. E aqueles olhos violeta! Tinha uma forma de andar e de falar que levava um homem a desejar metê-la na cama só de olhar para ela.

Aparentemente, a sua filha bastarda tornara-se prostituta, tal como a mãe. Embora o surpreendesse o boato de que o moralista Adam St. Clair arranjava uma amante, Harold conseguia imaginar como tal acontecera. Caso Maggie se parecesse com a mãe, o pobre Adam não tinha hipótese de fugir aos seus encantos.

Dado que Adam nunca tivera uma amante até então, devia haver uma razão especial para a escolha de Maggie. Talvez a sua ligação com a rapariga superasse a vulgar relação de homem e amante. Certamente valia a pena descobrir. Se assim fosse, tinha de haver uma maneira de usar a informação a seu favor. Rapidamente, pesando em mente as hipóteses e as formas de transformá-las em vantagens, Harold escreveu o convite.

Maggie desceu as escadas com um sorriso nos lábios. Adam tinha permanecido na cama com ela durante horas, antes de partir. Lento e suave, duro e violento. Pondo-a de frente, de costas, com as mãos, a boca, a sua virilidade. Ela embrenhara-se totalmente, aprendendo e partilhando, deliciando-se com as coisas maravilhosas que podiam fazer juntos.

Tinha os lábios gretados, a pele áspera e desgastada, as coxas cheias de nódoas negras e a zona entre as pernas dorida e avermelhada. Apesar de tudo isso, fora totalmente amada e nunca se sentira melhor. Curiosas explosões de energia percorriam-lhe as veias. O próprio ar à sua volta parecia diferente e

carregado, como se pudesse apontar para um objeto e faíscas se lhe soltassem das pontas dos dedos.

Aquelas novas sensações de poder e de excitação eram tão intrigantes que quase chegou ao último degrau sem perceber que não estava sozinha. James ia a caminho da porta, mas ainda não saíra. Anne aninhava-se nos seus braços e ele beijava-a tão intensamente que o momento teria sido constrangedor para todos se os dois não parecessem tão felizes. Uma das criadas mantinha-se de pé com a capa dele sobre o ombro, tentando ignorar a cena.

James escolheu esse momento para fazer uma pausa. Olhou para Anne com ternura, segurando-lhe o rosto na palma da mão enquanto lhe acariciava os lábios húmidos com o polegar.

– Não quero ir embora. Já tenho saudades.

– Tens de ir. Se resistires, não tratarás das tuas incumbências.

– Suponho que estás certa.

– Quanto mais depressa fores, mais depressa podes voltar – assinalou Anne.

– Deus do céu! É verdade! – concordou, puxando-a para mais um abraço que a levantou do chão. Girou com ela em pequenos círculos, sem parar com a brincadeira ao avistar Maggie.

– Boa tarde – cumprimentou-a.

– Olá, James – sorriu Maggie, aproximando-se mais. Por fim, James voltou a pousar Anne no chão. Sem querer aparentemente perder contacto físico com ela até ao último momento, conservou uma mão possessiva à volta da sua cintura. – Ia perguntar se tinham apreciado a noite, mas pelos vistos acho que é desnecessário – acrescentou Maggie.

– Diria que tens razão – disse ele com uma piscadela de olho lasciva para Anne, o que lhe valeu uma cotovelada nas costelas.

Anne deu igualmente as boas-vindas a Maggie e depois ergueu o sobrolho na direção de James.

– James estava mesmo de saída.

A criada entendeu as palavras como uma deixa e abriu a porta.

– Eu vou... eu vou... – sorriu James, voltando a beijá-la lascivamente na boca. – Mas volto! – Quase a explodir de alegria, saiu rapidamente e subiu para a carruagem que o esperava.

Maggie pensou que parecia sentir-se exatamente como ela, como se o seu mundo se apresentasse de súbito pleno de promessas de coisas novas e maravilhosas. Entrou na sala e sentou-se calmamente no sofá enquanto Anne se mantinha de pé na ombreira da porta, observando a carruagem que levava James. Quando desapareceu de vista, a criada fechou a porta e Anne entrou na sala como que hipnotizada.

– Ufa! – Afastou o cabelo do pescoço e ergueu-o um momento, deixando-o cair casualmente sobre os ombros. – Aquele homem é... bom, é incrível – comentou a título de explicação.

Não conseguia acreditar no que acontecera entre eles durante a noite. A sua primeira vez com Stephen, que sempre havia considerado o primeiro e único amor da sua vida, tinha sido alegre e divertida mas sem dúvida entediante comparada com a que passara com James.

Aparentemente, sem se dar conta do que estava a fazer, esfregou repetidamente a mão entre os seios, como se lhe doesse o coração.

– Estás bem? – perguntou Maggie.

– O quê? – retorquiu Anne, imersa nos seus pensamentos. Ergueu o rosto e detetou o olhar preocupado de Maggie. – Oh, sim! Estou melhor que bem. E tu?

– Também diria isso mesmo. Adam tem-se mostrado muito apaixonado.

– E tu, o que sentes por ele?

– Bem, também diria que estou apaixonada. É tudo o que tu e a minha mãe me diziam que podia ser e um pouco mais.

– Que maravilha!

Anne sentou-se ao lado dela e Maggie reparou que a amiga tremia um pouco. Estendeu o braço e agarrou-lhe na mão.

– O que foi? – quis saber Maggie.

– Ele vai manter-me. Saiu agora para tratar de uma papelada e criar um fundo fiduciário para mim. Será meu e nunca mais poderá recuperá-lo, aconteça o que acontecer.

– Oh, Annie. Sinto-me tão feliz por ti – proferiu Maggie estendendo os braços e abraçando-a o mais fortemente que conseguiu.

– Sim, mas é mais do que o dinheiro. Só que ele é tão... tão... – Incapaz de encontrar as palavras certas, engoliu em seco, sufocando a emoção que a percorria. – Sinto-me tão feliz.

– Também eu!

Embora por um breve segundo, Maggie sentiu uma terrível picada de ciúme por James se preocupar tanto com Anne que se dispusera a fazer aquilo por ela. Maggie abafou o pensamento mal lhe ocorreu. Ficaria feliz por Anne; ficaria feliz por si própria. O que quer que Adam optasse por lhe dar no final, seria mais do que tivera no início.

– Como foi com Adam? – inquiriu Anne. – Ele não estava muito zangado contigo, pois não?

– Digamos que me daria um beijo de despedida igual – respondeu, apontando para o *hall* de entrada, onde James beijara tão apaixonadamente Anne aos olhos de todos – se tivesse um pouco mais do talento dramático de James.

Anne recostou-se no sofá duro, respirou fundo e expeliu o ar.

– Sinto-me como se estivesse a viver um sonho. Ou como se o mundo tivesse tombado de lado.

– Nem parece real, pois não?

– Não. Quer dizer, ontem não conseguia pura e simplesmente imaginar o que seria de nós. Agora, vinte e quatro horas depois tudo se compôs.

– Certamente não vou pensar demasiado no assunto, porque, se for um sonho, não quero acordar.

– Também eu não – concordou Anne.

Nesse momento, soou uma pancada na porta de entrada e Maggie, desacostumada de voltar a ter criadas, levantou-se para ir abrir, mas a criada chegou primeiro. O *hall* era suficientemente pequeno para permitir que ouvissem todas as palavras pronunciadas, mas a mulher deixou o indivíduo à porta e entrou na sala, transmitindo a mensagem como se vivessem numa mansão e não a tivessem ouvido.

Entregou um envelope a Maggie.

– É um mensageiro do duque de Roswell. Ele diz que aguarda uma resposta.

A mulher devia ter trabalhado muito tempo para o marquês, pois, obviamente, não estranhou nada receber uma mensagem de uma personalidade tão importante. Maggie não permitiu que visse como o momento era constrangedor para ela.

– Isto levará apenas um minuto. Pede-lhe que espere, sim?

A criada dirigiu-se à porta e ficou ao lado do mensageiro enquanto Maggie lia o texto.

Anne inclinou-se, tentando espreitar.

– O que diz? – sussurrou.

– Ele quer ver-me.

– Indica o motivo?

– Não e não consigo imaginar o que possa querer.

Maggie pensou nas inúmeras vezes ao longo dos anos em que circunstâncias terríveis haviam levado Rose a engolir o orgulho e a pedir-lhe ajuda. Nada de muito importante, apenas dinheiro para a renda ou para comida. Uma vez para medicamentos, quando Maggie apanhara uma gripe horrível. Rose escrevera-lhe por duas vezes quando estava às portas da morte, preocupada somente com o futuro de Maggie. Em

todos esses anos nunca recebera uma resposta e muito menos auxílio.

– O que vais dizer-lhe? Precisas de um minuto a sós para refletir?

– Não. É fácil. – Maggie levantou-se e dirigiu-se à porta, fitando o mensageiro. – Não tenho resposta.

– O quê? – surpreendeu-se o indivíduo que perdeu o fôlego, mas logo se recompôs depois de engolir em seco. – Peço desculpa, *miss* – acrescentou em seguida, visivelmente nervoso e fazendo rodar o chapéu entre as mãos –, mas não posso regressar até junto de Sua Senhoria sem uma resposta.

– Então, pode dizer-lhe que é esta a minha resposta: nunca. Nunca me encontrarei com ele. Pode ainda dizer-lhe que considero o convite extremamente ofensivo e demasiado tardio.

Deixando-o de pé e com o chapéu na mão, fechou a porta. A criada ergueu as sobrancelhas quase até à linha do cabelo. Anne que conhecia perfeitamente os sentimentos de Maggie em relação ao pai quase não reagiu.

Maggie regressou ao salão e sorriu para quebrar o ambiente de tensão enquanto se dirigia a Anne:

– O que podemos fazer para nos divertirmos antes que Adam e James voltem para o jantar?

Maggie recostou-se na cadeira e varreu com os olhos o restaurante a abarrotar. Como sempre, era uma experiência inebriante sair em público pelo braço de Adam. A própria personalidade do indivíduo e a posição que ocupava na alta sociedade tornava-os um espetáculo onde quer que fossem. Homens perscrutavam-lhe os seios, o cabelo, as nádegas, em busca de alguma pista sobre o tipo de favores que prodigalizava a Adam para ganhar e merecer as suas atenções. Mulheres sussurravam por trás dos leques, imaginando cheias de ciúmes as coisas deliciosamente horríveis que Maggie tinha feito para conquistar um lugar ao lado dele.

Adam treinara-a logo de início, dizendo-lhe como seria e o que devia fazer para aliviar o nervosismo e lidar mais facilmente com a situação. Maggie sempre aprendera sem problema e descobrira de imediato como manter a cabeça erguida e o chão firme sob os pés, mas por vezes era assustador. Como nesse momento em que sentia todos os olhares pousados nela, quando apenas entornara um pouco de vinho na frente.

Sem querer olhar para baixo, mas sabendo que devia fazê-lo, fixou os seios no preciso momento em que uma longa e fina linha de vinho tinto desaparecia no decote.

– Queres que resolva o problema? – ofereceu-se Adam.

Intimamente em sintonia com qualquer pormenor que lhe dissesse respeito, ele inclinou-se e passou a ponta da língua pelo lábio superior, sem deixar dúvidas sobre como gostaria de fazê-lo.

– És terrível – acusou Maggie, virando um pouco a cabeça e encontrando-o muito próximo dela.

Podia ver a dilatação das pupilas, as suaves manchas douradas em torno das íris, a curva das compridas pestanas. Mesmo passados dois meses, ainda lhe tirava o fôlego sempre que olhava para ele.

– Não consigo controlar-me – disse ele.

– Aproxima-te um pouco mais, sim? – sussurrou.

– Com todo o prazer – anuiu, mudando de posição e ela imitou-o.

– Assim. É melhor.

Um vaso com uma planta protegia-os do olhar direto de muitos e Maggie virou-se para que ele pudesse lambar a mancha furtivamente.

– Céus! Quem me dera ser o teu guardanapo! – gemeu Adam.

Maggie corou de imediato. Quase não se tinham visto durante a semana anterior e iriam para a cama assim que acabassem de comer.

– Deixa de me olhares assim.

- Assim como?
- Como se quisesse devorar-me.
- *Quero* devorar-te.
- Adam! – exclamou, sentindo as próprias orelhas afogeadas. – Estás a fazer-me corar.
- Adoro quando coras.

– Mas eu não – disse ela quando o seu hálito quente lhe fez cócegas na orelha, roçando o cabelo e dificultando o raciocínio. – É indecoroso. Toda a gente pensará que somos...

- Somos o quê? – perguntou, tentando parecer inocente. – Amantes?

Maggie corou ainda mais se possível e ele encurtou a distância que os separava. Embora se encontrassem num sítio público, a jovem tinha os seios encostados ao braço dele. Os seus olhos, enormes e redondos, a boca macia estava a centímetros. Adam necessitou de cada partícula de autocontrolo para não tocar nos lábios apetecíveis.

Descobrira que o desejo era algo interessante. Com a pessoa certa, aumentava em permanência. Independentemente de estarem separados ou do que fazia, não conseguia deixar de pensar nela e contava os minutos e as horas que faltavam para se lhe juntar na cama. Era só nisso que pensava e sentia-se um homem possuído. Se não a conhecesse bem, diria que lhe fizera magia. Estava enfeitiçado.

- Amantes... sim – concordou ternamente.
- Senti a tua falta. Ainda não podemos ir embora?

Maggie olhou para o lado oposto da mesa, onde Anne e James continuavam sentados, com as cabeças unidas, rindo como duas crianças. Enquanto as responsabilidades de Adam faziam com que apenas visitasse ocasionalmente a casa deles, James tornara-se uma presença constante na mesma. Isento da pressão causada pelas reuniões e pelos compromissos de Adam, James estava geralmente livre para dispor do seu tempo como quisesse. E era óbvio que queria passá-lo junto de Anne.

Maggie não se importava nada com isso. James tinha-se tornado um bom amigo e não conseguia imaginar o sossego que reinaria na casa se ele não a colorisse com a sua presença.

- Não, não podemos – respondeu num tom firme. – Seria indelicado sairmos antes de eles acabarem de comer.

Adam fitou nervosamente o irmão, e em seguida Anne, a quem nunca se afeiçoara muito. James encontrava-se totalmente apegado a ela, mas sempre fora assim. Nunca fazia nada pela metade e era típico da sua natureza ter-se metido de cabeça na relação. Nada havia de mal, pensou Adam, desde que o irmão não esquecesse os limites impostos por quem *ele* era e quem *ela* era.

- Eles nem vão reparar que nos fomos embora – insistiu.
- Reparo eu – disse Maggie suavemente, dando-lhe uma leve pancada no braço. – Acaba de beber o vinho e pensa... – sussurrou o resto – ... no que faremos quando chegarmos a casa.

Adam ficou imediatamente duro como uma rocha. Só de ouvir aquela voz rouca, observar os movimentos dela, cheirar o perfume, fazia com que se sentisse novamente um garoto. Esticando-se um pouco, tentou aliviar a tensão das virilhas.

- Vais ser a causadora da minha morte, miúda. Tenho a certeza.
- Tentarei ser moderada contigo.

Quando James e Anne deram a refeição por terminada e se mostraram dispostos a ir embora, passara meia hora. Saíram todos juntos. James e Anne anunciaram a sua intenção de andar um pouco a pé e visitarem uma loja nova que abrira recentemente. Adam virou Maggie na direção da esquina onde a sua carruagem esperava, mas algo fê-lo parar. Todo o seu corpo enrijeceu e Maggie ergueu o rosto, interrogando-se sobre o motivo. Apenas viu uma mulher mais velha e elegante que se encaminhava na direção deles pelo braço de um homem jovem que se parecia o suficiente com ela para ser seu filho.

Maggie olhou de relance para Adam. O rosto dele era uma máscara gelada, tinha o corpo retesado e não duvidou que tremia de raiva.

– O que se passa? – inquiriu baixinho.

– Nada. Vamos.

Pegou-lhe no braço para a fazer avançar, mas a voz de James deteve-os.

– Grace? É você? Bem me pareceu.

James passou a correr junto deles, agarrou nas duas mãos da mulher e beijou-lhe a face.

– Jamie! Que bom voltar a ver-te.

Maggie observou a cena, examinando sub-repticiamente a mulher mais velha. Era alta e esbelta, com um sorriso amistoso e olhos azul-claros. Dava a sensação de que o cabelo havia sido loiro-palha, mas há muito que adquirira um tom prateado. Provavelmente, tinha sido bastante atraente quando era mais nova e continuava a ser.

A mulher retomou a palavra com uma voz calma e sedosa.

– James, este é Henry, o meu filho mais novo. Acho que nunca se conheceram. Ele acaba de chegar de Viena.

– É verdade. Foi para lá estudar música – lembrou-se James.

– Olá – cumprimentou o homem mais novo com um sorriso e estendendo a mão. – Fico feliz por finalmente te conhecer.

«Que estranho!», pensou Maggie. Mas com as suas compleições altas e esguias e o cabelo ruivo, Henry e James pareciam-se o suficiente para serem irmãos.

– E quem é essa? – indagou Grace, centrando a atenção em Anne.

– É a minha boa amiga Anne Porter.

Grace examinou-a de alto a baixo e os olhos frios pareceram assimilar todos os pormenores. Fixou o olhar em James e disse com um sorriso:

– Encantadora, James. Bastante bonita. Fico feliz por ti.

James deslocou-se para dar um beijo ao de leve na face de Anne e o movimento deu lugar a que Grace e Adam se vissem subitamente de frente um para o outro.

– Lorde Belmont – cumprimentou Grace num tom frio.

– Miss Stuart – respondeu ele, colocando uma ênfase estranha e especial na palavra *miss*. – Vamos – disse, apertando firmemente o braço de Maggie.

– Adam... – protestou Maggie, quando ele deu um passo. Não estivera preparada para avançar e quase tropeçou. Ele não abrandou o passo, limitando-se a agarrá-la com mais força, conduzindo-a em torno do quarteto na direção da sua carruagem. Maggie ainda conseguiu dar um olhar de desculpa a Grace de passagem e murmurar: – Sinto muito.

– Não tem importância, querida – sussurrou Grace, conseguindo dar-lhe uma pequena palmada no ombro.

Que expressão era aquela nos seus olhos? Pena? Comiseração? Arrependimento?

Não houve tempo para tirar mais conclusões, pois tinham chegado à porta da carruagem. Adam quase a empurrou para o interior e juntou-se-lhe com uma pancada tão forte da porta que a fez saltar no assento. O bater raivoso do seu punho no tejadilho fez com que os cavalos arrancassem tão rapidamente que Maggie teve de se agarrar a uma correia a fim de não deslizar para o chão.

Não falaram durante a curta viagem de regresso a casa. Maggie enroscou-se no canto mais afastado, observando Adam pelo canto do olho. Ele assemelhava-se a um gato selvagem, prestes a atacar e a descarregar a sua raiva em algo – ou em alguém – e Maggie não queria ser a vítima. Era preferível aguardar até que a tempestade, fosse ela qual fosse, tivesse passado.

Chegados a casa, desceram da carruagem em silêncio e foram direitos ao quarto dela, onde Adam começou imediatamente a despir-se, amontoando a roupa numa pilha com gestos de raiva. Ergueu o rosto uma vez, notando que ela continuava toda vestida e de pé enquanto ele ficara apenas com as calças.

– Despe-te – ordenou num tom brusco.

– Como quiseses.

Ainda preocupada com a ideia de que pudesse atacá-la, caso dissesse as palavras erradas, movimentou-se cautelosa mas rapidamente, apressando-se a tirar os alfinetes do chapéu e em seguida do cabelo, deixando que os macios caracóis tombassem em cascata sobre os ombros.

Soou uma pancada na porta e Gail enfiou a cabeça.

– Sai! – gritou Adam sem dar tempo a que a criada perguntasse se precisavam de alguma coisa. Ela fechou a porta e afastou-se a correr.

– Realmente, Adam! – censurou Maggie. – Isso foi desnecessário. – Ele voltou-se e brindou-a com um olhar furioso, mas ela não vacilou. – Não sei porque estás tão irritado, mas não deixarei que grites com os criados.

– Falo-lhes como me apetecer.

Maggie achou que ele estava a agir como uma criança mimada e dirigiu-se-lhe com uma voz que deixava transparecer a sua indignação:

– Não, na minha casa, não falarás.

– Esqueces-te de uma coisa, Maggie. Esta é a minha casa, não a tua, e os criados trabalham para mim.

Adam não sabia o que o levava a dizer aquilo, pois considerava a casa como sendo de Maggie em todos os sentidos. Tão-pouco tinha o hábito de levantar a voz para as pessoas que o serviam. Apenas ficara perturbado depois de ver Grace Stuart.

– Que coisa horrível de me dizeres! – insurgiu-se Maggie. – Aquelas palavras tinham feito com que ela própria se sentisse uma criada. Fez um gesto na direção da porta: – Acho melhor que te vás embora.

– Não aceito ordens tuas.

– É pena, porque já não te quero aqui e aparentemente não tens bom senso suficiente para te ires embora de livre vontade. Sai!

– Não sairei até obter o que vim buscar.

Maggie quase estourou de uma raiva que superou repentinamente a dele:

– Achas que me deitaria contigo agora?

– Sei que o farás.

– É melhor que penses duas vezes. Mas que raio te passou pela cabeça?

– Não permitirei que uses esse tipo de linguagem na minha presença.

– Não sou tua mulher e falarei como diabo me apetecer.

Adicionou o segundo palavrão só para o enfurecer ainda mais, o que sem dúvida resultou.

– Tens razão. Não és minha mulher; és minha amante. Comprada e paga. Agora, tira a roupa!

– Sei que estás habituado a estalar os dedos e a ver toda a gente a obedecer aos teus desejos, mas temo não fazer parte desses lacaios que cumprem cegamente os teus desejos.

Com a maior calma possível virou-lhe as costas, sentou-se no banquinho do toucador e começou a escovar o cabelo. Sentia a presença dele nas suas costas, qual barril de pólvora prestes a explodir.

Adam estava louco de raiva. Desconhecia o motivo que o levava a discutir com Maggie; ela encontrava-se simplesmente ali e disponível e ele precisava desesperadamente de dar vazão a toda a raiva que o consumia. Pegando-lhe no pulso e arrancando-lhe a escova de cabelo da mão, disse:

– Vem.

Maggie soltou-se e pôs-se de pé, derrubando o banquinho.

– O que é que essa mulher, Grace Stuart, representa para ti?

Adam respirou fundo, nitidamente surpreendido por ouvir o nome da mulher nos lábios de Maggie.

– Não é da tua conta.

– Que coisa inimaginável! Encontramo-la na rua, ela cumprimenta com delicadeza e a sua mera presença transforma-te num lunático enfurecido. Diz-me o que te fez para que só de a veres fiques nesse estado.

– Ela não me fez nada.

Virou-se, surpreendido pela onda de tristeza que o invadiu, e parecia ter começado nos bicos dos pés para se espalhar de forma inquietante por todo o corpo, consciencializando-o de que se alojaria perto do coração.

Antes de ele se virar, Maggie apercebeu-se da expressão desesperada que o olhar transmitia.

– Não sou estúpida, Adam. Por favor, não me trates como se o fosse – pronunciou num tom mais suave.

– Nunca te achei estúpida – ripostou, sem se voltar para a enfrentar.

– Então, fala comigo – disse, transpondo o passo que os separava e pousando a mão no meio das costas dele. – Conta-me o que se passa para que entenda toda a tua irritação.

– Não estou irritado contigo.

– Foi a sensação que me deste.

Adam respirou fundo novamente e os ombros subiram e desceram movidos pela dor de qualquer luta mais profunda. Maggie sentiu vontade de o abraçar e oferecer-lhe conforto, mas não estava disposta. Só quando ele lhe explicasse o que se passava.

– Ao vê-la, lembrei-me... – Parou e levou a mão à testa, esfregando a fonte onde sentia o latejar que em breve se transformaria em enxaqueca. – Fez-me pensar em ti e no erro que cometo em estar contigo. Envergonho-me de mim e sinto-me furioso pelo meu fraco sentido ético. Não quis descarregar em ti – acrescentou com um suspiro.

Nada do que ele pudesse dizer a surpreenderia mais. Engoliu em seco quando ele se virou para enfrentá-la, desejando ter mais tempo para se recompor.

– Tens vergonha de mim?

– Não de ti. Apenas do que fazemos. É errado envolver-me contigo quando estou tão perto de casar, mas nunca fui capaz de controlar-me no que te diz respeito. Desejava-te e tinha de te possuir, mau grado as consequências. Bom, sei perfeitamente quais são as consequências, ou serão. – Ao dar-se conta da perturbação dela, estendeu a mão num gesto de súplica, esperando que a aceitasse. – Peço desculpa.

Maggie fitou a mão estendida, mas não lhe pegou. Em vez disso, levantou o rosto na sua direção.

– E essa Grace Stuart lembrou-te de como é *vergonhoso* estares comigo?

– Ela era amante do meu pai.

Deixou pender a mão e dirigiu-se à cama onde se afundou pesadamente no macio colchão de penas.

– E então?

– Ele sustentou-a durante a maior parte da minha vida. Ela destruiu a nossa família.

– Como assim?

– O meu pai não parava em casa. Odiava-me e odiava o James. Acima de tudo, odiava a minha mãe. Nos últimos anos da sua vida, nem sequer o víamos. Ele ostentava-a à nossa frente em todos os sítios. Mesmo depois da morte dele, a situação não mudou e sempre que a encontro, lembro-me do que ela fez.

– O que fez?

– Destruíu a nossa família.

– Ah sim? Presumo que o teu pai não teve nada a ver com o assunto?

– O que queres dizer?

– Bom, era ele que a mantinha. Duvido que o forçasse. Deve ter havido um motivo que o levou a concordar.

– Claro que houve! – explodiu Adam com um ar de desdém. – Ele dizia que a amava! Que era o amor da sua vida! Consegues imaginar a humilhação que a minha mãe sofreu ao ouvir isso? – Levantou-se ao mesmo tempo que as recordações ateavam a fomalha de raiva que ardia no seu íntimo. – Ele deu-lhe uma casa, uma fortuna, filhos...

– Ah... isso explica tudo. Henry é teu irmão. Achei que se parecia com o James.

– O filho dela *não* é meu irmão.

– Como lhe chamarias nesse caso?

– É um bastardo do meu pai. Nada mais. Por mais do nosso dinheiro que Miss Stuart gaste na sua educação em Viena para o polir um pouco, ele não será mais do que o filho ilegítimo de um nobre.

– Entendo. – Maggie respirou fundo, deixou sair o ar, e repetiu. Engoliu em seco duas vezes. A discussão aproximava-se de uma fronteira que não ousavam atravessar. O assunto tocava-lhe demasiado no coração. Dessa vez, foi ela a virar-lhe as costas. Dirigiu-se ao toucador, pegou na escova de cabelo que ele atirara para cima dele e percorreu distraidamente o cabo com o polegar. – Acho que deves ir embora, Adam.

– Parece-me boa ideia.

O silêncio no quarto tornou-se de repente insuportavelmente opressivo. Maggie sentiu dificuldade em respirar e, quando ele abriu a boca para voltar a falar, quase correu na sua direção para lhe tapar os lábios e impedir que as palavras se soltassem. Mas não o fez. Em vez disso, manteve-se rígida e em silêncio, aguardando.

– Como sabes – disse ele –, amanhã vou passar duas semanas ao campo. Penso que talvez quando voltar, devamos... quero dizer, talvez devamos tomar algumas medidas relativamente a ti.

– Sim, talvez tenhas razão. – As lágrimas que tinha retido afloraram à superfície. Pressionou as pálpebras com os dedos para impedir que lhe corressem pelas faces. Mal as controlou, virou-se para ele. – Sabes, eu própria sou uma bastarda. A mera filha ilegítima de um nobre e nunca serei mais do que isso.

Teve o prazer de ver Adam estremecer com o choque daquela revelação.

– Maggie... eu não sabia...

– Claro que não, mas estás certo. Somos uma classe desprezível e estou certa de que tem sido horrível para ti misturares-te com gente da minha laia. Ignorava os teus sentimentos em relação ao meu género de pessoa, caso contrário já te teria informado, poupando-te a toda a situação. – Ele deu um passo na sua direção, mas ela recuou. – Não me toques! Vai-te embora! – Voltou as costas e sentou-se novamente, começando a escovar o cabelo como se nada se tivesse passado.

Adam ficou consternado, interrogando-se como tudo chegara a um estado tão deplorável. Nunca desejara magoá-la, mas não estava disposto a pedir desculpa. Grace Stuart e os seus filhos bastardos tinham destruído a família de Adam. Existia sempre a hipótese de que Maggie fizesse o mesmo, caso não se controlasse e ao seu indomável desejo por ela.

Ele era um homem forte, sempre o tinha sido, e sabia como agir de forma adequada, independentemente de as suas atitudes contrariarem o bom senso.

– Como quiseses – suspirou. – Contacto-te quando voltar. Para me certificar de que tudo acabou de uma forma satisfatória.

Maggie encolheu os ombros, sentindo o peso do mundo sobre si.

– Não te incomodes por minha causa. Tenho a certeza de que achas que não sou digna disso.

Ouviu a porta a fechar-se suavemente nas suas costas e em seguida passos ao longo das escadas.

Adam instalou-se no macio assento de cabedal da sua carruagem, passando distraidamente a mão pelo mesmo enquanto observava os reluzentes acessórios de cobre. Era o mais belo exemplo de transporte pessoal que o dinheiro podia comprar. Nenhuma despesa ou luxo haviam sido poupados pelos fabricantes que o tinham equipado para o marquês de Belmont. Parecia nitidamente deslocada na rua estreita diante da casinha de Maggie.

Os cavalos relincharam e a carruagem oscilou ligeiramente quando um dos cocheiros se deslocou na frente. Os animais e os homens ficaram a aguardar que ele desse o sinal de partida, mas foi incapaz. Algo lhe segredava que, se partisse naquele momento, seria pela última vez. Maggie estava magoada, o seu orgulho bastante ferido pelas palavras duras que ele pronunciara e, quando regressasse do campo, teria ido embora ou não voltaria a falar-lhe.

Era estranho como uma juvenzinha conseguia perturbá-lo daquela maneira. Fora muito sensata nas acusações que lhe dirigira; ele estava habituado a estalar os dedos e a ver toda a gente a obedecer aos seus desejos. Era assim que o seu mundo funcionava. Parecia ser ela a única que não lhe dava essa interpretação e se sentia no pleno direito para lhe falar como entendesse.

– Mereceste – murmurou em voz alta e os sons foram de imediato abafados pelo espesso tecido de veludo que forrava várias partes do interior. Se ela o tivesse esbofeteado, também teria merecido.

Nada do que haviam gritado um ao outro mudava o que sentia em relação a Grace Stuart e aos seus três filhos. Tinha razão em desprezar a mulher e a sua prole bastarda. Tinha mesmo, caramba, independentemente do que Maggie pudesse dizer ou sentir sobre isso. Ela não sabia e jamais compreenderia o que a relação da mulher com Aston os fizera passar.

Até mesmo conhecidos superficiais haviam comentado a injustiça e a humilhação que Aston St. Clair causara à mulher e aos filhos legítimos ao dar o nome aos três filhos de Grace e ao incluí-los como beneficiários no seu testamento. Deixara a Grace dinheiro suficiente para lhe permitir que se movimentasse na alta sociedade. Adam encontrava-a em todo o tipo de sítios: no teatro, nas corridas, em bailes e em festas.

Sim, as amantes faziam parte da sua vida e da época, mas as malditas mulheres sempre conheceram e aceitaram a sua posição. Não se intrometiam na família legítima, recebendo o amor, afeto e dinheiro que não lhes pertenciam. Grace Stuart não tinha sensatez – nem vergonha.

Adam encostou a cabeça contra a parede da carruagem e gemeu. Mas se tinha razão sobre tudo aquilo e mais ainda, porque se sentia tão infeliz?

Não necessitou de repetir a pergunta. Maggie era a única pessoa no mundo inteiro que lhe trouxera um raio de sol à sua vida patética. De nada valia fingir que era diferente. As últimas semanas, quando conseguira vir ter com ela à noite, haviam sido as melhores da sua vida. Na sua qualidade de homem sempre ocupado, o tempo livre junto dela em nada se assemelhava ao que desejaria, mas o pouco que conseguia era uma pura dádiva. Adorável, generosa e gentil, nunca fazia exigências, não lhe colocava qualquer obstáculo no caminho, nem lhe criava tensão. Limitava-se a estar presente, sorridente e feliz, entregando-se totalmente e assim confortando o coração e a mente de um homem muito mais velho e desgastado que provavelmente não merecia a sua terna consideração.

Agora que tinha passado algumas semanas felizes ao lado dela, não conseguia imaginar-se a regressar à vida enfadonha que levava antes de ela surgir. Apesar de todo o seu dinheiro, das joias e das propriedades, ela era a única preciosidade que possuía.

Era errado negar a si próprio a única coisa que realmente desejava?

*Era isso o que o pai sentia por Grace?*

O pensamento traiçoeiro surgiu sem ser convidado e, por um breve momento, uma recordação do pai há muito esquecida acorreu-lhe à mente. Nessa época, Adam era um adolescente com cerca de dezasseis anos e assistia a uma das suas primeiras festas como adulto. Tinha apanhado o pai a beijar Grace num corredor escuro, onde supostamente ninguém deveria estar. Há mais de uma década que estavam juntos, mas ele beijava-a como se tivessem acabado de descobrir a paixão. Adam nunca contara a ninguém o que vira nessa noite, nem sequer a James, e passara a odiar o pai e Grace Stuart em cada um dos dias que se seguiram.

O incidente analisado em retrospectiva por olhos mais sábios e experientes parecia diferente. Mais carinhoso, mais trágico, menos carregado de mágoa e de traição. Embora jamais perdoasse ao pai, possuía maturidade suficiente para compreender que aquela ligação talvez tivesse sido mais importante do que acreditara.

Aston desfrutara de Grace durante todos os anos de vida, tivera a sorte de morrer nos seus braços enquanto Adam apenas tencionava manter Maggie até se casar. Dado que poderia tê-la mais uns meses face à situação, qual o objetivo de deixá-la? Com o casamento a pairar sobre a sua cabeça, cada dia com ela era precioso. Porquê mandá-la embora? A ideia não fazia qualquer sentido.

Com um suspiro, desceu da carruagem e pôs o pé na rua. O orgulho era um xarope difícil de engolir e raramente pedia desculpa a quem quer que fosse, mas era o que faria a Maggie. Quando regressasse da esgotante viagem, dedicada à procura de uma mulher na sua propriedade rural, precisaria de que ela estivesse à sua espera de braços abertos. Valia a pena rebaixar-se para conquistar o seu perdão.

Maggie estava sentada em frente do toucador, demasiado atordoada para se mexer. O que acontecera de errado?

Não tinha plena certeza, mas jamais poderia ter antecipado que aquele dia que pensava que seria tão cheio de alegria e de amor, pudesse terminar de uma forma tão terrível. Adam era um aristocrata – sem a mínima dúvida –, mas não tinha o direito de julgá-la ou tratá-la mal pelo que o pai dele fizera. O amor da mãe pelo duque fora uma grande paixão, a única da sua vida e ele atirara-lhe isso à cara. Maggie negava-se a ser denegrida pelas atitudes desprezíveis de Adam St. Clair ou de qualquer outra pessoa.

Haviam trocado umas breves palavras sobre o pai dela e Maggie contou a Adam a história que contava a toda a gente. Disse-lhe que o pai estava morto, o que era verdade aos olhos dela. Nunca tinha existido como uma pessoa real, mas apenas como uma figura vaga e indistinta pintada em tonalidades várias pela mãe, dependendo de sentir ou não boas recordações em determinado dia.

Agora que Adam sabia a verdade, se ainda criticava daquela forma o seu nascimento, era preferível acabar tudo imediatamente, pois Maggie não aguentaria qualquer desprezo nesse ponto, o que significava que nada de bom poderia advir se continuassem juntos. Oh, mas como sentia o coração despedaçado com a ideia do fim! O facto de ele poder livrar-se dela por uma coisa que, aos seus olhos, era tão insignificante, constituía o pior dos insultos.

Uma pancada na porta fê-la virar a cabeça. Gail entrou com um olhar preocupado.

– Precisa de alguma coisa, Miss Maggie?

– Não, mas podes dizer à cozinheira que Lorde Belmont teve de ir embora? Lamento que lhe tenhamos arruinado os planos de um jantar especial. Por favor, pede desculpa em meu nome.

– Com certeza – anuiu a criada com um aceno de cabeça. – Posso fazer alguma coisa?

Maggie detestou ver o olhar de piedade no rosto da serviçal que não conseguira deixar de ouvir a discussão entre eles.

– Não. Estou bem. Lamento que o marquês te tenha tratado bruscamente.

– Não se preocupe, *miss*. Não tem importância. Ele por vezes tem muita coisa em que pensar.

– Agradeço a tua compreensão – disse tentando em vão esboçar um sorriso. – Chamo-te se necessitar de ajuda. Gostaria de ficar sozinha algum tempo.

– Com certeza. Basta tocar a campainha se precisar de mim.

Depois de Gail fechar a porta, Maggie dirigiu-se à lareira e puxou um dos tijolos, revelando o seu pequeno esconderijo. No interior, havia uma caixa de madeira. Retirou-a para fora, levou-a até à cama, despejou o conteúdo em cima do colchão e em seguida deitou-se ao lado do seu pequeno tesouro.

Mesmo sem contar, sabia quanto dinheiro estava ali. Quarenta libras. Fez montinhos com os soberanos e as coroas, adorando o toque pesado do ouro e da prata, e contou-os várias vezes para se tranquilizar. Não era muito dinheiro, mas era real, sólido e pertencia-lhe. Estava tão embebida a pensar na sua pequena fortuna e quantas semanas lhe duraria, que não ouviu a porta a abrir-se. A voz de Adam paralisou-a.

– O que tens aí?

Não pretendia assustá-la, mas ela parecia pronta a fugir pela janela.

Sem saber muito bem o que fazer ou dizer, Maggie hesitou e em seguida saltou da cama, meteu rapidamente as moedas dentro da caixa e fechou a tampa. Ele não iria decerto tirá-lha!

– Não é nada! – respondeu, virando-se para o fitar.

– Deixa-me ver – reagiu, estendendo a mão com aqueles seus modos autoritários que impediam uma pessoa de desobedecer.

Maggie estendeu a caixa, ele pegou-lhe, examinou rapidamente o conteúdo e devolveu-lha. O silêncio era insuportável e, embora não soubesse exatamente o motivo, pois não havia feito nada de mal, sentiu necessidade de se explicar.

– É apenas algum dinheiro que tenho poupado.

– Podes pedir-me se precisares de alguma coisa.

– Eu sei. Só que... – Corou e deu a volta junto dele para ir guardar a caixa longe da sua vista, numa gaveta. Voltaria a colocá-la no esconderijo quando ele se fosse embora. – Tens sido muito generoso. Não quero pedir-te dinheiro.

– Onde arranjaste isso?

– Vendendo roupas antigas da minha mãe e várias coisas. – Deu meia volta e acrescentou: – Não o roubei, se é isso o que estás a pensar.

– Nunca me passou pela cabeça que o pudesses ter feito – disse e esboçou um gesto na direção da cama. – Podemos sentar-nos um momento?

Adam era muito hábil na arte de fazer com que as suas ordens soassem a pedidos. Maggie ocupou a cadeira ao lado da cama, enquanto ele ficava na sua frente, sentado na beira do colchão. O silêncio voltou a tornar-se opressivo.

– É para quando me mandares embora – disse ela finalmente num tom calmo.

– Com essa quantia não irás longe.

– É melhor do que da última vez, quando não tinha nada.

Adam nunca passara tanto tempo junto de um plebeu, como fizera com Maggie. Embora as suas abastadas posses o tornassem responsável pelo bem-estar de milhares de pessoas, tinha muitas hierarquias de gestores e agentes entre ele e os que trabalhavam por sua conta e assim conhecia muito pouco das suas vidas. Não conseguiria imaginar o que seria caminhar pelas ruas de Londres com quarenta libras no bolso, sobretudo quando se era mulher e com opções tão limitadas.

– Achas mesmo que te poria na rua?

– Na realidade, ignoro se o farias ou não.

– Fico magoado por me teres em tão baixa conta – disse, batendo ao de leve na coxa. – Vem cá.

Maggie transpôs a pequena distância entre a cadeira e a cama e pousou as nádegas na coxa musculosa. Adam rodeou-lhe a cintura com os braços para a segurar, quando ela perguntou:

– O que fazes aqui?

– Voltei para pedir desculpa – respondeu, beijando-lhe ao de leve um dos lados do pescoço. – Fui um perfeito idiota e espero que aceites as minhas desculpas.

«Por qual dos teus inúmeros insultos?», esteve prestes a perguntar, mas não o fez. Ele não era um homem a quem se pedisse que explicasse as suas palavras ou atitudes. O facto de ter engolido o orgulho e voltado ao quarto dela constituía um gesto incrível da sua parte, algo que não poderia atirar-lhe em cara.

– Aceito – disse, erguendo os olhos ao encontro dos dele e pousando a mão numa das faces. Ele agarrou-a e pousou um terno beijo no centro.

– Obrigado.

Maggie não tivera muito tempo para pensar nas palavras horríveis que ele pronunciara sobre o seu pai e Grace Stuart e, por conseguinte, ela própria, mas sabia que precisavam de falar e esclarecer as coisas ou jamais atirariam a questão para trás das costas.

– Adam, porque me sustentas? Se é algo tão contra os teus princípios, como decidiste fazê-lo?

– Não pude conter-me, Maggie, sabes bem. A partir do momento em que te conheci, desejei-te como nunca desejei nada na vida.

– Mas se estás tão preocupado com o meu passado e a minha condição, talvez seja melhor ir-me embora agora. Não quero despedaçar-te o coração.

– Oh, Maggie – sussurrou ele, atraindo-a mais e beijando-a no cimo da cabeça. – Quem me dera poder explicar-te como é a minha vida, como são os meus dias e as minhas noites. Conhecer-te é a única coisa que me dá qualquer alegria.

– Que coisa maravilhosa de se dizer – suspirou a jovem.

Era o mais próximo que ele conseguira chegar de proferir uma declaração amorosa e escutar aquelas palavras fizeram com que o coração de Maggie batesse mais depressa.

– É a pura verdade, o que me leva a pensar se estarei completamente louco quando reflito na maneira como te trato. – Afastou-se para poder encará-la. – Depois do que te disse antes, não te censuraria em nada se me deixasses para nunca mais voltares.

– Não te deixarei, tonto. Precisas de mim.

– Sim, preciso. Muito, muito – disse, beijando-a ao de leve nos lábios e depois abraçando-a com força.

– Oh, Maggie, hoje o fardo da minha vida pesa-me tanto!

– Então, deixa-me aliviar as tuas preocupações. É para isso que aqui estou.

Maggie estava pronta para o ajudar a despir-se e confortá-lo da melhor maneira que sabia, mas Adam parecia decidido a tirar um peso do peito.

– Casaria contigo num segundo se pudesse. Sabes isso, não sabes?

– Não, não sabia. – Precisando colocar alguma distância entre eles, levantou-se e dirigiu-se à janela, observando as pessoas que passavam lá em baixo. – E queria que não voltasses a dizer-me isso. Torna tudo muito mais difícil.

– Desculpa. Só preciso que entendas porque estou tão angustiado por vezes. Não quero descarregar sobre ti.

– Então porque o fazes? – redarguiu, olhando por cima do ombro.

– Porque não há mais ninguém que me aguente quando estou nesse estado.

– Vou tomar isso como um elogio.

– E deves. Posso mostrar-te o meu lado pior e continuas a preocupar-te comigo. Isso é muito importante. – Apoiou os cotovelos sobre os joelhos e descansou a cabeça entre as mãos. – Não quero casar com outra mulher, Maggie...

– Mas tens de fazê-lo – disse ela, terminando o pensamento em seu lugar.

– É verdade, mas as mulheres que conheço são todas tão desinteressantes. Não sinto nada por nenhuma delas. O meu coração uniu-se ao teu desde a primeira vez que te vi. Conhecendo-te como te conheço torna as minhas escolhas mais...

Por mais que soubesse que devia escutar e apoiá-lo em tudo o que ele quisesse discutir, aquilo ultrapassava os limites.

– Adam – interrompeu –, por favor, não suporto ouvir mais nada sobre isso. Percebo que estejas triste e com vontade de desabafar, mas não consigo ouvir-te falar desse tema.

– Mas preciso que entendas como me sinto confuso. Antes de te conhecer, todo o processo se revelara uma tarefa difícilima, e agora...agora não consigo ponderar em seguir em frente e vejo-me obrigado. – Esfregou a mão sobre o coração como se a própria ideia o magoasse fisicamente. – Está a destruir-me.

Ao ser confrontada tão visivelmente com a sua angústia, Maggie foi incapaz de permanecer do outro lado do quarto. Aproximou-se e parou na sua frente, enfiando a mão sob a dele, massajando-lhe o centro do peito, como ele estivera a fazer.

– Lamento que te sintas tão magoado. Não quero isso.

Passou-lhe meigamente os dedos pelo cabelo enquanto ele colocava o rosto no ventre dela e confessava:

– Não posso manter-te, Maggie. Depois do casamento será simplesmente impossível. Sei que te disse isso antes de uma forma mais terrível e por conseguinte vou dizê-lo mais suavemente. Quando me casar terei de deixar-te ir, mas poderei fazer isso? Preferia cortar o braço direito a viver sem ti.

– Seja como for, não quero ficar ao teu lado depois de casares. – Ele ficou visivelmente surpreendido e ergueu o olhar na sua direção. – Sinto uma grande ternura por ti e não consigo pensar como poderia suportar partilhar-te com outra, sendo ela tua legítima mulher ou não.

Os seus sentimentos iam muito além da ternura, estando em causa um profundo e eterno amor, mas nunca lho diria. De que valeria? Ele não precisava de mais um fardo. A longo prazo, isso só tornaria as coisas mais difíceis do que já eram.

Adam sacudiu a cabeça com uma expressão consternada.

– Nunca pensei que isto fosse tão difícil.

– O que posso fazer para que te sintas melhor?

Não se atreveu a pedir-lhe qualquer conforto para si, pois tinha plena consciência de que o seu coração

ficaria eternamente despedaçado quando ele se afastasse.

– Não faço a mínima ideia – respondeu, beijando-lhe ternamente o ventre. – De momento, tudo o que sei é que depois de termos discutido, fiquei sentado na carruagem sem conseguir ir embora. Sabia que, se deixasse as coisas como estavam entre nós, terias desaparecido quando voltasse do campo. A ideia de regressar a Londres e não te ter à minha espera era insuportável.

– Tudo acabará por se resolver, Adam. Tenho a certeza. – Ajoelhou-se entre as pernas dele e rodeou-lhe a cintura com os braços. – Entretanto, precisamos de aproveitar cada dia.

– Sim, concordo. – Inalou profundamente o odor do cabelo e da pele que tanto amava. – Vamos tentar recomeçar esta noite?

– Ia sugerir o mesmo. Deixa-me só informar a cozinheira de que, afinal, ficaste para jantar.

O som de um riso masculino vindo do quarto de Anne fez com que Maggie parasse. Com Adam e James ausentes no campo, não conseguia imaginar quem estaria lá. James não, certamente. Percorreu o corredor em bicos de pés.

Anne estava nua, estendida na cama sobre um monte de almofadas e com um xaile de renda que mal lhe tapava as partes íntimas. Charles, com o cavalete montado e as tintas dispostas numa mesa próxima, encontrava-se ao lado dela, compondo-lhe artisticamente o cabelo sobre os ombros para que se encaracolasse mesmo acima dos seios.

- Que tal pareço? – riu Anne ao avistar Maggie de pé, na ombreira da porta.
- Escandalosa – respondeu, devolvendo o sorriso da amiga.
- Espero bem que sim – disse ela, com mais uma risada. – Não te acordámos, pois não?
- Não. Já me levantei há algum tempo. O que estás a fazer.

Charles virou-se para ela.

- Estamos a pintar um quadro malandro, jovem idiota, o que achas?
- Já percebi, mas porquê?
- Porque não? – ripostou Charles com um olhar pleno de ingenuidade e de bom humor.

Anne virou-se para poder ver Maggie enquanto ela lhe falava, mas Charles empurrou-a de volta ao lugar.

- Não te mexas. É mesmo assim que quero que estejas.

– Isso é o que James passa a vida a dizer-me – redarguiu Anne, fazendo com que Charles se contorcesse de riso.

Ele recuou até junto das tintas enquanto Anne tentava manter a posição, olhando de relance para Maggie.

– Será uma prenda de aniversário para James. Não te parece excessivo, pois não? – acrescentou com um olhar momentaneamente inquieto.

– Não – respondeu Maggie, sem jamais se cansar do fogo que brilhava nos olhos de Anne desde que se tinha ligado a James St. Clair. – Parece-me perfeito. James vai adorar.

Charles fitou-a do outro lado do cavalete.

- Gostarias que pintasse um teu para o Adam?

– Onde penduraria Adam uma coisa dessas?

– Ele é um marquês e isso significa que podia pendurá-lo onde quisesse. – Charles encolheu os

ombros, provocando um sorriso em Maggie. Mergulhou o pincel e misturou duas cores, obtendo uma tonalidade rosa que correspondia ao rubor das faces de Anne. – Se não quiseses ser reconhecida, podemos esconder o rosto para que pareças uma mulher misteriosa. Os outros interrogar-se-ão sobre a tua identidade, mas Adam saberia sempre. – Ergueu sugestivamente as sobrancelhas.

Maggie sentiu um leve rubor afluir-lhe às faces, o que era surpreendente. Numa casa com duas amantes e os seus cavalheiros, a discussão sexual era norma, mas por vezes sentia-se pouco à vontade, como se tivesse entrado na vida de outra pessoa. Ignorava se estaria pronta para uma pose tão íntima.

Mesmo assim, Anne e Charles pareciam estar a divertir-se imensamente e seria maravilhoso dar qualquer coisa a Adam para que não a esquecesse. Não poderia posar para um retrato; ele jamais o penduraria na sua casa, pois teria de dar uma explicação à mulher. Contudo, talvez pudesse pendurar um nu artístico, pintado pelo primo, num dos seus aposentos privados.

– Vou pensar nisso.

– Depois informa-me – pediu Charles distraidamente, já concentrado no trabalho na tela. – Sou muito rápido, portanto, este ficará pronto daqui a uns dias, mas tenho outros compromissos, e seria obrigado a ocupar-me do teu, antes que eles regressem de Sussex.

– Já sinto saudades do James – declarou Anne, da cama, com um suspiro. – Achas mesmo que eles vão ficar as duas semanas?

– Bom, para Adam é uma obrigação – respondeu Charles. – Ele não poderia insultar as doze convidadas especiais, partindo mais cedo. Só essa ideia causaria uma apoplexia à minha tia Lucretia. Quanto a James, não sei. Ele não tem muito estômago para o que está a acontecer.

– Porquê? – inquiriu Maggie casualmente, sem estar de modo algum preparada para a resposta de Charles.

Charles estava totalmente imbuído no trabalho e nem sequer pensou no reflexo que as suas observações podiam ter em Maggie e não moderou as palavras.

– Porque não há nada de mais patético do que estar sentado numa sala a observar todas as jovens a tentar disputar as atenções de Adam. As mães delas ainda são piores. É muito revoltante de muitas maneiras. Adam assemelha-se a um garanhão a ser leiloado e as raparigas são ofensivamente bajuladoras e repugnantemente insípidas. – Estremeceu de forma dramática. – Digamos que James sempre se considerou o mais sortudo dos dois por ter nascido em segundo lugar.

Maggie sentiu a garganta seca. Não tinha ideia do motivo por que Adam viajara para o campo, pois fizera questão de não perguntar, convencendo-se de que se tratava de negócios. Desde que não fosse diretamente confrontada com a evidência do seu casamento, podia fingir que tal não aconteceria, portanto, nunca o interrogava sobre a sua vida privada, mas, quando Charles mencionou doze convidadas, não conseguiu controlar a súbita vontade destrutiva de saber mais.

– Qual é o motivo da festa?

– A minha tia recebeu doze jovens e as respetivas famílias para passarem algum tempo com o Adam. Espera que o evento vá ajudá-lo no processo de seleção de uma mulher.

– Onde arranjou as doze pretendentes?

– São consideradas a nata da temporada de casadouras deste ano.

– Percebo. – Na realidade, queria ficar por ali, mas já que fora tão longe, não podia parar. – Achas que ele escolherá entre as doze?

– Suponho que há boas hipóteses.

– Porquê?

– Porque ele quer tomar uma decisão quando fizer trinta anos.

– Em fevereiro. Sim, já sabia.

– E uma das convidadas da festa é considerada a favorita pela maioria das pessoas.

– Penelope Westmoreland?

– Como sabias? – perguntou enquanto Maggie se apoiava à ombreira da porta. Nesse momento ergueu o rosto para a bonita jovem que parecia ter recebido uma facada no coração ante as suas palavras. – Maggie...?

Ela ergueu a mão para impedi-lo de correr para o seu lado. Uma coisa era interrogar-se secretamente sobre se Adam poderia casar com a sua irmã, mas outra diferente era a possibilidade saída da boca de alguém mais. Tentou esboçar um sorriso, mas não foi muito bem-sucedida.

– Acho que já tive a minha dose dessa discussão para um dia.

Anne deu-se conta da aflição de Maggie e perguntou:

– Estás bem?

– Sim, mas sabes bem como me é difícil ouvir falar destas coisas.

Charles sentiu vontade de dar um pontapé em si próprio.

– Sou mesmo idiota, Maggie! Não pensei um único segundo que as minhas palavras pudessem ofender-te. Por favor, desculpa-me.

– Está tudo bem – insistiu Maggie.

– Não acredito.

Anne olhou para Charles.

– É difícil para ela, Charles. Adam disse-lhe que a largaria depois de casar, por conseguinte os seus namoros e o casamento não são tópicos de que falemos muito.

– Ele não acha que fosse justo para a sua nova noiva ter-me como amante – disse Maggie a título de explicação. Concordava, mas como lhe doía pronunciar as palavras!

– Não precisas explicar-me o Adam, Maggie. Sei exatamente como ele é. – Aplicou mais tinta na tela, onde a figura de Anne já adquiria forma e parou o pincel a meio do gesto. – Sinto-me péssimo por trazer o assunto à baila. Não acredito que não te tenha dito o que ia fazer.

– Não é bem isso, Charles. Pedi-lhe que não partilhasse comigo detalhes íntimos da sua vida. Acho que é mais fácil assim.

Charles examinou-a com um olhar perspicaz.

– Gostas dele, não é verdade?

– Bastante. – «Amo-o, amo-o, amo-o...» A verdadeira resposta ecoava na sua cabeça e desejou poder gritar as suas emoções para o mundo inteiro.

– Então, tens um duro caminho pela frente – comentou Charles.

– Calculo, mas não mais duro que o de Adam. Ele também gosta de mim, portanto, será difícil para os dois.

– Deve estar a passar uns dias horríveis – murmurou mais para si do que para as duas mulheres. Desejando aliviar a tensão criada pelas suas palavras, fitou o céu numa simulação de prece. – Obrigado uma vez mais, Senhor, por não me teres feito herdeiro do meu pai.

Maggie obrigou-se a sorrir. Não podia ser – não o seria – infeliz. Tencionava aproveitar cada minuto do tempo que passassem juntos, sem lamentar o que poderia ter sido. O futuro estava decidido. Adam tinha as suas responsabilidades que não a incluíam. Nada podia mudar e, portanto, não valia a pena chorar e insistir no que poderia ter sido. O futuro viria, quer ela o desejasse ou não.

Depois de observar curiosamente durante algum tempo à medida que a figura de Anne assumia mais forma e mais cor, abandonou o par à sua tarefa. Lá em baixo, comeu um pequeno-almoço leve e em seguida agarrou na capa. Tinha encomendado algumas peças novas de *lingerie* para surpreender Adam quando ele voltasse e, na tarde anterior, recebera uma mensagem de que a costureira que empregava para

as suas roupas íntimas queria que fosse fazer uma última prova.

O criado que Adam deixara na casa, John, assumia vários papéis e tarefas dependendo do que era necessário e servia de laçao quando ela ou Anne saíam. Não tinham a sua carruagem pessoal. Maggie recusara que Adam fizesse a despesa de manter uma equipa extra para uso dela, dado que raramente necessitava disso. Era muito mais barato alugar uma carruagem quando tinham de ir a qualquer lado e, quando passou a ombreira da porta, John tinha o transporte à espera.

O criado ajudou-a a subir e depois juntou-se-lhe devido à insistência de Adam para que ela nunca se deslocasse sozinha. Mesmo que tivesse querido, nenhum dos membros do pessoal a deixaria. Tinham demasiado medo em despertar a raiva do marquês se permitissem que saísse sozinha e algo acontecesse. Sabendo por experiência própria como era difícil encontrar um trabalho remunerado, Maggie não tinha coragem de pôr os seus lugares em riscos e, por conseguinte, acedia tranquilamente às numerosas exigências que Adam lhes impunha. Fizera dúzias de viagens às compras na companhia de John e ele era um jovem tão calmo e educado que mal dava pela sua presença e não a incomodava. E via-se forçada a admitir que houve muitas vezes em que se sentiu mais segura por ele se encontrar ao lado dela.

O tempo que gastou a experimentar a roupa interior nova foi divertido. A mulher que criara as chocantes amostras de renda e de seda era extremamente desbocada e não se poupava a comentários lascivos sobre como as várias peças podiam ser usadas da forma mais eficaz. Maggie acolheu de bom grado as sugestões da mulher, embora estivesse um pouco corada quando saiu do estabelecimento.

Ia carregada de embrulhos ao sair para a rua movimentada, o que facilitou a manobra do desconhecido quando lhe agarrou no braço e a afastou do sítio onde John a aguardava com a carruagem.

– Ei! Você aí! – ouviu John gritar.

Os embrulhos espalharam-se no chão, o que apenas serviu para aumentar a confusão dos transeuntes e permitiu que o homem se escapasse com ela.

Antes que Maggie pudesse lutar ou falar, viu-se depositada numa carruagem que se encontrava a aguardar. A porta fechou-se com ruído e o grupo afastou-se, mal lhe dando tempo a agarrar nas compras. Endireitou-se, avistou uns sapatos de homem e, ao erguer o rosto, viu um par de pernas masculinas, colete, lenço e deparou com o rosto do pai, o duque de Roswell.

Ao longo dos anos, as poucas vezes que o tinha visto em lugares públicos fora sempre rapidamente e à distância. Era estranho observar o seu rosto tão de perto, pois nunca se dera conta de como se parecia com ele, sendo a única diferença causada pelo facto de ser mulher e dotada de traços mais suaves e delicados.

O porte também era o mesmo. O duque não deixava dúvidas quanto à sua posição no mundo simplesmente pela forma como falava e se movimentava. Embora Maggie nunca houvesse desfrutado dos benefícios desse estatuto, possuía uma graciosidade e um estilo semelhantes ao dele. Não restava dúvida de que eram pai e filha. Pareciam-se e agiam de forma demasiado semelhante para que assim não fosse.

Aos quarenta e cinco anos, o duque era um homem incrivelmente bonito, com o cabelo loiro pontilhado de branco e algumas rugas à volta da boca e dos olhos. E que olhos! De um azul profundo, intenso e avassalador e fitando-a com um terrível escrutínio. Maggie conseguiu sustentar a respiração ofegante.

– Ainda bem que sabes quem sou! – disse o duque ao ver que ela o reconhecia. – Fico satisfeito por podermos dispensar formalidades.

– Deixe-me sair! – disse Maggie com um salto na direção da porta, pronta a pular para a rua se fosse necessário, mas ele prendeu-a firmemente pelo pulso.

– Seria terrivelmente insensato magoares-te devido a um esforço inútil. Se saltasses lá para fora, um dos meus homens agarrava-te e trazia-te de volta.

– O que pretende?

– Falar contigo.

– Mas eu não quero.

– Tenho de confessar que lamento haver sido obrigado a recorrer a táticas tão baixas para nos unir, mas recusaste o meu convite de há umas semanas e Adam conservou-te tão presa ao lado dele que só agora me foi dada a oportunidade de te conhecer. – O duque bateu ao de leve e pensativamente com um dedo nos lábios. – Pergunto a mim mesmo o que ele pensaria se soubesse que eras minha filha. Gostaria muito de ter uma resposta para isso. Talvez lho diga quando ele regressar.

– Não fará isso.

– Ah, não? – retorquiu com um sorriso malicioso. – Sou teu pai, o que me dá direito a fazer o que me apetece no que te diz respeito.

– Não é meu pai. O meu pai está morto.

– Os dois sabemos que isso não é verdade, não sabemos? – Inclinando-se para a frente, agarrou-lhe no queixo e ela tentou soltar-se, mas ele limitou-se a prendê-la com mais força. Virou-lhe o rosto de um lado para o outro, como que à procura de defeitos. – Acredito que és ainda mais bonita do que a tua mãe.

Aquelas palavras deram-lhe a força necessária para lhe empurrar a mão.

– Não se atreva a falar sobre ela.

– Ah... e vejo que também herdaste a sua natureza apaixonada – sorriu, pensando que ela era realmente interessante. – Pelo que tenho ouvido, também herdaste muito da minha personalidade.

– Espero bem que não. Longe de mim querer parecer-me consigo.

– Mas pareces-te, minha querida, quer te agrade ou não.

– O que o faz pensar que sabe tanto a meu respeito?

– Nunca tive dificuldade em manter-me a par da tua vida. Havia sempre conhecidos que me diziam que tinham visto a tua mãe. Ou a ti. Além disso, em algumas ocasiões mandei os meus homens recolherem os dados necessários. Sempre me mantive muito bem informado ao longo dos anos.

– Então sabia que precisávamos de ajuda.

– Por norma.

– Porque nunca nos ajudou?

– Não queria.

– Porquê? Era assim tão orgulhoso ou detestava-nos tão intensamente?

– Não. Estava apenas a dar à tua mãe uma longa e dura lição.

– Que lição?

– A de que lamentaria o dia em que recusou a minha proposta.

– Fez-lhe uma proposta?

Aquela era uma parte da história deles que Maggie desconhecia e que não desejava saber naquele momento. Sobretudo dos lábios dele.

– Claro. Porque tipo de homem me tomas?

Ao longo dos anos, haviam-lhe ocorrido centenas de maneiras de descrever a pessoa desprezível que o considerava e teve de morder a língua para não responder. Em vez disso, perguntou:

– Disse que estava a dar uma lição à minha mãe ao ignorar-nos. Que lição nos dava?

– A ti, nenhuma. Não fazias parte do jogo.

– Entendo – respondeu amargamente, desejando apenas livrar-se da companhia dele o mais rapidamente possível. – Sinto-me feliz por a minha mãe nunca me ter permitido que acalentasse qualquer ilusão sobre os seus verdadeiros sentimentos para com a sua filha primogénita.

– Não encares isso a peito.

– Como devo encarar?

O duque esboçou um aceno com a mão.

– Apenas quis dizer que a luta era entre a tua mãe e eu. Não estavas envolvida.

– Como poderia não estar envolvida se fui a causa? – Com mais emoção do que pretendia mostrar, acrescentou: – Sobretudo quando afetou toda a minha vida?

– Todas as dificuldades por que passaram foram opção dela.

– Não acredito – ripostou Maggie, abanando a cabeça.

– Pouco me interessa que acredites ou não, mas entende isto: ofereci-lhe um pequeno fundo fiduciário e a posse da vossa casa. Não era muito, mas nessa altura ainda não havia recebido o título e o meu dinheiro era muito limitado.

Negando-se a acreditar nele, interrogou-se mesmo assim sobre se alguma parte seria verdade. Porque lhe mentiria sobre uma coisa daquelas passado tanto tempo?

– O que aconteceu?

– Atirou-me a proposta à cara. Disse que me amava – pronunciou a palavra *amor* num tom duro, como se fosse algum epíteto imundo – que queria que ficasse com ela e te reconhecesse como filha.

– Ela amava-o. Sempre o amou.

– E daí? O que ela queria estava completamente fora de questão. Mande-i-a embora e nunca olhei para trás. Ela insistiu em que conseguiria seguir caminho sem a minha ajuda. Deixei que o fizesse.

– Ela era muito jovem! – gritou praticamente Maggie, tão frustrada se sentia. – Muito mais do que eu sou agora. Como poderia saber o que era melhor quando o seu coração estava tão preso?

– Foi o pior erro que cometeu, o de deixar que as emoções se apoderassem dela. Disse-lhe desde o início que não me amasse. Ela não obedeceu.

– É uma coisa que algumas pessoas são incapazes de controlar.

– De qualquer maneira, a continuidade da sua vida foi inteiramente de sua responsabilidade. Deixou que o orgulho destruísse as vossas vidas. Espero que sejas mais racional nas tuas negociações com St. Clair quando ele te largar. És minha filha, portanto, espero que tenhas herdado uma parte da minha astúcia e senso comum.

– Disse e repito que não me pareço nada consigo.

O duque ignorou o comentário, sem voltar a argumentar.

– Ele está a pensar manter-te depois de casar?

Maggie conservou-se em silêncio durante algum tempo, interrogando-se sobre onde aquela conversa a levaria. Finalmente, respondeu:

– A minha relação com o Adam não é da sua conta.

– É o que pensas. – Meteu a mão no bolso do colete e verificou as horas, dando a sensação a Maggie de que o seu primeiro encontro com a filha estava a demorar mais tempo do que tinha previsto ou desejado. Colocou-a à defesa quando perguntou num tom demasiado casual: – Por falar em Adam, ele vai declarar-se a uma das doze quando regressar do campo?

– Como hei de saber?

O duque inclinou-se e deu-lhe uma palmadinha no joelho.

– Vamos ser francos, de acordo? Sei tudo sobre a tua relação com o Adam.

– Não, não sabe, se acha que ele me iria confidenciar uma coisa dessas.

O duque deitou-lhe um olhar especulativo. Com base nos poucos relatos que conseguira obter, Adam adorava a jovem. Decerto conversavam muito, dentro e fora da cama.

– Porque não?

– Não tenho vontade de conhecer os planos dele e pedi-lhe que não os partilhasse comigo. Portanto, se é esse o motivo por que me sequestrou na rua, sinto-me deliciada por lhe dizer que desperdiçou

totalmente o seu precioso tempo.

Estendeu a mão para a porta, esperando conseguir ver-se livre dele.

– Ainda não terminámos. Senta-te. – Agarrou-lhe no pulso e voltou a empurrá-la contra o coxim. – Tenho uma proposta a fazer-te.

– Não duvido.

– Quero que Adam peça em casamento a minha filha Penelope, o mais depressa possível.

– Pobre Penny! – lamentou Maggie num tom sarcástico. – Ela está tão desesperada como parece?

– Nem pensar. Ela é a debutante mais procurada este ano.

– Ah, sim? Então, como se encontrava numa casa de banho num baile, a puxar o corpete mais para baixo, a fim de desnudar os seios? Entretanto, choramingava o tempo todo porque Adam nunca olha para ela, nem consegue chamar-lhe a atenção por mais que tente. E agora raptou-me para a ajudar a conquistar os favores dele. Considero sem dúvida essa postura como *desesperada* da vossa parte.

O duque negou-se a reagir a um sentimento tão ridículo, embora anotasse mentalmente para dar algumas boas chicotadas a Penelope quando ela regressasse do campo. Que rapariga idiota! A portar-se assim em lugares públicos com o risco de ser ouvida por alguém. Apelou a todo o autocontrolo.

– Ela deseja casar com ele, mas também o desejo e vais zelar para que isso aconteça.

Maggie interrogou-se sobre se estaria a viver qualquer terrível pesadelo. Foi mesmo ao ponto de beliscar o braço para se assegurar de que não estava a sonhar. Infelizmente, estava bem desperta.

– Nem daqui a mil anos.

– É o que vamos ver.

– Nada do que pudesse dizer ou fazer me levaria a atraiçoar Adam ou ajudar a conquistá-lo para Penny.

– Estás segura?

– Mais do que alguma vez estive na vida.

– Bem, então pondera nisto e tenho a certeza de que verás os benefícios de mudares de ideias.

– Ponderar no quê?

– Se recusares ajudar, tenciono declarar publicamente a minha paternidade.

– Que motivo o levaria a fazer uma coisa dessas tão tardiamente?

– Acredito que o prazer que obtém de ti o impede de tomar uma decisão pela qual estou cansado de esperar. Quero-te fora do caminho e quero vê-lo casado com Penelope. Se concordares ajudar, permitirei que fiques ao lado dele durante o tempo que quiser manter-te. Se não o fizeres, reclamarei a paternidade, farei com que os tribunais me nomeiem teu tutor e farei com que cases quinze dias após a decisão. – Ficou satisfeito ao detetar a expressão chocada no rosto da jovem, mas interpretou-a mal. Julgando tratar-se de medo, pressionou a sua ilusória vantagem. – Nunca mais voltarás a ver o teu precioso Adam St. Clair.

Espantada, Maggie só conseguiu abanar a cabeça. O seu reconhecimento de paternidade era o que desejara toda a vida. Quando era pequena tinha sonhado e rezado para que o fizesse. Contudo, nunca imaginara que o mesmo nascesse daquela maneira. O facto de ele sugerir... incentivar tal coisa... pensar por um momento que ela era o tipo de pessoa capaz de adotar um comportamento tão desprezível... era indescritível.

Ela dissera que ela herdara muitas das suas qualidades. Talvez fosse verdade, pois a raiva que lhe correu subitamente nas veias era algo que ignorava possuir.

– Desprezo-o e negarei até ao último suspiro que seja meu pai. Quando a Adam... – Viu-se obrigada a respirar fundo para controlar o fôlego. – Ao contrário de si, jamais trairia a confiança de alguém, sobretudo, tratando-se de uma pessoa de quem gosto enormemente.

O duque estava furioso. Ninguém o desafiava. Na verdade, aquela era uma ocorrência tão estranha e rara que não conseguiu pensar na resposta adequada. Pela primeira vez na vida, ficou sem palavras.

– Se não fizeres isso, eu... eu...

– A pior coisa que podia fazer-me, já a fez. Recusou ajudar a minha mãe quando ela estava a morrer. O pior já aconteceu por suas mãos e sobrevivi. O que podia fazer-me ainda mais grave seria matar-me, mas juro que preferia morrer do que atraiçoar Adam.

De súbito, a carruagem ficou presa no trânsito e parou bruscamente. Maggie aproveitou a oportunidade e levantou-se para sair. O duque estendeu novamente a mão para agarrá-la, mas o olhar imperioso que ela lhe lançou deteve-o.

– Vou fazer com que te arrependas tanto – ameaçou. – Amaldiçoarás o dia em que nos conhecemos.

– Já amaldiçoo, mas talvez não seja eu a ter de preocupar-me. Planeio contar ao Adam tudo o que me disse. Mal tenha essa possibilidade. – Desceu para a rua e tropeçou pois não havia ninguém que a ajudasse. – Veremos como a sua querida Penelope se sai depois disso! – acrescentou, batendo com a porta e escapando-se pelo meio da multidão antes que um dos seus homens pudesse impedi-la.

O duque recostou-se no assento, esfregando as têmporas. Aparentemente tinha menosprezado a jovem. Não só era bonita e inteligente, mas também leal, firme, determinada e arguta. Uma lutadora. Uma vencedora. Na generalidade, um ser magnífico de quem qualquer pai se orgulharia em ter como filha.

Que pena nunca poder ter sido mais do que uma filha ilegítima.

James contemplou através da janela o relvado e os jardins que se estendiam nas traseiras da luxuosa habitação a que se referiam como a casa de campo da família. A noite tinha caído levando as cores, mas tochas iluminavam o labirinto de caminhos e os pontinhos luminosos assemelhavam-se a belas estrelas que haviam descido à Terra, espalhando-se pelo solo. De vez em quando avistava sombras de várias pessoas que passeavam aos pares ou em grupos. Toda a semana havia sido excepcionalmente acolhedora e agradável e a noite estava refrescante, sem frio, atraindo inúmeras pessoas para o exterior.

Segundo as opiniões gerais, a festa tinha sido um sucesso enorme. A mãe, apesar de todos os seus rígidos e detestáveis hábitos, sabia como organizar um evento tão importante e as dúzias de convidados estavam a divertir-se imensamente. Todos menos ele. Nunca se sentira tão entediado.

Tinha saudades de Anne.

Sentia falta da sua conversa picante e da paixão ardente. Sentia falta do riso, das histórias engraçadas, do seu senso comum, da esperteza e da postura descarada. Naquele momento, o único lugar onde desejava realmente estar era no quarto dela, na cama dela, recostado nas almofadas com o quente e lascivo corpo feminino estendido sobre o seu peito. De olhos fechados, conseguia evocar o toque da pele dela, o cheiro dos cabelos.

– O que estou a fazer aqui? – murmurou na sala envolta em silêncio.

Baixou os olhos e examinou demoradamente os documentos que segurava na mão. Havia chegado no começo do dia por intermédio de um mensageiro especial. O seu tio-avô tinha finalmente morrido, viúvo e sem filhos e James tornara-se seu herdeiro. Agora era um barão. Não estavam em causa um título particularmente antigo nem uma propriedade rica, mas tratava-se de um título e de uma propriedade.

Visitara-a muitas vezes ao longo dos anos, sempre consciente de que um dia viria a pertencer-lhe. Tinha uma bela localização, embora um pouco isolada na Cornualha, e era dotada de uma bonita casa, campos férteis e prósperos locatários. O rendimento era ótimo para uma propriedade daquele tamanho. Esses fundos, aliados ao dinheiro que o pai lhe deixara, não faziam dele um homem rico, mas certamente bem instalado na vida.

Aquele devia ser um grande dia na sua vida. Talvez o mais importante. Então, porque não se sentia excitado? Devia estar ao fundo do corredor, no salão, namoriscando as senhoras, divertindo os cavalheiros, participando na festa, mas não podia forçar-se a fazê-lo. Em vez disso, há mais de uma hora que se escondera na biblioteca, esperando que ninguém tivesse dado pela sua falta. Todos estavam tão centrados em Adam que duvidava que alguém reparasse e ele precisava de algum tempo a sós para

pensar no futuro.

Não tinha falado muito na herança pelo simples facto de não desejar parecer que era qualquer mostrengo, a aguardar impientemente a morte do velho e gentil cavaleiro. Poucas pessoas estavam a par do assunto, embora a informação se tivesse espalhado bastante rapidamente. Ignorava quem dissera a toda a gente. Ele certamente não fora.

Já reparara no novo olhar de avaliação das mulheres. Aparentemente, interrogavam-se sobre se o segundo prémio seria aceitável no torneio St. Clair. Caso não fossem escolhidas pelo marquês, só poderiam beneficiar pessoalmente casando com um membro da realeza que, por acaso, também era irmão do marquês.

A ideia de ser avaliado àquela luz enojava-o um pouco.

O eco de saltos altos no corredor indicou-lhe que a sua pausa chegara ao fim. Conheceria aquele andar em qualquer sítio. A mãe, Lucretia, irritada pelo rumo que as coisas tomavam, entrou na sala e fechou a porta atrás dela.

– Boa noite, mãe.

Era sempre educado com ela, sem saber muito bem porquê. A mãe sempre o tratara de uma forma brusca e arrogante em todos os dias da sua vida.

– James, tens de voltar ao salão imediatamente.

– Porquê?

– Porquê? – repetiu, tremendo de indignação. – A tua ausência tem sido notada. Estás a ser extremamente indelicado.

«Não tanto como tenciono ser», esteve quase a dizer em voz alta. Antes de responder, esboçou o sorriso que nunca deixava de irritá-la.

– Não me diga que uma das beldades sentiu a minha falta? Qual delas? Vou já a correr para o lado dela.

– Não sejas insolente – repreendeu no tom de voz que fazia com que se sentisse novamente com dez anos. – Já três senhoras me perguntaram onde tinhas ido. Particularmente Miss Hawkins.

– O que levaria alguém a perguntar por mim? Deixe-me adivinhar: estão todas a interrogar-se sobre se o novo barão desapareceu. – disse, quase revirando os olhos de desdém. – Pergunto a mim próprio como souberam da minha herança.

Lucretia retesou o corpo.

– Contei a alguns convidados especiais e não vou desculpar-me por isso. Toda a gente sabe. Tornaste-te repentinamente um bom partido. Esse grupo de mulheres pode convir-te tão bem como ao teu irmão.

Portanto, as rodas já estavam em andamento.

– Sim, seria tão conveniente se me contentasse com uma das sobras de Adam! Com certeza! Vou regressar imediatamente.

– Não demores – reagiu a mãe sem, como era hábito, reparar no seu sarcasmo. – Dou-te quinze minutos.

Lucretia saiu com um ar irritado e James afundou-se novamente na cadeira atrás da grande secretária.

James nunca se dera bem com ela, nunca se sentira próximo, nunca estabelecera laços emocionais. A mãe era uma mulher fria, frágil, que nunca se deixara conhecer. Nunca haviam sido uma família por esse motivo. Ela nunca denotara uma centelha de cuidado maternal. James fora criado por governantas e amas e a mãe só raramente visitava o seu quarto enquanto ele crescia. Por regra, apenas se dignava aparecer quando ele causava qualquer problema.

Os pais raramente falavam um com o outro e Aston parecia considerá-la tão desagradável quanto James sempre achara. Tendo em conta as divergências irreparáveis entre os pais, raramente viu Aston

enquanto se tornava adulto. Quando o indivíduo se dignava fazer uma visita ocasional, pouco mais era do que um estranho. Como resultado, James nunca tinha conhecido o pai. Em muitos aspetos, considerava-se como se tivesse sido criado como um órfão.

Talvez fosse esse o motivo que o levara a procurar a companhia de Grace Stuart no ano anterior. Descobriu uma mulher graciosa, uma casa cheia de amor, riso e um trio de meios-irmãos felizes e realizados. Todos haviam amado Aston profundamente e James sentiu que começava a conhecer o homem misterioso, aprendendo através dos olhos deles. James tinha sido acolhido como se fizesse parte da família e também os recebera afetuosamente. A noção de pertença que descobrira era algo de que nunca sentira falta, mas nesse momento não conseguia perceber como passara sem ela um só dia da sua vida.

Por Deus! Agora desejava o que o pai havia encontrado junto de Grace Stuart. Amor, riso e uma casa cheia de crianças barulhentas. Recusava aceitar a vida que fora imposta a Adam. O irmão e Lucretia bem podiam falar pomposamente das malditas obrigações até sufocarem nelas. James não lhes seguiria os passos. Se isso contribuísse para se desentender com ambos, paciência! Agora, tinha outra família, uma família que amava e se interessava por ele e o apoiaria em quaisquer decisões que tomasse. E já havia tomado a mais importante de todas.

Os passos de Adam foram o som seguinte no corredor. Por um breve segundo, James desejou ter ido embora antes de enfrentar o irmão, mas não podia fazê-lo. Depois de acionar as coisas em Londres, era muito provável que Adam nunca mais lhe dirigisse a palavra. Amava-o demasiado para fugir sem se despedir.

– Olá, irmão. Imagina só encontrar-te aqui! – disse James quando Adam entrou na sala.

Adam fechou as portas, dirigiu-se à secretária, puxou uma cadeira e sentou-se diante de James.

– Se ouvir mais uma rapariga a cantar *Oh, Rose of Winter*, acho que enlouquecerei.

– Exatamente o que acho.

– Na eventualidade de te interrogares sobre o que faço aqui...

– Longe disso – interrompeu-o Adam com uma gargalhada. – A mãe mandou-me vir buscar-te com o recado de que os teus quinze minutos acabaram.

– Não regressarei ao salão. Nem mesmo arrastado por cavalos selvagens.

– É assim tão mau?

– Pior do que mau, diria.

Adam observou James com um olhar crítico. Alguma coisa se passava; conhecia James bem de mais para não reconhecer os sinais. Dirigiu-se ao aparador, serviu-se de um copo de *bourbon* e encheu novamente o que James tinha pousado em cima da secretária. Sentou-se e depois levantou o copo num brinde:

– Ao lorde mais recente do reino.

James correspondeu, juntando o copo ao do irmão.

– Para um homem que acaba de se tornar membro da nobreza não pareces muito satisfeito.

– Foi algo que nunca me interessou muito. Sabes isso perfeitamente.

– É verdade. Nunca teve muita importância – anuiu, inclinando-se para diante e apoiando os cotovelos nas coxas. – Esse acesso de melancolia não se enquadra contigo. O que se passa, James?

– Tenho estado a pensar no futuro – respondeu James com um encolher de ombros, como se nada tivesse importância. – Sinto a falta da Anne. Não sei o que estou a fazer aqui.

Adam assentiu com a cabeça. Também sentia a falta de Maggie, mas a separação era inevitável.

– Desempenhaste um papel importante, James. Ajudaste-me a receber os convidados e agora cabe-te um papel ainda mais relevante.

– Qual? – perguntou James, embora já conhecesse a resposta.

– Agora encontras-te na mesma situação, aquela a que sempre te achaste com sorte por haveres escapado. Um destes dias terás de casar. Devias começar a circular entre as jovens. Algumas são muito meigas.

– Oh, sim, sem dúvida muito meigas! – concordou James num tom sarcástico. – Notei que te agarraste logo a uma delas! – acrescentou, revirando os olhos com desdém. – Poupa-me, Adam. A mãe mandou-te aqui para falares sobre isso?

– Pediu-me que o mencionasse, mas de qualquer maneira tencionava abordá-lo. Este é um bom lugar para iniciares a tua busca.

James abanou a cabeça consternado ao ver como o irmão por vezes podia ser tão obtuso.

– Adam, sabes perfeitamente que todas essas senhoras me desprezaram durante a última temporada e ao longo dos anos. Ser eu próprio não bastava. Ser filho de um marquês não bastava. De súbito, tornei-me barão e já basta. Achas mesmo que agora me interessaria por qualquer delas?

– Serão diferentes.

– Não, serão as mesmas, apenas se comportarão de uma forma diferente. – Necessitando subitamente de se mexer, levantou-se e dirigiu-se à janela, abstraindo-se no escuro, até que a sensação dos olhos de Adam fixos nas suas costas se tornou tão intensa que o obrigou a virar-se. – Quero o que o pai tinha, Adam. Quero o que ele encontrou ao lado de Grace Stuart.

– Não pronuncies o nome dela – reagiu Adam num tom brusco. – Não nesta casa onde ela causou tanto mal.

James ergueu o braço num sinal de tréguas. Nessa noite, faltava-lhe energia para discutir o assunto. Nessa noite, pairava no ar uma questão muito mais importante.

– Quero ser feliz, Adam. É o que sempre desejei e achei difícilimo de conseguir. Quero passar a vida com alguém que me ame.

– O que queres dizer com isso? – retorquiu Adam após um pesado silêncio.

– Quero dizer que vou casar-me com Anne Porter. Se me aceitar, claro. Ignoro se pensará ou não que sou um bom partido, mas sei que me dirá sinceramente o que sente. É uma das facetas que mais me agrada nela.

– Casares com Anne? – repetiu Adam, como se não tivesse compreendido. – Não podes estar a falar a sério.

James já passara pela experiência de ver Adam sem palavras. O irmão abriu literalmente a boca de espanto. Após outro moroso silêncio, James afirmou baixinho:

– Nunca falei mais a sério em toda a minha vida.

– Mas ela é uma prostituta! – explodiu finalmente Adam, levantando-se tão bruscamente que a cadeira caiu atrás dele.

– E o que é que isso faz da Maggie? – retorquiu James num tom amargo.

– Não estamos a falar da Maggie – gritou Adam, apontando um dedo acusador. – Isto é sobre ti, sobre o teu nome, a tua linhagem. A linhagem dos teus filhos. Perdeste totalmente o juízo? Não te interessa o escândalo que provocarás?

– Nem um pouco.

– Se não for isso, que tal a humilhação que causarás à mãe?

– Porque devo preocupar-me com ela, Adam, se nunca pensou um só momento no meu bem-estar?

– Mesmo assim, é nossa mãe – sibilou. – Isso vai matá-la.

– Ela sobreviverá – garantiu James tranquilamente, ainda mais determinado devido à indignação de Adam. – Se não sobreviver, pouco me interessa.

– Foste sempre um safado egocêntrico.

– Lamento que encares o assunto dessa forma, mas recuso levar a vida que estás disposto a infligir a ti próprio. Queres mesmo arriscar-te a casar com uma dessas raparigas que não te interessam minimamente e expores-te a dar aos teus filhos a mesma vida que tivemos em criança?

– Não será assim – insistiu Adam com menos entusiasmo do que deveria ter usado para argumentar o seu ponto de vista.

– Será exatamente assim – disse James, acabando a bebida de um trago e pousando o copo em cima da secretária. – Vou regressar a Londres de manhã para poder pedir Anne em casamento. Se ela aceitar, quero desencadear imediatamente o processo.

– Só por curiosidade, como darás início à mortificação da nossa família? Colocando um anúncio no *Times* ou encarregando o vigário de começar a anunciar os banhos no próximo domingo?

– Nenhuma dessas hipóteses. Quero que a cerimónia se realize o mais depressa possível.

Levado por uma súbita inspiração, Adam advertiu:

– Impedirei qualquer tentativa de obteres uma licença especial.

– Nesse caso, *envergonhar-te-emos* ainda mais e fugiremos – reagiu, encolhendo os ombros e lamentando que a discussão tomasse aquele caminho, mas consciente de que provavelmente não poderia ter sido de outra forma. – Terás uns dias para pensar no assunto e mudar de opinião. Espero que o faças.

– Não me interessa o quanto pensas que a amas. Não darei a minha bênção. Não reconhecerei a união e nunca te receberei na minha casa. E a mãe também não o fará.

– Ooooooh... Ai está uma ameaça que me deixa a tremer.

– Mas deveria. Serás banido onde quer que vás. A tua mulher arcará com o pior. Pensa nela, se não queres pensar em ti.

Os olhos de James brilharam de raiva.

– Tenho vinte e sete anos, o meu próprio título e a minha fortuna pessoal. Não precisarei nem pedirei a tua bênção e, se optares por recusá-la numa questão que significa tanto para mim, não podia ligar menos.

– Deu a volta à secretária até ficarem uns escassos centímetros separados, frente a frente. – Quanto a Anne e às opiniões que tens a respeito dela: amo-te, irmão, e sempre te amarei, mas ela será minha mulher e espero que receba toda a cortesia e todo o respeito que merece devido a essa posição. De ti e dos demais. Se alguma vez voltares a chamar-lhe prostituta, terás de haver-te comigo. Não me obrigues.

Adam, assustado e consternado com o que estava a acontecer, suavizou a postura e colocou a mão no ombro do irmão.

– Não faças isso, James – implorou calmamente. – Não faças isso à mãe, nem a mim. Por favor.

James sacudiu a mão e afastou-se.

– Partirei de madrugada para que não haja necessidade de despedidas ou de explicações. Apresenta desculpas em meu lugar.

Saiu da sala sem olhar para trás.

\* \* \*

Maggie estava sentada na frente do toucador no seu quarto e fitou o seu reflexo no espelho. Inclinando o rosto para a frente e para trás não conseguiu detetar nada que achasse diferente. Parecia a mesma, o que se tornava difícil de acreditar. Caso as suas suspeitas se revelassem verdadeiras, se essa coisa espantosa tivesse acontecido, decerto haveria qualquer sinal na pele, na cor dos olhos, no brilho do cabelo. Mas, nada de nada. Continuava a mesma de sempre.

Passou uma das mãos sobre o ventre. Com medo. Com espanto, em total estado de pânico. Poderia ser? Voltou a contar as semanas. Não havia dúvida a esse respeito. Devia ter acontecido numa das primeiras

noites depois de regressar a casa e deixar de trabalhar no bordel. Consternada, atirou-se para cima da cama e tapou os olhos com o pulso.

Caramba! Mas ela fora tão cuidadosa.

Rose e Anne tinham-lhe indicado todas as coisas que podia fazer e usar para evitar uma gravidez. E experimentara todas elas, lavando-se com vinagre e outros ingredientes, tomando poções de ervas, bebendo infusões, servindo-se o mais possível da boca e das mãos. Fizera tudo e testara tudo de que ouvira falar, mas de nada valera, pois o mais importante que lhe tinham dito – que todos os cuidados do mundo não poderiam impedir uma gravidez se estivesse predestinada – parecia ter acontecido.

– O que fazer? O que fazer? – murmurou no silêncio do quarto, voltando a sentar-se. Antes do mais, precisava certificar-se. Ignorava quando é que uma parteira podia confirmar um bebé, mas precisava de perguntar a uma delas. Anne saberia com quem devia falar. Anne saberia o que fazer.

Maggie encaminhou-se nos bicos dos pés até à porta e abriu uma fresta, sem ouvir qualquer som e interrogando-se sobre o que isso significava. James tinha-as surpreendido a ambas ao vir para casa mais cedo e o casal de amantes tinha-se fechado à chave no quarto de Anne, sem sair para comer ou para beber. Quando a noite ia adiantada, Maggie ouvira-os a falar, discutindo ocasionalmente, lutando até e depois sussurrando ao romper do dia. Alguma coisa se passara. Maggie sentia-a no ar e esperava de todo o coração que James não tivesse decidido deixar a amiga. Maggie não sabia se Anne aguentaria outra perda dolorosa.

O corredor estava imerso em silêncio. Se James se fora embora, não o ouvira sair. Depois de terem passado a noite acordados, era sem dúvida possível que estivessem a dormir. Nesse momento, Gail apareceu no corredor e Maggie interrogou-a em voz baixa sobre o paradeiro de James, vindo a saber que ele abandonara a casa de manhã cedo. Anne estava a pé, sem se ter arranjado, sentada no quarto.

Maggie dirigiu-se à porta do quarto de Anne e bateu, pensando como começara por se sentir entristecida ao ver que James regressara e Adam não viera com ele. A razão ditou-lhe que ele não podia abandonar os convidados na casa de campo, mas o coração desejou que o tivesse feito. Agora, com aquele problema sobre a cabeça, sentiu-se satisfeita por ele ficar fora durante mais alguns dias. Dar-lhe-ia tempo para saber alguns factos e elaborar um plano.

– Entre – disse a voz de Anne baixinho do outro lado da porta.

Maggie obedeceu hesitante, interrogando-se sobre o motivo da confusão e preocupada com o estado em que ia encontrar Anne. De vez em quando ouvira estrondos, como se Anne estivesse a atirar objetos a James.

No entanto, o quarto parecia perfeitamente arrumado. Anne estava sentada numa cadeira ao lado de uma mesinha, embrulhada num roupão felpudo, bebendo o chocolate da manhã. Tinha o cabelo impecavelmente escovado, mas os caracóis negros enquadravam um rosto que parecia encovado e pálido, como se estivesse doente. Os olhos estavam vermelhos de chorar, embora isso já fizesse parte do passado. Denotava um ar pensativo, como se carregasse nos ombros todas as preocupações do mundo.

– Bom dia – saudou Maggie ao entrar, tentando sorrir.

– Oh, Maggie, és tu. Olá! – disse Anne, pousando a chávena na bandeja. A título de explicação, acrescentou: – Julgava que seria a Gail com o meu vestido. Queres alguma coisa? – perguntou com um gesto na direção da bandeja.

– Sim, obrigada. Acho que sim. – Maggie sentia-se ligeiramente enjoada, quer fosse por causa de um bebé ou simplesmente pelo nervosismo provocado por essa possibilidade, não sabia. Contudo, sentou-se e serviu-se de uma chávena de chocolate, esperando que lhe acalmasse a desagradável sensação. Bebeu um golinho do líquido quente, olhou por cima da borda da chávena e acrescentou: – Preciso de te falar.

– E eu contigo. Não vais acreditar no que aconteceu.

O repentino aflorar de lágrimas aos olhos de Anne fez soar a campainha de alarme na cabeça de Maggie. Se James a tivesse magoado, Maggie matá-lo-ia.

– O que é isso? Foi o James? O que fez ele?

Anne esticou o braço por cima da mesa e apertou a mão de Maggie.

– Ele não *fez* nada. Só que aquele... aquele desgraçado quer casar comigo.

– O quê?

Maggie estava tão chocada que não tinha a certeza de que ouvira bem.

– Quer casar comigo – repetiu Anne, sacudindo a cabeça e soltando uma leve risada ante o olhar atordoado de Maggie. – Eu sei, também mal consegui acreditar.

– Desculpa. Eu só... – Sem saber o que dizer, fechou a boca, recompondo-se um pouco antes de tentar novamente. – O que provocou isso?

– Diz que sentiu a minha falta. O facto de ter estado longe durante uns dias deu-lhe oportunidade de pensar na vida. Na semana anterior herdou uma propriedade e algum dinheiro, continuou a pensar no futuro e decidiu que quer gastá-lo comigo. – Pegou num guardanapo e limpou uma lágrima que teimara escapar-lhe pela face. – Consegues acreditar?

– Claro que sim. És a pessoa mais maravilhosa que conheço. Acho que James é muito mais inteligente do que eu julgava – respondeu, apertando a mão de Anne com força. – Espero que tenhas tido o bom senso de aceitar.

– Bom, no início não, mas ele venceu-me. – Retirou a mão esquerda de baixo da mesa onde a ocultara discretamente quando Maggie tinha entrado no quarto. O dedo ostentava um bonito anel de noivado, uma esmeralda encrustada num pequeno mar de minúsculos diamantes. – Vamos casar na sexta-feira.

Maggie já estava a segurar na mão direita de Anne e nesse momento pegou também na esquerda.

– Oh, Annie. Sinto-me muito, muito feliz por ti.

– Queres ser minha madrinha?

– Seria uma honra.

Mais algumas lágrimas escorreram pelas faces de Anne e Maggie pegou no guardanapo e enxugou-lhas.

– Porque estás tão triste? – inquiriu.

– Não estou triste. Estou em estado de choque.

– É compreensível – anuiu Maggie que também se sentia bastante atordoada com a notícia. – Porque estavam a discutir?

– Ouviste?

– Acho que algumas pessoas que vivem a dois quarteirões de distância provavelmente também ouviram.

Anne passou a mão distraidamente pelo cabelo e suspirou, dando a sensação de que acabara de travar uma grande batalha e perdera.

– É uma confusão tão grande.

– Porquê? Não queres seguir em frente?

– Bem, claro que quero, mas ele tem muitos problemas a enfrentar para casar com alguém como eu. Não acho que se aperceba das dificuldades.

– Em que aspeto?

– Sou amante dele.

– Claro, mas não será o primeiro homem a quebrar as regras e a casar com a amante.

– Não, mas há coisas tão horríveis no meu passado: a passagem pelo bordel e os outros protetores que já tive. As pessoas do seu círculo conhecem-me e podem lembrar-se de mim. Não aguentaria se alguma

vez fosse desprezado ou envergonhado por ter casado comigo.

– James é um homem adulto, Annie. Tenho a certeza de que pensou em todas as consequências.

– Não estou muito certa. Foi esse o motivo por que estávamos a discutir com tanta veemência. Não quero que ele leve a decisão por diante e dentro de seis meses ou de um ano decida que cometeu um erro.

Maggie pensou na intensidade com que os olhos de James brilharam quando Anne entrou na sala e riu da preocupação da amiga.

– Não me parece que alguma vez tenhas de te preocupar com isso.

– Espero que não – disse, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos na mesinha que as separava. – Mas há mais e de certa maneira envolve-te.

– A mim?

– Bom, sabes que o Adam nunca simpatizou comigo e está furioso com a decisão de James. Tiveram uma discussão enorme. Ele não irá ao casamento e disse que nunca nos receberá nem reconhecerá a nossa união.

Maggie sentiu-se repentinamente tão fraca como Anne parecia. Fosse qual fosse o rumo que a situação tomasse, Maggie ficaria armadilhada entre o homem que amava e a sua melhor amiga.

– Tenho a certeza de que ele falou sem intenção, Anne. Conheço o Adam. Sofre tanta pressão que quando está furioso lhe escapam palavras contra sua vontade.

– Não o desculpes perante mim – retorquiu Anne bruscamente. – O problema é que... supõe que Adam não consegue superar a situação e não perdoará James. James farta-se de repetir que não se importa e acredito que pense assim agora, mas continuará a adotar a mesma posição daqui a seis meses ou um ano? Será que devo interpor-me entre ele e o irmão quando foram sempre tão chegados?

Anne levantou-se e dirigiu-se à janela, ficando a observar o trânsito lá em baixo.

– Era isso que estávamos a discutir. Ele tinha resposta para tudo e acabei por ceder – contou, fitando Maggie por cima do ombro. – Achas que agi da melhor maneira?

– Tenho a certeza.

Era fácil responder afirmativamente. Anne merecia ser muito feliz na vida e era uma sobrevivente. Tiraria o máximo partido da situação, independentemente do que pudesse surgir. Maggie levantou-se e foi ter com Anne, abraçando-a com força.

– Será a melhor coisa que alguma vez te aconteceu. Sei isso.

– Espero bem que sim – redarguiu Anne, soltando-se do abraço, mas mantendo as mãos na cintura de Maggie. – Há mais uma coisa que preciso de falar contigo.

– O quê?

– Vou mudar-me hoje. Para um hotel até ao casamento.

– Porquê?

– Por causa de toda a confusão com o Adam. Não quero encontrá-lo nem discutir com ele. Depois da cerimónia, vamos fazer umas longas férias. Quando regressarmos, iremos viver para o campo. Para a propriedade que James herdou na Cornualha.

Essa foi a pior notícia que Maggie podia imaginar. O casamento de Anne era uma coisa, mas que se mudasse para tão longe era outra. Tudo acontecia com demasiada rapidez. Engoliu as lágrimas que se apressavam a preencher o novo vazio que agora surgia na sua vida.

– Então, não te verei muito mais vezes.

– Não, exceto se vieres connosco. Sinto-me preocupada contigo e o que pode acontecer com Adam. Não quero deixar-te aqui entregue a ti própria.

– É escusado preocupares-te comigo – tranquilizou-a Maggie com uma leve risada. – Ou com Adam.

Ele cuidará de mim e vai correr tudo bem.

Anne submeteu-a ao atento escrutínio que parecia dar-lhe a capacidade de ir até ao âmago da questão.

– Mas quero que prometas que irás ter connosco a qualquer momento, sem hesitares, caso precises de ajuda ou de um sítio para viveres. Se precisares de alguma coisa, tens de jurar que irás ter comigo.

– Duvido que o teu marido queira uma intrusa como eu a intrometer-se logo no começo do vosso casamento.

– Já conversámos sobre isso e ele pensa como eu – disse, pousando a mão na face de Maggie. – Jura-me.

– Juro. Se alguma vez precisar de alguma coisa, vou ter contigo.

Porém, no mesmo instante em que pronunciou as palavras, soube que não era verdade. Seria incapaz de pedir ajuda a Anne. Independentemente de James e Adam estarem agora de costas viradas, Maggie sabia que Adam acabaria por aceitar o casamento de James. Anne seria eventualmente considerada um membro da família St. Clair, o que significava que não haveria lugar na sua casa para a ex-amante de Adam.

Felizmente, Anne estava tão absorta com o peso dos seus problemas que não avaliou a promessa de Maggie com a habitual acuidade. Aceitou a jura de Maggie como verdadeira, aliviando-a em muito ao dizer:

– Ótimo. Era isso o que precisava de ouvir antes de seguir em frente.

Abraçou Maggie novamente e acrescentou:

– Quando entraste, disseste que querias falar comigo sobre algo. O que era?

– Sabes que mais? Não devia ser muito importante – mentiu Maggie sem hesitar.

A possível gravidez era a última coisa de que falaria nesse momento. Negava-se totalmente a estragar a felicidade de Anne ou a preocupá-la em vão.

– Depois de ouvir as tuas grandes novidades, já nem me lembro.

O cabriolé transpôs os portões que separavam da rua a casa ameaçadora e o condutor parou no pátio curvo. O criado de Maggie, John, ergueu a mão e ajudou-a a avançar. Sorriu-lhe encorajadoramente quando ela respirou fundo e se dirigiu à porta da frente. Esperava que Adam estivesse no interior e a recebesse durante uns breves minutos.

Ele regressara da propriedade no campo e, na tarde anterior, tinha enviado um bilhete e vários buquês de flores de estufa. Depois de uma ausência de quase três semanas, tivera demasiado com que se ocupar para aparecer logo. O peso das suas responsabilidades era enorme. Maggie compreendia e não se importava sempre que as suas várias tarefas o detinham. Contudo, James e Anne iam casar-se dali a umas horas e, a menos que algo acontecesse rapidamente, Adam perderia o casamento do seu único irmão.

Maggie supunha que os irmãos se reconciliariam em qualquer momento futuro, mas se assim não fosse? Se a sua recusa em comparecer na cerimónia gerasse um cisma irremediável no relacionamento entre ambos? Adam e James eram homens orgulhosos e existia a hipótese de que a teimosia dos dois os obrigasse a tomar posições que jamais abandonariam.

Era errado da sua parte ter vindo ali, errado estar a bater à porta dele, mas não conseguira dominar-se. A menos que desse aquele passo, só teria oportunidade de falar com ele quando fosse demasiado tarde. Durante as horas agitadas da noite, enquanto dava voltas e mais voltas na cama, tentando decidir o que fazer, havia elaborado um plano. Limitar-se-ia a apresentar o seu cartão na porta principal e a ver o que aconteceria.

Se alguém questionasse o motivo da sua presença à porta de uma família tão conceituada, preparara uma mentira elaborada sobre o motivo por que precisava de falar com o marquês. Apresentar-se-ia como a viúva de um dos amigos dele, necessitada da sua pronta ajuda devido a um dilema financeiro de grande urgência. Parecia um artilho tão inocente como qualquer outro engendrado à última hora. Se Adam a receberia ou não, já era outra questão. Caso lhe virasse as costas, partiria sem muitos ressentimentos, consciente de que era impróprio da sua parte ter feito aquela visita.

Se o nome dela significava alguma coisa para o homem que abriu a porta, ele fez um bom trabalho de dissimulação. Agarrou no cartão e conduziu-a a um pequeno salão afastado da entrada principal, pegando no chapéu e na capa e pedindo-lhe que aguardasse enquanto ia saber se o marquês a receberia.

Ele saíra há muito tempo, o que lhe concedeu tempo de sobra para observar o que a rodeava. Era desconcertante estar sentada no salão luxuosamente mobilado, sabendo que Adam vivia ali, mas dormia ocasionalmente na sua modesta casa.

Como seria ter crescido num lugar daqueles? Reinava uma calma semelhante à de um mausoléu e tudo se apresentava impecavelmente limpo, polido e arrumado, dando a sensação de que ninguém vivia ali. Parecia-lhe um museu que visitara uma vez e onde era proibido tocar nos objetos ou mesmo observá-los de muito perto. Adam pouco falava da vida que levara naquela casa, mas James referiu-se-lhe ocasionalmente e ambos tinham tido uma existência solitária e isenta de afeto.

Maggie podia ter crescido como filha bastarda e de vez em quando fora necessário lutarem para sobreviver, mas nunca se sentira sozinha e nem por um segundo se interrogara sobre se a mãe a amava ou não. A casa era pequena e despretensiosa, quase miserável, comparada com esta, mas sempre transbordara de amor e de risos. Ao olhar em volta, avaliando a sua infância e a de Adam, não conseguiu evitar a ideia de que a dela fora sem dúvida melhor.

Vindo de longe, um único conjunto de passos ecoou no corredor, aproximando-se gradualmente, até o criado que tinha aberto a porta regressar com o anúncio surpreendente de que o marquês estava disponível e a receberia no Salão Azul. Maggie seguiu o homem ao longo de umas escadas, através de vários corredores sinuosos, até a introduzir num salão que era realmente azul. O papel de parede, os cortinados, a alcatifa e os quadros exibiam diversos tons de azul. A divisão era pequena e íntima, virada a leste para o deslumbrante sol da manhã que brilhava através das janelas impecavelmente limpas.

Adam estava sentado a uma mesa perto da janela. Atrás dele, podia ver os restos de um jardim com flores, que provavelmente denotava cores alegres no verão. Vestido casualmente com calças e uma camisa de linho, parecia-se como quando estava à vontade na casa dela. Maggie hesitou, sem saber que tipo de acolhimento que receberia, até ver o sorriso no rosto dele.

– Miss Brown, que agradável surpresa! – exclamou, levantando-se e atravessando a sala de mão estendida para a cumprimentar.

A jovem esboçou uma pequena vénia.

– Bom dia, Lorde Belmont. Lamento incomodá-lo tão cedo.

– Não incomoda nada. Venha, por favor. – Enfiando o braço no dela, conduziu-a até um pequeno sofá junto à lareira, mas Maggie permaneceu de pé ao seu lado. – Acabei de regressar de uma visita ao campo e estava a pôr em dia uma papelada. Quer tomar um chá na minha companhia?

– Não, obrigada, *sir*.

Adam fitou o criado e despediu-o com um gesto da mão.

– Encarrega-te de que não nos perturbem.

O homem saiu e a necessidade de um educado fingimento desapareceu, mas Maggie sentiu-se de súbito constrangida e tímida. Fitou-o nos olhos, mas apenas detetou bondade e uma pitada de riso. Adam ergueu o sobrolho interrogativamente e ela começou a desculpar-se:

– Lamento. Sei que não devia estar aqui.

– Não lamentos.

De facto, estava a pensar que ela parecia mais bonita do que se recordava e com o bonito vestido cor de lavanda e a forma como se movimentava parecia enquadrar-se totalmente onde pertencia. Abafou de novo a onda de pena por não poder transformar esse sonho em realidade.

– Espero que não estejas muito zangado por ter vindo aqui.

– Não, mas devo confessar que eras a última pessoa que esperava que me visitasse esta manhã.

– Precisava de falar contigo e não sabia como fazê-lo.

– Alguma coisa que não pudesse esperar até hoje à noite?

Maggie sacudiu a cabeça.

– Trata-se de James...

– Não quero falar sobre ele – retorquiu Adam, deixando-se cair no sofá e arrastando Maggie com um

movimento tão suave e rápido que ela foi obrigada a juntar-se-lhe. – Quero falar sobre ti e em como sentiste a minha falta.

A jovem sorriu e beijou-lhe levemente os lábios.

– Senti a tua falta em cada segundo.

– Também eu, pequenina. Deixa que te mostre quanto.

Debateu-se com a saia dela, puxando-a para cima e colocando-lhe as pernas de modo a que os joelhos lhe rodeassem a cintura e ficasse bem apartada e pressionada contra ele. Sentira muito, mas mesmo muito a falta dela.

Adam estava obviamente disposto a fazer amor na pequena divisão, mas ela não. Sentia-se uma intrusa entre os luxuosos acessórios da casa e o facto de observá-lo tão à vontade no meio daquele esplendor deixava-a ainda mais desconfortável. Apoiou as mãos nas costas do sofá, de cotovelos esticados, fitando-o com uma expressão triste.

– Não, não podemos fazer isso!

– Porquê?

– E se entrar alguém?

– Ninguém entrará – garantiu, dando-lhe pequenas mordidelas no pescoço e preparando-se para chegar aos seios. Com um puxão do tecido, eles soltaram-se e Adam começou a rodar suavemente os mamilos, que logo endureceram. Não a olhou, mas fixou os seios, manipulando-os com as mãos e os dedos, avaliando o tamanho e a forma. – É a minha casa, Maggie. Posso fazer amor contigo, se quiser. Ninguém me impedirá.

Mesmo assim, ela hesitou, embora cada vez se tornasse mais difícil enquanto ele a acariciava.

– Não me parece certo.

– Parece sim. Parece mesmo certo.

A conversa terminou ali. Adam continuou a ocupar-se dos seios, chupando e saboreando, mordendo e titilando, até que Maggie começou a gemer, puxando-o para mais perto. Permaneceu nessa posição até ela estar pronta e igualmente desejosa de se lhe juntar. Ao penetrá-la, foi diferente das outras vezes. Algo quanto a fazê-lo na casa dele onde não tinha direito de estar, tornou a cena mais perversa e erótica e o prazer mais acentuado do que nunca.

Quando os estremecimentos da paixão diminuíram, Maggie ficou prostrada sobre o peito dele, parecendo uma completa devassa. Os ganchos estavam espalhados por todo o lado e o cabelo pendia totalmente emaranhado em torno do rosto e dos ombros. Tinha os seios e as coxas desnudas e os lábios inchados dos seus beijos. Ele ainda se mantinha parcialmente endurecido dentro dela e descansou em silêncio, respirando devagar enquanto lhe acariciava as costas. Maggie encostou a face ao ombro masculino, depositando um beijo ocasional no pescoço.

Adam parecia estranhamente quieto. Mais triste do que saciado, terrivelmente melancólico. Maggie aconchegou-se mais, consciente de que a estadia no campo não fora agradável e suspeitando que a briga com James era uma pesada sobrecarga.

– Quem me dera que tivesses ido comigo para o campo – observou baixinho. – Gostaria de te ver no meu quarto, lá. Com o sol a brilhar nos cabelos, como agora.

– Também gostaria – anuiu Maggie, embora soubesse que isso nunca aconteceria e fechando os olhos para dissimular a surpresa sentida.

Adam nunca falava daquela maneira, nunca dizia nada sobre o desejo de que ela se enquadrasse na sua vida real e, por seu lado, Maggie tinha o cuidado de não expressar tais pensamentos porque mencioná-los apenas tornaria a sua situação muito mais dolorosa.

– E quem me dera que estivesses sempre aqui – prosseguiu Adam. – Esta é a minha divisão favorita de

manhã. Gostaria de fazer amor contigo aqui, sempre que me apetecesse.

O peito dela ergueu-se com uma leve risada.

– Isso decerto daria motivo de falatório aos criados.

– Daria mesmo, não era?

Enquanto Adam soltava uma gargalhada, ocorreu-lhe uma súbita visão, a de Adam fazendo amor com a mulher naquele lugar. Geralmente, nas suas mais perversas fantasias, a mulher parecia-se muito com Penelope. Dessa vez não foi diferente; sentiu a presença da meia-irmã como se ela os observasse do outro lado da sala.

Quebrou aquele momento de intimidade e afastou-se, sentando-se o máximo que lhe era permitido.

– Preciso de me ir embora dentro em pouco.

Adam soltou um fundo suspiro, desejando que ela pudesse ficar o dia todo. Para sempre. Mas apenas conseguiu dizer:

– Sim, acho que sim.

Maggie tomou-lhe o rosto entre as mãos, beijando-o ternamente.

– O casamento é daqui a duas horas, Adam. Por favor, diz que irás comigo.

Fechando os olhos como se lhe custasse encarar o mundo, ele encostou a cabeça para trás e balançou-a na beira do sofá.

– Oh, Maggie, não me peças isso.

– Por favor, Adam. Sei que isso significaria muito para James.

– Não posso, pequenina – recusou meigamente.

Maggie inclinou-se para voltar a abraçá-lo, mas ele continuou a desviar o olhar.

– Se não podes fazê-lo pelo James, fá-lo por mim.

O pedido dela levou-o finalmente a encará-la.

– Sabes que faria tudo no mundo por ti. Tudo. Mas não posso fazer isso.

Maggie queria enraivecê-se, mas foi incapaz. A angústia que aquela decisão lhe causava era tão visível que a magoava só de presenciá-la. Desprende-se e ficou de pé, ajeitando o corpete e as saias. Tinha o cabelo todo emaranhado e sabia que seria impossível voltar a prendê-lo com os ganchos depois de Adam o haver revolteado. Virou-se para um pequeno espelho pendurado na parede, endireitando as madeixas como podia. Adam observou-a em silêncio, até que voltou a enfrentá-lo.

– Detestas assim tanto a Anne? – perguntou.

– A Anne não tem nada a ver com isso – insistiu, abanando a cabeça.

– Diria que tem tudo a ver com isso.

– Não é ela. Só que...

– Claro que é ela – interrompeu Maggie. – Não insultes a minha inteligência.

Adam estendeu o braço, mas ela não correspondeu ao gesto. Recusando o afastamento, pegou-lhe na mão e entrelaçou os dedos de ambos.

– Não é ela como pessoa, Maggie. É a sua posição, o que representa. Não é uma mulher adequada para James e ele sabe-o.

– Discordo. James acha-a perfeita e diria que isso é tudo o que importa.

– Não, Maggie. Isso não é tudo o que importa.

Pela milésima vez na sua vida, sentiu a picada cruel da injustiça que governava as suas vidas. Afastou a mão dele.

– Anne é a melhor pessoa que conheço e não me interessa quem são os pais de James, qual a riqueza da tua família ou onde remonta a tua linhagem. Não me interessa. Ela é digna de James em todos os sentidos. Não consegues perceber?

– Não, lamento mas não consigo – Adam levantou-se, mais cansado do que irritado, ajeitando as calças e a camisa. – Poupa-me a discussões, Maggie. Passei os piores dias da minha vida. Já basta o que basta para que também tu te enfureças comigo.

– Desculpa. Também não quero brigar. – Como sempre, as palavras ternas vindas da sua boca assemelhavam-se a magia, pois sabia quanto lhe custava pronunciá-las. Forçou-se a abandonar a postura de desafio e abrigou-se nos seus braços, apoiando as mãos na cintura masculina e erguendo a face com uma expressão de súplica. – É assim tão errado que James seja feliz? Mesmo que não concordes com a escolha da noiva, não podias ficar um pouco satisfeito por Anne o alegrar tanto?

– Não posso fazer o que me pedes, Maggie. É como se me pedisses para acreditar que o céu é verde ou que o oceano é vermelho. A atitude de James vai contra tudo o que sempre acreditei. Vai contra tudo o que me ensinaram.

– Talvez te tivessem ensinado mal.

– Talvez – concordou relutantemente, após um longo silêncio –, mas não posso mudar o homem que sou.

– Todos podem mudar, se for algo que desejem o suficiente.

– Eu, não. Não a este respeito.

– Nesse caso, lamento muito por ti. E pelo James. – «E por mim», acrescentou silenciosamente.

Adam passou a mão pelo cabelo num gesto de frustração.

– Quem me dera levar-te a entender.

– Quem me dera fazer o mesmo em relação a ti.

Maggie olhou para o relógio pousado na cornija sobre a lareira. O tempo passara tão rapidamente. Mal teria tempo de correr para casa e trocar de roupa antes de se dirigir a toda a pressa para a pequena capela onde se realizaria a cerimónia.

– Tenho de ir – disse.

– Claro.

– Podes chamar alguém para me indicar o caminho? Não tenho a certeza de conseguir encontrar a saída.

Adam sorriu ante o comentário.

– Eu levo-te lá a baixo.

A oferta surpreendeu-a. Não conseguia imaginar que ele desejasse que alguém os visse juntos nos corredores.

– Não é necessário.

– Eu quero, Maggie.

A jovem agarrou-lhe no braço e percorreram a enorme casa, com os passos ecoando nos corredores vazios. Durante o trajeto, Maggie tentou absorver ao máximo as cores e o estilo para que pudesse evocar imagens exatas de Adam nos anos vindouros.

À porta, ele voltou a surpreendê-la, acompanhando-a ao exterior e ajudando-a a subir para a carruagem que a esperava. Mantiveram-se muito tempo de mãos dadas, sem quererem quebrar o contacto.

Por fim, Adam recuou.

– É melhor ires andando. Assim, dificilmente conseguirás chegar a tempo.

– Eu sei – sorriu, ultrapassando o transtorno que os perturbara. Ele parecia tão triste e tão sozinho, que era insuportável deixá-lo, mas tinha de fazê-lo. Aquele não era o seu lugar. Mesmo assim, não conseguiu resistir a pousar-lhe afetuosamente a mão na face. – Sabes onde se realiza a cerimónia?

– Sim – respondeu, agarrando-lhe na mão e beijando a palma. – Recebi um convite.

– Se mudares de ideia à última hora, serás bem recebido. Sabes isso, não sabes?

– Não vou mudar.

Maggie assentiu com a cabeça. A esperança não morria. Até ao final da cerimónia e do beijo do casal feliz, rezaria para que ele aparecesse.

– Há alguma mensagem que queres que dê a James?

Adam percorreu a paisagem com o olhar durante muito tempo e depois respondeu:

– Não. Nada. Vemo-nos esta noite.

Recuou e o coche arrancou. Maggie olhou por cima do ombro, acenando uma vez e depois negou-se a olhar novamente. A visão de Adam, de pé, solitário e perdido, era demasiado perturbadora para contemplar num dia que somente devia ser preenchido de alegria. Olhou em frente, rumo ao casamento dos seus dois amigos.

Lucretia St. Clair quase não tinha reparado na carruagem parada no pátio da frente. Quando interrogou casualmente uma criada, ela mencionou que Adam recebera uma visita e que a carruagem aguardava para a transportar. O facto de a criada mencionar que se tratava de uma mulher despertara-lhe momentaneamente o interesse, mas não por muito tempo. Adam tinha sempre muitas visitas durante o dia, por questões de negócios ou sociais. Não o vigiou. Era raro que uma mulher sozinha visitasse o filho, mas não prestou atenção.

Assim, foi com um incrível interesse e um visível fascínio que ficou a observar quando o filho deu o passo sem precedentes de acompanhar a mulher pelo corredor e até lá fora. Era tão raro fazer uma coisa daquelas que não conseguiu impedir-se de espreitar pela janela para ver de quem se tratava.

A criatura que o filho levava pelo braço não era uma mulher mas pouco mais do que uma menina, esbelta, *petite*, e extremamente bonita com um vestido lavanda e o cabelo castanho-claro tombando em cascata pelos ombros. Lucretia não ficou surpreendida por ver Adam na companhia de uma bela mulher, pois estava sempre rodeado delas. Surpreendeu-a, sim, a emoção visível entre os dois. O seu geralmente estoico e silencioso Adam mostrava-se totalmente cativado pela jovem mulher. Era óbvio, mesmo do sítio onde Lucretia se encontrava discretamente, no interior da casa.

Observou a cena como a pior espécie de *voyeur*.

A forma como Adam a ajudou a subir para a carruagem. A forma como falavam de cabeças unidas e os olhos buscando-se com intimidade. A forma como a jovem lhe tocou na face com um gesto amoroso e familiar e como Adam lhe correspondeu, beijando a mão.

A respiração de Lucretia tornou-se ofegante.

Durante os vinte e nove anos de vida de Adam, nunca o tinha visto mostrar qualquer emoção em público, mas somente em raras ocasiões e em privado. Educara-o bem nesse aspeto. E agora fazia uma figura daquelas com uma amostra de menina que Lucretia nunca conhecera. Pela maneira como se entreolhavam, parecia que nutriam sentimentos profundos um pelo outro! Quase como se pudessem estar apaixonados!

A percepção causou-lhe arrepios na espinha. Os boatos que ouvira entre o pessoal e a calma advertência de um conhecido, acorreram-lhe à mente. Troçara de tudo isso. Até esse momento. Mas certamente... não teria coragem para receber a sua prostituta na casa deles? A ideia era ridícula. Ainda assim...

Manteve-se no seu posto, durante todo o tempo. Adam permaneceu na entrada, observando a rua muito depois de a carruagem ter desaparecido. Por fim, voltou-se para entrar em casa. Lucretia respirou fundo e dirigiu-se à porta da frente, assumindo a pose altiva e o comportamento arrogante que sempre usava quando se dirigia aos criados ou aos filhos.

Adam estava tão angustiado pelo que quer que tivesse discutido com a jovem que passou por ela no

*hall* de entrada sem a ver, totalmente distraído e com o intuito de subir as escadas e regressar aos seus aposentos privados.

– Adam! – chamou num tom brusco que o fez estacar. – Bom dia.

– Bom dia, mãe.

– Tivemos uma visita tão cedo? Não foram más notícias, espero?

– Não, mãe. É apenas uma amiga. Do James.

Lucretia estreitou os olhos. Tinha a certeza de que a rapariga não era amiga de James. Adam estava a mentir.

– Não me recordo de a ter visto antes. Como se chama?

– Miss Magdalina Brown.

– O que queria?

Adam examinou-a atentamente. A mãe decerto não o interrogaria sobre as suas ligações amorosas, mas sentia-se triste e furioso e queria descarregar em alguém pela brecha que o separava de James, nesse momento tão grande que não conseguia imaginar conserto. Por qualquer motivo, queria culpar Lucretia e a sua maldita visão do mundo que lhe incutira desde o dia do seu nascimento.

– Quer realmente saber? – perguntou, irritado.

– Sim – respondeu com mais hesitação do que pretendia. O filho tinha uma expressão desconhecida que a assustava.

– Queria saber se eu iria ao casamento.

– Que atrevimento! – sibilou Lucretia. – Espero que a tenhas posto no lugar. – Adam limitou-se a olhar, preocupando-a ainda mais. – Disseste-lhe obviamente que não irias.

– Não se preocupe, mãe. Vinquei que não tenho tenção de fazê-lo. O seu filho mais novo nunca me perdoará. Espero que isso a deixe feliz, pois a mim muito me entristece. Eu, pelo menos, sempre o amei.

Depois daquele comentário, virou as costas e continuou a subir as escadas.

Lucretia sentiu vontade de o chamar. De dizer que James tinha exatamente o que merecia e nada mais. Que nunca fora um filho exemplar, nunca entendera os papéis que a obrigação e a família desempenhavam nas suas vidas e que escolhera cortar os laços com os seus únicos parentes ao cometer um ato tão terrível e vergonhoso.

No entanto, por uma vez na vida, teve a prudência de se conter, receando a reação que Adam poderia mostrar às suas palavras. Em vez disso, foi à procura da governanta para discutir o jantar que tencionava dar na noite seguinte.

– Vamos começar? – perguntou o jovem padre.

Não era ninguém conhecido de James, mas um total estranho de uma fé diferente, convencido a presidir à troca de votos pelo simples motivo de que todos os conhecidos de James filiados na Igreja haviam recusado – a pedido do seu irmão, o marquês de Belmont.

James consultou o relógio. Eram onze em ponto.

– Sim, comecemos.

Maggie observava num banco da frente quando ele se virou para Anne com um sorriso radiante. O vestido de Anne era decotado, bege, com enfeites verdes que combinavam com os seus olhos. Tinha o cabelo caído e encaracolado nos ombros, como James gostava. O seu presente de casamento, brincos de esmeralda e um colar a condizer com o anel de noivado, brilhavam à luz das velas, emitindo faíscas verdes pela capela, sempre que ela se mexia. Parecia tão bonita que a visão dela fez com que as lágrimas aflorassem aos olhos de Maggie.

Oferecendo o braço a Anne, James perguntou:

– Estás pronta?

– Podemos esperar mais uns minutos, se quiseres – respondeu Anne. – Não me importo.

– Não – recusou ele, abanando a cabeça. – Está toda a gente aqui.

Anne fitou Maggie.

– O que te parece?

Maggie apenas podia sacudir a cabeça. Era óbvio que tentara e falhara a missão.

– Não me parece que valha a pena esperar – respondeu com um encolher de ombros derrotado.

– Parece que tens de ser o padrinho – disse James, olhando para Charles.

– *Tenho* de ser? – retorquiu Charles indignado e as suas palavras e a atitude arrogante provocaram o riso em todos os presentes. – Sempre fui o melhor dos melhores. Há anos que te digo isso. Já era altura de me dares ouvidos.

– E também és humilde – troçou James.

– Sem dúvida – sorriu o primo. – Sou a própria imagem da humildade.

James e Anne avançaram até ficarem diante do padre. Charles deu a volta ao banco e ajudou Maggie a levantar-se para que pudessem colocar-se de cada lado da noiva e do noivo. Maggie varreu a capela com um último olhar. As únicas pessoas presentes além do quarteto que fazia parte da cerimónia de casamento eram Grace Stuart e os seus três filhos. Não havia sinal de Adam, que era a única pessoa que realmente importava no que se referia a Maggie.

Esperara ficar triste ao ver que ele não aparecia e surpreendeu-se ao constatar que tal não aconteceu. Olhando para James e Anne enquanto pronunciavam os votos, achou simplesmente impossível sentir-se infeliz. Estavam tão extasiados, tão alegres e felizes que sucumbiu rapidamente à comoção do momento. Quando o noivo beijou a noiva, lágrimas enormes inundaram-lhe as faces. Não era a única. O noivo, a noiva, o padrinho e a família adotiva do noivo enxugavam os olhos com os lenços.

Dirigiram-se em duas carruagens para casa de Grace Stuart, onde ela tinha insistido em organizar uma festa de casamento íntima. A comida estava deliciosa, a conversa fluiu amigável e sonora, os brindes foram inúmeros e lascivos. O momento alto da tarde residiu na apresentação do presente de casamento de Anne a James: o seu nu pintado por Charles. O retrato, após os gritos e aplausos que despertou, mereceu a apreciação e os elogios do seu novo marido.

Todos se divertiram imenso e James parecia ter sido totalmente absorvido pela família Stuart. Maggie sentia-se feliz por ele, feliz por ver que ele tinha algum semblante de família com quem celebrar a ocasião. Parecia ser a única a notar a sombra causada pela ausência de Adam, mas não se deteve muito a pensar no assunto. Adam fizera uma escolha e James também. Só o tempo ia dizer o que aconteceria entre os dois.

A refeição chegou ao fim, a última garrafa de champanhe esvaziara-se. James estava na sala de estar a despedir-se de Grace e de Charles. Aconchegadas na entrada, Anne e Maggie dispuseram de um minuto a sós. Quando as despedidas terminassem, o feliz casal iria para o Carlysle Hotel, onde tinham reservado uma suíte. Na manhã seguinte, partiriam para uma lua de mel prolongada em Itália. No regresso, iriam diretamente para a nova propriedade de James, na Cornualha.

Maggie não albergava ilusões sobre o futuro. Podiam decorrer meses, ou talvez anos, antes que voltasse a ver Anne. Dados os caprichos da vida, era sem dúvida possível que aquela fosse a última vez que se vissem.

Abraçou Anne com muita força ao mesmo tempo que uma nova explosão de choro lhe inundava o rosto. Vertera tantas lágrimas nesse dia que tinha desistido de tentar dissimulá-las ou pará-las. Parecia ser um dia em que caíam à vontade. Pouco interessava. Se existira um momento para dar largas à emoção, era aquele.

– Amo-te, Annie.

– Também te amo, Maggie. – Agarrou ternamente no rosto de Maggie e beijou-a com suavidade nos lábios. – Sentirei a tua falta a cada minuto.

– Vou ficar tão só quando te fores embora. Nem consigo imaginar como seguirei em frente.

– Aconteceu tudo tão depressa, não foi?

– Sim – concordou, voltando a abraçá-la com força. – Sinto-me tão feliz por ti.

Anne agarrou nas mãos de Maggie e apertou-as firmemente.

– Quero que me prometas que cuidarás de ti.

– Sabes que o farei – respondeu, embora não conseguisse imaginar como seria a sua vida, quando Anne se tivesse ido embora para sempre. Eram tantas as mudanças que ocorriam em simultâneo.

Annie voltou a abraçar Maggie com força.

– Se precisares de alguma coisa, vai ter com o Charles. Ou com a Grace. Eles ajudar-te-ão.

– Eu sei, mas não precisas de preocupar-te comigo. Ficarei bem – sussurrou-lhe Maggie ao ouvido, embora estivesse a mentir com todos os dentes. Não fazia ideia de como se arranjaría com o afastamento de Anne – a sua única amiga – para uma nova vida, sem família e com um bebé a caminho.

Então, James regressou trazendo Grace e Charles a reboque, impedindo pensamentos privados sobre o futuro. Maggie sentiu-se aliviada e grata pela interrupção. As suas emoções e nervos haviam atingido o limite e não conseguiria suportar nem mais um momento de conversa íntima.

– Deus do céu! Mas vou sentir saudades tuas, Annie. E de ti também, James.

Maggie sorriu-lhe e conquistou um abraço de urso, que a fez girar pela sala envolta nos seus braços.

Seguiram-se mais despedidas, abraços e trocas de desejos de felicidade e, por fim, o casal saiu para o exterior. Maggie agarrou James uma última vez, beijando-o na face e apertando-o contra o corpo.

– Cuida bem dela por mim. Fá-la feliz.

– Tens a minha palavra.

Com uma piscadela de olho e um aceno desapareceram de vista. Assim mesmo.

Adam sentou-se na sua carruagem. Estava uma noite outonal nublada e fria em que o nevoeiro parecia engolir a agitação habitual das ruas de Londres. Poucas pessoas se tinham atrevido a enfrentar aquele tempo horrível que se adequava perfeitamente ao seu estado de espírito, entre a tristeza e o desconsolo.

A porta de Maggie situava-se a poucos metros. Desejava ir ter com ela, saber todos os pormenores do casamento, ouvir cada palavra pronunciada, as juras trocadas, os brindes efetuados.

Queria ouvir tudo.

Não queria ouvir nada.

Provavelmente, Maggie estava zangada por ele não ter aparecido. Considerando o otimismo da jovem, teria acreditado até ao último minuto que apareceria, e ele falhara. Caso estivesse zangada, sabia que não devia preocupar-se com isso, mas a verdade era outra. Valorizava a opinião dela, bem como tudo a seu respeito.

Como desejava poder explicar-lhe melhor o seu raciocínio quanto à decisão de James de casar com Anne. Não se tinha saído muito bem quando haviam falado sobre o assunto na sua casa, mais cedo, no início do dia. Ao refletir nas declarações que fizera para sustentar a sua posição, não lhe pareciam muito convincentes.

Mas ele estava certo, com mil diabos! Recusava mudar de opinião, por mais infeliz que se sentisse.

Aquele longo dia foi o pior da sua vida. Cancelara todos os compromissos para poder sentar-se sozinho e em silêncio nos seus aposentos privados, observando o relógio a avançar para as onze horas, imaginando a cerimónia, interrogando-se sobre os participantes e o local para onde haviam seguido. Também sobre o que tinham comido e bebido, quais haviam sido as conversas. Por mais que tentasse, foi incapaz de se concentrar noutra coisa e os pensamentos angustiantes encheram as horas intermináveis de um dia interminável.

Fechou os olhos para apagar as visões. De James a rir e a sorrir. Da bonita Anne, de pé ao lado dele envolta no brilho afetuosos que James inspirava nos que o conheciam.

*É assim tão errado que James seja feliz?*

A pergunta de Maggie durante a discussão que haviam travado de manhã atormentara-o o dia inteiro, mas colocou-a de lado. Se aceitasse o que James tinha feito, se decidisse que James estava certo ao situar o amor e a felicidade acima do dever e da responsabilidade, onde o deixaria isso? Que objetivo teria a sua vida, tudo o que fizera e o que deveria fazer? Se tolerasse o comportamento egoísta de James, a sua visão do mundo começaria a desintegrar-se à medida que tudo o que acreditara e lhe era querido teria de ser submetido a um severo escrutínio. A família e os seus iguais estariam errados? Na forma como viviam, pensavam e se casavam?

Tratava-se de uma estrada demasiado perigosa para que a pisasse e não o faria.

– Oh, James... – sussurrou, desolado com o pensamento de como o irmão deveria odiá-lo.

A porta da frente da casa abriu-se, arrancando-o ao seu devaneio. Chegara a altura de enfrentar Maggie. Desceu da carruagem e viu-se na frente do jovem criado a quem ordenara que cuidasse e

acompanhasse Maggie nas suas saídas. John... qualquer coisa. Não se lembrava do nome do indivíduo, mas Maggie lembrar-se-ia. Maggie conhecia e lembrava-se de todos; era boa e atenciosa de uma maneira contrária à dele.

– Desculpe, milorde... – começou o homem cautelosamente.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou imediatamente em estado de alerta.

– Não, *sir*. Se fosse possível, gostava apenas de trocar uma palavra consigo antes que entrasse. Prometi a Miss Maggie que não lhe contaria... Ela disse que não queria que se preocupasse desnecessariamente, está a entender-me? – Adam esboçou um aceno de cabeça compreensivo – as palavras soavam exatamente ao que Maggie diria – e o homem prosseguiu: – E... bom, não desejava que ela se zangasse comigo por ter faltado à minha palavra, mas também não queria vê-lo irritado por ter escondido.

– Compreendo. De qualquer maneira, estás num beco sem saída – retorquiu, abrindo as mãos num gesto de aceitação, esperando pôr o homem à vontade.

– Isso mesmo, *sir*. Assim parece.

– O que aconteceu?

– Bom, não foi hoje, mas há duas semanas, durante a sua ausência.

O homem passou a narrar como Maggie tinha sido raptada à saída da loja de roupa, como ele a seguira numa carruagem durante uns minutos até todos ficarem detidos no trânsito e Maggie ter saltado do veículo parado mais à frente.

– Estava magoada?

– Não. Só muito irritada com o que quer que ocorreu quando estava na outra carruagem. – Engoliu em seco, visivelmente assustado com o seu futuro imediato. – Peço desculpa, milorde. Aconteceu tudo tão depressa que não consegui agir, mas pensei que deveria saber. Vai... – acrescentou e interrompeu-se. – Vai despedir-me?

– Não, não... Maggie sente-se satisfeita contigo. Não te censuro pelo que se passou e agradeço que me tenhas contado. – Conseguiu ver quem se encontrava na carruagem? – acrescentou, como uma reflexão tardia.

– Não, mas vi o brasão na porta. Andei a fazer perguntas e soube que pertencia ao duque de Roswell.

Com mil raios. O que poderia ser aquilo?

– Obrigado por me teres contado. Não te preocupes – retorquiu, dando uma palmada tranquilizadora no ombro do indivíduo e dirigindo-se à casa.

Reinava um silêncio absoluto e aparentemente não estava ninguém. Conhecendo Maggie como agora a conhecia, achou que provavelmente dera o dia de folga à restante criadagem para que celebrassem o casamento. A única iluminação na casa chegava das últimas brasas na lareira que haviam ardido no salão. Serviu-se daquela parca luz para subir as escadas até ao quarto dela. Não se via qualquer luz por baixo da porta e nenhum ruído provinha do interior.

– Maggie? – chamou baixinho, batendo ao de leve na madeira, depois de entrar.

A jovem estava enroscada numa cadeira junto à janela. Por um momento, julgou que estava a dormir e interrogou-se sobre se devia acordá-la. Era provável que o dia tivesse sido tão emocionalmente difícil para ela como o fora para ele.

– Maggie? – chamou novamente.

– Olá, Adam – disse sem se virar. – Não te ouvi chegar. Não estava à tua espera.

– Disse-te que viria esta noite.

– Pensei que provavelmente tinhas mudado de opinião depois do que se passou hoje.

Adam detetou a melancolia da voz dela, sentiu a tristeza que emanava.

– Estás bem?

– Devo confessar que já vivi dias melhores – respondeu com um encolher de ombros.

– Posso acender uma vela?

A longa hesitação levou-o a pensar que ela recusaria, mas não estava disposto a conversar no escuro.

– Se quiseres.

Os movimentos dele ecoaram demasiadamente sonoros na divisão enquanto procedia aos gestos necessários e aguardava que a trémula centelha se transformasse numa chama brilhante. Pousou o candelabro num aparador e encaminhou-se até junto dela. Maggie continuava imóvel, fitando a noite, lá fora. Adam pousou a palma da mão no cimo da sua cabeça, ficando mais apreensivo ao constatar que ela se recusava a olhar para ele.

– Como foi o casamento? – perguntou. – Espero que tenha corrido bem.

– Foi uma perfeita maravilha.

– Ainda bem. – Apoiou-se num joelho ao lado dela, mas Maggie continuou sem o fitar. De perto, conseguia ver que ela estivera a chorar, provavelmente há bastante tempo. Tinha os olhos inchados e os traços de lágrimas continuavam visíveis nas faces avermelhadas. – O que se passa, pequenina?

– Nada – respondeu com um suspiro. – Tudo.

– Queres falar sobre isso?

– Na verdade, não.

– Uma mulher que conheço disse-me um dia que faz bem desabafar. Acho que o nome dela era Maggie Brown.

– Maggie Brown, hein? – repetiu amargamente. – O que sabe ela da vida?

A resposta provocou um novo caudal de lágrimas e levou as mãos aos olhos para tentar dominá-lo.

– É assim tão mau?

– Lamento. Detesto que me vejas neste estado.

– Já me viste em baixo muitas vezes. Acho que consigo lidar com a situação.

Ergueu-se e sentou-se na cadeira, instalando-a no seu colo.

– Conta-me o que aconteceu.

– Nada. Só que regresssei a casa do casamento e tinha dado folga aos criados. Não estava ninguém e reinava um silêncio enorme. Sentei-me e pus-me a pensar.

– A que respeito? – incitou-a meigamente quando a pausa se prolongou.

– Sobre muitas coisas, acho. Sobre a minha mãe e as saudades que sinto dela. Sobre a partida de Anne com James. Com toda a excitação do casamento, não tinha pensado em tudo isso a sério.

– Até hoje, quando chegaste a casa sozinha?

– Exato – anuiu Maggie, fitando-o pela primeira vez. – E tu vais-te embora em breve e onde ficarei? – Não conseguiu acrescentar o último pensamento e o mais aterrador: *Com o nosso bebé a caminho, o que me acontecerá?*

Adam não tinha respostas. Não havia nenhuma. Algumas vezes permitira que o futuro interferisse nos seus pensamentos, mas sempre os afastara. Não podia manter Maggie, portanto, o que seria dela? Arranjaria outro protetor, talvez um dos seus amigos? Casaria com outro? As duas opções eram impensáveis.

Maggie voltou a olhar pela janela, fixando algo invisível no escuro.

– Continuo a ver o James, como estava feliz ao lado de Anne. Dói-me que nunca ninguém me tenha amado assim. Que ninguém alguma vez o fará.

«Eu amo-te assim.» As palavras ansiavam por se libertar dos lábios dele. Desejou pronunciá-las e ela precisava de ouvi-las, mas não conseguiu dizê-las em voz alta. Sem jamais as ter dirigido a quem quer

que fosse, Adam foi incapaz de reunir forças para tal quando essas palavras eram as que ela tão desesperadamente precisava de ouvir.

De qualquer maneira, para que serviria uma confissão de sentimentos? Amá-la não mudaria nada e só acabaria por dificultar a separação final. O melhor para ambos seria que ela nunca conhecesse a profundidade dos seus sentimentos.

– Quem me dera saber o que dizer para que te sintas melhor, Maggie. Não sou muito bom a dar conforto. Não tenho muita experiência nisso.

– Não me parece que haja algo que possas dizer – suspirou a jovem, limpando a face com a mão, à medida que mais algumas lágrimas teimavam em escorrer. – Só preciso de algum tempo para pensar e adaptar-me a todas estas mudanças. Está tudo a acontecer ao mesmo tempo e ignoro como lidar com a situação.

Esse foi o momento em que sabia que devia falar-lhe da sua gravidez, antes que passasse mais tempo, mas havia uma verdadeira possibilidade de que ele terminasse a relação deles ali mesmo, assim que soubesse a verdade. O pensamento de o ver ir-se embora depois do que passara nas últimas semanas era mais do que podia contemplar. Falar de um bebé teria de esperar mais um dia quando não lhe faltasse coragem.

– Deixa-me escovar-te o cabelo. Vai acalmar-te.

Adam agarrou-a com firmeza pela cintura, inclinou-se para a cómoda a fim de pegar numa escova e em seguida posicionou-a no chão entre as suas coxas. Dedicou-se a penteá-la silenciosamente, com escovadelas demoradas, prosseguindo até a sentir mais descontraída, menos tensa. Acabou por devolver a escova à cómoda e depois massajou-lhe repetidamente os ombros com os dedos até a sentir retomar a sua postura.

– Melhor? – perguntou ele com um sorriso e beijando-a no topo da cabeça.

– Sim. – Mudou de posição no chão duro, ajoelhou-se ficando de frente para ele que continuou sentado e rodeou-lhe a cintura com os braços. – Não sei o que me deu esta noite – prosseguiu, apoiando a face no peito masculino no sítio onde podia sentir o bater do coração.

– Diria que passaste por uma série de acontecimentos perturbadores no último ano. Talvez esta noite, tudo isso esteja a mexer contigo.

– Talvez – anuiu, erguendo o rosto. – Sinto vergonha por deixar que me vejas assim.

– Não sintas. Cabe-me a culpa de uma boa parte da tua tristeza. Não facilitei propriamente a tua vida.

– É verdade, *sir* – sorriu Maggie. – Mas considero-o um problema que vale a pena suportar. E há muito que decidi não me arrepender sobre o meu tempo ao seu lado. Encontrá-lo significou tanto para mim, que me sentirei eternamente grata por nos termos conhecido.

A sinceridade daquelas palavras, a emoção refletida no olhar quase o aniquilou. Não merecia o afeto dela, a adoração mostrada, muito menos depois do que a obrigara a passar e do que lhe faria num futuro próximo.

– Oh, Maggie. Quem me dera poder ser um homem melhor para ti.

– Chiu... – exclamou ela, pousando os dedos nos lábios masculinos para o silenciar. – Quero dizer-te uma coisa antes que tente convencer-me do contrário.

– O quê?

– Amo-te, Adam. Sempre amei desde o dia em que te conheci e vou amar até ao dia em que morrer...

– Não me digas essas coisas, Maggie. Não mereço as tuas fortes emoções, garanto-te.

– Não me interessa o que pensas. Quero que conheças os meus sentimentos para que nunca te esqueças. Amo-te e sempre te amarei. Por favor, lembra-te disso nos próximos dias e meses.

Adam sentiu uma dor no coração ante as palavras dela e, embora sentisse o mesmo, não podia

corresponder verbalmente. De nada valia dar-lhe a entender que nutria o mesmo afeto por ela.

– Isso soa a despedida. Entristece-me ouvir-te falar assim.

– Não quero parecer piegas, mas todas estas mudanças pesam muito sobre os meus ombros esta noite, como se uma onda gigantesca estivesse prestes a arrastar-me e jamais encontrasse o caminho de volta. Não quero perder a oportunidade de te dizer como me sinto. Amo-te e lamento que as coisas não tenham sido diferentes.

– Que coisas?

– O facto de não ser digna de ti – sussurrou.

– Digna de mim? É isso o que achas, Maggie?

– É o que sei, Adam. Toda a minha vida tem sido assim. Se ao menos o meu pai tivesse... – Interrompeu-se. De nada adiantava tomar por esse caminho.

– Se ao menos, o quê?

– Não interessa.

– Interessa, sim. O que há sobre o teu pai? Pensei que ele estava morto. – Sentiu-se repentinamente apavorado. Qualquer coisa terrível espreitava a ligação deles, pronta a atacar, qualquer coisa que não queria saber, mas não conseguiu evitar a pergunta: – Era alguém que pudesse ter conhecido?

Maggie levantou-se e dirigiu-se até junto da janela, onde começou a brincar com o fecho.

– Não quero falar sobre ele.

– Porquê?

– Porque não significa nada para mim.

– Disseste *significa* em vez de *significava*. Ele ainda está vivo?

– Para mim, não – insistiu, abanando a cabeça.

Nesse preciso momento, virou-se para ele e a luz de uma carruagem que passava lá fora iluminou-lhe perfeitamente o perfil. Se não fosse impossível, Adam diria que estava a olhar para Penelope Westmoreland. Sacudiu a cabeça para afugentar aquela imagem fantasmagórica. Não podia ser. Era simplesmente impossível.

– É Harold Westmoreland, não é?

A forma como a jovem descaiu os ombros indicou-lhe que adivinhara a verdade.

– Nunca o admitirei enquanto viver. A ninguém.

Adam sempre tinha ouvido boatos de que Westmoreland era pai de uma criança ilegítima, mas sempre pensara que se tratava de um menino. As pessoas sabiam certamente que se tratava de Maggie. Parecia inacreditável que ninguém se houvesse dado ao trabalho de lhe sussurrar ao ouvido essa coscuvilhice, quando ela se passeava pelo seu braço.

– Porque não me contaste?

– Que diferença teria feito?

Que diferença faria realmente? Sendo duque ou não, para um nobre, ela continuava a ser ilegítima e a amante que ele sustentava. Não mudaria nada.

– Como é que ele nunca te reconheceu? – Percebeu que era uma pergunta idiota, mal a formulou, e acrescentou: – Ou, pelo menos, ajudou-te?

– A minha mãe pediu-lhe ajuda algumas vezes quando estávamos desesperadas, mas ele recusou sempre. Agora, não lhe pediria. Mesmo que ele oferecesse, não aceitaria ajuda.

A implicação do que tinha acabado de saber só agora começava a fazer-se sentir. Toda a questão era chocante e um absurdo, mas não conseguia esquecê-la.

– Isso faz de Penelope a tua irmã...

– Não é a curiosidade mais interessante que ouviste? – retorquiu, erguendo um dos cantos da boca.

– O que te queria ele no outro dia quando te abordou na rua?

– Chegou-te aos ouvidos, não foi? – Soltou um suspiro resignado e deixou a janela para se ir colocar ao lado dele. – Disse que tenho de convencer-te a casares com ela. Caso contrário, reivindicará a paternidade e forçar-me-á a casar na primeira oportunidade. Se o ajudar, deixar-me-á ficar como tua amante enquanto quiseres manter-me. Não é maravilhoso? – concluiu com um arremedo de sorriso.

– Bastardo! – resmungou ele, inclinando-se para a frente e apoiando o queixo nas mãos.

– Não é um bastardo, Adam. Apenas os gera.

– Isso não tem graça.

– Nem era para ter.

– Ele sempre se portou tão abominavelmente?

– Não sei. Foi a primeira e a única vez que tive o *prazer* de falar com ele.

– O vosso primeiro encontro, e é tudo o que tinha a dizer?

– Sim. Ele é realmente o homem mais desprezível do mundo.

– Alguma vez conheceste a tua meia-irmã?

– Encontrei-a uma vez. Num baile, tive a infelicidade de me ver junto dela por momentos numa casa de banho.

– Depois de já estarmos juntos?

– Foi no início da nossa ligação. – Uma pontada de amargura levou-a a acrescentar: – Estava a derramar perfume nos mamilos com a esperança de que reparasses nos seios dela. Deu resultado?

– Não sejas rude.

– Desculpa, mas não consigo ser de outra maneira no que lhe diz respeito. Porque deve ela ter tudo, incluindo tu, quando não posso ter nada? E isso simplesmente porque a minha mãe era jovem e tola e amava Westmoreland além do imaginável. Porque tive de sofrer por isso durante todos os dias da minha vida, sobretudo agora quando finalmente existe algo que desejo acima de tudo?

– O quê?

– A ti, idiota. O que te parece? – Levou a mão cansada à testa e friccionou as têmporas para aliviar a intensa dor de cabeça que começava a formar-se. – Sei que jurei que jamais discutiria o teu casamento, mas devo dizer que me matarás se casares com a minha irmã. Se o fizeres, preferia que me enterrasses simplesmente um punhal no coração, acabando com tudo.

Adam conseguia perceber tudo agora pela inclinação da cabeça e a pressão dos ombros. Sempre imaginara que ela devia ter algum sangue nobre a correr-lhe nas veias. Não existia qualquer outra explicação para explicar o porte real que denotava num momento como aquele em que tinha o coração despedaçado.

Sentiu-se repentinamente invadido por um cansaço semelhante ao de Maggie. Casar com Penelope, um ato que havia ponderado demorada e repetidamente tornara-se uma impossibilidade absoluta. Jamais iria ferir Maggie de uma forma tão desprezível.

Vincara muitas vezes a Harold que não receberia ordens. Advertira-o regularmente para que não tentasse algo tão estúpido como manipulá-lo de forma a tomar uma decisão. O homem estava, sem dúvida, a ficar desesperado e perdera a fé nas capacidades de sedução de Penny. Bom, o duque lançara o último trunfo demasiado cedo e perdera tudo.

Adam esboçou a Maggie um sorriso terno que se destinava a mostrar tudo o que sentia por ela e não conseguia expressar por palavras. Estendendo a mão, que ela aceitou, atraiu-a ao colo e pousou um suave beijo em cada uma das suas pálpebras, jurando em seguida:

– Nunca te faria uma coisa dessas.

– Obrigada.

– Falarei com o teu pai sobre o encontro que tiveste com ele.

– Não tens de...

– Insisto. Não quero que volte a magoar-te. – Tomou-lhe os lábios num beijo demorado cheio de promessas e de paixão. – Sei que o teu criado está aqui. Há mais alguém em casa?

– Julgo que a maioria do pessoal já regressou.

– Vamos pedir um banho para ti e um jantar tardio. O que te parece?

– Excelente.

– Muito bem. Vamos encontrar alguma paz e satisfação no final deste dia terrível, nem que levemos a noite inteira.

Adam conservava-se de pé junto à parede, bebendo um copo de vinho em pequenos goles e observando a forma como os anfitriões punham em prática a ideia de uma festa íntima – o que incluía um sumptuoso banquete de dezasseis pratos e um baile para setenta e cinco convidados. Pensou imensamente em James quando uma fila de dançarinos passou a rodopiar ao lado dele. Recordou muitas outras noites das suas vidas quando tinham assistido juntos àquele tipo de evento, rindo e gracejando, enquanto James sussurrava observações cáusticas sobre os convidados. Céus! Como sentia a falta do irmão! Se tinha havido alguma vez em que necessitara da sua sabedoria e conselhos era aquela.

Lady Mary Roberts, uma das poucas mulheres elegíveis que não deixara o campo quando a temporada acabou, encontrava-se de pé no outro lado da sala, junto à sua tia. Estava à distância suficiente para que pudesse observá-la sem dar nas vistas. Nos últimos dois anos estivera fora do mercado de casamento, sem nunca ter feito a sua apresentação como debutante, pois primeiro ficara de luto pela morte da mãe e depois pela do irmão mais velho. Atravessara uma fase difícil por causa desses dois acontecimentos na sua vida, mas agora estava pronta a recomeçar a movimentação em sociedade. Por conseguinte, Adam não passara muito tempo a ponderá-la, mas estava a fazê-lo agora.

Embora não fosse tão bonita como muitas das debutantes que ele acompanhara na temporada anterior, possuía uma personalidade e um estilo agradáveis, sem jamais se entregar aos jogos de coqueteria em que as outras haviam sido tão bem instruídas. Era calma, reservada e tinha quase vinte anos, o que lhe proporcionava mais dois ou três anos de maturidade sobre as várias jovens que cortejara. O cabelo e os olhos escuros, aliados a uma figura rechonchuda, tornavam-na muito diferente da sua esbelta e atraente Maggie, fazendo dela uma ótima candidata.

Harold Westmoreland estava, de pé, no canto mais afastado da sala. A mulher, que nunca se havia distinguido pela beleza ou pela inteligência e não estava a envelhecer graciosamente, encontrava-se do outro lado. Era do conhecimento geral que o duque raras vezes lhe dirigia a palavra e não queria incomodar-se com a sua presença. Penelope permanecia junto da mãe e lançava ocasionalmente olhares ávidos a Adam quando pensava que ele estava distraído. Por sorte a mãe mantinha-a sob um controlo apertado, o que a impedia de abordá-lo.

Durante vários anos, à medida que observava a transformação de Penny numa mulher, tinha suposto que casariam. Era um desejo partilhado pelos pais de ambos. Penny também queria. A união de terra e de fortuna que se verificaria através do casamento era quase inédita. Adam nunca atribuíra muita importância ao facto de casar com Penny, achando que as mulheres eram todas parecidas. Apenas queria

alguém respeitável e tolerante que estivesse bem exercitada sobre como cumprir os deveres que lhe seriam impostos pelo título de marquesa. Embora Penny lhe bulisse com os nervos, convencera-se de que isso se devia apenas à sua juventude e inexperiência, que acabaria por desempenhar bem o seu papel e as suas responsabilidades.

Agora que a submetia a um olhar mais crítico, não conseguia imaginar que tinha pensado em casar com ela. Penny era egoísta, desabrida e insensível. A sua personalidade intratável tinha-lhe endurecido os traços, fazendo com que parecesse mesquinha em vez de bonita. Seis meses antes não teria reparado nem se importaria se fosse o caso, mas nessa altura ainda não conhecera Maggie. De muitas maneiras subtis, Maggie mudara-lhe a sua visão sobre a vida. Encarava o mundo de uma forma diferente e não podia casar com alguém tão visivelmente egocêntrico. Mas principalmente não poderia casar com a irmã de Maggie. Fizera essa promessa a Maggie e tinha sido sincero.

O único problema a resolver era o que Harold poderia fazer a Maggie assim que Adam se propusesse a outra – algo que tencionava fazer muito em breve. Conhecedor da propensão do indivíduo para a raiva e a vingança, sabia que ele podia perfeitamente cometer um ato desprezível, como obrigá-la a casar, segundo a ameaça feita. Embora Adam gostasse de pensar que isso nunca aconteceria, sabia que não era assim. Ele próprio tinha usado o seu nome e o seu poder para realizar uma série de tarefas impossíveis e, se Harold pedisse para ser nomeado tutor de uma órfã sem dinheiro, decerto seria bem-sucedido.

Contudo, Harold tinha subestimado em muito os sentimentos de Adam por Maggie e cometera indubitavelmente um erro ao tentar usá-la na sua maquinação. Adam jamais permitiria que alguma coisa de mal lhe acontecesse, por mais afastada que pudesse ficar da sua vida. Harold tinha de se sentir suficientemente ameaçado para não entrar em ação antes de Adam poder seguir em frente com o seu plano.

Dançou algumas vezes, conversou com as pessoas adequadas, mas manteve-se sobretudo sozinho a observar a festa com uma expressão distraída. Passou mais uma hora antes que Harold fosse ter com ele. Fazia-o sempre sob um ou outro pretexto, certificando-se de que os mesmos se focavam no tema de Penelope e de um possível casamento.

– Adam – começou Harold, batendo no copo dele como saudação –, tenciona ir connosco ao teatro no sábado à noite?

– Não é o que sempre faço? – retorquiu, sentindo-se aliviado por ser essa a última vez. Quando se propusesse a outra jovem, passaria muito tempo antes que voltasse a ser bem recebido em qualquer evento pelos Westmoreland. – Preciso igualmente de falar-lhe em particular. Que manhã da próxima semana acha mais conveniente?

– A menos que queira discutir um compromisso de noivado com a Penelope, acho que provavelmente estou ocupado.

– Pretendo discutir a sua *filha*, mas duvido que este seja o lugar onde gostaria que o fizesse. Arranje tempo para mim.

– Porque terei a sensação de que a filha que pretende discutir não é a Penelope? – retorquiu Harold furioso.

– Porque está certo. Não se trata da Penelope. – Pelo menos, o canalha não ia negar que desconhecia a identidade de Maggie. – Precisamos de chegar a um entendimento no que se lhe refere.

– Que tipo de entendimento?

– Digamos que alguém que estava a ponderar fazer-lhe mal deseje pensar duas vezes antes de passar à ação.

Sem querer que pairasse alguma dúvida quanto à sua intenção, deixou reinar o silêncio.

– Está a ameaçar-me? – perguntou finalmente Harold em voz baixa.

– Sim, estou – respondeu Adam sem hesitar. Era um dos poucos homens em toda a Inglaterra que podia ameaçar Harold e sair-se bem. A parte boa residia em que Harold tinha essa consciência.

Harold respirou fundo e sorveu um longo gole da bebida.

– Não precisa ficar irritado – disse, mudando de atitude. – A Maggie é uma jovem encantadora. Por que motivo alguém desejaria fazer-lhe mal?

– Porquê, realmente? – esgrimiu Adam.

– A propósito – prosseguiu Harold, tentando parecer casual mas falhando rotundamente –, como é que se envolveu com ela?

– A minha relação com ela não é da sua conta e não vou discuti-la consigo. Precisamos de conversar mais na próxima semana, embora sobre outra coisa que é extremamente importante. Que manhã tem disponível?

– Muito bem – concordou entre dentes, furioso com Adam e a sua recusa de cedência. – Que tal na quarta-feira? Por volta das dez horas?

– Vou comparecer e serei breve. O que preciso de dizer apenas tomará um minuto do seu tempo.

– Irá declarar-se?

– Descobrirá o que tenho a dizer na quarta-feira e não antes.

Adam afastou-se, adorando a hipótese de manter o canalha em *suspense* por alguns dias. Que se interrogasse. Que ele e Penny se interrogassem. Que toda a gente desse mundo maldito se interrogasse sobre o que tencionava fazer.

Aparentemente despreocupado, deu uma volta pela sala, dirigindo-se ao local onde Mary Roberts se encontrava com a tia. No preciso momento em que se aproximou, a mulher mais velha avançou, bloqueando-lhe nitidamente o caminho.

– Boa noite, Lorde Belmont. Uma bonita festa, não acha?

– Sem dúvida, minha senhora – concordou.

– Tenho a certeza de que se recorda da minha sobrinha...

– Como poderia esquecê-la? – disse com simpatia, focando a atenção em Mary.

– Como está, Lorde Belmont? – saudou Mary. – É bom vê-lo novamente.

A tia fitou-o maliciosamente e depois sugeriu:

– Está muito calor aqui. Íamos dar um passeio no terraço. Quer juntar-se-nos?

Um leve rubor avermelhou as faces de Mary.

– Tia, por favor. Lá fora faz muito frio e está a envergonhar-me e ao marquês – reagiu, sorrindo a Adam. – Peço desculpa.

– Não há necessidade de desculpas, Lady Mary. Está muito abafado aqui e estava mesmo a pensar que uma lufada do ar fresco da noite podia ser a ideia certa. Ficaria encantado se me acompanhasse juntamente com a sua tia.

A tia lançou um pequeno olhar de triunfo à volta da sala e, em seguida, liderou o caminho até às portas ao fundo do salão. Adam deu-lhe o braço e, enquanto o aceitava, Mary sussurrou:

– Não precisa fazer isso.

– Quero fazê-lo – insistiu com sinceridade. – De facto, vinha perguntar se gostaria de acompanhar-me num passeio de carruagem pelo parque amanhã à tarde. Com a permissão da sua tia, claro...

Num canto do lado oposto da sala, Penelope observou o desenrolar da pequena cena, aguardou uns minutos para ninguém pensar que se sentira afetada pela saída de Adam com Mary pelo braço e em seguida dirigiu-se ao *toilette*, onde podia dar largas à sua irritação em privado.

Num outro canto, o duque sorvia a bebida calmamente, interrogando-se sobre qual seria a jogada de Adam. Desde a manhã em que julgara Maggie erradamente, tinha-se questionado sobre quando o machado

cairia sobre a sua cabeça devido ao encontro falhado com a jovem. Parecia que isso estava prestes a acontecer.

Embora desejasse acreditar que Adam compareceria na quarta-feira seguinte para finalmente pedir a mão de Penelope – decerto não teria a ousadia de ir ao teatro com eles no sábado, se assim não fosse! – algo no olhar do indivíduo levava-o a refletir. Havia questões prestes a vir à tona e ele quase tinha medo de que pudesse não se tratar de boas notícias.

De qualquer maneira, pretendia mostrar-se cautelosamente otimista, pois era-lhe impossível considerar a hipótese de que Adam pudesse escolher outra jovem sem ser a filha.

A parada era demasiado elevada para que ele optasse por uma solução diferente de fazer o pedido.

– Que bela surpresa!

Adam detetou o sorriso curioso e hesitante nos lábios de Maggie quando abriu a porta e o viu ali, a meio da tarde. Dado nunca ter aparecido a uma hora daquelas, sabia que ele devia ter vindo por haver surgido algo de terrivelmente importante, o que era verdade.

Agora, já fizera várias visitas a Mary Roberts e, desde que tomara a sua decisão, tinha tentado encontrar motivos para evitar dizer a Maggie o que estava iminente. Contudo, não podia adiar por mais tempo e ela merecia ouvi-lo dos seus próprios lábios.

A jovem deu um passo em frente e brindou-o com um leve e alegre beijo nos lábios.

– O que te traz aqui a meio do dia? Ou preciso de perguntar?

Adam surpreendeu-a ao puxá-la contra o corpo num abraço apertado, como se nunca mais a fosse soltar e sussurrando junto ao seu cabelo:

– Tive saudades tuas... É um bom motivo?

Soltando-se, Maggie fitou-o de olhos brilhantes.

– É o melhor motivo de todos.

– Vamos para dentro.

Segurou a porta enquanto ela avançava para o interior. Em seguida, permaneceu de pé e deixou que o ajudasse a tirar as luvas e o chapéu. Como gostava das pequenas coisas com que o brindava! Não tinha a menor dúvida de que as fazia apenas por gostar dele. Podia muito bem ser a única pessoa intrinsecamente boa que tinha conhecido.

O que faria sem ela?

Os meses e os anos de desencanto e falhos de emoção estendiam-se na sua frente, um retrato sombrio sem qualquer alegria ou felicidade que quebrasse a monotonia da sua estéril existência. Encontrou pouco conforto no pensamento de que Mary seria uma esposa aceitável. Como chegara a sua vida a um estado em que se obrigava a ser feliz por ter tido a sorte de encontrar uma companheira *tolerável*?

Sentindo a angústia dele, Maggie rodeou-lhe a cintura com os braços.

– O que quer que seja, vai correr bem. Verás.

– Oh, Maggie... – Abraçou-a novamente com a mesma intensidade, inundou-a de beijos no cabelo e na testa.

– Pareces muito perturbado. Gostavas de ir até ao meu quarto? Podíamos descansar um pouco.

Maggie pegou-lhe na mão e começou a dirigi-lo para as escadas, mas ele deteve-a.

– Não. Preciso de falar contigo. Vamos sentar-nos junto à lareira, na sala de estar.

Maggie liderou o caminho e sentaram-se ao lado um do outro, com as coxas muito juntas, no pequeno sofá. Devagar e cuidadosamente, ela alisou as saias, concedendo-lhe o tempo de que precisava para organizar as ideias. Por fim, percebendo que nunca mais se decidia a começar, deu-lhe uma palmadinha

na mão e enfiou os dedos nos dele.

– Podes dizer o que quer que seja, Adam. Resolveremos isso juntos.

Adam aceitou o pequeno gesto de conforto. Quem poderia imaginar que uma atitude tão simples acalmaria tanto o coração de um homem? Fitando as mãos entrelaçadas, anunciou baixinho:

– Decidi com quem vou casar.

Maggie engoliu em seco, obrigando-se a manter a calma. Há meses que andava a preparar-se para aquele momento, mas não se apercebera que seria tão terrivelmente difícil.

– Bem...

– Bem...

O relógio fazia-se ouvir. A velha casa rangia e acalmava. Uma criada soltou uma leve risada numa divisão das traseiras. O vestido dela farfalhou.

– Fizeste, então, a tua seleção?

– Sim. Vou declarar-me na próxima semana. Provavelmente na quarta-feira. Em seguida, o anúncio será publicado nos jornais. Quis dizer-te pessoalmente antes... – Adam não conseguia acreditar nas lágrimas que lhe encheram os olhos. – Antes que o ouvisses da boca de outra pessoa.

– Obrigada. Agradeço a tua gentileza.

– Por favor, não me agradeças – pediu ele amargamente. – Despeja a tua raiva em cima de mim, bate-me, chora copiosamente, mas não me agradeças.

Finalmente reuniu coragem para erguer os olhos.

– Gostarias de saber por que faço isto?

– Não – respondeu Maggie, abanando a cabeça. – Não necessito de saber.

– Tens a certeza? Estou plenamente convicto de que devia explicar-te a minha decisão para que entendas. Ser-te-á mais fácil de suportar, se souberes o que penso.

– Não, não será. Prefiro saber o menos possível. Acredita que me magoará menos a curto prazo.

– Desculpa – pediu ele. – Lamento muito.

– Não lamentos. Ambos sabíamos desde que nos conhecemos que este momento chegaria. Chegou mais cedo do que teria desejado, mas chegou. Agora, temos de lidar com isso.

– Precisaremos de fazer alguns planos para ti.

– Sim – anuiu ela, com o coração despedaçado pela ideia de se afastar dele. – Quanto tempo tenho para decidir o que gostaria de fazer?

– Sete meses.

– Sete meses? Mas isso é uma eternidade! – disse, tentando parecer optimista. – Ainda podemos passar muito tempo juntos.

Com as costas da mão, enxugou uma lágrima perdida que conseguira escapar-se pela face enquanto fazia a contagem mental do tempo que lhes restava. Sete meses correspondiam a um casamento em junho, com toda a aristocracia londrina a viver a temporada. O evento seria a conversa da cidade. Com a ajuda de Deus, ela estaria muito longe, sem ter de ouvir uma palavra a esse respeito.

Adam tentou falar, não conseguiu, engoliu em seco e voltou a tentar:

– Pensei que talvez pudesses ir à Cornualha e ficar com o James e a Anne.

– Duvido que os recém-casados desejassem companhia.

Os dois esboçaram um arremedo de sorriso ante o comentário.

– Suponho que tens razão.

– Mas há mais do que isso. Não gostaria de estar perto deles quando ouvir falar da tua vida, sobre a tua família e os teus... os teus filhos. – Sabendo que o seu primogénito, talvez o primeiro filho dele, se desenvolvia nesse mesmo momento no seu ventre, mal conseguiu pronunciar a palavra *filhos*, e muito

menos imaginar-se a viver ligada ao mundo dele através de James e ter de ouvir as boas-novas quando o primeiro filho legítimo de Adam nascesse. – Sei que parece cruel, mas acho que não conseguiria suportar ouvir falar dos teus filhos quando nascerem.

– Entendo. – Adam ouviu um som e convenceu-se de que era o seu coração a partir-se. Estranho, mas não se tinha detido a pensar em como aquele momento seria emocional para ele. Apenas ponderara na situação de Maggie e não na dele. – Talvez pudesse comprar-te uma casa no campo ou em Paris.

Uma vez pronunciadas, as palavras soaram tão ocas e a oferta tão falsa! Percebeu subitamente que não queria saber o tipo de vida que ela conseguiria talhar para si própria. Desejava recordá-la como tinha sido quando fazia parte da sua vida: jovem, bonita e muito, muito feliz.

Maggie pareceu dar-se conta disso e salvou-o de si próprio.

– Não me parece que isso fosse sensato, Adam. Quando nos separarmos, acho que tenho de ir para um sítio onde não possas encontrar-me. Se pensasse que sabias para onde fora, sou tão romântica que estou certa de que sonharia que aparecerias à minha porta. Ajudar-me-á muito se nos separamos definitivamente quando chegar a altura.

– Sim, acho que tens razão – concordou Adam, soltando-lhe as mãos e atraindo-a contra o corpo. – Oh, Maggie, quando comecei esta ligação contigo, nunca imaginei que seria assim tão difícil terminá-la. Como é que alguma vez te deixarei ir?

Deitada sobre o tronco dele, a jovem apoiou a face contra o peito dele, no sítio onde conseguia ouvir o bater forte e firme do coração.

– Serás capaz de fazê-lo, porque conheces o teu dever melhor do que ninguém – reagiu, afastando-se e prendendo-lhe o rosto entre as mãos. – E, embora esteja longe, terás sempre uma parte de mim que permanece no teu coração. Para onde quer que vás e o que quer que aconteça, vai reconfortar-te saber que há alguém no mundo que te ama de alma e coração até soltar o último suspiro.

Adam engoliu em seco, derramando lágrimas que não tinha vertido desde os seis anos.

– Ignoro o que fiz de grandioso e maravilhoso na vida para merecer ser abençoado por ter-te conhecido.

– Amo-te, Adam, e sempre te amarei, aconteça o que acontecer – garantiu Maggie, beijando-o ao de leve na face. – Podes ficar algum tempo? – perguntou e sorriu ao ver que ele assentia com a cabeça. – Então vem e deixa que te alivie essa dor que tens no coração. Faz amor comigo, como se fosse a última vez que tens essa oportunidade.

Maggie estava de pé diante do espelho da sala de provas, ajustando os alfinetes do chapéu. Estava um dia tempestuoso e não queria que o vento lhe estragasse o penteado quando saísse.

Madame LeFarge já havia praticamente terminado a série de vestidos que Maggie encomendara para as próximas férias natalícias. Eram os últimos que tencionava comprar à famosa modista de quem Adam insistira que se tornasse cliente.

O Natal era o prazo final.

Passaria a festividade a celebrar com ele e, quando a época acabasse, ia contar-lhe sobre o bebé. Estava a portar-se cobardemente e devia ter-lhe contado mais cedo, mas sentia-se incapaz de encarar a hipótese de passar o Natal sozinha, o que era muito possível, caso Adam reagisse tão mal à notícia quanto ela receava. Com o seu pedido de casamento e as notícias do mesmo em vias de se espalharem nos próximos dias, a última coisa que ele desejaria ou esperaria seria um fardo impossível e embaraçoso colocado aos seus ombros pela amante.

Felizmente, ainda não se notava qualquer diferença na sua cintura. Chegara mesmo a perder uns quilos

e por conseguinte a modista não tinha notado nada de suspeito nas provas finais. Todos os vestidos tinham a cintura subida e, assim, mesmo que a barriga crescesse um pouco, ninguém ia reparar e os vestidos assentariam confortavelmente. O benefício adicional residia em que, se a gravidez começasse a ser visível, o estilo ocultaria o que ela não estava preparada para os outros verem.

Quando ficou pronta, agarrou na bolsinha e dirigiu-se à porta, a fim de percorrer o corredor que levava diretamente à parte da frente da loja. Do outro lado do corredor, a porta da sala de provas contígua ficara entreaberta e Maggie não conseguiu evitar ouvir a conversa de duas mulheres. Encolheu-se imediatamente ao aperceber-se de quem se tratava. Penelope estava lá com a amiga que a acompanhara ao *toilette*, no baile.

O seu primeiro instinto foi esgueirar-se, mas ao escutar o diálogo, ficou paralisada.

– Não ficaste irritada quando o marquês saiu com a Mary? – perguntou a amiga.

– Julguei que ia morrer! – insistiu Penelope num tom dramático. – Passara a noite a tentar atravessar a sala para falar com ele, mas a minha mãe tem um tal sentido de posse que nem chegámos a dançar. Quem me dera ter ido apenas com o meu pai. Talvez tudo já tenha terminado neste momento e não me veja obrigada a esperar pela próxima quarta-feira. – Ouviu-se um farfalhar de tecido. – O meu pai aconselha-me a não estar muito excitada, mas como pode esperar que conserve a calma num momento destes?

– O marquês só vai fazer-te o pedido uma vez.

– É o que penso.

– O quê? – exclamou Maggie ofegante em voz alta, incapaz de se conter.

– Sinto-me tão feliz por ti – expressou a amiga. – As outras não vão simplesmente morrer de ciúmes? Tens de me enviar um bilhete mal ele saia. Lembra-te de tudo o que disser, para me poderes contar palavra por palavra.

– Como se fosse esquecer-me de alguma coisa. Só sei que será a ocasião mais romântica da minha vida!

– Achas que vai tentar beijar-te esta noite, depois do teatro?

– Se o fizer, vou permitir – respondeu Penelope e as duas raparigas soltaram uma gargalhada. – É certamente adequado uma vez que estamos comprometidos. E faltam só quatro dias para quarta-feira.

Maggie levou a mão ao peito. Aquilo era simplesmente impossível! Adam tinha-lhe prometido! Tinha-lhe jurado! Devia haver algum engano, mas Penny não estaria decerto enganada sobre uma questão daquela importância.

Encostou-se à ombreira da porta, tentando desesperadamente pensar, tentando perspetivar as palavras. As duas vozes desvaneceram-se e uma terrível sensação de calma apoderou-se dela quando, eventualmente, tudo se tornou claro.

Todos esperavam há anos que Adam se casasse com Penelope, quando ela atingisse a maioridade. Na esfera em que se movimentavam, era uma combinação perfeita de título, família e de dinheiro. Adam podia obviamente protestar, negar as suas intenções, vincar planos de nunca ferir Maggie, casando com a irmã dela. Mas se o fizesse, o que podia fazer ou dizer Maggie? Adam não tardaria a acabar tudo com ela e não tinha futuras intenções no que lhe dizia respeito.

– Sou mesmo idiota! – sussurrou com o coração despedaçado ante a horrível notícia.

A mãe e Anne tinham-na advertido repetidamente que um homem podia prometer o que quer que fosse e em seguida virar as costas e fazer o que jurara nunca fazer. Era simplesmente assim que o mundo funcionava: os homens podiam e agiam com impunidade. Que estupidez da sua parte ter-se esquecido disso! Afinal, o seu próprio pai constituía um exemplo de como era fácil para um cavalheiro dizer uma coisa e fazer outra.

Bom, Adam merecia o que quer que lhe acontecesse nas mãos de Penny. Que fizesse a cama em que se

deitar-se com aquela insensível rapariga. Se não conseguia ver o que ela era realmente, estava bem longe de Maggie esclarecê-lo. O mais provável era que não lhe interessasse como ela era. Talvez apenas lhe interessasse o dinheiro e o conjunto de propriedades que ganharia com essa união.

Um pensamento perturbador ocorreu-lhe quanto à visita dele na tarde anterior. O iminente noivado com Penelope era o motivo por que insistira tanto em explicar-lhe a sua opção e a linha de raciocínio? Maggie sentiu-se mais contente do que nunca por se ter recusado a escutar as suas justificações. Nada do que dissesse em mil anos serviria para explicar aquela dolorosa traição.

Lá no fundo, sentia uma nova resolução a tomar forma. Londres tornara-se um sítio impossível onde permanecer. Tinha de se ir embora, sem esperar pelo final das festividades, sem lhe contar sobre a criança. Também não se sentiria culpada pela sua decisão, embora não imaginasse se ele ligaria ou não. Já que Adam era capaz daquele ato desprezível, não albergava obviamente quaisquer sentimentos por Maggie e ainda menos por um filho.

Com uma pressa renovada, virou-se para sair, mas as vozes do outro lado do corredor voltaram a chamar-lhe a atenção.

– Achas que o corpete é suficientemente decotado? – perguntou Penny à amiga. – Esta noite, quero proporcionar-lhe uma boa visão. Quanto mais vir do que vai receber, mais feliz ficará quando tomar a sua decisão.

– És do pior! – riu a outra.

– Bem, os homens gostam principalmente de seios. Foi o que me disse Colette, a minha dama de companhia. Acho que vou pedir a Madam LeFarge que baixe um pouco mais esta renda. Só um pouco.

Antes que Maggie conseguisse mover-se, a porta em frente abriu-se e ela viu-se frente a frente com a sua meia-irmã. Seguiu-se um longo e tenso silêncio enquanto se fitavam e Maggie quase conseguia imaginar a cabeça de Penny às voltas, tentando localizá-la. Antes que pudesse reconhecê-la, Maggie esboçou um leve aceno de cabeça.

– Lady Westmoreland – cumprimentou, dando um passo para se escapar.

– Você outra vez! – exclamou Penny, franzindo a bonita testa, consternada.

Subitamente, arregalou os olhos quando o impacto da presença de Maggie assentou e gritou num tom agudo:

– Já sei quem você é!

A frase impediu que Maggie continuasse a avançar enquanto se interrogava sobre se Penny sabia mesmo.

– A sério? Quem sou eu? – perguntou, incapaz de resistir.

– O que faz aqui? – sibilou Penny.

– Estou a comprar vestidos, como você – respondeu Maggie.

– Como se fosse obrigada a ver-me sujeita à presença de gente da sua laia durante uma inocente vinda às compras. – Deu meia volta e gritou pelo corredor, presa de um petulante acesso de fúria. – Como pôde Adam fazer-me uma coisa destas? Minha senhora! Minha senhora! Venha cá imediatamente!

Maggie estremeceu. Então, ela *não* sabia que tinha uma irmã, mas *sabia* que Adam mantinha uma amante. Que confusão.

A modista francesa baixinha correu pelo corredor.

– O que é? O que... – Contudo, parou, avaliando com um olhar intenso as duas mulheres que eram tão parecidas e, no entanto, tão diferentes. Estava obviamente consternada por assistir a uma discussão entre duas clientes de luxo e era visível que não fazia ideia da intrincada teia em que Penny e Maggie estavam envolvidas. Se assim fosse, nunca as teria agendado para fazerem provas no mesmo dia.

Maggie resolveu apiedar-se dela e sair sem dar nas vistas, mas, antes que pudesse dizer ou fazer

alguma coisa, Penny apontou o dedo para a perturbada modista e gritou num tom agudo:

– Sabe quem é essa mulher? Não tem respeito por mim ou pela minha família? Não voltarei se me vir obrigada a conviver com gente da laia dela em público. É vergonhoso.

Maggie fitou a modista com um olhar de desculpa.

– Lamento ter perturbado Lady Westmoreland. Já estava de saída.

– *Mais oui*, talvez seja melhor por agora – disse ela com um gesto na direção da porta.

– Por agora? Por agora? – lamuriou Penny. – Quero a sua garantia de que ela não voltará a ser atendida neste estabelecimento! – Bateu impacientemente com o pé no chão, aguardando a decisão da atrapalhada mulher. – Então?

Maggie adiantou-se e deu uma palmadinha na mão dela.

– Está tudo bem, *Madam*. Envie-me as minhas coisas.

– *Certainement*. Obrigada, Miss Brown. As minhas desculpas...

– Não são necessárias desculpas – disse, fulminando Penelope com o olhar. – Aparentemente, também não me interessa a clientela daqui. Zelarei para que seja bem recompensada pela minha perda.

A modista dirigiu-se apressadamente à entrada da loja, ansiosa por sair da linha de fogo e acompanhar Maggie à porta antes que algo de mais horrível pudesse acontecer. Maggie tentou mais uma vez sair, mas Penny colocou-se na frente dela, bloqueando o caminho.

– Como se atreve a falar-me dessa maneira?

– Tenho a certeza de que há muitas pessoas na sua vida que são obrigadas a suportar os seus acessos de raiva. Contudo, não sou uma delas. Bom dia.

– Vou contar isto ao meu pai.

– Faça favor – incitou Maggie com uma gargalhada.

Penny pareceu chocada ao ver que a invocação da ameaça do pai não produzira efeito. Tentou uma reação maior:

– Quando me casar com o Adam, zelarei pessoalmente para que ele a expulsa sem um *penny* no bolso.

– Tenho a certeza de que ele gostará de discutir o assunto consigo. Boa sorte para os seus esforços.

Casualmente, enfiou uma luva e depois a outra, certificando-se de que a horrível rapariga não se apercebia da sua perturbação. No entanto, ela parecia ter o diabo em pessoa sentado no ombro e não conseguiu impedir-se de acrescentar:

– A propósito, Adam despreza pura e simplesmente a inexperiência nas suas mulheres, portanto, tenho estado a pensar que nos devíamos encontrar. Poderia dar-lhe alguns conselhos sobre como evitar que ele se afaste.

– Que atrevimento... – explodiu Penny.

– Talvez um dia pudéssemos almoçar e explicar-lhe-ia uma parte do que acontecerá no seu leito conjugal. Ele tem as suas preferências, sabe? Gosta especialmente de algumas coisas que faço com a boca.

Com um movimento da mão, estendeu-lhe o cartão. Ao ver que Penny não o aceitava, Maggie enfiou-lho no corpete do vestido.

– Por favor, contacte-me se achar que posso ajudar.

Voltou costas com uma piscadela de olho maliciosa e afastou-se, ignorando os gritos de indignação de Penny e da amiga.

Ao longo do corredor, várias mulheres espreitavam dos restantes provadores e as iguais de Penelope testemunharam com uma alegria incontida o momento mais picante que acontecera em Londres no espaço de anos. A história espalhar-se-ia pela cidade dentro de poucos minutos. Maggie ignorou-as a todas e percorreu confiantemente a comitiva de mulheres aristocratas, fitando-as de cabeça erguida.

Como as odiava. Como as odiava a todas!

No exterior, caminhou durante algum tempo, a fim de acalmar parte da raiva que a consumia. O criado seguia ao lado dela e a carruagem ia logo atrás. Enquanto percorria as ruas, ocorreu-lhe aos poucos que o pai insistira em que os dois eram muito parecidos e ela havia ripostado. Afinal de contas, pensou com desdém, talvez se parecesse mesmo com ele. Que cena triste! Nunca em toda a vida dera mostras de tamanha raiva, nem havia deliberadamente magoado outra pessoa, como acabara de fazê-lo com Penny.

Bem, esperava que Penny contasse ao pai. Esperava que Penny contasse a Adam. Esperava que Penny contasse a toda a gente.

Sentia-se tão traída, tão magoada, e muito, muito sozinha.

Sem saber por quanto tempo tinha caminhado nem a distância que percorrera, prosseguiu até a fúria se desvanecer, cedendo lugar a um doloroso vazio. Exausta, faminta e oprimida, percebeu que a tensão do encontro lhe havia dado volta ao estômago. Era tempo de regressar à sua casa vazia e à sua vida vazia. O peso de tudo aquilo era por de mais insuportável.

Devido aos enjoos causados pela gravidez e pela tensão do dia, Maggie tentou forçar-se a engolir uma ceia leve. Bebeu sobretudo um pouco de água enquanto se vestia para ir ao teatro.

Tinha de ver com os seus próprios olhos.

Adam assistiria com a família Westmoreland. O seu pai e a mulher dele estariam presentes. Muitos dos seus amigos e conhecidos estariam presentes. Mais importante ainda, Adam estaria lá com Penny ao seu lado.

Maggie precisava vê-los juntos. Precisava vê-los a conversar e a trocar carícias. Observá-los rodeados de toda a riqueza e privilégio que o seu estatuto social lhes proporcionava. Ser esbofeteada pela prova de como não fazia parte da vida de Adam, por mais que o seu coração teimoso recusasse acreditar ou aceitar a decisão dele. Só enfrentando a horrível situação de olhos bem abertos é que poderia apreender verdadeiramente o impacto do que Adam se preparava para causar nas vidas de todos.

Não querendo que ninguém soubesse que ela ia sair, disse a Gail que tencionava recolher aos seus aposentos e não desejava ser incomodada. Quando os sons ao fundo das escadas acalmaram, tirou a capa com capuz do armário e depois escapuliu-se pela porta principal e percorreu rapidamente alguns quarteirões até conseguir fazer sinal a uma carruagem. Ainda era bastante cedo e havia pessoas por perto, o que tornava a experiência demasiado arriscada, mas necessitava de fazer a caminhada sozinha. Pela primeira vez, não queria a companhia do seu criado.

No teatro, a fila de pessoas que aguardavam para comprar bilhete era muito comprida. Chovia abundantemente e, quando entrou no teatro, tinha a roupa exterior toda molhada e tremia de frio. Contudo, o frio dissipou-se rapidamente quando se juntou à multidão de gente na plateia, tão apertada que ela mal conseguia mexer-se. A multidão era rude e violenta, aguardando impacientemente o começo da peça.

Maggie mal reparava, de tão concentrada que estava a vasculhar a parte superior com olhar. Numa ocasião anterior, Adam tinha indicado vários camarotes e os seus ocupantes e por isso sabia qual pertencia ao pai dela e aguardou nervosamente que se enchesse. Eventualmente, o reposteiro apartou-se para dar entrada ao duque com a mulher pelo braço. Sentaram-se no momento em que o reposteiro voltou a abrir-se e se lhes juntaram outras pessoas que Maggie desconhecia. Por fim, surgiram Adam e Penny, com a jovem a dar-lhe o braço numa atitude de posse. Pareciam um príncipe e uma princesa saídos de um conto de fadas com o seu vestuário requintado, a bela aparência e joias reluzentes. Adam ajudou-a a sentar-se no momento exato em que os atores pisaram o palco.

Todos os espectadores focaram as atenções na ação da peça. Todos à exceção de Maggie, que seguia um tipo diferente de ação que se desenrolava sobre a sua cabeça. Adam desviou as atenções do palco para Penny. Esta falava-lhe constantemente ao ouvido. Por vezes, dizia algo que lhe prendia a atenção e sussurravam juntos por alguns momentos, com as cabeças unidas.

Penny parecia ir aproximando impercetivelmente o corpo para mais perto dele. A certa altura, disse algo que o fez rir e presenteá-la com um dos seus raros sorrisos. Penny foi lesta a reagir, inclinando-se ainda mais, até dar a sensação de que encostara por completo os seios ao braço dele. A ser verdade, ele não fez nada para os afastar.

Os lábios deles pairavam a centímetros de distância e Maggie aguardou ofegante o casto beijo que estava certa de que ocorreria na fila de trás do camarote envolto na penumbra. Quando Adam se afastou e voltou a prestar atenção à peça, Maggie lutou por respirar, como se tivesse sido salva de um afogamento.

Presas da maior agonia, Maggie tentou acalmar-se, recordando a primeira noite em que Adam a trouxera ali. Tinham vindo muitas vezes depois dessa primeira vez, mas Maggie lembrava-se sempre com carinho dessa ida inicial. Adam estivera tão elegante; Maggie estivera tão bonita. Se ele tivesse qualquer preocupação antes de chegarem sobre como ela se comportaria, abandonara-a por completo à saída. Nessa noite, ela brilhara ao lado dele como um diamante puro, orgulhosa de saber intimamente que era a deslumbrante filha do duque de Roswell e de Rose Brown, que fora uma das mulheres mais bonitas da sua época.

Maggie mostrou-se excepcional nessa noite e em todas as outras em que o acompanhara a vários lugares e eventos. Contudo, agora, enquanto o observava a coberto das sombras, junto ao poço da orquestra, a dor tornou-se demasiada. Ver o amante, o seu amigo, na companhia do seu pai e da sua irmã! Saber que nunca se juntaria a ele ali! Que nunca seria aceite no ambiente deles! Independentemente de quanto amava Adam ou se importava com o seu bem-estar, por mais que desejasse ficar ao seu lado e cuidar dele em todos os dias da sua vida, independentemente do sangue azul que corria em parte das suas veias, era uma estranha e sempre assim permaneceria.

Uma vez, quando era uma menina e fora às compras com a mãe, tinha visto um garoto da rua junto à montra de uma pastelaria, a olhar para os doces do interior. O desejo estampado no rosto era tal que doía só de o ver. Agora, Maggie sabia exatamente o que o garoto tinha sentido.

Sofrera a vida inteira por ser uma bastarda e sabia como fora difícil. Agora, o seu próprio filho, gerado por um dos homens mais ricos e importantes da aristocracia, seria forçado a lutar contra esses mesmos estigmas enquanto os filhos que Penny lhe desse teriam tudo o que uma criança poderia desejar.

Era tão injusto.

Adam nunca tinha dito que a amava nem dera qualquer indício de que assim fosse. Quando muito, tratara-a como uma espécie de animal de estimação. Com a sua ingenuidade e inocência, tinha confundido bondade com amor e convencera-se de que não podia pronunciar palavras de amor simplesmente porque ele tinha dificuldade em dizê-las.

Como fora idiota durante todo aquele tempo! Na verdade, com base em tudo o que testemunhava, ele nunca havia nutrido sentimentos verdadeiros a seu respeito. Nem amor, devoção ou respeito. Nem sequer amizade. Os cães da sua propriedade eram provavelmente capazes de partilhar mais do seu afeto do que ela.

De súbito, o calor da sala a abarrotar e o fedor de demasiados corpos transpirados e sujos sufocou-a. Começou a formar-se uma enorme onda de vômitos no estômago e a refeição ligeira que tinha comido no início da noite assemelhava-se a uma bola de chumbo prestes a explodir. Se não saísse imediatamente, ia passar uma vergonha no meio da assistência.

– Desculpe, desculpe – sussurrou enquanto se punha a abrir caminho aos empurrões e às cotoveladas

até ao fim da fila.

As pessoas resmungaram, mas deixaram-na passar parecendo sentir a sua pressa em ir embora. Ela tinha de fugir dali. Se ao menos conseguisse chegar ao ar fresco da rua! Viu as portas na frente e atravessou-as como uma flecha até ao *hall* de entrada, lembrando-se de tapar a cabeça com o capuz antes de se expor às luzes mais intensas. Havia várias pessoas que podiam reconhecê-la e não queria esbarrar em qualquer delas.

Baixando a cabeça, bateu às cegas o caminho até à entrada principal e quase desmaiou de alívio quando conseguiu transpô-la. Tropeçou e um homem que ia a entrar no teatro deu um salto para a ajudar, equilibrando-a ao colocar a mão no antebraço antes que ela caísse no passeio. Os movimentos desajeitados fizeram com que o capuz lhe destapassem a testa.

– Desculpe, *sir* – pediu, tentando delicadamente manter a distância.

– Sente-se bem, *miss*?

A voz era familiar e não resistiu à tentação de olhar de relance para o desconhecido. Viu-se na frente do rosto chocado de Charles Billington.

– Maggie? És tu? O que aconteceu?

– Nada, Charles. Simplesmente, não me sinto bem. – Tentou novamente afastar-se, sem sucesso. – Preciso de ir andando.

– Espera – pressionou, recusando largar-lhe o braço. – Acho que o Adam está lá dentro. Queres que vá chamá-lo?

– Não! – opôs-se com mais veemência do que desejava, mas ao ver a reação dele, acrescentou num tom mais suave: – Não. Não preciso da ajuda dele.

– Ele não sabe que estás aqui, pois não?

– E prefiro que não saiba – respondeu, abanando a cabeça.

– O teu segredo está a salvo comigo – prometeu galantemente. – Contudo, insisto em levar-te a casa.

– Não é necessário. Consigo encontrar o caminho.

A sensação de vômito tornou-se mais violenta e receava estar prestes a passar uma vergonha, sujando os sapatos de Charles.

Ele desceu-lhe o capuz até aos ombros.

– Devo dizer que estás com muito mau aspeto. Permite que te instale na minha carruagem e vais sentir-te melhor quando estiveres sentada.

Devido à intensidade do trânsito, o condutor ainda não se tinha afastado da frente do teatro. Antes que ela pudesse protestar mais, encontravam-se junto à porta da carruagem e um cocheiro ajudou-a a subir e a entrar.

– Obrigada – conseguiu murmurar num fio de voz enquanto Charles se sentava na sua frente. Fechou os olhos e apoiou a cabeça ao encosto de veludo.

– Pareces prestes a vomitar.

O comentário provocou-lhe um leve sorriso. Charles nunca fora um seguidor das regras de cortesia.

– Devo confessar que já me senti melhor – retorquiu.

Nesse preciso momento, a carruagem arrancou com um solavanco. À medida que os cavalos faziam soar os cascos a descer a rua movimentada, parando e avançando novamente por entre o aglomerado de veículos, ela sentia cada movimento. Nunca se tinha apercebido até então que a carruagem balançava de uma forma tão irritante e enjoativa. Começou a respirar fundo e devagar.

– Vais conseguir chegar a casa? – perguntou Charles.

– Espero que sim. – Um solavanco particularmente brusco da carruagem levou-a a mudar de opinião. – Podemos parar?

– Claro.

Antes que o condutor pudesse parar os cavalos, ela deu um salto pela porta e o cocheiro quase não conseguia agarrar-lhe o braço, impedindo que caísse no meio da rua. Um beco escuro e fétido estendia-se na sua frente, protegendo-a dos olhares curiosos de transeuntes. Correu para a escuridão e encontrou um alívio abençoado ao vomitar repetidamente até não ter mais nada no estômago.

Trémula e sentindo-se num estado deplorável, estendeu o braço e apoiou-se a uma parede imunda. Passados uns minutos, retomou a compostura suficiente para regressar à carruagem. À luz da rua, avistou Charles de vigia, concedendo-lhe privacidade e mantendo-a a salvo de quaisquer vadios que pudessem estar à espreita.

– Melhor? – perguntou, oferecendo-lhe o braço e o lenço.

– Muito melhor – respondeu, aceitando as duas ofertas e endireitando-se.

– Vamos levar-te a casa.

Sem esperar pelo cocheiro, ajudou-a a entrar na carruagem.

Maggie voltou a apoiar a cabeça no encosto, fechando os olhos. Através das pálpebras semicerradas, viu-o a observá-la com uma expressão impenetrável. Que se interrogasse à vontade! Tudo o que desejava nesse momento era paz e ficar sozinha para refletir na atitude a tomar, mas não seria assim.

– De quanto tempo estás? – inquiriu Charles suavemente.

Pelo espaço de um segundo, pensou em negar a gravidez, em insistir que ele estava enganado. No entanto, ao fitar os seus olhos carinhosos e preocupados, concluiu que não podia mentir-lhe. Seria um alívio tão grande poder partilhar aquele terrível segredo com outra pessoa. Talvez o simples ato de o contar, fosse capaz de libertá-la um pouco do fardo.

Com um suspiro e um encolher de ombros, admitiu:

– Entre dois e três meses, segundo os meus cálculos.

– O Adam sabe?

– Não – respondeu, baixando os olhos e abanando a cabeça.

– Nem sequer desconfia?

– Não lhe dei qualquer indício. Ele jamais compreenderia.

Se esperava que o primo discordasse, estava enganada.

– Não, imagino que não – opinou Charles.

Maggie pôs-se de lado no assento, premindo o rosto contra o cabedal e fechando os olhos com o máximo de força, o bastante para eliminar o resto do mundo.

Ao chegar a casa, e apesar das suas tentativas para mandar Charles embora, ele não se deixou convencer facilmente. Insistiu em acompanhá-la até dentro de casa, acomodou-a no pequeno sofá da salinha e ordenou à criada que trouxesse um tabuleiro com água e bolachas. Aguardando em silêncio até a mulher ter saído, dirigiu-se à porta e fechou-a com força nas costas dela. Quando puxou uma cadeira e se sentou mesmo na frente dela, os nervos de Maggie estavam praticamente no limite.

Charles prendeu-lhe as mãos geladas entre as dele e esfregou-as com força.

– Alguma vez falaste com o Adam sobre a possibilidade de um bebé?

– Sim, no começo da nossa ligação. Ele disse-me que não podia deixar que isso acontecesse.

– Ele sempre achou que podia dar ordens às pessoas como se fosse um deus – resmungou Charles entre dentes. – Talvez haja um outro Deus a encarregar-se de lhe mostrar quem realmente manda, hein?

– Talvez – anuiu Maggie, inclinando-se para a frente e apertando as mãos que prendiam as suas. – Não lhe contei porque tenho um medo enorme de como poderá reagir. Disse que me expulsaria imediatamente se isso alguma vez acontecesse. Que não me permitiria que envergonhasse a sua família.

– Isso soa mesmo ao Adam – suspirou Charles. – Como é idiota em relação a muitas coisas!

– Mas foi no início do nosso relacionamento. Muita coisa mudou desde essa altura. Achas... achas que continua a pensar da mesma maneira?

Charles pareceu disposto a aliviar-lhe o espírito com uma mentira, mas por fim decidiu que só a verdade teria cabimento.

– Conheci o Adam toda a minha vida. Sou provavelmente o seu melhor amigo, partindo, obviamente, do princípio de que ele na realidade tem amigos. E devo dizer com toda a sinceridade que tenho a certeza de que quis dizer cada palavra.

– Compreendo.

Qualquer esperança que pudesse albergar no íntimo desapareceu ao ouvir Charles confirmar os seus piores receios. O rosto esmoreceu e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Charles pegou no lenço que ela continuava a amarrotar entre as mãos unidas e enxugou-lhe os olhos.

– Lamento. Provavelmente, não deveria ser tão brusco, mas duvido que te fosse útil de alguma maneira incentivar falsas esperanças.

– Está tudo bem. Apenas esperava que dissesses outra coisa.

– Foi a educação que ele recebeu, entendes? O pai era um homem extremamente egoísta que mostrou pouca consideração pela família e pela mãe de Adam... bem, é uma mulher muito fria, muito dura. Alterou toda a visão que Adam tinha do mundo até ele não ver mais nada na frente, salvo o dever e a responsabilidade.

– Lamento muito por ele.

– Não lamentos – insistiu Charles, surpreendendo-a. – Ele é um homem adulto e está a viver a vida que escolheu.

– Tentei ser tão cuidadosa – murmurou Maggie, passando a mão pela testa. Deixou-se cair para trás no sofá, formulando a pergunta retórica que durante semanas a fio lhe invadira os pensamentos e os sonhos: – O que hei de fazer?

Examinaram o dilema sob todos os ângulos, discutindo Adam e a sua rígida e obstinada natureza. Consideraram as opções dela que pareciam poucas e inadequadas. Todas a deixavam sozinha com uma criança bastarda nos braços. Dado poder discutir a situação, Maggie tinha os nervos e as emoções à flor da pele e por conseguinte passou-lhe despercebido o olhar de reflexão que se instaurou gradualmente no rosto de Charles, à medida que a noite passava.

– Tenho uma ideia – disse ele no meio de um dos seus prolongados silêncios.

– Bom, já ouviste todas as minhas. A tua não pode certamente ser pior.

Charles dirigiu-se à bandeja que a criada lhes tinha deixado e voltou a encher o copo de vinho, bebendo um longo trago antes de continuar:

– Talvez aches muito chocante, mas promete que vais ouvir-me.

– Prometo – anuiu sem que por um único instante deduzisse o que o homem poderia dizer-lhe de tão chocante.

– Que tal se te casasses comigo?

Maggie ficou boquiaberta.

– É impossível que estejas a falar a sério.

– Ah, mas estou. Ouve-me. – Deslocou-se até ao canto oposto da salinha, como se necessitasse de colocar uma grande distância entre eles, antes de se atrever a perguntar: – Sabes muita coisa sobre mim?

– De facto, não – admitiu Maggie. – Sei que és primo do Adam, que és muito próximo dele e do James. Foste um grande amigo de James e de Anne quando eles decidiram casar. Respeitei-te muito por isso. Também te mostraste sempre muito gentil para mim e sinto-me grata por isso – acrescentou num tom cuidadoso e neutro.

– Quero dizer-te uma coisa a meu respeito. Algo que apenas meia dúzia de pessoas sabe.

Corou ligeiramente, envergonhado por admitir o que quer que fosse.

Maggie aguardou e em seguida disse:

– Podes contar-me. Guardarei os teus segredos.

Aquela pequena declaração pareceu satisfazê-lo.

– Sabias que fui soldado durante um curto período?

– Sim, já me tinha constado.

– Lutei no continente. Fui gravemente ferido.

– Sim, também me lembro de ouvir isso.

– Danifiquei sobretudo as pernas e as costas. Fiquei com bastantes cicatrizes e, portanto, não ofereço

uma visão muito agradável quando me dispo. – Virou-se para a janela e fitou o escuro da noite enquanto

acrescentava: – Infelizmente, uma parte do meu ferimento foi bastante pessoal.

– Pessoal? – repetiu ela. – Acho que não entendo.

– Nunca poderei ter filhos. Fui atingido de alguma forma... por dentro. Já não consigo sentir desejo e

fiquei sem muita sensibilidade na parte inferior das costas e numa parte da coxa...

– Não fazia ideia.

– Pois não – redarguiu ele, baixando a cabeça, como que envergonhado. – Como te disse, não há muitas

pessoas que estejam a par do assunto.

– O Adam sabe?

– Sim e o James também. E alguns dos meus médicos que juraram segredo. Mais ninguém. – Dirigiu-se

novamente à mesa e serviu-se de mais vinho, que bebeu lentamente. – Não falo no assunto. Trata-se de

uma coisa que nenhum cavalheiro gostaria de confessar. É algo muito efeminado para acontecer a um

homem.

– Imagino – anuiu Maggie com absoluta compreensão.

– Nesse caso – prosseguiu Charles, encontrando finalmente coragem para voltar a olhá-la de frente –,

dado não poder ter filhos, é óbvio que jamais poderia pedir casamento a uma mulher. Seria injusto.

Contudo, a minha mãe atormenta-me constantemente quanto a ter netos e a situação piorou de tal maneira

que quase não suporto ir visitá-la. – Encolheu os ombros como se tivesse acabado de encontrar a solução

para corrigir todos os males do mundo. – Podíamos casar e reivindicaria a criança como se fosse minha.

– Jamais poderia casar contigo.

– Porque dizes isso? Sou um excelente partido. Posso terras. Tenho um rendimento garantido através

de um fundo fiduciário e do meu trabalho, portanto, nunca te faltaria nada nem ao bebé. Criei uma

reputação sólida com a minha pintura e a criança beneficiaria do meu nome e das relações da minha

família. Muitas mulheres casam por muito menos.

– Mas as pessoas conhecem-te. Decerto, algumas suspeitariam...

– Ninguém saberá – interrompeu-a, abanando a cabeça. – Além disso, a criança irá provavelmente

parecer-se o suficiente comigo para enganar alguém com estupidez bastante para duvidar.

– Por que razão farias isso por mim? – quis saber Maggie, fitando-o interrogativamente. – Parece que

seria eu a lucrar todos os benefícios.

– É aí que te enganas.

– O que poderias lucrar?

– O fim da especulação sobre a minha vida pessoal. Paz de espírito. O fim do tormento imposto pela

minha mãe e pelas minhas irmãs, que, acredita, valeria muito. – Aproximou-se mais, aparentemente

encorajado pelo facto de ela não haver recusado de imediato. – Devo confessar que isso constituiria uma

solução para um problema que me tem afligido há algum tempo. Um homem da minha posição tem o

dever de casar, mas não posso. Já nem sequer falo com as mulheres porque não quero alimentar falsas esperanças a ninguém. E... – acrescentou quase num sussurro – ... tenho dificuldade em desfrutar de qualquer tipo de companhia feminina agora que não posso... não posso...

– Então, se avançássemos com a ideia, não precisarias dos meus serviços conjugais?

– Não. Seria simplesmente um casamento de conveniência com benefícios para ambos...

– Fazes com que pareça tão calculado.

– Todos os casamentos são calculados de acordo com os ganhos e as perdas em causa. Só vejo benefícios para ambos.

– Pensei que o teu pai era conde. Não estás vinculado a qualquer das restrições que se aplicam a Adam?

– Tenho sete irmãos, Maggie. Sou o quinto filho. O meu irmão assumiu o título há anos e a mulher já lhe deu três filhos. – Voltou a sentar-se na cadeira em frente dela. – Confia em mim. Ninguém se importará com quem eu case. Apenas querem que o faça.

A sua linha de raciocínio e as respostas a todas as suas perguntas pareciam fazer sentido. Charles elaborou um discurso em que tudo poderia funcionar sem problemas, o que era assustador. Nem conseguia acreditar quando ouviu a sua própria voz a inquirir:

– Se concordar, não estou a dizer que o faça, ouve bem, quando desejarias fazê-lo?

– Quanto mais cedo melhor, diria, tendo em conta... – Fez um gesto na direção do ventre dela.

Maggie assentiu com a cabeça.

– Como agiríamos?

– Estava a pensar numa viagem rápida para Gretna Green.

– Fugir para a Escócia? – arquejou Maggie ante a ideia chocante.

– Sem qualquer desrespeito – acrescentou de imediato.

– Não me referia a isso. Só que me parece tão drástico. Não seria mais fácil realizá-lo aqui na cidade?

– Conseguiria obter uma licença especial, mas receio que se espalhe a palavra se o fizer. É algo muito fácil de acontecer. A minha mãe descobriria os nossos planos e desejaria adiar as coisas para transformar o casamento num evento grandioso...

– E não podemos adiar a data sem lhe explicar o motivo.

– Exato.

– Ou sem que Adam possa descobrir.

– Que importância tem isso?

– Não sei bem. Ele podia tentar deter-me apenas por mera teimosia.

– É verdade.

– Ainda que não saiba porque havia de importar-se? Afinal, ele decidiu casar-se com Penelope Westmoreland...

Charles estremeceu e conteve uma praga.

– Nesse caso, acho que o casamento seria a melhor solução para vocês os dois. Terias quem cuidasse de ti e ele ficaria sem responsabilidades antes que a data do casamento se aproximasse. – Pegou-lhe de novo nas mãos, apertando-as com força. – Vamos fazê-lo. O que dizes?

– Não sei, Charles, não sei... – Uma violenta dor de cabeça começava a formar-se-lhe por trás dos olhos. – Fazes com que tudo pareça tão simples.

– Seria simples.

– E quanto a nós os dois? Mal nos conhecemos.

– Somos amigos. Gostamos um do outro. É mais do que muitos casais podem afirmar.

– E o bebé? Não desejaria que ele fosse criado por um pai indiferente. – Levantou o rosto com uma

expressão suplicante. – Pensas mesmo que conseguirias ter qualquer afeto pelo filho de outro homem?

– Não é como se fosse filho de um estranho, Maggie. O bebé é do meu primo e algum do meu próprio sangue corre nas suas veias.

– Nunca mais quereria ver o Adam. – Céus! Falava como se estivesse disposta a ir em frente! – Nem a Penelope. Nem ouvir falar da vida deles ou dos seus filhos.

– Compreendo.

– Poderia ser a causa de uma situação horrível entre vocês os dois. Entre as vossas famílias.

– Deixa que seja eu a preocupar-me com isso.

– Como poderia evitar o círculo que vocês frequentam? Se nos casássemos, não vejo qualquer hipótese.

– Sou dono de uma pequena casa no campo junto das propriedades da minha família. Podias ficar lá durante o ano inteiro. Eu só precisaria de vir a Londres esporadicamente por causa dos meus compromissos relativos à pintura, mas não terias necessidade de me acompanhar.

Maggie recostou-se com força no sofá. Era uma boa ideia. Para ela e para o bebé. A criança não nasceria ilegítima, mas em vez disso faria parte de uma família grande e respeitada. O pai seria um cavalheiro de renome. O que mais poderia pedir?

A proposta de Charles oferecia uma solução para todos os problemas da sua vida, mas, se desse esse passo tão drástico, não haveria recuo. Seria um punhal espetado no coração do seu relacionamento com Adam. Ele jamais lhe perdoaria.

E importava-se após a decisão que ele tomara de casar com Penelope?

Ergueu o rosto, com um olhar penetrante.

– Deixa-me pensar no assunto. E também devias fazê-lo. É muito tarde e talvez sintas de maneira diferente à luz do dia.

– Não mudarei de opinião – garantiu ele, abanando a cabeça.

– Enviarei um bilhete amanhã ao meio-dia.

– Se a resposta for afirmativa, acho que devemos partir imediatamente para a Escócia.

– Concorde.

Na casa de Maggie reinava sempre a maior atividade de manhã enquanto o pessoal se ocupava das respectivas tarefas, mas por qualquer motivo pairava um enorme silêncio pelo qual ficou agradecida. Caso se sentisse melhor, podia ter-se interrogado sobre se os criados estariam a par dos enjoos matinais de que sofria devido ao seu estado e se manteriam o silêncio por saberem que ela não estava bem. Mas no presente estado, sentia-se mal de mais para notar ou importar-se que assim fosse.

Sentada na frente do toucador, pressionou um pano fresco nos lábios. A sensação de vômito com que havia lutado na última hora parecia ter passado tão rapidamente como surgira. Tinha o vestido posto e apertado, mas o seu aspeto era muito pouco apresentável. Estava cheia de olheiras e com o cabelo todo emaranhado. Se tinha havido uma altura em que precisava de pintura, era aquela. Caso contrário, parecia pálida e doente.

A longa noite com Charles tinha deixado marcas. Estava exausta não só pela tensão da sua ida ao teatro, mas pelas horas de conversa após terem chegado a casa. Quando ele se tinha ido embora, avançara aos tropeções até ao quarto, julgando que cairia num sono profundo, mas não conseguira descansar. A mente funcionava a um ritmo frenético enquanto analisava a proposta de Charles de todos os ângulos. Não detetou qualquer faceta negativa, além da raiva que acordaria em Adam.

Não sabia porque se importaria ele, mas tinha essa certeza. Aos olhos dele, pertencia-lhe e ele era o tipo de homem que gostaria de decidir quando acabar o relacionamento e o que seria dela nessa altura. Não imaginava o que destinara a seu respeito para quando se separassem, pois apenas tinham falado disso brevemente e em raras ocasiões. A visão do futuro dela não incluiria decerto o casamento com o seu primo e melhor amigo.

Felizmente, Adam ia deixá-la em paz por alguns dias. O teatro da noite anterior, reuniões durante todo o dia, outro compromisso social nessa noite! Um homem da posição dele que acabara de resolver casar, teria muitos compromissos que o manteriam ocupado e, assim, era desnecessário preocupar-se com a eventualidade de ele aparecer enquanto ponderava no que fazer.

Lá em baixo soou uma pancada na porta da frente, o que a surpreendeu pois não imaginava quem poderia fazer-lhe uma visita tão cedo. Uns minutos mais tarde, no preciso momento em que acabava de dar um pouco de cor às faces, ouviu os passos leves de Gail subindo as escadas apressadamente.

– Sim?

Fez sinal à criada para que entrasse e aguardou enquanto ela fechava a porta com firmeza.

– Tem uma visita, Miss Maggie.

– A esta hora? – As faces ruborizadas de Gail e o seu estranho e nervoso comportamento alertaram os sentidos de Maggie. – Quem é?

– Lady St. Clair – respondeu Gail, entregando-lhe o cartão da dama. – A viúva marquesa de Belmont.

O nome da visita foi tão chocante que a sua mente recusou aceitar a identidade da mulher. Olhou demoradamente para o cartão impresso, passando o polegar repetidas vezes sobre o nome até que, por fim, conseguiu perguntar:

– Quem disseste que era?

– Lucretia St. Clair – respondeu Gail, acrescentando a título de explicação: – A mãe do marquês.

A mão que segurava o cartão começou a tremer. O que poderia desejar a mulher?

Consciente da sua perturbação, Gail informou num tom calmo:

– Mandei preparar chá e bolos e disse à marquesa que não tardaria a descer. A menos que não queira visitas? – pronunciou, hesitante.

Maggie suspirou. Certamente nada de bom resultaria do encontro, mas não podia negar-se a receber a mulher, agora que ela se encontrava na sala de estar do andar de baixo. Respirando fundo, virou-se para se olhar ao espelho mais uma vez.

– Vou recebê-la. – O leve toque de pintura nas faces tinha operado maravilhas e por isso parecia simples mas elegante, embora o cabelo continuasse emaranhado.

Com um olhar por cima do ombro, perguntou:

– Podes ajudar-me com o cabelo? Basta uma escovadela rápida.

– Certamente, *miss* – anuiu Gail, começando a ocupar-se do cabelo.

Quando acabou, Gail desculpou-se baixinho:

– Lamento que a tenhamos recebido, sem lhe pedir licença. A criada que foi atender à porta ficou tão nervosa que nem pensou em recusar.

– Não, ela fez bem. – Com um último olhar para a imagem refletida no espelho, Maggie levantou-se e rodou lentamente para que Gail a inspecionasse. – Que tal estou?

– Encantadora – respondeu Gail sem hesitar ao mesmo tempo que endireitava um laço nas costas.

Maggie estendeu a mão e Gail pegou-lhe, apertando-a com força para lhe dar apoio moral.

– Vão correr tudo bem – insistiu. – Muito bem.

Maggie desceu as escadas com um passo gracioso, impedindo que alguém se apercebesse do bater acelerado do coração. Parou junto à porta da sala de estar, avaliando a mulher mais velha que estava sentada na larga poltrona de abas no extremo da divisão, como se estivesse na tribuna. Não se levantou quando Maggie entrou e Maggie não a brindou com a cortesia de uma vénia.

– Achei chegado o momento de termos uma conversa – começou Lucretia, dispensando o fingimento de que se tratava de uma visita social. – Não se vai sentar?

O gesto arrogante com que apontou a cadeira na sua frente irritou profundamente Maggie. Em primeiro lugar, a mulher tivera a desfaçatez de aparecer e agora comportava-se como se a casa lhe pertencesse. Quais eram as restrições sociais de falar sem rodeios com a mãe do homem a quem se dispensavam favores sexuais?, interrogou-se Maggie.

«Não podem ser muito diferentes de brigar em público com a noiva dele.» O pensamento surgiu-lhe do nada e mal conseguiu suster uma risada ante o ridículo da situação.

– Prefiro ficar de pé. Estou certa de que não tenciona prolongar muito esta conversa. Nem eu – acrescentou Maggie, tentando à sua maneira tomar um pouco as rédeas do encontro. – Diga, por favor, o que veio dizer e pronto.

– Muito bem. – Sem querer aparentemente sentir-se em desvantagem pelo facto de Maggie optar por ficar de pé, Lucretia também se levantou. – Várias pessoas chamaram-me a atenção para o seu

relacionamento com o meu filho.

Maggie fitou-a com indiferença, sem confirmar ou negar o que ela acabara de dizer e por conseguinte Lucretia prosseguiu:

– Parece que ele sente alguma ternura por si. Testemunhei com os meus próprios olhos quando teve a audácia de ir a minha casa.

– Lamento – reagiu Maggie, tentando parecer inocente. – Não me recordo de ter estado em sua casa. Onde mora exatamente?

– Na casa de campo da nossa família em Mayfair.

– Oh, nesse caso devo desculpar-me pelo meu erro. Julgava que a casa que visitei pertencia a Adam, não à mãe dele.

– Cuidado com a língua, menina. Essa atitude pode ajudá-la a levar por diante a sua perversidade com os outros, mas comigo não resulta. – Lucretia respirou fundo e endireitou os ombros, disposta a lutar. O efeito intimidaria uma pessoa de classe inferior à de Maggie. Lucretia sabia decididamente como usar o seu nome e a sua posição, a fim de colocar os simples mortais no seu lugar. – Sei tudo a seu respeito. Sei o que está a tentar fazer.

– E o que é exatamente?

Embora a resposta não lhe interessasse, Maggie não conseguiu deixar de perguntar. Alguma coisa tinha enfurecido a mulher e Maggie imaginou que não teria paz até Lucretia desabafar.

– Desde que o James casou com a prostituta sua amiga...

– Basta! Esta é a minha casa e não sou obrigada a aturar esse tipo de linguagem de ninguém. Gail! – chamou por cima do ombro e a criada apareceu à porta. – Lady St. Clair vai-se embora. Indica-lhe o caminho.

Com um olhar cáustico, Lucretia suspendeu qualquer atitude que a criada pudesse levar por diante.

– Da última vez que me foi dado observar, Abigail, ainda trabalhavas para a família St. Clair. Neste momento, farias bem em recordar esse facto. Desaparece imediatamente.

Maggie assentiu com a cabeça para Gail.

– Podes deixar-nos, Gail. Eu mesma vou acompanhá-la à porta.

Gail desapareceu num abrir e fechar de olhos, sem desejar obviamente ver-se arrastada para um confronto de forças que podiam torná-la alvo da ira de Lucretia mais tarde. Maggie rodou para longe da viúva e dirigiu-se à entrada, abrindo a porta e indicando a saída com um sorriso falso no rosto. Lucretia deitou-lhe um olhar fulminante da sala, mas não se mexeu e por isso Maggie disse:

– Adeus, minha senhora. A sua presença deixou de ser bem-vinda.

Lucretia hesitou por instantes, interrogando-se sobre como é que aquele pedaço de gente se atrevia a expulsá-la, mas recusou sair até a sua missão estar cumprida. Meteu a mão na bolsa de onde tirou um envelope e aproximou-se de Maggie, que se manteve firme.

– A sua presença na vida do meu filho está a criar problemas a outras pessoas e não vou tolerá-lo.

– Que problema poderia estar a causar a outros?

– Ele informou-me que escolheu uma esposa.

Lucretia examinou-a atentamente, à espera de uma reação, e Maggie sentiu-se muito feliz por já conhecer o desenrolar dos eventos. A informação não constituía uma novidade e podia lidar à vontade com a mesma.

– Já estou a par.

– Então compreende que só trará dor de cabeça à rapariga e à família dela, se permanecer.

Maggie não fazia tenção de contar à mulher que nunca tinha planeado ficar, nem que lho pedissem.

– Diria que tudo o que ocorre entre mim e o Adam é da nossa conta e certamente não da sua ou de

qualquer outra pessoa.

– É aí que se engana. – Lucretia estendeu o envelope e Maggie aceitou-o. – Chegou a altura de terminar o seu relacionamento com o meu filho, mas tenho a certeza de que precisará de financiamento para levar a cabo a separação. Entregue esse documento ao meu banqueiro na quarta-feira e ele encarregar-se-á de que seja remunerada pelos seus problemas.

A mulher tinha uma ousadia inacreditável e Maggie sacudiu a cabeça, admirada.

– Se aceitar o seu dinheiro, quais são as condições?

– Terá de assinar documentos em que concorda separar-se de Adam imediatamente. Sairá de Londres para nunca mais voltar. Nunca mais verá nem contactará o Adam seja qual for o motivo.

Maggie abriu o envelope e ergueu uma sobrancelha ao verificar de relance a quantia que Lucretia designara.

– Deve estar muito desejosa de me ver pelas costas.

– É verdade. – Tentando compor uma expressão mais generosa, mas falhando rotundamente, acrescentou: – É jovem e possivelmente julga-se apaixonada pelo Adam. Garanto-lhe que ele não corresponde aos seus sentimentos...

Após a cena que testemunhara no camarote do duque no teatro, Maggie dificilmente poderia contrargumentar e manteve-se em silêncio enquanto Lucretia prosseguia:

– Ou talvez esteja a fazer isso pela emoção de estar ligada a um homem famoso. Talvez esteja simplesmente em causa o que a riqueza dele pode proporcionar. Ignoro o que motiva uma pessoa como você e os meus contactos também o ignoram. Contudo, isso não me importa?

– O que lhe importa?

– Vê-la pelas costas antes que perturbe ainda mais a nossa vida. Não se iluda. Não passa de uma prostituta de luxo. Nunca será outra coisa, por mais desesperadamente que tente agarrar-se ao mundo do meu filho. Não pertence à sua vida. Jamais poderá esperar enquadrar-se nela.

– Está certa disso, não está?

– Mais do que alguma vez estive em relação ao que quer que seja. O Adam vai casar com um elemento da família Westmoreland. Com a única filha do duque de Roswell... – Maggie dificilmente conseguiu não estremecer ante a afirmação, mas jamais permitiria que aquela mulher cruel soubesse quão perto estivera de atingi-la no seu ponto fraco. – É uma jovem adorável com uma educação impecável e uma posição social com que você somente pode fantasiar. Há anos que as duas famílias aguardam essa união e não permitirei que seja destruída por alguém da sua laia. – Lucretia examinou-a de alto abaixo em busca de defeitos e obviamente sem os encontrar. – Saiba usar proveitosamente esse dinheiro para construir uma nova vida que seja mais adequada à sua posição.

– Precisa mesmo de ser mais elaborada nos seus insultos – retorquiu Maggie, abanando a cabeça. – Não tem muito jeito para os atirar. E já os aguentei o suficiente para um dia. Agora, se me dá licença...

– Não permitirei que me expulse.

– Demasiado tarde. Já o tinha feito.

Maggie saiu para a rua, recusando ficar mais um minuto que fosse dentro de casa com a mulher, mas, na impossibilidade de transportá-la fisicamente, ignorava como obrigá-la a ir embora. A atitude revelou-se estratégica. Lucretia seguiu-a até ao exterior e Maggie deslizou por trás dela e ocupou a entrada da porta, impedindo qualquer tentativa que ela pudesse fazer para entrar novamente.

– Não se esqueça – advertiu Lucretia – de que a ordem de pagamento só é válida até ao meio-dia de quarta-feira. Nessa altura, já deve ter partido.

– E se optar por ficar?

– Nesse caso, terá de haver-se comigo e acredite que não me parece que queira arriscar.

Maggie recuou até dentro de casa e bateu com a porta na cara da mulher, rodando a chave na fechadura com um movimento determinado que não escapou aos ouvidos de Lucretia. Permaneceu em silêncio e imóvel, mal respirando, até ouvir os passos de Lucretia a afastarem-se. Seguiram-se os ruídos que ela fez ao subir para a carruagem e depois o tilintar dos guizos e o som dos cascos dos cavalos, enquanto o condutor os incitava rua abaixo. Só então Maggie se mexeu, escorregando ao longo da porta.

— Porque não me deixam simplesmente em paz? — interrogou-se com amargura. Porque não deixavam que Adam fosse feliz? Porque não podiam deixá-la em paz? Maggie nunca lhes fizera nada à exceção de tentar proporcionar a Adam alguns meses de alegria. O que havia de tão errado nisso?

Maggie estava tão perto de se ir embora por decisão própria que podiam dizer que já havia partido. Todos — o seu pai, a meia-irmã, a mãe de Adam, o próprio Adam — absolutamente todos iam conseguir o que desejavam sem qualquer necessidade de continuarem a interferir na vida de Maggie.

Subindo as escadas devagar e cuidadosamente, dirigiu-se ao quarto. Após as brigas com gente como Penelope e Lucretia, a sua energia desaparecera. Já não possuía a vontade ou a determinação de continuar a fingir que tinha uma relação sólida com Adam. Na verdade, considerando a sua resolução de desposar Penny, já não queria ter qualquer tipo de relação com ele.

Oh, como aquele pensamento a magoava. Nunca mais ver Adam. Nunca mais lhe tocar, nem deitar-se com ele. Nunca mais lhe falar, nem acalmar o seu coração cansado após um longo e moroso dia. Enquanto aqueles pensamentos indesejáveis lhe atravessavam a mente, abanou a cabeça sem acreditar na sua própria estupidez. As suas emoções dispersas, que pareciam ter feito horas extraordinárias naqueles dias, estavam a impedi-la de pensar com clareza. Continuava a ignorar um fator essencial e prioritário: Adam não a queria; nunca a quisera e deixara isso bem claro desde o início.

E agora, o que lhe restava?

Se ficasse, a resposta era clara: mais dor de cabeça, mais pressão, mais tristeza. E mal a gravidez começasse a tornar-se visível, apenas mais vergonha e humilhação. Toda aquela gritaria e berros já haviam chegado antes que alguém fizesse ideia de que estava grávida. Imagine-se como seriam as pressões quando se soubesse!

Baixou os olhos e reparou que continuava a agarrar a ordem de pagamento passada por Lucretia. Talvez a mulher tivesse razão. Devia aceitar o dinheiro e ir embora, sair das vidas daquelas pessoas horríveis e poderosas, encontrar um sítio calmo onde pudesse lamber as feridas, dar à luz o filho e construir uma nova vida. Contudo, se pegasse no dinheiro e fugisse, teria de fazê-lo sozinha. Completamente sozinha. Não conseguia suportar a ideia da existência solitária que a aguardava, caso lutasse para criar a criança sozinha. A tarefa parecia demasiado assustadora.

Gradualmente, como se a luz brilhasse após um longo período de escuridão, começou a perceber que só havia uma coisa a fazer.

Regressou à sala de estar até à pequena escrivaninha que mantinha perto da janela da frente. Consultou o relógio e verificou que eram quase onze horas. Tinha muito tempo. Escreveu em primeiro lugar o bilhete para Charles e no preciso momento em que acabou de soprar a tinta, chamou o laçao para que fosse entregá-lo a casa dele. Chegaria ao meio-dia com muitos minutos de sobra.

Escreveu o outro a Adam, sem pensar muito no que queria dizer. Afinal, se ponderasse durante muitas horas, jamais conseguiria encontrar as palavras para transmitir quanto tinha significado para ela e a dor que sentia devido à sua traição. Não havia motivo para mencionar nada daquilo. Ele só precisava de saber que ela partira para que não se interrogasse sobre se lhe acontecera qualquer coisa. Embora se sentisse magoada e furiosa, foi suficientemente gentil para não o preocupar sem necessidade.

«És mesmo idiota», murmurou para si mesma. Provavelmente nem sequer daria pela sua falta. Na verdade, talvez ficasse satisfeito por ela o ter deixado de livre vontade, poupando-o à complicada tarefa

emocional de mandá-la embora.

*Adam*

*Com o anúncio do teu casamento a uma distância de dias, acho que é melhor se partir. Sei que falámos sobre a minha permanência até ao verão, mas não posso fazê-lo. Afastar-me é melhor para todos os implicados, como estou certa de que concordarás após teres tido tempo para refletir. Jamais desejaria causar-te qualquer dor de cabeça inútil a ti ou a Penelope. Muitas felicidades para o teu futuro. Espero que a minha irmã te faça feliz.*

Não era nada disso o que esperava. Esperava que ele fosse infeliz e se arrependesse durante todos os dias da sua vida por fazer algo tão idiota, mas não queria que a achasse mesquinha e amarga na hora da separação.

Deteve-se um longo momento a pensar em Lucretia e na sua oferta do maldito dinheiro. Embora soubesse que era melhor esquecer e manter em segredo a atitude da mulher, não conseguia fazê-lo. O comportamento de Lucretia fora demasiado ultrajante e as suas palavras tinham-na magoado profundamente.

Voltou a mergulhar a caneta na tinta.

*Por favor, diz à tua mãe que tomei as minhas próprias disposições. Pode guardar o dinheiro dela. Não o desejo nem preciso dele e senti-me gravemente ofendida com a proposta.*

Quando a tinta secou, colocou o bilhete no mesmo envelope juntamente com a ordem de pagamento de Lucretia, escreveu o nome dele na parte da frente, em seguida colou a dobra, esperando manter os olhares curiosos dos criados longe dele enquanto possível. Se a sorte estivesse do seu lado, já teria percorrido a maior parte do caminho até à Escócia antes que alguém o encontrasse no quarto dela.

Com um suspiro e um último olhar melancólico em torno da sua casa de infância, subiu ao andar de cima para preparar um saco e estar pronta quando a carruagem de Charles chegasse.

Adam sentou-se num canto tranquilo do seu clube, com uma bebida que sorvia em pequenos goles. Apreciava-a àquela hora da tarde. Havia poucos cavalheiros presentes e não a multidão que chegaria mais tarde para jogar ou tomar uma bebida rápida entre compromissos sociais, embora os vários saraus nessa época do ano não fossem numerosos. A maioria das pessoas encontrava-se nas suas propriedades no campo, preparando-se para celebrar as festividades natalícias.

Era onde Adam deveria estar, mas não conseguiu suportar a ideia de ir. James continuava em lua de mel e nos corredores da enorme mansão da propriedade apenas soariam os seus passos. Maggie não poderia acompanhá-lo e dado o pouco tempo que restava para a relação deles, não estava disposto a afastar-se para longe. Além disso, seria o único Natal que passariam juntos. Surpreendentemente, queria torná-lo memorável não só para ela, mas para ele também.

Sabia que estava a lançar o caos nas vidas de algumas pessoas com a sua decisão de permanecer em Londres. A própria mãe, que recusara ir para o campo sem ele, estava muito desanimada ao ver-se obrigada a esgaravatar até ao fundo do barril social para arranjar um número de convidados suficiente para o jantar de Natal. Várias famílias também haviam optado permanecer na cidade com ele, a exemplo

dos Westmoreland que tinham filhas casadouras. Todos queriam as suas queridas por perto na eventualidade de o marquês precisar de companhia para ir ao teatro ou de um confortável passeio de carruagem no inverno através do parque.

Bom, Mary Roberts encarregar-se-ia rapidamente de pôr termo a esse disparate. Passara algumas tardes e noites com ela e serviria para o efeito pretendido. Era uma lamentável apreciação, mas acurada. Ela serviria. Todos ficariam obviamente curiosos quando ele se propusesse, pois Mary Roberts era uma escolha improvável, dado não ser extremamente bonita ou extremamente rica como algumas das outras. Contudo, possuía uma excelente ancestralidade e o dote era justo. Não o irritava, sabia manter uma conversa agradável e mostrava-se sempre disponível para satisfazer os seus desejos.

Se o facto de a sua opção poder enfurecer algumas pessoas – sobretudo a sua própria mãe, bem como Penelope e Harold – constituía um elemento de suma importância, optou por não examinar as suas razões com muito cuidado. Não era uma atitude válida para a escolha de uma noiva, mas indubitavelmente determinante. Dez conhecidas diferentes haviam-se encarregado de que ficasse a saber da pequena alteração entre Penny e Maggie na loja da modista. Penny seria incapaz de mencioná-la, mas Maggie iria fazê-lo? As odiosas palavras lançadas pela sua rancorosa meia-irmã deviam tê-la atingido profundamente, mas Maggie pagara-se na mesma moeda e sentia-se orgulhoso dela.

Um brilho melancólico refletiu-se no olhar. Desejou que todos desaparecessem para que pudesse ter um mês tranquilo e solitário de celebração com Maggie. Era tudo o que realmente queria: estar com ela. Apalpou a caixinha que tinha no bolso do casaco, sorrindo ao imaginar a expressão que ela faria ao ver o anel que lhe comprara como presente natalício. Não era grande nem extravagante como as joias que as mulheres do seu círculo esperariam receber de um homem como ele. Contudo, Maggie diferenciava-se de todas as outras. Desejaria algo de bom gosto mas elegante e assim ele comprara o anel especificamente com isso em mente. A pequena ametista circundada por pequenos diamantes chamara-lhe imediatamente a atenção. Quando o brilho certo incidia sobre a pedra púrpura, adquiria a cor exata dos olhos dela.

Vagueando distraidamente o olhar pela sala, imaginou um momento extraído de um número indeterminado de anos no futuro. Vê-la-ia a atravessar a rua, descendo de uma carruagem. Mais velha, mas mais bonita e os olhos de ambos encontrar-se-iam num reconhecimento silencioso. Ela esboçaria um pequeno aceno com um sorriso e... o anel continuaria no seu dedo, o último pedaço de si que ela transportaria eternamente.

Endireitou-se de um salto. Supostamente, a imagem devia corresponder a uma fantasia destinada a causar um sorriso e uma gargalhada, mas não foi assim. Havia um vazio doloroso no seu peito e esfregou a mão no centro. Era isso o que realmente desejava? Ter um encontro casual com ela dali a alguns anos? Reconhecê-la simplesmente como uma antiga amante, talvez casada, talvez usada indevidamente por outro?

A dor aumentou de intensidade.

Necessitado de uma outra visão, fechou os olhos e deixou-se arrastar novamente pela imaginação. Ah... ali estava ela, deitada de costas sobre uma pilha de almofadas, na cama dele na casa de família em Sussex, com a luz do Sol entrando pela janela. Estava nua, à exceção do anel cor de violeta, com o ventre inchado de um filho dele. Passou a mão sobre o ventre protuberante, inclinou os lábios e beijou a carne quente. Os dois riram e o bebé deu um pontapé...

Estremeceu e abriu os olhos sobressaltado. A dor à volta do coração tornara-se insuportável. De repente, sentiu-se tão mal que pensou que ia vomitar. Tinha a testa coberta de suor e limpou-a com o lenço. Cautelosamente, bebeu um pequeno gole da bebida, precisando acalmar o pânico crescente que ameaçava apoderar-se dele. Estava tão perturbado que só se deu conta da presença do criado quando o homem ficou mesmo na sua frente.

– Desculpe incomodá-lo, Lorde Belmont, mas um dos seus criados está lá em baixo e precisa de falar consigo. Diz que é um assunto da máxima urgência.

– Obrigado – agradeceu Adam, pondo-se de pé e equilibrando-se nas pernas trémulas.

*James!*, foi o seu primeiro pensamento. Algo tinha acontecido a James na sua lua de mel aventureira. Sentiu o coração acelerado. Em todos os seus anos de adulto, nunca havia sido procurado por um criado. Sem dúvida qualquer coisa de terrível se passara. Tentando ocultar o nervosismo de olhares indiscretos, dirigiu-se à parte da frente do edifício.

A visão do lacaio da casa de Maggie aumentou a sua perplexidade e alarme. Respirou fundo e perguntou:

– O que aconteceu?

O jovem fitou-o nos olhos e respondeu sem hesitar:

– Parece que Miss Brown desapareceu, milorde.

– Quando?

– Ontem à tarde – esclareceu e recuou de imediato, como se achasse que Adam podia atingi-lo devido à afirmação. – Mas só nos apercebemos esta manhã.

– Porque achas que ela desapareceu? – inquiriu, embora ao pronunciar as palavras, soubesse que ela devia ter partido. Caso contrário, um criado não viria à sua procura.

– Bem, ela disse a Miss Gail, ou seja, à criada dela, milorde, que ia sair à noite na companhia do seu primo, Master Billington.

Adam assentiu com a cabeça. Não tinha qualquer problema com isso. Sabia que eram amigos e Charles era um bom acompanhante para as noites em que ele não podia cumprir essa missão.

– E mais?

– Ela disse que chegaria tarde e ordenou que não esperássemos a pé – continuou, engolindo em seco nervosamente. – Quando Miss Gail subiu ao seu quarto esta manhã, ela não tinha regressado.

– Já experimentaste ir a casa de Charles?

– Foi a primeira coisa que fiz, *sir*.

– E?

– O criado informou que ele tinha saído da cidade. Não sabia para onde, nem quando estaria de volta.

Seguiu-se uma longa pausa enquanto Adam ponderava na resposta. Por fim, perguntou:

– Porque não vieste ter comigo imediatamente?

– Perdão, milorde, mas passei o dia a procurá-lo em todos os sítios. Finalmente descobri-o aqui. Miss Gail encontrou isso no quarto de Miss Brown – acrescentou, estendendo-lhe um envelope.

Adam fitou-o como se fosse uma cobra venenosa prestes a morder-lhe a mão. O que quer que contivesse era a resposta a esse enigma, mas sabia indubitavelmente que não desejava ficar a par do conteúdo.

– Obrigado – disse, aceitando-o finalmente com uma mão e batendo-lhe ao de leve com a outra.

Sentiu um ruído nos ouvidos e tudo escureceu na sua frente à exceção do retângulo cor de marfim do pergaminho de onde não conseguia desviar os olhos. Como se lembrava perfeitamente da última vez que ela lhe escrevera um bilhete daqueles! Comunicara-lhe que se ia embora e partira na sua louca aventura com Anne. Que idiotice fizera agora e porquê?

Um barulho vindo de longe chamou-lhe a atenção. Teve de forçar-se a olhar, de decidir para quem olhava. Ah, sim, o lacaio.

– O que disseste?

– A sua mãe passou lá por casa ontem de manhã.

– A minha mãe?

– Sim, para falar com Miss Maggie. Miss Gail contou que discutiram com bastante violência.

– Sobre o quê?

– Gail não conseguiu ouvir, pois a sua mãe mandara-a embora, mas depois Miss Maggie ficou muito perturbada e em seguida saiu na companhia de Master Billington.

A sua mãe? A sua maldita mãe tinha sabido da existência de Maggie e procurara-a? Tinha brigado com ela? Após a discussão pública de Maggie com Penelope, não conseguia imaginar o que de pior poderia acontecer.

O laçao retomara a palavra, os empregados do clube assistiam a tudo e Adam limitava-se a permanecer no mesmo sítio mudo e quedo. Esfregou a testa e tentou obter o controlo da situação.

– O quê? – perguntou novamente.

– O que quer que faça, milorde?

– Volta para casa dela e espera-me lá. Aparecerei mais tarde para falar com Gail e com a outra criada.

– Sim, *sir*.

O porteiro, que tinha previsto problemas devido ao aparecimento do criado do marquês, mandara chamar a sua carruagem que já estava a aguardar. Adam apressou-se a pegar no chapéu e na capa e instalou-se a salvo no interior, antes de quebrar o selo de lacre da carta. Teve de examinar as palavras inúmeras vezes antes que fizessem sentido.

– Deus do céu! O que fizeste? – pronunciou em voz alta, mas sem ter a certeza de estar a falar sobre Maggie ou sobre a sua mãe. Decidiu entender-se primeiro com a mãe. – Leva-me a casa o mais rapidamente possível – ordenou ao condutor.

Muitos minutos depois, entrou em casa com um passo muito mais moderado do que julgara possível. Acalmara-se ao máximo, tentando extinguir aquela onda inicial de apreensão que o invadira no clube.

Uma vez no interior, dirigiu-se à biblioteca e bebeu um uísque duplo, uma bebida que normalmente evitava, mas precisava de sentir na garganta o fogo que o mesmo proporcionava. O tremor das mãos parou gradualmente e chamou o mordomo que não tardou a aparecer.

– Onde está a minha mãe?

– Lá em cima, *sir*. Nos seus aposentos, creio, a vestir-se para o sarau desta noite.

– Temos convidados? – Com os diabos! Esquecera-se por completo!

– Sim, milorde. Devem começar a chegar dentro de uma hora.

Seria incapaz de conviver. Não nessa noite, não depois do que acontecera.

– Preciso de falar com a minha mãe. Vai buscá-la.

– Lady St. Clair pediu para não ser incomodada.

– Seja como for, vai buscá-la. Vinca bem que exijo a sua presença imediatamente. Não me interessa o que está a fazer.

O mordomo inclinou-se respeitosamente e saiu. Adam sorveu lentamente mais um uísque, tentando acalmar-se ainda mais enquanto esperava. A convocação fora suficientemente brusca e invulgar para saber que não teria de esperar muito e, na verdade, assim aconteceu. Lucretia, envolta num felpudo roupão, com o cabelo grisalho solto, e o rosto sem pintura, mostrava cada marca dos seus cinquenta anos quando irrompeu pela biblioteca, qual cisne pronto a atacar.

– Não faço ideia do que te leva a pensar que podes chamar-me como se fosse uma plebeia. O que te passou pela cabeça? Os convidados vão chegar daqui a minutos.

– Precisava dizer-lhe que não vou estar presente.

– Isso não podia esperar até me ter vestido?

– Não.

Pela primeira vez, pareceu reparar no seu semblante, o que sabiamente a levou a hesitar.

– Mas a Penelope e o pai estarão aqui. Convidei-os especialmente por tua causa.

– Há algum motivo para me importar que Penelope vá estar presente? – inquiriu num tom tenso.

– Bem, simplesmente pensei...

– Pensou o quê? – Iniciou-se um silêncio que se prolongou, tornando-se terrivelmente incómodo e ele aguardou até a mãe se contorcer. – Quando mencionei que tinha escolhido a minha noiva, pensou talvez que me decidira pela Penny?

A mãe humedeceu nervosamente o lábio.

– Claro que sim. Com quem mais te casarias? É o melhor e o único partido para os dois. Não aceitarei outra decisão.

– Contou aos outros que me tinha decidido pela Penny?

– Jamais usurparia um momento tão grandioso à família da jovem. O anúncio será naturalmente feito pelos Westmoreland.

– Naturalmente – repetiu Adam, fitando-a com uma expressão cética. Como ela mentia mal! Nessa altura, já tinha contado com toda a probabilidade a metade de Londres. Atirou o envelope para cima da secretária que os separava. – Julgo que isso lhe pertence.

Lucretia arregalou os olhos ao reconhecer o envelope. Adam detetou o visível estremecimento, mas ela encobriu-o de imediato. Com a sua habitual altivez, estendeu a mão e verificou o conteúdo.

– Afinal, a rapariga não é apenas uma prostituta – declarou maliciosamente –, é também uma idiota. Se fosse ajuizada, teria levantado o dinheiro.

Adam estreitou os olhos, avaliando-a. Sentiu-se como se a contemplasse verdadeiramente pela primeira vez. Que mulher dura e amarga era a sua mãe! Recordou com mordaz clareza todas as palavras ásperas que James expressara a seu respeito.

– Disse-lhe que me ia casar com Penny?

– E se tivesse dito?

– Disse? – gritou, sobressaltando-a.

– Estava a prestar-lhe um favor. Ela merecia saber que Penelope era o padrão pelo qual estava a ser avaliada e que todos lhe encontrariam falhas. Apenas lhe salientei as realidades da vida.

– Que gentileza da sua parte! – comentou sarcasticamente, pondo-se de pé. – Estou meio decidido a casar-me com ela só para a irritar por causa disto.

– Com aquela vagabunda? – retorquiu Lucretia, ofegante.

– Devo avisá-la de que está a pisar gelo quebradiço, mãe. Para variar, talvez não fosse má ideia moderar um pouco a língua.

– Não és o teu pai nem tão pouco o teu irmão. Jamais farias uma coisa tão vil ao nome da família.

– Não?

Lucretia aclarou a garganta, recusando intimidar-se.

– Podes ter perdido completamente o juízo, mas eu ainda estou na plena posse das minhas faculdades. A rapariga não passou de uma diversão e há muito que a ligação acabou. O resto da tua vida está apenas no começo e seria um insulto à tua noiva iniciares um relacionamento com ela, enquanto convívias no teu tempo privado com uma prostituta paga.

– Aparentemente não está a ouvir-me. Quer esteja ou não com a Maggie – ou qualquer outra mulher –, não é da sua conta.

– É sim e sempre o será enquanto insistires em agir como uma criança mimada. Tens de fazer o teu dever. Não me contentarei com menos.

– O meu maldito dever – explodiu num tom cortante. – Isso decerto aquecerá a minha cama à noite, não é verdade, mãe? – A sua raiva ante as palavras dela, a assertividade, o desprezo que mostrava por

Maggie eram tão grandes que mal conseguiu dominar-se. Num tom baixo e cheio de ódio jurou: – Se alguma vez voltar a envolver-se nos meus assuntos pessoais, vou bani-la para o campo durante o resto dos seus dias.

– Não te atreverias.

– Gostaria de me testar? – desafiou, engolindo um último e longo trago do uísque e fitando-a por cima da borda do copo.

– O que te passou pela cabeça para achares que tens o direito de me falar tão vilmente? Não o admitirei, podes crer.

– E eu digo-lhe, pela última vez, que não admitirei qualquer interferência sua ou de outra pessoa na minha vida pessoal, mãe. Saia da minha frente.

– Não permitirei que me mandes embora como a uma serviçal.

– Vá – gritou Adam, pondo-a em fuga com um restolhar de veludo.

Quando ficou sozinho, sentiu-se melhor. Liberto. Sim, era isso mesmo! Imaginando-se a fazer o mesmo que James fizera. Casando...por amor. Sim, casando por amor, amizade e afeto. Que a mãe e os amigos dela fossem para o diabo! E se o fizesse? Seria capaz? Maggie aceitá-lo-ia depois da forma como a tinha tratado? Muito depois de os passos de Lucretia terem deixado de ecoar nos corredores, permaneceu de pé, incapaz de se mexer devido a todos os perigosos pensamentos que lhe acorriam em cascata à mente.

Amava Maggie e não queria passar um único momento da sua vida ao lado de outra pessoa. Só de pensar nisso sentiu-se livre, excitado, feliz. O mundo apresentou-se subitamente cheio de possibilidades.

E se, para variar, fizesse simplesmente o que muito bem lhe apetecesse? E se casasse com Maggie e mandasse todos os outros para o diabo? Ia contra tudo o que lhe tinham ensinado, contra tudo em que acreditara. Conseguiria ir em frente?

Sim.

Tinha de encontrá-la. Nada mais lhe importava. Tinha de encontrá-la, pedir-lhe desculpa por Penny, a sua mãe, e todas as coisas estúpidas e ofensivas que lhe dissera. Em seguida, tinha de se casar com ela o mais rapidamente possível.

Maggie abriu os olhos e piscou-os várias vezes devido aos ténues raios de sol do final da tarde que entravam pela janela. Precisou de um momento para se orientar. Nas últimas duas semanas tinha passado a noite em tantas camas diferentes, em tantos quartos diferentes, que era difícil recordar-se onde estava.

Gradualmente foi tomando consciência. A casa de Lavinia Billington. Era isso mesmo. A casa da mãe de Charles, em Londres. Tinham parado lá mal haviam regressado à cidade, mesmo a tempo da refeição do meio-dia. Duas das irmãs de Charles estavam de visita. Charles, com a sua tendência para o drama, não demorara a provocar agitação, anunciando aos quatro ventos o que eles tinham feito. Seguiu-se de imediato um caudal de lágrimas e exclamações e a mãe deitara-se freneticamente ao trabalho. Negou-se a escutar as suas delicadas objeções e Charles limitou-se a encolher os ombros enquanto a observavam a começar a planear anúncios e festas, que insistiram veementemente não desejarem.

A viagem até Gretna Green decorrera rapidamente e sem incidentes. O tempo colaborara. Embora tivesse feito um frio horrível durante toda a viagem, o céu permaneceu azul e as estradas secas e firmes. Passaram um período agradável. Charles era um companheiro de viagem interessante e educado, encarregando-se das disposições necessárias e zelando pelo conforto dela.

Havia muita coisa sobre a viagem e o seu novo casamento que se assemelhava a um sonho vivido por outra pessoa, mas ela estava verdadeiramente casada e ao que tudo indicava com um homem bom e generoso que cuidaria da sua vida e da do seu filho. A maioria das mulheres não tinha tanta sorte e sentiu o habitual aguilhão de culpabilidade por não se sentir mais feliz, o que indubitavelmente deveria acontecer. Na verdade, sentia-se devastada, tanto física como emocionalmente. Tinha saudades de Adam, da sua casa, de Anne e da sua antiga vida. A nova vida, que lhe fora imposta pela gravidez e pelo casamento apressado, havia chegado demasiado rapidamente, sem aviso, e não se tratava de algo que optasse por acolher ou abraçar.

Suspirou profundamente.

As coisas acabariam por se resolver. Era o que Charles repetia constantemente e, sem dúvida, tinha razão. Ambos precisavam de mais tempo. Tempo para se conhecerem melhor um ao outro. Tempo para estabelecerem planos. Tempo para se habituarem ao que tinham feito. Tempo para iniciarem uma rotina como duas pessoas normais e casadas.

Foi esse pensamento que a levou a sentar-se na beira da cama. Lavinia recebera-a de braços abertos, como Charles dissera que aconteceria, embora, pouco depois de eles terem chegado, ficasse a saber que seria novamente avó. Tinham-se sentado a almoçar; Maggie estava faminta como era habitual nos últimos

dias, mas depois de comer uma lauta refeição, fora invadida por uma onda de enjoo e tivera de correr para a casa de banho.

Lavinia não era idiota, dado ter dado à luz oito filhos e, quando Maggie regressara à mesa, já Charles a havia informado sobre o bebé. Nem mesmo a notícia da gravidez iminente de Maggie destruíra a excitação de Lavinia quanto ao noivado de Charles. Nesse mesmo momento estava no andar de baixo a planear uma miríade de jantares e de saraus para apresentar a sua nova nora aos amigos e à família.

Maggie não tinha desejo de conhecer nenhum deles. Apenas queria que a deixassem em paz. A fim de evitarem os festejos que Lavinia estava a planear a toda a pressa, precisavam de ir para a casa de campo de Charles assim que possível. Maggie esperava ser capaz de persuadir Charles a levá-la dali, antes que Lavinia conseguisse expô-los aos olhares públicos. A própria ideia causava-lhe o maior nervosismo, o que lhe parecia desaconselhável para ela e para o bebé.

Olhando-se no espelho, fez uma careta ao verificar como estava pálida e abatida. Tinha ouvido algures que a maioria das mulheres grávidas resplandecia de saúde e de bem-estar. Ela não fazia parte desse número e, na verdade, parecia e sentia-se pior a cada dia que passava. Desejando apenas calma e privacidade, enquanto lutava para recuperar alguma energia e paz de espírito, precisava de sair imediatamente de Londres.

Deu uma escovadela rápida no cabelo e desceu as escadas à procura de Charles.

Adam desceu da carruagem e contemplou a fachada da casa da sua tia Lavinia. Transbordava de atividade e, melhor ainda, a carruagem de Charles estava estacionada na entrada. Subiu apressadamente os degraus e bateu à porta, esperando com impaciência que alguém viesse atender.

Os últimos quinze dias tinham sido os piores da sua vida enquanto aguardava uma palavra de Maggie. Não havia qualquer indício do seu paradeiro, exceto que tinha saído com Charles na tarde do seu desaparecimento e nunca mais voltara. Adam tinha a certeza absoluta de que Charles sabia onde ela se encontrava. O sacana estava provavelmente envolvido em qualquer tentativa insensata de ajudá-la a manter-se escondida.

Lavinia era uma das poucas pessoas que não tinha ido para o campo durante a época natalícia e a casa dela foi apenas um dos locais onde ele passara diariamente nas suas tentativas para localizar Maggie. Na primeira visita, Lavinia tinha insistido em que nem sabia que Charles se fora embora e muito menos para onde, e, em cada uma das visitas seguintes, vira-se obrigada a comunicar a desanimadora notícia de que não ouvira uma só palavra do filho.

Bom, ele estava de volta nesse dia. A carruagem era a prova.

Adam bateu novamente à porta e Hodson, o mordomo de longa data de Lavinia, abriu e em seguida recuou para lhe dar passagem. Ele nunca usara formalidades com a tia e era sempre bem-vindo.

– Master Charles está? – perguntou casualmente ao mordomo enquanto descalçava as luvas.

– Sim, regressou esta manhã – respondeu o mordomo, por norma indiferente, com um sorriso fora de comum.

Antes que Adam pudesse refletir no que isso poderia significar, Lavinia começou a descer as escadas. Baixa e robusta, com o cabelo grisalho apanhado na nuca, era quase o dobro da mãe dele, à exceção de que sempre conseguira parecer diferente, o que se devia, segundo julgava, às personalidades totalmente opostas de ambas. À medida que ia descendo, Adam reparou que o seu rosto geralmente feliz estava vermelho e coberto de lágrimas. Levou um lenço aos olhos, mas o movimento não conseguiu ocultar as pequenas linhas de riso à volta dos olhos. Tratava-se visivelmente de lágrimas de felicidade.

– Adam... oh, Adam. Sinto-me tão contente por teres aparecido – disse emocionada ao avistá-lo ao

fundo das escadas. – Charles voltou.

– Sim, eu vi.

– As notícias... – pronunciou mais para si do que para ele. – Notícias tão boas...

Adam recuou e pegou-lhe na mão.

– Tia Vinnie, o que a pôs nesse estado?

– Meu patife! Como se não soubesses! – exclamou, chorando ainda mais. – Teres-me escondido uma coisa tão maravilhosa! Aposto que estiveste sempre a par do que se passava, não é verdade? Foi por isso que andaste sempre a visitar-me, aguardando o regresso deles. Sempre soubeste!

– Sabia o quê? – perguntou, mas ela não parecia ouvi-lo e uma espiral de medo incontável começou a dominá-lo.

– E ela é tão adorável. Oh, não podia sentir-me mais feliz... – Avançaram para a sala de estar onde Lavinia recebia as visitas. – Vou chamar o Charles – acrescentou com um sorriso, dando-lhe uma palmadinha na mão, como se ele ainda fosse uma criança. – Tens de ficar para jantar. Hoje é apenas para a família, mas organizarei uma festa grandiosa, mal seja possível...

Com aquelas palavras desapareceu pelo corredor, totalmente absorta por qualquer que fosse a espantosa notícia que Charles aparentemente trouxera para casa.

Várias bandejas com comida e bebida já se encontravam dispostas em torno da sala, como se Lavinia planeasse receber muitas visitas ao longo do resto do dia. Dado haver saltado a refeição do meio-dia, Adam serviu-se de vários aperitivos, tão distraído que nem reparava no que metia na boca.

Dali a momentos, ouviu passos no corredor, mas eram leves e apressados. Passos de mulher, diria. A figura parou na ombreira da porta e ele ergueu o rosto, esperando deparar com uma das suas primas. Olhou e voltou a olhar. Pestanejou duas vezes, interrogando-se sobre se os olhos não estariam a pregar-lhe uma partida.

– Maggie?

– Adam?

Ela teve de focar os olhos para se convencer de que a presença dele era real e não uma ilusão. Por que motivo viera ali tão pouco tempo depois de eles terem chegado?

«Oh, meu Deus! Não posso enfrentá-lo sozinha!», pensou, dando um passo receoso para trás.

– O que fazes aqui?

– Andava à tua procura. Na verdade, andava à procura de Charles. – Sorriu, avançando um passo na direção dela que voltou a recuar, saindo para o corredor. – Onde estiveste? – perguntou. – Procurei-te por toda a parte.

– Preciso de encontrar o Charles... – Invadiu-a o pânico, enquanto procurava Charles, uma criada, Lavinia, qualquer pessoa que pudesse servir de barreira entre eles.

– A tia Vinnie foi agora mesmo buscá-lo. Vem cá.

Deu mais um passo e quando ela olhou novamente para o fundo do corredor, pegou-lhe no braço e puxou-a para a sala, conduzindo-a até um dos pequenos sofás, onde foram obrigados a sentar-se tão de perto que as coxas se tocaram. Adam deslizou a mão para a dela e manteve-a agarrada firmemente, porque tinha a certeza de que ela fugiria se a soltasse. Ela tremia e parecia pálida e abatida como se estivesse doente. Quando virou os bonitos olhos cor de violeta na sua direção, havia um brilho de lágrimas.

– O que se passa, pequenina? Sentes-te bem?

– Oh, Adam...

Ao fitá-lo de perto, podia ver que as últimas semanas haviam sido tão duras para ele como tinham sido para ela. Parecia tão infeliz como ela se sentia.

– Conta-me o que se passa – pediu ele. – As mãos dela estavam geladas e tentou aquecê-las entre as suas. Dado parecer que ela tinha perdido a fala, tentou preencher o silêncio desconfortável. – Sei o que aconteceu com a minha mãe e com a Penelope. Sei que ambas te ofenderam e lamento muito. Juro que isso não voltará a repetir-se. – O silêncio manteve-se e acrescentou: – Sentes raiva de mim?

– De ti? Não, Deus do céu!

Tentou soltar as mãos, mas ele agarrou-as com firmeza.

– Sei que te sentes magoada pela forma como te tratei e estás no teu perfeito direito. Tenho pensado muito... desde que descobri o que a minha mãe te fez. – Ela baixou os olhos para as mãos unidas e ele ergueu uma delas e levantou-lhe o queixo para que o fitasse quando lhe confessou: – Amo-te, Maggie. Não sei por que motivo fui incapaz de to dizer antes. Amo-te mais do que a tudo na vida.

Dessa vez, ela conseguiu libertar as mãos. Pondo-se em pé de um salto, esfregou os ouvidos como se ouvir as palavras dele lhe fizesse mal.

– Não me digas uma coisa dessas.

– Porque não? É verdade.

– Mas isso não significa nada.

– Significa tudo. Significa que te quero comigo para sempre. Não posso viver sem ti.

– O quê? – retorquiu, sufocada.

– Ouviste bem. Quero-te ao meu lado. Não me importa o que os outros possam dizer. Não me importa o que possam achar. Tive muito tempo para pensar enquanto estiveste longe e percebi o que realmente queria. Quero-te. Vamos atirar para trás das costas o que quer que disse ou fiz, o que quer que os outros dissessem ou fizeram que te levou a fugir. Vamos começar de novo.

– Estás a falar a sério – constatou, tapando a boca com um olhar aterrorizado e virando-lhe as costas. – Oh, meu Deus! Estás a falar a sério...

– Claro que estou. Conheces-me o suficiente para saber que jamais brincaria com uma coisa dessas. Queres casar comigo?

Casamento? Ele queria casar com ela? Agora? Depois de ela ter impossibilitado que alguma vez ficassem juntos? Começou a tremer violentamente e teve de se distanciar dele, avançando, por conseguinte, para o extremo oposto da sala. Adam não parava de falar e as suas palavras, destinadas a expressar amor e adoração, assemelhavam-se a punhais afiados que se espetavam nos seus pontos mais vulneráveis.

– Para com isso, Adam. Por favor, para. Estás a magoar-me.

– Como? – Levantou-se e foi colocar-se ao lado dela, pousando as mãos nos seus ombros e virando-a para que o olhasse de frente. – Como é que estou a magoar-te?

– Não faças isso. Por favor – suplicou, fitando o peito dele, incapaz de enfrentá-lo. Ele não deveria importar-se com o que lhe acontecesse! Tinha dito que não o faria, que nunca mudaria de opinião, nem casaria com uma mulher como ela. Depois de tudo o que acontecera nas últimas semanas, aquilo era simplesmente impossível de aguentar.

A voz de Charles soou da ombreira da porta:

– Maggie? Estás bem?

– Oh, Charles...

Salvação! Segurança! Parecia tão absurdo que a procurasse em Charles e não em Adam. O mundo inteiro desintegrara-se, o próprio chão parecia ter-se inclinado e mal conseguiu avançar até junto dele. Charles acenou-lhe com a mão como se fosse uma tábuia de salvação e ela agarrou-a tão firmemente quanto conseguiu. Ele puxou-a e abraçaram-se com as cabeças muito juntas.

– Acabei de descobrir que ele estava aqui através da minha mãe. Já lhe disseste? – sussurrou Charles.

– Não, não consegui. Oh, Charles, que coisa horrível. Preciso de sair daqui...

– Vai andando – disse ele, apertando-lhe a mão. – Resolverei o assunto. Falaremos quando ele se for embora.

– Está bem. Obrigada. – Olhou por cima do ombro com o coração despedaçado ante o desespero refletido no rosto de Adam. Tanta coisa que precisava de ser dita, mas as palavras morreram no silêncio.

– Lamento, Adam. Lamento muito.

Adam ficou imóvel. A voz dela soava tão carregada de emoção e a tristeza enchia de tal forma a sala que Adam sentiu os olhos cheios de lágrimas. Quando ela saiu rapidamente, o coração batia com tanta força que se interrogou sobre se Charles conseguiria ouvi-lo naquele silêncio absoluto. Fitou o primo, recusando iniciar a conversa que explicaria o que se aproximava.

– Sinto-me feliz com a tua presença – disse Charles suavemente enquanto se dirigia à porta e a fechava com firmeza. – Tencionava ir visitar-te hoje, depois de estar tudo definido com a minha mãe e as minhas irmãs.

– Porquê?

– Bem, sobretudo porque não queria que soubesses a notícia por outra pessoa.

Ele não queria saber a resposta, mas sabia que tinha de perguntar.

– Que notícia?

– Acho que não há nenhuma maneira gentil de dizer isso, portanto, aqui vai – decidiu, brincando nervosamente com um guardanapo. – Maggie e eu casámo-nos na semana passada.

Adam sentiu os joelhos a tremer e teve de agarrar-se às costas da cadeira para se equilibrar.

– O que disseste?

– Casámo-nos.

– Impossível – reagiu num tom desesperado.

– É verdade, Adam. Podia pedir desculpa, mas não me sinto nessa posição. Achei simplesmente que devíamos falar para resolvermos alguns problemas complicados.

– És meu primo e o meu melhor amigo. Casaste com a única mulher que me interessa no mundo inteiro e achas que podemos ter alguns problemas *complicados* para resolver? – Lutou para controlar a respiração, tomado de uma raiva e indignação tão grandes que mal conseguia falar. – Que atencioso da tua parte! Vamos então discutir o primeiro item da tua lista.

– Claro – murmurou Charles num tom afável, tentando acalmar um pouco a situação. – Para começar, a Maggie não quer que os vossos caminhos se cruzem durante os próximos meses e anos e parece-me uma boa ideia. Temos de encontrar uma maneira de facilitar-lhe a decisão.

– Ela não quer voltar a ver-me?

A imprudência da atitude da jovem só nesse momento começava a assentar e apercebeu-se do tom infantil da sua voz, mas não conseguia simplesmente acreditar que ela desejasse tal coisa.

– Adam, ela não quer magoar-te, mas sabes que uma rutura definitiva é a única solução. É o melhor.

– O melhor para quem? Amo-a e queria casar com ela. Não acredito que tenha feito algo tão deplorável.

Charles brindou-o com um olhar isento de emoção.

– Muito francamente, ela não achava que te importasses com o que quer que fizesse. E estando tu prestes a casar, também partilhei essa opinião.

– Não me importar? Com ela? Com tudo isto? – Esboçou um gesto supérfluo, indicando o casamento e tudo o que o mesmo implicava. De súbito, sentiu dificuldade em respirar. – Sempre fui teu amigo. Como pudeste fazer-me uma coisa destas?

– Tinha os meus motivos.

– Não podia haver um motivo suficientemente aceitável para justificar o que fizeste. Podia matar-te.

– Porquê? Porque estás irritado? – Ao ver que Adam não respondia, prosseguiu: – Na minha opinião, estou apenas a remediar a confusão que provocaste na vida desta rapariga. Devias agradecer-me em vez de me ameaçares.

– Ofereci-lhe tudo. – Adam tentou insistir, embora soubesse que expressava uma mentira, pois a verdade é que praticamente não lhe oferecera nada.

– Não. Ofereceste-lhe umas *voltinhas*. Na cama dela, se bem te lembras, não na tua. Acho que ela não era suficientemente digna para partilhar a cama do grande marquês de Belmont.

– Que comentário desprezível!

– Porquê? Não é exatamente o que sentes? Exatamente o que sempre sentiste?

– Talvez no passado, mas deixei de pensar dessa maneira.

– Que conveniente! – exclamou Charles com uma pequena gargalhada. – Acho muitíssimo interessante que tenhas adotado essa grande mudança quando ela já não está disponível. Bem, por uma vez na vida, cabe-te aceitar o facto de que não podes ter tudo o que queres.

Adam ignorou o comentário ofensivo, desejando somente que Charles percebesse como era um parceiro inadequado para Maggie.

– Ela precisa de um marido a sério. Alguém que possa dar-lhe filhos.

– Vou dar-lhe filhos, se ela os quiser – mentiu, pensando no filho de Adam que já se desenvolvia no ventre de Maggie.

– Tu? – retorquiu Adam ironicamente. – Com a tua lesão?

– Tenho-me sentido melhor ultimamente – voltou a mentir. – Ela é bonita e muito meiga. – Extremamente sensível ante o insulto à sua virilidade, espicçou Adam por sua vez. – Se ela precisar de cama, tenho a certeza de que estarei *à altura* do desafio.

Frente àquela rude observação, Adam explodiu:

– Não passas de um vigarista impotente. Como te atreves a pensar tocar-lhe com as tuas mãos imundas?

Vendo tudo vermelho à sua volta, Charles respondeu:

– Se decidir tocar-lhe, será com mais do que com as minhas mãos imundas.

– Canalha! – explodiu Adam com um frémito de raiva.

A ideia de Charles na cama com Maggie era a mais infame das traições, o pior dos insultos. Antes de tomar consciência do que fazia, cerrou o punho e disparou a mão direita. Charles não esperara a reação e recebeu o golpe em cheio na face esquerda. A cabeça descaiu-lhe para trás e foi de encontro a uma mesinha, deitando por terra chávenas e peças de porcelana que se estilhaçaram. Com a rapidez de um felino, estava de pé e disposto a responder na mesma moeda, o que fez no preciso momento em que ouviram o grito indignado vindo da ombreira da porta.

– Então, rapazes! O que é que... – Lavinia precipitou-se na sala com Hodson e vários criados nos calcanhares que logo se apressaram a separar os dois lutadores.

Ambos respiravam com dificuldade, sangravam e apresentavam nódoas negras e tinham as roupas rasgadas. Continuaram a lutar, mesmo com os braços imobilizados atrás das costas. Lavinia meteu-se entre os dois, apoiando a palma da mão no peito de cada um.

– Garanto que vocês parecem não ter amadurecido em nada desde os dez anos. A lutarem na minha sala como miúdos da rua! – Avaliou o filho com o olhar e disse: – Fica aqui! – Em seguida, dirigiu-se a Hodson, que continuava a agarrar Adam com mão firme: – Por favor, acompanha Lorde Belmont à porta.

O olhar que lançou a Adam indicou-lhe que não ia tolerar qualquer recusa. Ele soltou o braço de Hodson e saiu da sala para o *hall* de entrada, limpando o lábio ensanguentado com o antebraço. Ouviu os

passos irritados de Lavinia atrás de si. Era uma mulher baixa, mas implacável quando a contrariavam.

Uma criada segurava à porta, dado todos os criados terem sido chamados para ajudar a pôr termo à alteração na sala de estar. Estendeu-lhe as coisas dele e Adam dobrou a capa sobre o braço. Lavinia parecia muito disposta a agarrá-lo e a pô-lo fora.

Embora soubesse que ela esperava que se afastasse e teria de obedecer, não conseguia que os pés se movessem. Sentia como se tivesse o coração estilhaçado em mil pedaços. A amizade de uma vida com Charles estava completamente afetada. A sua relação com Maggie terminara da maneira mais horrível. Tinha a certeza absoluta de que, se partisse nesse momento, nunca mais lhe seria dada uma segunda oportunidade de falar com ela, mas não havia qualquer maneira de pedir para a ver.

Sentindo-se quase a romper em lágrimas, fixou a tia com um olhar suplicante:

– Lamento muito, tia Vinnie.

– Acredito em ti, Adam, mas estou tão furiosa contigo neste momento que quero que te vás embora. Podes vir apresentar as tuas desculpas noutro dia quando todos estivermos mais calmos.

– Não queria que nada disto tivesse acontecido.

– Tenho a certeza de que o Charles também não queria. As suas emoções devem estar à flor da pele. Aconteceu-lhe tanta coisa ao mesmo tempo, com o seu casamento com Maggie e o novo bebé a caminho...

Aves calaram-se. Relógios pararam. Rodas de carruagem deixaram de girar. Bocas silenciaram-se. Pessoas estacaram. O próprio tempo pareceu parar.

Com uma calma de morte, Adam perguntou:

– O que disse?

Nessa altura, passos no corredor fizeram-no virar a cabeça. Avistou Maggie, de pé, com um raio de sol a iluminá-la através de uma janela. Desejou atacá-la, golpeá-la com palavras e as mãos. Uma vaga de fúria, maior do que sabia poder existir dentro de um homem, começou a formar-se e entendeu pela primeira vez como uma pessoa podia enraivecê-lo bastante para cometer um assassinio.

– É verdade? – sibilou.

– Adam... – Estendeu a mão num gesto de súplica.

– É verdade? – gritou ele.

Maggie encolheu-se. Nunca tinha querido que ele pudesse descobrir assim. Desejando acima de tudo poder mentir, mas sabendo que não podia fazê-lo sobre esse assunto, assentiu com a cabeça.

– Sim.

– Nunca te perdoarei por isso enquanto viver.

Adam desapareceu tão rapidamente que era como se se tivesse dissolvido numa nuvem de fumo. Lavinia fechou a porta e encostou-se-lhe com um ar fatigado.

– Perdão, querida – dirigiu-se a Maggie –, mas era o meu sobrinho Adam... – Hesitou, confusa. – É óbvio que sabes quem é. Não sei o que lhe passou pela cabeça. Nem ao Charles.

– Também não imagino – mentiu Maggie, sentindo-se abalada e desgostosa.

Nesse momento, Charles saiu da sala de estar, com vários criados surpreendidos nos calcanhares. Lavinia dispersou o pessoal de volta às suas obrigações com um olhar e um gesto das mãos.

– Oh... céus! – Maggie estremeceu ao aperceber-se do estado de Charles. Tinha o nariz a deitar sangue, as roupas em frangalhos e um dos olhos começava a ficar negro.

– Peço desculpa, mãe – disse. – Peço desculpa por tudo.

– É a tua obrigação.

Maggie aproximou-se de Charles e apertou-lhe a mão.

– Sentes-te bem?

– Não é nada que uns copos de conhaque e um banho de imersão em água quente não possam curar. O Adam nunca conseguiu lutar o raio de...

– Charles! – Lavinia fulminou-o com o olhar. – Não permitirei que fales dessa maneira.

Charles suspirou e Maggie percebeu quanto lhe custava mostrar-se despreocupado.

– Tem razão, mãe. Foi desnecessário – disse, passando a mão dorida pelo cabelo. – Sei que tinha planos para o nosso jantar de hoje, mas acho que não estou em condições. Maggie e eu sentimo-nos exaustos. Só quero levá-la a casa.

«Obrigada», formulou Maggie com os lábios, voltando as costas a Lavinia para que ela não se desse conta.

– Não se importa, pois não? – disse, tentando esboçar à mãe um dos seus sorrisos sedutores que sempre a conquistavam, mas a tarefa não foi fácil devido ao lábio inferior aberto e ensanguentado. – Viremos outro dia.

– Presumo que esta não será a noite mais indicada – concordou Lavinia relutantemente.

Minutos depois estavam no interior da carruagem, enroscados sob pesadas mantas e dirigiram-se à casa onde ele vivia e pintava. Maggie sentia-se preocupada com ele.

– Estás mesmo bem?

– Estou. Só me dói quando respiro.

– Não tem graça.

Charles respirou fundo e depois exalou lentamente o ar.

– Céus! Armei uma confusão dos diabos!

– O que aconteceu entre vocês?

– Adam disse umas coisas... – Esfregou os olhos com a mão magoada, tentando afastar quaisquer imagens. – Não sei... Enfureceu-me tanto que lhe atirei outras coisas.

– Que coisas?

– Digamos que não acho que tenhamos de preocupar-nos que os nossos caminhos voltem a cruzar-se.

Não consigo imaginar que isso aconteça novamente.

Ao ouvir aquelas palavras, Maggie inclinou-se para diante com os cotovelos apoiados nos joelhos e começou a chorar. Eram lágrimas silenciosas e soube-lhe bem derramá-las, como se as mesmas tivessem estado à espera de uma oportunidade de lhe molharem as faces.

Sem se incomodar a enxugá-las, apoiou o queixo nas mãos e deixou que as lágrimas continuassem a cair à vontade. Pouco depois, escorriam pelos pulsos até ao regaço. Charles respeitou aqueles momentos de silêncio, acariciando-lhe as costas de alto abaixo com a mão numa tentativa de confortá-la.

– Foi um dia infernal, não foi? – perguntou quando a carruagem parou com um solavanco.

– Sim, um dia horrível mesmo. – Permaneceram calados durante muito tempo antes que Maggie percebesse que não avançavam. Olhou em volta. – Já chegámos?

– Já – respondeu ele com um aceno de cabeça fatigado.

– Porque não disseste nada? Tal como me sinto, podíamos ter ficado aqui sentados a noite inteira.

– Imaginei que sentirias o frio mais cedo ou mais tarde. – Abriu a porta e depois estendeu-lhe a mão. – Vamos entrar?

– Estou com um aspeto terrível – insistiu Maggie, limpando os olhos com a manga da blusa. – O que irão pensar os teus criados?

– Só há o meu criado e o cozinheiro. Não darão por nada.

– Neste momento, sinto-me tão cansada que não me importo que reparem.

Charles desceu, sentindo obviamente algumas dores nas costelas e noutras partes do corpo. Já estava escuro dado que no inverno o dia era mais curto e, por conseguinte, a visibilidade era menor, mas tratava-se de uma rua agitada com muitos transeuntes. Charles tinha dito que vivia numa zona frequentada por músicos, atores e afins. A sua própria casa era pequena, situada numa fila de outras semelhantes e, pela descrição, Maggie imaginava que se assemelhava muito à dela.

Charles concedeu-lhe um minuto para que examinasse a rua e os arredores e depois ofereceu-lhe galantemente o braço.

– Vamos?

– Obrigada, gentil *sir*. Será um prazer.

Não se tinham afastado mais de dois passos da carruagem quando um jovem moreno e de cabelo preto saiu das sombras, bloqueando-lhes o caminho. O repentino aparecimento assustou-a e recuou instintivamente. Charles agarrou-lhe o braço com firmeza.

– Olá, Robert – saudou num tom calmo, dirigindo-se obviamente a alguém conhecido. – O que fazes aqui?

– Tenho estado à espera que voltasses! – respondeu o indivíduo, parecendo muito irritado. – Onde estiveste?

– Robert – começou Charles lentamente como se falasse com uma criança teimosa. – Já te expliquei muitas vezes que o meu paradeiro não é da tua conta.

Fazendo orelhas moucas, Robert observou:

- Passaram mais de duas semanas!
- Vigiaste a casa todo esse tempo?
- Claro. Precisava de saber assim que voltasses.
- Tens estado então na rua a meio da noite?
- O teu criado não me deixou esperar dentro de casa – respondeu, petulante.

Charles disse num tom mais suave:

- A agires assim, vais ficar doente. O que achas?
- Se apanhar uma pneumonia, serás culpado da minha morte.

Charles suspirou e depois apertou a mão de Maggie, como se precisasse de se acalmar.

- Robert, esta é Mistress Billington, a minha mulher.

Robert inspirou fundo ao ouvir a apresentação.

- O quê? Não podes estar a falar a sério.

- Estou, sim. Muito a sério. É esse o motivo por que tenho estado ausente. Acabámos de regressar a casa e estamos exaustos. Falarei contigo mais tarde.

Fez menção de dar a volta junto ao jovem, mas Robert bloqueou-lhe o caminho.

- O meu pai anda a perguntar-me o que é feito do dinheiro. Tenho estado num frenesim de inquietação sem saber o que responder e agora dizes-me que estiveste a gozar a tua lua de mel. Quanto custou?, pergunto-me. Como pudeste dar-te a esse luxo?

A porta da casa abriu-se e apareceu um homem com uma lanterna na mão.

- Master Charles, pareceu-me ouvir a sua carruagem – disse e hesitou um segundo. – Há algum problema, *sir*?

- Não. Robert estava de partida.

- Muito bem, *sir*.

- Charles... – Robert quase suplicava.

- Vai-te embora, Robert. Vai. – Dessa vez, Charles empurrou-o para o lado e o criado apressou-se a dar entrada a Charles e a Maggie, isolando Robert e a fria noite de inverno. Quando a porta se fechou, Maggie ainda avistou Robert de relance. Parecia furioso, tão furioso que estava a tremer.

Charles entregou a capa e o chapéu ao criado, no meio de boas-vindas e sinais secretos trocados por sobranceiras erguidas que Maggie sabia que levariam a conversas privadas entre os dois homens mais tarde. A permanência de Robert à porta da casa nas últimas duas semanas seria indubitavelmente o tema principal.

Não conseguiu deixar de se interrogar sobre o que se passava em relação àquele jovem. Ele e Charles estavam obviamente a ter uma discussão sobre dinheiro. Porquê? E em que tipo de acordo estaria Charles implicado que forçasse um dos seus parceiros de negócios a enroscar-se no degrau de entrada da sua casa a meio de uma noite de inverno? Essa pergunta originou uma outra ainda mais importante: o que sabia ela realmente sobre Charles?

Em que se metera? Ele dissera-lhe que tinha um rendimento suficiente, que podia fornecer-lhe um lar estável, mas seria verdade? Apenas podia confiar na palavra dele e era demasiado tarde, caso tivesse sido desonesto em relação à sua vida e às suas finanças. Fizera a sua escolha e tinha de viver com isso. Por trás dos olhos, sentiu a aproximação de uma forte dor de cabeça.

Estendeu a mão para o fecho da capa, mas verificou que tinha os dedos demasiado gelados pelo frio da noite para o conseguir. Charles prestou-se a ajudá-la. Tinha as faces coradas e Maggie estava certa que não se devia ao frio.

- Desculpa. Tratarei do assunto – declarou num tom meigo.

- É teu amigo?

– Não é um amigo. Apenas um conhecido. – Com um suspiro proveniente da dor nas costelas, acrescentou: – Que dia! Amanhã será melhor. Prometo.

Adam sentou-se na Sala Azul, na ala leste da casa, olhando através da janela como fizera durante toda a noite, desde que regressara de casa de Lavinia na noite anterior. O dia acabara de romper. Ainda permanecia coberto de sangue; tinha a roupa rasgada e em frangalhos, mas não se importava. Apenas conseguia pensar em Maggie e no que ela tinha feito.

Dirigira-se imediatamente à salinha mal regressara a casa. O seu criado, o único com ousadia bastante para bater à porta, tentara algumas vezes convencê-lo a sair, mas acabara por desistir, e todo o pessoal parecera ter chegado à conclusão de que estava melhor sozinho até haver superado a crise por que passava. Assim, tinha-se sentado ali ao frio e no escuro e parecia não conseguir afastar-se da pequena divisão onde sentia a presença dela tão fortemente. Afinal, aquele era o único sítio de todo o seu enorme e pouco acolhedor palácio onde ela tinha posto os pés.

Era a mesma sala onde lhe tinha feito amor meiga e desesperadamente na manhã do casamento de James. Como ela havia sido corajosa nesse dia, ao violar a fortaleza da sua casa, insinuando-se na parte da sua vida onde jamais fizera com que se sentisse bem-vinda. Como se mostrara sábia nos conselhos sobre James, ao mencionar a brecha irreparável que se abriria caso ele não assistisse à cerimónia do casamento.

Em troca, ele mostrara-se estupidamente orgulhoso. Recusando comparecer. Recusando reconhecer o casamento. Recusando aceitar Anne como sua cunhada. Há meses que James desaparecera sem ter mandado um único bilhete entretanto, ao passo que em todos os anos anteriores das suas vidas, quase não passava um dia sem que falassem. Maggie acertara em cheio em como o seu orgulho e arrogância iriam ferir James, mas geralmente tinha razão nessas coisas. Entendia as pessoas de uma maneira que ele não entendia nem jamais o faria.

Que anedota ser Adam St. Clair, Lorde Belmont, um dos aristocratas mais ricos e mais poderosos do reino. Nada disso importava. Nem os títulos, a linhagem, a abastança e a autoridade de que o investiam. Nem os deveres ou as responsabilidades, pois nada disso lhe daria o que ele realmente desejava: nem o perdão de James e muito menos o amor de Maggie.

Ao longo de toda a sua vida nunca se considerara um homem ganancioso, simplesmente porque sempre tivera o que desejava: as melhores casas, as melhores roupas, a comida mais requintada, os vinhos mais raros, as mais belas joias. Só necessitava de pedir e, por conseguinte, raramente pedira o que quer que fosse, porque tinha tudo à disposição.

Na totalidade dos seus vinte e nove anos só conseguia pensar numa coisa que tinha verdadeiramente desejado. Contudo, não era uma coisa; era uma pessoa. Maggie. Era ela a única coisa. Durante muito tempo, mentira a si próprio e convencera-se de que não era possível, de que simplesmente não podia tê-la. Ela não era uma das coisas que alguma vez possuiria.

Quando por fim tinha chegado à conclusão de que não podia viver sem ela, o que acontecera? As suas juras de amor, a sua proposta de casamento haviam-lhe sido atiradas à cara. Enquanto carregava em segredo no ventre o filho de ambos, fugira com outro homem sem pensar um momento no que Adam poderia sentir.

Uma vozinha gritou lá do fundo: *Mas disseste-lhe que jamais desejarias um filho dela. Disseste-lhe que a abandonarias se isso acontecesse. O que querias que ela tivesse feito?* Sem dúvida que dissera essas coisas e assim pensava no momento, mas agora não. Era um homem mudado. Mudado por causa dela.

Resolvido a esquecer todas as precauções, dispusera-se a pôr de lado todos os princípios que aprendera, todos os papéis que assumira. A sofrer a troça e a crítica dos seus iguais. A ser ostracizado e a sujeitar-se ao escândalo. E para quê?

Para nada.

O que lhe restava agora?

Uma única coisa: ódio.

Odiava-a com uma paixão forte e raivosa. Era um caudal que parecia ter adquirido vida própria ao longo da noite. Parecia que o coração dele não ficara simplesmente partido mas lho tinham arrancado do peito e rasgado em mil pedaços enquanto ainda batia. Em retribuição, queria magoá-la, magoá-la incessantemente todos os dias durante o resto da vida. Não queria que a agonia dela terminasse da mesma maneira que, segundo firmemente acreditava, a dele também não terminaria.

Embora a vizinha insistente continuasse a trinar que um dos motivos da raiva dele se devia a que ela fizera uma boa opção, não lhe prestou atenção. No fundo, Charles era um homem bom e honrado. Cuidaria dela e do filho de Adam. Muito provavelmente o seu primeiro filho. A longo prazo, Maggie sentir-se-ia feliz com a decisão que tomara, mas Adam nunca sentiria essa felicidade, na medida em que por mais filhos legítimos que gerasse, por mais filhos que a sua mulher legítima desse à luz, saberia sempre que o seu primogénito, a criança concebida pelo seu único e verdadeiro amor, estava a ser criada por outra pessoa, na mesma rua.

Não queria que Maggy fosse feliz. Jamais. Nunca poderia perdoar-lhe a escolha de casar com Charles, essa boa resolução face à calamidade iminente.

À medida que o alvorecer surgiu lentamente no céu de inverno e o dia cinzento e triste se tornou visível, percebeu que a única coisa que poderia fazer era efetivamente atormentá-la todos os dias. Não conseguia pensar em mais nada. Em nada melhor. De qualquer maneira, ela acreditava que era essa a sua intenção. Que se tornasse, pois, realidade.

Após haver tomado a decisão, regressou aos seus aposentos. O banho foi demorado, extremamente necessário para lavar o sangue e as dores do dia anterior. Teve dificuldade em barbear-se por causa do olho negro e da face e do lábio inchados. Os nós dos dedos magoados doíam-lhe tanto que se viu obrigado a deixar que fosse o criado a acabar a tarefa, algo de que por norma se encarregava. Vestido com as melhores roupas matinais, comeu um pequeno-almoço leve e em seguida afastou-se na sua carruagem.

Quando chegou a casa dos Westmoreland, não ficou surpreendido ao saber que o duque ainda estava deitado. A sua recusa em ir embora e a insistência em falar imediatamente com Harold tiveram o efeito desejado. O mordomo conduziu-o a uma sala de estar e depois precipitou-se a ir em busca das pessoas adequadas a fim de ver se alguém ousava despertar o seu nobre amo.

Adam esperou pacientemente, sem ponderar muito no que Harold iria pensar. Não havia comparecido ao encontro marcado para duas semanas antes quando tencionara pôr termo a qualquer especulação referente a um compromisso com Penny. Não lhe interessava o que tinham pensado do seu grosseiro lapso. Nas duas semanas anteriores pouco mais fizera do que procurar Maggie. Bem, os seus dias de preocupação a respeito dela tinham chegado ao fim.

Quinze minutos depois, apareceu um lacaio com a notícia de que o duque desceria dali a pouco e tinha perguntado se poderiam conversar durante o pequeno-almoço.

– Não – respondeu Adam. – Leve-o para o escritório do duque. – Não se tratava de uma visita social.

Perplexo, o lacaio saiu apressadamente, voltou dali a pouco e conduziu Adam ao local que ele tinha solicitado. Harold não tardou a aparecer. Sem se barbear, mas bem vestido.

– É melhor que seja qualquer coisa boa – resmungou ao entrar na sala. – Foi só quando se sentou atrás

da secretária e ergueu o rosto que notou os ferimentos de Adam. – Caramba! O que aconteceu?

– Nada que lhe diga respeito. Estive ocupado nas duas últimas semanas – prosseguiu num tom isento de emoção. – Durante esse tempo aceitou qualquer proposta de casamento para Penelope?

– Não.

– Muito bem. – Abriu a pasta que tinha trazido e colocou uma pilha de documentos em cima da mesa. – Aceito a sua oferta.

– Sem mais nem menos?

– Sem mais nem menos.

Harold pareceu subitamente muito mais desperto e Adam empurrou os documentos na sua direção.

– Presumo que a minha proposta também seja aceite? – disse.

– Obviamente – grasnou, embora fosse difícil perceber se o tom se devia à falta de sono ou à surpresa. – Decerto – afirmou depois de aclarar a garganta.

– Esses documentos contêm uma lista dos itens que necessito que sejam considerados nos contratos. Entregue-os ao seu advogado e diga-lhe que elabore os pormenores com o meu. Gostaria de assinar as cópias definitivas na próxima segunda-feira.

Harold ergueu as sobrancelhas.

– Tenho a certeza de que poderemos resolver tudo isso até lá.

– Muito bem. Virei visitá-lo quando estiverem prontos.

Adam levantou-se para se ir embora.

– Espere! – Harold levantou-se também e esboçou um gesto com a mão destinado a fazer com que Adam voltasse a sentar-se, mas ele permaneceu de pé. – Gostaria de ver a Penelope?

– Para quê?

– Para... Não sei. Talvez gostasse de se propor pessoalmente?

– Nem por isso.

– E quanto à discussão dos pormenores?

– Como por exemplo?

– Bem... ah... publicar o anúncio nos jornais. Escolher a data do casamento. Coisas assim.

– Não ligo a nada disso. Estarei de acordo com o que ela decidir.

Harold semicerrou os olhos.

– Tem a certeza de que se sente bem?

– O que o leva a fazer-me a pergunta?

– É que... – Respirou fundo e explodiu: – Depois de passado tanto tempo parece tudo tão rápido. Está visivelmente muito perturbado. Aconteceu alguma coisa?

– Não aconteceu nada. Envie uma mensagem quando os contratos estiverem prontos para assinar.

Pronunciadas estas palavras, saiu.

Harold manteve um silêncio chocado durante uns minutos e em seguida deixou-se cair novamente na cadeira. Se não fosse a irritação de ter sido acordado pelo seu criado, juraria que tudo não passava de um sonho. Os documentos que Adam tinha deixado continuavam no centro da secretária, uma prova viva de que ele estivera mesmo presente. Quase receava tocar-lhes, como se se tratasse de uma coisa viva e perigosa.

Aparentemente a bota não dava com a perdigota. Conhecia perfeitamente Adam St. Clair e a maneira como ele tomava decisões. Não se apressava. Não fazia nada precipitadamente e, sobretudo, não colocava nas mãos de terceiros pormenores importantes e cruciais da sua vida. O que quer que lhe

tivesse acontecido nos últimos dias fora avassalador e brutal e Harold quase se sentiu tentado a adiar os contratos até descobrir o que se passava.

Gostava de Adam; sempre gostara e esse era o principal motivo por que o desejava para marido de Penelope. Já que um homem tinha de ter um genro, não podia haver um melhor do que Adam. Seria um acréscimo bem-vindo à família e, portanto, Harold não queria vê-lo metido num esquema mal alinhavado e louco de que não conseguiria desenvencilhar-se mais tarde.

Quando aquele pensamento idiota se dirigiu em espiral para a conclusão, Harold estremeceu e voltou à realidade. O compromisso entre Penny e Adam era algo que há mais de uma década se esforçava por concretizar. Não era um esquema mal alinhavado nem louco e, se Adam estava a passar por qualquer problema pessoal, acabaria por superá-lo e sentir-se feliz por haver finalmente escolhido Penny.

– Que diabo! Tudo correrá pelo melhor – murmurou para si próprio enquanto pegava nos documentos e começava a examiná-los.

Dali a pouco ouviu os passos apressados de Penny pelo corredor. Devia saber que a criada a arrancaria da cama, mal o pessoal se apercebesse da presença de Adam. Entrou precipitadamente, mal vestida e despenteada.

– Pai – começou ofegante por ter descido as escadas a correr. – Ouvi dizer que o Adam estava aqui.

– É verdade.

– Já estava na altura de aparecer. O que queria ele?

Harold ergueu os documentos sem que, por algum motivo, se sentisse satisfeito em anunciar:

– Decidiu finalmente pedir-te em casamento.

Penny não sorriu.

– Falou-lhe daquela mulher horrível que existe na vida dele?

Harold tinha ouvido mais do que desejava sobre o encontro prematuro entre Penny e Maggie. Por intermédio de Penny e dos outros. Ninguém conhecia Penny melhor do que ele e sentiu realmente pena de Maggie por ter sido obrigada a enfrentá-la publicamente.

– Não sejas estúpida – retorquiu.

– Muito bem, vou pô-lo no lugar. Se ele acha que pode tratar-me com tanta desconsideração, não aceitarei – insistiu com o nariz arrebitado.

Harold suspirou. Tinha-lhe dado uma educação demasiado protetora, por isso talvez lhe coubesse um pouco de culpa, mas, por Deus, ela sofreria uma tremenda surpresa quando a realidade da vida comesçasse a esbofeteá-la em pleno rosto.

– Já aceitei. Assinaremos os contratos na segunda-feira.

– Podia ter pedido a minha opinião – ripostou, fazendo beicinho.

Harold silenciou a lamúria com uma sobrancelha levantada.

– Quando será o casamento? – inquiriu Penny.

– Ele disse que podes marcá-lo para quando quiseres.

– Não quer saber de nada?

– Venceu que qualquer data lhe conviria.

– E todos os planos?

– São contigo – respondeu com um encolher de ombros.

– Quando vem pedir-me a mão?

– Não vem.

– O que está para aí a dizer? Tem de fazê-lo! Já escolhi o vestido para essa ocasião e tudo o mais!

Ele não suportava mesmo aquelas tolas ideias românticas com que ela parecia encarar tudo aquilo.

– O Adam considera o assunto resolvido depois de falar comigo. Sugiro que não dê demasiada

importância ao assunto.

– Oh, como pôde fazer-me uma coisa destas? – gemeu, batendo o pé. – Odeio-o. Já o odeio.

Maggie ouviu baterem na porta da frente, mas não conseguiu simplesmente levantar-se para ir responder. Agora que só faltava um mês para o nascimento da criança, estava enorme e levantar-se sem ajuda constituía um empreendimento de monta.

– Appleby! – gritou ao criado de Charles, esperando que ele pudesse atender, até se lembrar de que ele tinha saído, acompanhando a sua criada pessoal em alguns recados.

A cozinheira estava ocupada na cozinha e, de qualquer maneira, não lhe passaria pela cabeça ir responder à porta. Charles saíra para uma entrevista com um novo cliente. Não havia mais ninguém. Voltaram a bater e ela esforçou-se por se pôr de pé.

– Já vou! Já vou! Calma! – murmurou bruscamente, dando voltas à fechadura que tinha de ficar sempre trancada, com receio de que «O Louco Robert», como haviam decidido chamar-lhe, decidisse instalar-se na sala de estar do andar de baixo. Já acontecera mais do que uma vez.

Ele tinha-os seguido até à casa de campo de Charles, onde haviam ficado três meses, e, em seguida, de regresso a Londres quando tinham vindo à cidade para uma exposição de alguns dos quadros de Charles. Depois de chegarem, a permanência fora alongada por vários motivos e agora corria o mês de junho que se revelava incómodo. Ninguém se lembrava de ter passado por um calor tão insuportável.

Robert nunca abandonou a sua vigília. No exterior da casa deles e da de Lavinia, cavalgando atrás da carruagem quando iam a qualquer lado. Maggie desconfiava de que ele seguia Charles até outros lugares, mas, se assim era, Charles nunca falou disso. Tentara tudo para se livrar da sombra dele, desde conversas constantes, a palavras duras, palavras compreensivas, pequenas quantias de dinheiro. Nada resultou. O pobre jovem estava simplesmente obcecado com Charles e, por qualquer motivo, Charles tivera a gentileza de não o partilhar com ela. Maggie não queria saber; apenas queria que Robert desaparecesse das suas vidas.

Quando abriu a porta, à espera de deparar com a patética criatura nos degraus e pensando em todos os nomes desagradáveis que lhe chamaria por tê-la obrigado a levantar-se numa tarde tão quente e húmida, pestanejou várias vezes e seguidamente perguntou, surpreendida:

– Annie? És mesmo tu?

Parecendo mais bonita do que nunca, Annie abriu os braços e Maggie acolheu-se neles.

– Maggie! Oh, Maggie!

– O que fazes aqui? – Conseguiu perguntar Maggie no meio de beijos e abraços.

– Chegámos ontem à noite. Tarde de mais para te visitar. E passei o dia inteiro a tentar localizar-te. –

Anne recuou, examinando o físico abaulado de Maggie e depois passou-lhe a mão sobre o ventre pronunciado. Esboçou um grande sorriso lacrimejante e pronunciou num tom sarcástico: – Deixo-te uns meses sozinha e vê só o que acontece!

– Sinto-me tão feliz por estares aqui.

– Também eu – disse ela, voltando a abraçar Maggie com força. – Estás tão bonita.

– Sinto-me uma vaca – insistiu Maggie, provocando uma gargalhada em Anne quando deram as mãos e se encaminharam para a sala.

Depois de se sentarem, Maggie pediu:

– Conta-me tudo...

Anne obedeceu, começando pela noite de núpcias e passando à viagem por mar e à pequena vivenda que tinham alugado na costa do sul de Itália. Passou à comida, às flores, ao calor, à água. Tudo soava a um conto de fadas, um tempo mágico, pleno de amor e de romance.

Quanto mais Anne falava, mais Maggie se apercebia de que a amiga resplandecia. Era a única palavra suficientemente adequada para descrever o seu aspeto.

– Olha para ti! – comentou Maggie impulsivamente durante uma pausa na narrativa de Anne. – Pareces tão bem-amada e feliz.

– E é verdade Maggie. Sou mesmo. Acordo todas as manhãs com medo de abrir os olhos, receosa de estar a sonhar.

– Como está o James?

– Fantástico. Imagino que apareça dentro em pouco. Queria vir comigo, mas tinha umas coisas para resolver e eu sentia-me impaciente por te ver.

– Diria que o casamento se enquadra mesmo contigo.

– Muito – anuiu, mas avaliou Maggie com o seu habitual olhar crítico. – E tu? O casamento enquadra-se contigo?

– Claro que sim.

– Não pareces muito feliz.

– É difícil ser feliz quando se está tão grávida como eu – respondeu, tentando esboçar um sorriso alegre, o que falhou. Não se sentia feliz e Anne era demasiado perspicaz para engolir uma mentira.

– É filho do Adam? – perguntou meigamente.

– Sim – admitiu Maggie sem hesitar ao mesmo tempo que algumas lágrimas lhe corriam pelas faces e as enxugava.

– Foi o que pensei – disse Anne, assentindo com a cabeça. – O que aconteceu?

– Descobri que estava grávida e fiquei assustadíssima – respondeu Maggie com um encolher de ombros. – Não sabia o que fazer.

– Com os diabos! Queria ter estado aqui! Disseste-lhe?

– Não. Mas o Charles descobriu e convenceu-me de que casar com ele seria a melhor solução.

– Bom, sinto-me aliviada. Julguei que talvez Adam te tivesse expulsado, mal soubesse que estavas grávida. Se assim fosse, estava seriamente a pensar matá-lo. – Anne pegou-lhe na mão. – E Charles estava certo? Foi a melhor solução?

– Foi a melhor solução – anuiu, fazendo uma pausa e engolindo as lágrimas. Num estado de gravidez tão avançado tinha as emoções à flor da pele e tudo a fazia chorar. – Mas sinto-me tão desesperadamente infeliz!

– Não é por causa do Charles, pois não?

– De maneira nenhuma. Habituei-me a gostar muito do Charles. Ele é um homem maravilhoso. É bom, gentil e divertido. Só que... – Interrompeu-se sem conseguir acabar o pensamento tão traiçoeiro para o

seu generoso marido.

– Desejavas partilhar esta fase da tua vida com o Adam?

Maggie suspirou de alívio frente à compreensão de Anne. Ao longo de todos aqueles meses, não tivera ninguém com quem falar sobre o seu horrível comportamento. Sentia-se ingrata, o que apenas servia para lhe aumentar a infelicidade. Como podia não se sentir feliz depois de todas as coisas maravilhosas que Charles tinha feito por ela? O que se passava com ela para que nunca visse o bem, mas apenas o mal? Ter o primeiro filho devia ser o melhor momento da sua vida, mas não ansiava por ele. Tudo lhe parecia errado sem ter Adam ao seu lado para partilhar as memórias da gestação.

– Sim – anuiu. – Todos os dias desejo que ele estivesse aqui, o que apenas serve para demonstrar a minha estupidez.

– Porque dizes isso?

– Porque ele é um porco desprezível. Não merece um segundo do meu desgosto. – Levantou-se do sofá com grande dificuldade e Anne ajudou-a a equilibrar-se. – Sabias que vai casar no próximo mês?

– Constou-nos esta manhã. É verdade o que ouvi?

– Que é com a Penelope? Sim.

Anne parecia embaraçada.

– Alguma vez lhe falaste do parentesco que vos une?

Maggie assentiu com a cabeça.

– Durante todo o tempo em que estivemos ligados só lhe pedi duas coisas. A primeira foi que assistisse ao vosso casamento.

– Bem, todos vimos como correu.

– Sim. A segunda foi que não casasse com a minha irmã.

– Tens toda a razão – anuiu Anne com um suspiro. – Ele é um porco desprezível.

– Pior ainda. Não só vai casar com ela, mas vai fazê-lo depois de me jurar que nunca me magoaria ao fazer tal coisa. Agiu nas minhas costas e tive de saber a verdade da boca de Penelope quando nos cruzámos num provador da loja de Madame LeFarge. Em seguida, a mãe dele abordou-me na minha casa, pois queria ter a certeza de que eu ouvira a notícia. Lucretia foi ao ponto de me oferecer dinheiro para que desaparecesse.

– Caramba! – exclamou Anne, sacudindo a cabeça. – Não admira que tenhas fugido com Charles. Também eu o faria.

– Certo. Só que depois, quando voltámos da Escócia, Adam mostrou-se totalmente arrependido pela maneira como me tratara, professando um grande amor por mim e dizendo que o seu coração mudara e queria casar comigo, sem se importar com o que as pessoas pudessem pensar ou dizer. – Maggie passou a mão entre os seios, tentando massajar o seu coração partido. – Foi o momento mais horrível de toda a minha vida.

– Ele deve ter-te amado muito, Maggie, para te fazer uma proposta dessas – opinou Anne, esperando que essa percepção lhe reduzisse um pouco a dor. – James sempre insistiu que o Adam te amava, mas não conseguia admiti-lo para ele ou para ti. – O que lhe respondeste?

– O que podia responder? Charles e eu já tínhamos casado.

– Que situação horrível! – compadeceu-se Anne. – Quem me dera ter estado aqui. Talvez arranjasse uma forma de evitar tudo isto.

– Não podias ter alterado nada – ripostou Maggie, esboçando um aceno distraído. – Ele ficou noivo de Penny no dia em que soube que me tinha casado. E vê isto.

Enquanto falavam, vasculhara a secretária à procura do dossiê escondido no fundo da gaveta. Tirou-o para fora e estendeu-o a Anne. Ninguém tinha visto o conteúdo, nem mesmo Charles.

- O que é isso? – inquiriu Anne, perscrutando os vários itens, mas Maggie viu pelo seu olhar perturbado que ela sabia.
  - Alguém está a enviá-los. Começa pelas primeiras coscuvilhices publicadas sobre o noivado dele. Passa ao anúncio oficial do seu noivado e em seguida a todas as notícias sobre eles que saíram depois.
  - De onde vieram? Quem está a fazer isso?
  - Tem de ser o Adam. Quem mais o faria? Sempre que ele e Penelope estão juntos e sai a notícia nos jornais, ou vão a um evento ou participam em qualquer coisa, recorta o artigo, ou guarda o convite e envia-mo. É como se quisesse continuar a magoar-me repetidamente com as notícias.
  - Isso é simplesmente a coisa mais medonha que já ouvi. Mostraste isso ao Charles?
  - O que podia ele fazer?
- Anne fechou o dossiê e devolveu-o a Maggie.
- Sabes uma coisa? Esta manhã, passei pela nossa antiga casa, à espera de te encontrar. A tua criada, Gail, continuava a trabalhar lá e estava morta por coscuvilhar. Disse que agora Adam passa lá a maior parte do tempo.
  - Estás a brincar! Ele odiava a casa. Sempre insistiu que se encontrava abaixo da sua posição.
  - Eu sei, mas parece que a transformou numa espécie de refúgio privado onde pode ser ele próprio durante largos períodos de tempo. Gail diz que nunca mais voltou a ser o mesmo desde o dia em que te foste embora.
  - O que achas que se passa com ele? Ela disse?

Qualquer resposta que Anne poderia dar teria de esperar até outra altura, pois, nesse momento, James e Charles chegaram ao mesmo tempo vindos do exterior. Os dois homens irromperam pela casa juntos, no meio de abraços e palavras de boas-vindas. Maggie aninhou-se a um canto, enquanto as suas três pessoas favoritas no mundo riam e falavam. Era simplesmente impossível estar na mesma sala com o trio sem ter um sorriso no rosto. Pela primeira vez desde há muito tempo, alguma da tristeza que tanto lhe pesava no coração começou a dissipar-se.

Penelope encontrava-se no terraço das traseiras da mansão a contemplar os jardins. O luar fundia-se com as tochas acesas e conseguia divisar uma grande quantidade de pessoas a passear pelos caminhos. Estava simplesmente calor demasiado para permanecer dentro de casa e, ali fora, soprava uma ligeira brisa vinda do rio que ajudava a arrefecer a pele quente. Abanou o rosto com o leque para se refrescar. Ninguém se apercebeu quando se afastou para o lado, ocultando-se nas sombras.

Com o casamento a umas meras semanas de distância, a sua vida era agora muito mais livre, o que constituía um benefício do casamento iminente. Um dos poucos que divisava. Se quisesse dar um passeio sozinha, podia fazê-lo. Se quisesse passear pelos jardins, ninguém podia detê-la. Se quisesse enroscar-se num banco, trocando beijos roubados no escuro com o noivo, ninguém iria castigá-la.

Uma risada amarga escapou-lhe da garganta. Como se isso pudesse acontecer! Nos seis meses de noivado, Adam tinha-a beijado exatamente duas vezes e as duas resumiram-se a um beijo ao de leve na face, como se fosse um irmão ou um primo. Embora soubesse que aquele abraço casto seria o único apropriado que receberia antes de casar, não conseguia evitar desejar que Adam a tomasse nos braços e a levantasse do chão num momento de paixão desenfreada.

Sabia que isso podia acontecer. Escondera mais do que um romance de amor debaixo da cama ao longo dos anos. Nesse momento, ele devia mostrar-se febril, aguardando com visível impaciência a união conjugal, mas continuou a tratá-la com a mesma fria indiferença que sempre havia mostrado. Na verdade, conferia-lhe um tratamento muito semelhante ao que o pai dava à mãe! Com um inabalável respeito e

delicadeza, mas sem qualquer emoção genuína.

Por vezes, embora nunca o confessasse a ninguém, parecia que Adam nem sequer gostava dela e muito menos a amava. Embora compreendesse todos os motivos que levavam a uma união como a deles, no seu jovem coração de dezoito anos era impossível abafar o desejo de um grande *amour* com o noivo.

Como era possível que não a amasse?, interrogara-se mil vezes. Ela era a mais bonita, a mais encantadora e a mais requintada de todas as jovens que haviam sido debutantes nesse ano – ou em qualquer ano recente de que se lembrasse. O seu dote acarretava uma fortuna inimaginável, a sua posição como filha de um duque era a mais elevada de qualquer outra rapariga e, no entanto...

Adam tratava-a como se fosse apenas uma escolha entre muitas. Como se nada de especial o tivesse levado a selecioná-la. O canalha nem mesmo se havia proposto. Uma vez, há muito tempo, mostrara-lhe indícios desse seu desejo e ele olhara-a como se tivesse enlouquecido. Jamais lhe perdoaria que a privasse desse tão desejado momento romântico.

Luzes tremularam nas suas costas, enquanto mais pessoas saíam do salão de baile a abarrotar para os degraus em busca de ar fresco, e não conseguiu evitar virar-se e examinar o interior. O baile do pai, que aconteceria na semana seguinte, iria arrasas este. Ninguém seria capaz de organizar um baile tão cuidado como os Westmoreland. O baile de noivado seria meramente o primeiro de muitos, um prelúdio a duas semanas de festejos que culminariam no casamento. Tinha um vestido novo para cada noite, os mais fantásticos, elaborados e modernos existentes em qualquer lugar. A mãe trouxera um cabeleireiro especial de Paris a fim de a pentear para cada ocasião. As joias mais preciosas da família haviam saído dos cofres para que as usasse.

Sentia-se tão infeliz!

No caminho por baixo, duas mulheres passeavam, cochichando e rindo. Estava demasiado escuro para que as reconhecesse e as vozes não lhe eram familiares. Tinham parado mesmo por baixo dela e por isso não conseguiu deixar de ouvir quando uma delas disse:

– Só me constou esta tarde. O irmão dele, James, regressou de Londres.

Penelope apurou o ouvido. Também lhe constara o mesmo.

A outra mulher respondeu:

– Interrogo-me sobre o que vão fazer. Se o convidarem para o casamento, terão de convidar a mulher e não imagino a Penelope a permitir que ela compareça.

Penny fizera essa mesma pergunta a si própria. Ouvira dizer que a mulher de James era uma espécie de prostituta. Só se atrevera a abordar a questão com Adam uma vez e ele respondera que James não constituía um tópico de discussão. Falara num tom de voz tão ameaçador que não tinha tentado obter mais informações.

A primeira mulher prosseguiu:

– Sim, mas já ouvi dizer que o marquês está com problemas para arranjar padrinho. Se o irmão recusar, também não pode pedir ao seu primo Charles que ocupe o lugar de James.

Soaram grandes gargalhadas quando a outra retorquiu:

– Não gostarias de ter estado na casa de Lavinia nesse dia do inverno passado? Imagina os dois a brigarem na sala de estar sobre quem casaria com uma vulgar prostituta!

«O quê?» A sobranceira de Penelope ergueu-se quase até à linha do couro cabeludo. Adam a lutar com Charles? Por causa de uma mulher? Adam dissera que não queria Charles nem ninguém da sua família no casamento e ela não fizera perguntas porque não gostava de Charles. Na sua companhia, achava sempre que fazia troça dela por qualquer motivo que desconhecia. Agora, ao ouvir tudo aquilo, achava demasiado.

– No entanto, diria que Charles ficou com a melhor parte – comentou uma das mulheres. – A amante

desprezada do marquês é muito bonita. E muito graciosa, ao que me constou.

Penelope estremeceu. Então, a mulher de quem estavam a falar era aquela horrorosa Maggie. Penelope sabia que ela desaparecera das suas vidas, mas pensava que fora o seu pai que forcara Adam a livrar-se dela a instâncias de Penelope. Como era idiota!

– Sim, já a vi por várias vezes. No outro dia, foi uma delas. No seu avançado estado de gravidez está absolutamente radiosa.

Grávida? Um profundo sentimento de pavor começou a instaurar-se.

– Imagina: depois de perder o seu grande amor para o primo, St. Clair fica com Penelope, o pobre.

– Mas ele anda a consolar-se bastante bem. Na noite passada esteve a jantar com uma dessas atrizes que corteja. Espera só até a Penelope ouvir dizer o que St. Clair tem feito com algumas!

As duas soltaram risadas maliciosas e a angústia de Penelope foi tão grande que sentiu como se o coração pudesse saltar-lhe do peito.

– Já te contei o que ouvi sobre o bebé que o primo Charles supostamente gerou com a ex-amante de St. Clair?

– Não. O que foi?

Seguiram-se cochichos que eram obviamente demasiado escandalosos para que o par os proferisse em voz alta. Penny apoiou-se contra a balaustrada, tentando ouvir ou ver. Os sussurros terminaram bruscamente e uma das mulheres comentou:

– Mas isso é demasiado delicioso para ser verdade! É ele o pai, não é? Achas que ele a casou intencionalmente com o Charles?

«Quem? Quem é o pai?» Penelope teve de se controlar para não gritar a pergunta.

– É possível. Ouviste obviamente dizer como a mulher de Charles está relacionada com toda a gente? – As mulheres começaram a afastar-se e as vozes distanciavam-se a cada passo. – Ela e Penelope...

O resto da conversa perdeu-se na noite.

«O que é que ela me é?», perguntou Penelope ao céu escuro. Oh, aquilo era o horror dos horrores! Andaria toda a gente a falar dela pelas costas? Deliciavam-se com aquelas odiosas coscuvilhices? O seu casamento iminente, o momento romântico com que sonhara toda a vida era simplesmente forragem para uma bisbilhotice perversa ateadada por Adam?

Iria pôr termo ao que quer que ele tivesse feito! Não estava disposta a ser alvo de uma troça tão malévola em vésperas do seu dia glorioso. Com uma firme determinação e uma raiva que só alguém que sempre obtivera tudo na vida poderia entender, regressou ofegante ao salão de baile, resolvida a enfrentar o seu rebelde noivo. Não seria motivo de chacota! De forma alguma!

Demorou uma hora a localizá-lo. Tinha-se enfiado numa salinha de leitura ao fundo de um corredor deserto, onde conseguira encontrar uma pequena brisa. A única janela estava aberta de par em par e ele sentara-se encostado ao caixilho, desfrutando o ar. Bebia qualquer líquido escuro e, caso ela lhe pudesse ter visto o olhar, certamente se mostraria mais prudente, mas o brilho da única luz acesa era demasiado fraco para lhe permitir essa avaliação.

– Onde estiveste? – perguntou, irritada. – Procurei-te por todo o lado.

– Olá, Penelope – saudou, bebendo um trago do conteúdo do corpo e observando-a sobre a borda. – Não sabia que necessitava da tua permissão antes de abandonar o salão de baile.

A jovem ignorou a provocação e seguiu corajosamente em frente.

– Preciso de falar contigo. Sobre vários assuntos da máxima importância.

– Avança. Nunca nada te impediu antes.

Incitou-a com um gesto e cruzou os braços sobre o peito, à espera.

– James está de regresso da sua lua de mel.

- Sim, ouvi dizer.
- Não quero tê-lo nem àquela... àquela mulher com quem ele casou no meu casamento.
- Não te preocupes – retorquiu com uma gargalhada. – Não viriam nem que lhes pedíssemos.

A frase paralisou-a.

A ideia de que alguém optaria por não assistir ao seu casamento era ridícula. Caramba! Era o evento social da temporada! As pessoas lutavam por convites.

- O que queres dizer? – inquiriu, franzindo o sobrolho.
- Quero dizer, minha querida, que eles não gostam de nenhum de nós.
- Bem!

A afirmação desconcertou-a, pois não conseguia simplesmente imaginar que alguém não gostasse dela.

- Querias mais alguma coisa?

– Sim, na verdade. – Apercebendo-se de que estava a perder alguma da coragem de que necessitava para a luta, recompôs-se mentalmente e prosseguiu: – Não querias o Charles no casamento e estava a interrogar-me... Quer dizer, ouvi uma coisa... – Aquilo era mais difícil do que imaginara. Não tinha a mínima formação para discutir assuntos tão íntimos e escandalosos com um homem. – As pessoas andam a falar e... bom... quero que o meu casamento seja especial e se ele e a mulher aparecessem...

– Não te preocupes – ripostou Adam num tom brusco. – Não vão aparecer. Também não gostam de nós.

- Porquê? Aconteceu alguma coisa entre ti e o Charles?

Pronto! Dissera as palavras!

- Tivemos um desentendimento.
- Por que motivo?

Pela primeira vez, o comportamento para com ela pareceu suavizar-se um pouco. Abandonou a postura irritada.

- É tarde e há várias horas que deixei de me divertir. Acho que talvez devamos ir embora.

– Quem é a mulher de Charles? – Adam manteve-se estoicamente silencioso e ela obrigou-se a formular a pergunta que tanto a tinha assustado quando ouvira as mulheres a conversar lá fora. – Que grau de parentesco tem contigo? E comigo? – explodiu, furiosa ao ver que ele permanecia calado.

- Basta! – ordenou, engolindo o resto da bebida. – Vamos embora, Penny.

– Não vou até responderes às minhas perguntas. As pessoas andam a falar sobre mim. Sobre nós. Não o suportarei!

- Sempre o fizeram. Apenas não prestaste atenção.
- Mas não desta maneira – sibilou. – Quem são as atrizes que cortejas?

Adam ergueu uma sobrancelha.

- Esse não é um tópico apropriado para uma discussão entre nós e não quero que fales mais dele.

Céus! Parecia o pai a ralhar-lhe. O pensamento enfureceu-a ainda mais.

– Não o permitirei, estás a ouvir? Não permitirei que passes tempo com prostitutas e atrizes enquanto as pessoas se riem nas minhas costas!

Adam afastou-se da janela e inclinou-se sobre ela.

– Sei que o teu pai te educou com uma incrível tolerância, mas tens de aprender uma coisa a meu respeito: não serei tão tolerante. A minha vida privada é isso mesmo. Privada. Não me interrogarás sobre ela, nem tentarás meter-te nos meus assuntos. Fiz-me entender?

- Ainda amas essa horrorosa Maggie? É por isso que não me ligas?
- Vou procurar a tua mãe – disse Adam com um suspiro – e iremos embora.

Dado ter chegado tão longe, parecia incapaz de ficar por ali.

– Ela está grávida de ti? – sussurrou.

Embora Adam não lhe respondesse, a silenciosa e maldita verdade espalhou-se pela divisão e ela detetou subitamente muitas coisas com uma impressionante nitidez.

Ele não a amava. Nunca a tinha amado nem a amaria. Todos os seus sonhos de uma vida a respeito de amor e de paixão não passavam de fantasias de adolescente. Aquele frio e duro homem seria seu marido e ela passaria pela vida solitária e estéril que a mãe suportara durante todos os dias da sua existência enquanto o pai se gratificava com uma corrente de mulheres.

– Não vou seguir em frente – anunciou, recuando. – Não me casarei contigo. Vou falar com o meu pai. Agora.

Enraivecendo-a ainda mais, Adam limitou-se a encolher os ombros.

– Faz o que tens a fazer. Pouco me importa.

Muito depois de dever ter sido capaz de ouvi-la, imaginou os seus passos furiosos desaparecendo pelo corredor. Encostou-se ao caixilho, voltando a aproveitar a brisa fresca da noite enquanto contava os dias que faltavam para o casamento. Vinte e um. Vinte e um dias.

Então, as pessoas andavam a bisbilhotar? E Penelope tinha ouvido finalmente várias das histórias. Bem, só podiam beneficiá-la. Talvez crescesse um pouco. Com alguma sorte, viria a compreender algo sobre a vida e os desgostos das pessoas que a rodeavam. Talvez aprendesse que às vezes se deve ter cuidado com o que se deseja porque se pode obtê-lo. Como o casamento com um sacana como ele próprio.

Um ano antes, embora há anos que Harold andasse a insinuá-lo, ela tentara lançar-lhe o isco e agora tinha-o, quer o quisesse ou não. Adam estava certo de que o casamento se realizaria. Penelope bem podia fazer beicinho e lamuriar-se ao pai até à exaustão, mas Harold estava empenhado na união e não havia nada que ela pudesse fazer para mudar o rumo dos acontecimentos. Iriam casar dali a três semanas.

Por um momento pensou em voltar a encher o copo, mas recuou. Já havia ultrapassado o limite do razoável. Se estivesse um pouco mais sóbrio, não a teria tratado tão bruscamente, mas tudo nela lhe bulia com os nervos e, embora conseguisse lidar com ela quando estava sóbrio, semibebido era outra coisa.

Nos últimos dois meses, sempre que estavam juntos, ela só falava nos vestidos que levaria às grandes festas antes do casamento. Como podia alguém ser tão egocêntrico e tão entediante era algo que lhe ocupava o pensamento durante as longas horas em que a ignorara por completo. Também tinha passado muito tempo a calcular o acréscimo de riqueza e de bens que estava prestes a receber quando casassem. Era atualmente o seu único consolo.

Já se escoara muito tempo desde a altura em que a vingança contra Maggie lhe importava. A raiva que se impusera devido ao casamento dela com Charles desaparecera rapidamente, dando lugar a um sentimento de traição. Por fim, restou apenas a solidão, um profundo e doloroso sentimento de perda relativo a ela e a como a sua vida fora antes. De facto, não só a perdera, mas também o seu primeiro filho e igualmente James e Charles. Tinha ficado com a mãe, Penny e Harold, bem como a vida superficial e idiota a que se resumia o quotidiano deles. Tentara preencher o vazio com várias mulheres, mas foi um desperdício de tempo. Nada ajudou.

A brisa agitou-lhe o cabelo e fechou os olhos, inalando bem fundo o cheiro às rosas de verão que desabrochavam no exterior. Imaginou o irmão e o primo na companhia das suas adoráveis e fogosas mulheres. Sentados juntos algures, talvez na casa de Charles, rindo e conversando enquanto se deleitavam com uma boa refeição. Maggie estaria sorridente e feliz.

Céus! Pensar nela era tão doloroso que afastou a sua imagem, revivendo a sua fantasia favorita, trazendo-a de casa de Charles para a dele. Para a sua casa no campo, para a sua cama, onde sempre a tinha imaginado deitada nua na cama sob o sol da manhã. O anel com a ametista que lhe tinha comprado

como presente de Natal e trazia sempre no bolso, brilharia no dedo dela. Teria o ventre inchado com o seu filho e ele inclinar-se-ia, depositando um beijo suave no volumoso abdômen no preciso momento em que o bebê dava um pontapé...

Calmamente deixou que o sonho se esvaísse.

Depois, sozinho e sem que o vissem, deixou o baile e regressou ao seu santuário privado na casinha de Maggie.

Robert mantinha-se encolhido nas sombras do outro lado da rua onde se situava a casa de Charles. A noite de junho apresentava-se excessivamente quente e todos mantinham as janelas abertas, tentando encontrar um pouco de conforto após o dia escaldante. A luz de velas brilhava num dos quartos do andar superior e chegava-lhe aos ouvidos o som de conversas e de riso, embora não conseguisse distinguir nenhuma das palavras.

Charles estava lá, juntamente com o seu primo James e as mulheres de ambos. Desde a semana anterior que jantavam juntos todas as noites, a partir do momento em que James tinha regressado da sua lua de mel. Com a gravidez numa fase tão avançada, a mulher de Charles raramente saía e por isso ficavam em casa e recebiam vários convidados à noite. Havia sempre uma série de amigos à volta de Charles. Ele era uma daquelas pessoas por quem toda a gente se sentia de imediato atraída.

Dantes, Robert fora uma dessas pessoas. *Ele* tinha sido convidado para os jantares e as festas. *Ele* tinha partilhado o riso e o convívio. *Ele* recebera a amizade e o respeito de Charles e de todos os seus amigos. Movimentar-se no círculo de Charles fizera com que se sentisse inteligente, espirituoso e requintado e ansiava por regressar a esses dias inebriantes quando se achara totalmente integrado.

Quando Charles lhe ofereceu a possibilidade de investir dinheiro em alguns dos seus empreendimentos, tinha agarrado a oportunidade, desejando parecer mundano e versado aos olhos de Charles. Tinha ganho algumas libras no primeiro empreendimento e mais algumas no segundo e ainda mais no terceiro. Parecera tão fácil e quando a hipótese de maiores proventos lhe surgiu pela frente, aceitou rapidamente e com entusiasmo. O único problema residia em não ter acesso aos tipos de fundos que Charles solicitava para a participação e assim tinha arriscado com dinheiro que não lhe pertencia.

Robert precisava absolutamente de recuperá-lo! As últimas e mais insistentes ameaças do pai haviam surgido e Robert ignorava como encontrar uma solução. Ao longo de todo o processo, tentara persuadir Charles a salvá-lo da loucura cometida, mas Charles tinha-se negado a recompor as coisas.

Ao contemplar o mundo através da conturbada percepção da realidade, Robert tinha a sensação de que todos os problemas haviam começado quando Charles conhecera a mulher. Tudo tinha corrido sobre rodas até essa altura. Charles esforçara-se por arranjar dinheiro a fim de recompensar o que Robert tinha perdido, mas a mulher parecia tê-lo enfeitiçado através da rápida amizade entre ambos e do casamento ainda mais rápido.

Os seus belos vestidos, as joias, a casa no campo, as festas com amigos – Robert tinha a certeza de que tudo isso estava a ser financiado, da forma mais luxuosa, com fundos que há muito lhe deviam ter sido devolvidos.

Agora, o bebê estava prestes a nascer e Charles teria muitos mais motivos para gastar dinheiro com a família. Robert percebeu com consternada nitidez que todas as oportunidades de que pudesse dispor para resolver a sua situação acabariam mal a criança nascesse. Com o rodar dos dias, estava cada vez mais convencido de que, se a mulher de Charles desaparecesse das suas vidas, tudo regressaria à normalidade.

Alguma coisa tinha de ser feita e depressa.

Maggie olhou para as mãos e depois levantou a orla da saia para examinar os pés de relance. O inchaço tinha diminuído bastante, mas, no mês anterior, mal se levantara. O resultado final era que parecia estar bem fisicamente, mas, a nível emocional, sentia-se por completo limitada. Após uma série de dias exceccionalmente quentes e de um número igual de noites incómodas, a casa era demasiado desconfortável para caber em palavras. Não conseguiria respirar se permanecesse no interior por mais um segundo e sabia que tinha de sair ou enlouqueceria.

Pela primeira vez em duas semanas, James e Anne foram jantar noutra sítio, experimentando um novo restaurante antes de se dirigirem à sua casa no campo no dia seguinte. Embora Maggie desejasse que permanecessem até ao nascimento do bebé, compreendia a sua necessidade de saírem da cidade antes que o casamento de Adam se aproximasse mais. Felizmente, eles podiam ir embora. Ela estava presa até que o bebé nascesse e tivesse idade bastante para viajar. Graças a Charles e ao seu estilo de vida reservado, era capaz de aguentar o quotidiano como se nada de importante acontecesse no mundo exterior e, na maioria das vezes, conseguia afastar da mente a data do casamento iminente.

– Charles, vou esperar lá fora – disse em voz alta para o andar de cima.

– Desço já – respondeu ele.

Havia um bar na vizinhança a poucos quarteirões de distância. Tinham resolvido ir até lá a pé, desfrutar do fresco da noite, deixar que Maggie descansasse um pouco num dos bancos e em seguida regressar. Ela tinha a certeza de que o exercício lhe faria bem e necessitava desesperadamente de ar fresco. Abriu a porta, satisfeita por deparar com todo o movimento da ruazinha, depois de ter passado tanto tempo fechada no interior.

Havia muitas pessoas lá fora, tentando encontrar algum alívio das divisões aquecidas das casas. As sombras noturnas do dia de verão eram maravilhosas e ergueu o rosto, contemplando o cimo dos edifícios que a rodeavam. Algures, à distância, num sítio que não podia divisar, decerto ocorria um incrível pôr do Sol. À sua volta tudo se apresentava envolto em tons de púrpura e laranja.

Desejosa de ver se conseguiria vislumbrar qualquer pedaço do céu deslumbrante, arrastou o físico volumoso até à esquina, esperando alcançar uma visão mais ampla para lá da fieira de casas. Nem por um momento lhe ocorreu interrogar-se sobre se estaria segura. Aquela era uma vizinhança tranquila e simpática e Charles viria logo atrás dela.

A menos de seis metros, Robert saiu da ombreira de uma porta. Maggie revirou os olhos, frustrada. Tinham-se encontrado frente a frente em numerosas ocasiões. Pela maneira como o indivíduo os seguia,

era impossível que tal não acontecesse. Maggie tentara mostrar-se delicada e afastara-se sempre com a sensação de que o jovem era solitário e confuso. Era inútil qualquer acesso de raiva. Charles já usara o método por várias vezes, sem resultado.

– Olá, Robert – cumprimentou. – Está uma noite fantástica, não acha?

Não obteve resposta. Embora no passado se tivesse mostrado sempre educado, nessa noite fitava-a com tamanha antipatia que ela se sentiu incomodada. Com um encolher de ombros resignado, tentou dar a volta junto dele. Robert colocou-se na sua frente, impedindo-lhe a passagem. Ela mudou-se para o lado oposto com o mesmo resultado. Uma terceira tentativa provou-se igualmente vã. Maggie emitiu um longo suspiro de frustração. Andar naquele seu estado já era bastante difícil sem ter de ultrapassar uma coisa daquelas.

– Oh, por amor de Deus! Deixe-me passar! – ordenou-lhe.

– Odeio-a – proferiu ele veementemente como resposta.

Maggie ergueu a cabeça e fitou o rosto bonito e juvenil. Robert respirava com dificuldade, tinha as faces muito coradas e os olhos emitiam um brilho raivoso e perturbador. Sentiu-se repentinamente com medo e recuou um passo, pensando regressar à casa. Nesse momento, Charles chamou-a por trás e ouviu os passos dele a aproximarem-se.

– Maggie? Trouxe-te um xaile para o caso de estar mais frio quando voltarmos.

Com os olhos arregalados de medo, ela virou-se e olhou-o por cima do ombro. Até Charles se aproximar, Robert mantivera-se a coberto da vista dele. Seguiu-se um silêncio constrangedor.

– Estás bem? – perguntou Charles meigamente.

– Sim – respondeu ela. – Ele parece muito perturbado com qualquer coisa. Talvez seja melhor irmos para dentro.

– Tens razão. Depois venho cá fora e lido pessoalmente com ele – anuiu, dando-lhe o braço. – As minhas desculpas...

Começaram a encaminhar-se para a residência, mas a ordem brusca de Robert deteve-os.

– Não. Não se mexam.

Ao dar meia volta, Maggie abriu muito os olhos, horrorizada. Robert segurava uma pistola. Parecia uma arma muito pesada, pois a mão dele tremia e o cano comprido balançava muito, mas a extremidade encontrava-se diretamente apontada ao seu abdómen. Por instinto, ela tapou o bebé com as mãos num gesto protetor.

– Robert! – exclamou Charles num tom ríspido. – O que estás a fazer? Enlouqueceste de todo?

Robert mantinha o olhar fixo em Maggie.

– Odeio-te. Tudo isto é culpa tua.

Mais tarde, muito mais tarde, quando Maggie conseguia suportar a recordação, os momentos seguintes repetiam-se na sua mente com uma lentidão agonizante. Todo o movimento da rua parou. As pessoas calaram-se, as crianças deixaram de brincar e os cavalos não relinchavam. Uma voz distante penetrou o silêncio:

– Céus! Olhem! Esse homem está armado! – Todos se viraram na direção do estranho trio, paralisado. A pistola surgiu. O dedo de Robert dobrou-se no gatilho, firmando o cano.

– Não! – rugiu Charles.

Foi a última palavra que pronunciou. Robert disparou no preciso instante em que Charles saltou na frente dela, a fim de afastá-la para que Robert não pudesse feri-la nem ao bebé. Foi atingido no meio do peito e caiu por terra como um monte de trapos.

Muitas vezes ao longo da vida relembriaria aquela visão terrível em sonhos, gritando no sono ao ouvir o derradeiro grito de Charles que causava sempre o final do sonho e tudo voltava ao normal.

Gerou-se um pandemônio na rua. Confusão e gritos, fuga dos espetadores. Alguém estava a gritar. Uma mulher. Gritos e um choro interminável. Quem era a mulher que gritava?

Nas suas recordações, ficava sempre surpreendida ao perceber que tinha sido ela própria. Gritando de choque e horror, ajoelhada ao lado do marido, enquanto o sangue lhe brotava do peito, ensopando a camisa até escorrer para a calçada, formando uma poça enorme.

A arma de Robert, que continha uma única bala, estava vazia. Ele nem sequer tentou fugir, mas atirou a arma de ataque para a calçada onde ela deslizou para baixo de uma carroça. Vários homens agarraram-no enquanto outros correram a chamar um cirurgião e um polícia. O cirurgião chegou tarde de mais e foi desnecessário. O polícia, juntamente com outros colegas, levou Robert.

Maggie permaneceu na rua, embalando o marido morto nos braços. Os vizinhos sussurravam entre eles, interrogando-se sobre o que fazer, mas nenhum se atreveu a interromper aquela cena dilacerante para lhe pedir que se afastasse do homem que cometera um ato tão heroico e ela permaneceu ao lado dele, acariciando-lhe o cabelo e murmurando palavras meigas enquanto acabava o dia e começava a noite.

Por fim, Anne apareceu e levou-a para dentro.

Adam permanecia na frente do salão de baile, perto do fundo das escadas. Os convidados de honra formavam uma fila para receber os recém-chegados à sumptuosa festa que se prolongaria até ao amanhecer. Era a primeira de muitas que levariam ao dia do casamento dali a duas semanas.

Harold Westmoreland mantinha-se junto da família: mulher, filho e filha – a infeliz e futura noiva Penelope. Lucretia estava de pé, do outro lado. Se não oferecessem uma imagem tão patética, teria soltado uma gargalhada ante o ridículo da situação. Desde a sua briga com Penny na semana anterior, tinha-a visto duas vezes. Ela não lhe falara em nenhuma delas e ele nem sequer tentara apresentar desculpas.

Harold tinha-o puxado de lado no clube para o informar de que Penny tinha andado a bramar e vociferar a semana inteira que não se casaria com Adam St. Clair. Ele mencionara o facto, não por querer saber o que Adam fizera para causar aquele descalabro, mas para garantir a Adam que o casamento iria em frente segundo o planeado. Cansado de ouvir o rosário de queixas de Penny, o duque tinha optado por mantê-la fechada nos seus aposentos durante as horas que passava em casa para não ter de aguentar mais birras.

Penny sentia-se infeliz, mas também era demasiado educada para o demonstrar. Parecia deslumbrante com o vestido e as joias, semelhante a uma princesa de um conto de fadas. Quando os outros podiam ouvi-la, conversava, ria, namoriscava com Adam. Mal se afastavam, calava-se e o veneno escoava-se para os familiares que se encontravam próximos, nenhum dos quais tinha ilusões quando ao casal supostamente feliz.

Adam desejava poder nutrir um pouco de ternura no coração por ela, mas parecia impossível. Sempre que a fitava, via Maggie. Sobretudo, daquele ângulo. De perfil pareciam, bem... irmãs. Que estupidez havia cometido. O que quer que agora lhe acontecesse era sem dúvida merecido pela confusão que provocara na vida de todos.

A música estava prestes a começar e o casal de noivos teria de abrir o baile. A dança seria sem dúvida extremamente dolorosa. Penny manteria um sorriso no rosto, os olhos fixos no seu peitilho e nenhum dos espetadores teria de se aperceber da sua irritação. Se possuísse um pinga de cavalheirismo, faria algo para lhe minorar a tristeza, mas infelizmente não ligava o bastante aos sentimentos dela ou aos seus para retificar a situação.

Olhou de relance para o relógio. Caramba! Ainda era cedo. A excruciante noite nunca mais terminaria e

as próximas duas semanas de festas quentes e abafadas estendiam-se na sua frente como a estrada para o inferno. Alargou o colarinho e virou-se um pouco. Harold tinha colocado vários criados por trás da fila de receção, agitando sem cessar leques enormes para tentar refrescá-los. O leve movimento soube-lhe bem na face.

Ao voltar-se, viu que o mordomo de Harold entrara no salão de baile e sussurrava ao ouvido do duque.

Harold ergueu as sobrancelhas.

– Tens a certeza? – A forma como olhou para Adam provocou-lhe um calafrio na espinha. O mordomo sussurrou algo mais e Harold respondeu: – Sim, sim. Está bem. Tratarei do assunto.

O criado afastou-se e Harold virou-se para os que se encontravam em seu redor.

– Adam, Lucretia. Preciso de falar com os dois. Vamos para um sítio onde possamos ter um pouco de privacidade.

– O que se passa, Harold? – quis saber Adam, mas este ignorou a pergunta com um gesto.

Com Penny e o resto da família na sua peugada, conduziu-os através da multidão ao longo das escadas e, enquanto as subiam, Adam teve a certeza de ouvir um sussurro de notícias perigosas espalhando-se pelo meio dos convidados. No topo, Harold levou-os pelo corredor até uma pequena sala de estar e fechou a porta quando todos estavam no interior.

Parecendo um pouco abalado quando se virou para enfrentá-los, anunciou:

– Acabei de receber informações angustiantes. Achei que deviam sabê-las imediatamente.

O coração de Adam batia acelerado.

– O que se passa?

– Parece que o seu primo, Charles Billington, foi morto ao princípio da noite.

– O quê? – exclamaram todos, ofegantes.

– Como? – balbuciou Adam.

– Foi assassinado. Na rua em frente da sua casa por qualquer homem armado. Com um tiro no peito.

A revelação silenciou-os. O assassinio era algo muito raro. E o facto de acontecer mesmo em frente da casa de um homem! Para onde caminhava o mundo?

Harold fitou Adam, exigindo a sua atenção.

– Estava a apanhar o ar da noite. Com a *mulher*. Ela encontrava-se ao lado dele quando tudo aconteceu.

Os murmúrios dos outros que não conheciam todas as nuances da situação ocultaram a silenciosa troca de mensagens visuais entre Adam e Harold.

– Maggie? – perguntou Adam, horrorizado. – Ela... ela está bem?

– Sim. Saiu ilesa, mas ficou extremamente perturbada. Parece que ele morreu nos seus braços. – A afirmação provocou outra vaga de protestos dos presentes na sala. Embora não conhecessem a jovem viúva, aquilo era algo demasiado terrível de imaginar.

Harold prosseguiu sem erguer a voz:

– Levaram o Charles para casa da sua tia Vinnie. James e a mulher também se encontram lá, juntamente com a viúva de Charles.

Adam estava excessivamente atordoado para usar da palavra. Charles estava morto? Assassinado? Maggie sozinha e em sofrimento? O filho deles! E o bebé? A criança estaria bem? Tinha de saber, mas não podia perguntar a Harold. Não diante dos presentes ali reunidos.

– Tenho de ir até junto deles – disse num fio de voz.

– Achei que poderia desejá-lo – concordou Harold. – Já mandei que trouxessem a sua carruagem.

– O quê? – gaguejou Penny, virando-se para Adam. – Não podes ir embora. O baile só acabará daqui a

várias horas. Não o suportarei, digo-te! Nem pensar!

– Por amor de Deus, Penny! – repreendeu o pai. – Cala-te.

– Nem pensar! – sibilou ela. – Depois de tudo o que aturei! E agora, ele acha que pode escapar-se a meio do meu baile. O que dirão as pessoas? O que vão pensar?

A última frase arrancou Adam ao seu estado de choque.

– Com os diabos, quem se importa com o que eles digam ou pensem?

– Eu importo-me.

– Pois eu não, e nem acredito que achas que devemos ficar aqui a conversar e a beber ponche depois de uma coisa destas ter acontecido ao meu melhor amigo.

– Ele já não é o teu melhor amigo! Não gosta de nós, lembras-te? – retorquiu, estreitando os olhos de raiva. – É por causa dela, não é? Estás só a usar isto como desculpa para ires vê-la.

– Não entendes nada de nada? – explodiu Adam, levantando os braços, exasperado. – Sobre a vida? Sobre as pessoas?

– Entendo que preferes passar a noite a consolar a jovem viúva enlutada do que ficares ao meu lado, onde é o teu lugar. Como podes estragar a minha festa de uma forma tão desprezível?!

– Tenho de sair daqui – gemeu Adam, virando-se na direção da porta.

– Não te atrevas a sair! – ordenou Penelope. – Proíbo que o faças!

Abanando a cabeça com tristeza, Adam olhou para Harold.

– Encarregue-se do assunto por mim.

– Vá! Vá! – incitou Harold com um gesto da mão. – Apresentarei as suas desculpas a quem achar necessário. A *maioria* das pessoas compreenderá o que motivou a sua ausência.

O tom de voz e a ênfase vincaram que Penelope não se inseria nesse grupo e que estava a falhar por essa razão.

Adam dirigiu-se rapidamente à porta, mas, antes que pudesse abri-la, a mãe pousou-lhe uma mão no braço.

– Mãe, não tenho tempo para isso – disse cada vez mais irritado.

Lucretia inclinou-se para ele e sussurrou:

– Não te atrevas a abandonar esta festa. Como podes pensar em humilhar a Penelope desta maneira? Como podes fazer-lhe isso ou a mim?

– Pare com isso.

– Alguém tem de te chamar à razão.

– Mãe – começou, respirando fundo e tentando manter a calma. – Charles era seu sobrinho e Vinnie é sua irmã. Era o seu filho preferido. Isso não significa nada aos seus olhos?

– Neste momento, não. Temos outras responsabilidades mais prementes.

– Não. Não temos nada mais importante do que oferecer a Vinnie o apoio de que ela precisa agora.

– Não basta que um dos membros da nossa família esteja presente, envolvido nessa confusão escandalosa? – retorquiu, apertando-lhe o braço com o máximo de força que conseguiu. – Também precisas de te meteres?

– Claro que sim. Charles era meu amigo.

– *Era* teu amigo. Nunca te perdorei se nos fizeres isso.

– Muito bem – anuiu calmamente o que lhe provocou um suspiro. – Boa noite.

Sem olhar para trás, abandonou a sala e abriu caminho até à porta. Os convidados apartaram-se enquanto ele se precipitava para o exterior, dado a coscuvilhice já se haver espalhado.

Quando a carruagem parou com estrondo na frente da casa de Lavinia, Adam tremia de emoção. Que desperdício aqueles últimos meses! Passara-os zangado com James, com Maggie, com Charles.

Albergara uma enorme animosidade em relação a Anne e agora isto! A tragédia levava a que tudo o mais parecesse tão banal. Todas as brigas e todos os ciúmes. Os silêncios e as separações. Para quê? Para que as últimas palavras que dirigira a Charles tivessem sido de ódio e de rancor?

Confrontado com a magnitude do que acontecera, mal conseguia recordar-se do motivo por que tinha discutido com qualquer deles. Tudo parecia tão insignificante.

Sentiu os olhos cheios de lágrimas ao recordar a amizade e a alegria que Charles trouxera diariamente à sua vida, onde existia tão pouco dessas sensações. A própria ideia de que não voltariam a ver-se, de que nunca poderia desculpar-se por aquele último encontro, de que nunca poderia agradecer-lhe por tomar conta de Maggie e do bebé...

Os arrependimentos cresciam a um ritmo tão rápido que mal conseguia anotá-los. Tudo o que desejava agora era ver James e Anne, fazer as pazes. Em seguida, ver Maggie. Falar com ela e abraçá-la. Verificar com os seus próprios olhos que ela estava bem. Descobrir o que ela precisava, como poderia ajudar.

Desceu da carruagem. Algumas luzes brilhavam no interior e havia mais alguns veículos na entrada circular. Subiu os degraus a correr e bateu bruscamente à porta. Hodson atendeu logo, vestido impecavelmente como de costume, o que poderia ser engraçado tendo em conta que a noite ia a meio, mas o homem estivera sem dúvida a chorar.

– Boa noite, Lorde Belmont – saudou com voz trémula.

– Olá, Hodson. Acabei de saber a horrível notícia e tive de vir.

Deu um passo para entrar e em seguida apercebeu-se de que Hodson se mantinha no centro da ombreira, bloqueando-lhe a entrada. Pela primeira vez na vida, Adam sentiu-se chocado ao perceber que não era bem-vindo na casa da tia. Em qualquer outra das suas visitas, o mordomo limitar-se-ia a abrir a porta e a dar-lhe passagem sem hesitar. Dessa vez, não detetou boas-vindas nos seus olhos ou na sua atitude.

– Posso entrar? – perguntou Adam finalmente.

– Desculpe, milorde, mas a sua tia entregou-me uma lista de quem deve ter permissão para visitar neste horrível momento.

Seguiu-se uma longa pausa enquanto Hodson esperava que o resto da mensagem assentasse. Havia uma lista e o nome de Adam não constava da mesma.

– Talvez tenha sido um descuido, Hodson. Por favor, quero apresentar condolências aos membros da minha família.

– Sinto muito, *sir*. Por favor, volte a tentar amanhã. Talvez Lady Billington esteja disposta a recebê-lo nessa altura.

A porta começou a fechar-se na sua cara, mas Adam estendeu o braço e apoiou-o contra a madeira.

– Hodson! Por favor!

– Quem está aí, Hodson? – A voz masculina ouviu-se por trás do mordomo e Hodson descontraiu-se visivelmente quando se virou e olhou por cima do ombro. – É o seu irmão, *sir*.

James aproximou-se da ombreira da porta, tomando o lugar do mordomo.

– Obrigado, Hodson. Eu trato do assunto.

Hodson afastou-se nos bicos dos pés e deixou os dois irmãos face a face, num silêncio constrangedor.

– Olá, James – cumprimentou finalmente Adam.

– O que desejas?

– Acabei de saber a notícia. Vim ver o que podia fazer.

– Diria que já fizeste muita coisa – resfolegou James.

– Por favor, James. Não é altura para discutirmos.

– Não, acho que não – anuiu James num tom mais calmo.

– Queria ver a tia Vinnie. E a Maggie, se for possível.

James abanou a cabeça.

– Elas não estão a receber visitas. Talvez possas tentar novamente daqui a uns dias.

– Posso ver o Charles?

– O agente funerário ainda está aqui – respondeu ele como forma de recusar o pedido.

Adam questionou-se sobre o momento impróprio de formular o que se seguiria, mas tinha de saber.

– Constou-me que a Maggie testemunhou todo o episódio. – James limitou-se a encolher os ombros, reconhecendo a evidência. – Como está a aguentar-se?

– Como seria de esperar.

– E a criança? O bebé está bem?

– O bebé está bem, tanto quanto sei.

Adam assentiu a cabeça, aliviado.

– Preciso de vê-la, James. Por favor.

– Não, Adam. Agora, não.

– Então, quando?

James passou a mão pelo cabelo num gesto frustrado.

– Volta para a tua festa – respondeu, começando a fechar a porta.

– James, por favor... – Adam não fez qualquer esforço para deter a torrente de lágrimas que lhe caíam pelas faces. – Pelo menos, dizes-lhe que estive aqui? Diz-lhe... – engoliu em seco para desfazer o nó que se formara na garganta – ... diz-lhe que, se precisar de alguma coisa, seja o que for, deve entrar imediatamente em contacto comigo. Vais dizer-lhe?

– Vou, mas não vejo que isso possa fazer qualquer diferença. – Descaiu os ombros sob o peso emocional da longa noite. Recuou, incapaz de suportar a angústia espelhada no rosto do irmão. – Vai, Adam. Volta para onde pertences.

James fechou a porta com um estalido suave e Adam ficou só no alpendre iluminado, abanando a cabeça ao perceber que queria ir para onde pertencia, mas sentindo-se como se já não pertencesse a nenhum lugar. Precisava de passar as próximas horas com amigos e familiares que lhe oferecessem compreensão e conforto, mas não existia ninguém na sua vida capaz de consolá-lo naquela hora tão triste. Envolto em dor e emoção, avançou aos tropeções para a carruagem.

\* \* \*

Maggie mantinha-se sentada na cadeira que tinha colocado ao lado do caixão. Já derramara todas as lágrimas e agora não sentia nada. Estava dormente, de olhos secos, desprovida de emoção. Havia uma tal noção de irreabilidade sobre o que tinha acontecido que se sentia qual espetadora, testemunhando acontecimentos terríveis ocorridos com outra pessoa.

Esfregou o fundo das costas e ajeitou-se na cadeira. Nas últimas horas começara a sentir muitas dores nesse sítio e continuava a dizer a si própria que se tratava apenas da tensão causada por tudo o que acontecera. Nesse momento foi acometida por uma dor aguda como se o corpo tentasse provar-lhe que era idiota ou mentirosa. Respirou fundo e depois exalou lentamente o ar enquanto o suor lhe cobria a testa. Que dia para se sentir tão mal!

Um relógio soou em qualquer lugar e apercebeu-se de que Charles estava morto há quase trinta e seis horas. Maggie mal havia saído do lado dele durante todo esse tempo. Era incapaz de suportar a ideia de que ele estava sozinho na salinha com reposteiros. Não tinha comido nem dormido, mantendo-se sentada em silêncio ao lado dele. Vigando. Fazendo companhia. Algumas pessoas vieram apresentar

condolências e não conseguiria dizer de quem se tratava ou que comentários haviam feito. O competente pessoal de Lavinia mantivera uma vigilância apertada sobre quem era admitido na casa, apenas desejando que todos tivessem uns dias tranquilos para assimilarem a morte de Charles.

Dali a pouco, viriam os homens e levá-lo-iam para sempre. Devia ir ao andar de cima e mudar de roupa para o funeral, mas não conseguia deixá-lo por um segundo. Aquele bom homem, que lhe tinha salvado a vida, não só na noite em que fora assassinado, mas muito antes, merecia que ficasse todos os minutos ao seu lado até terem de separar-se para sempre.

– Oh, Charlie – sussurrou, pousando a mão sobre a madeira macia. – O que farei sem ti?

Foi a única coisa em que conseguira pensar durante a vigília. As pessoas tinham tentado convencê-la a sair dali, a descansar e a comer, mas não foi capaz. Apenas podia sentar-se ali ao lado do marido, esperando que ele descobrisse uma forma de lhe enviar uma mensagem sobre o que deveria fazer agora.

Charles dissera que tomaria disposições para que ela e o bebé nunca passassem dificuldades, mas não sabia se o fizera. Tinham estado juntos tão pouco tempo e Charles andara sempre tão ocupado com a sua pintura e outros negócios que não imaginava se teria tratado da papelada necessária. Mesmo que ele houvesse preparado o futuro de ambos, sentia uma enorme culpabilidade quando se questionava sobre aceitar qualquer ajuda.

Ela era uma impostora. Como sua mulher e como sua amiga, totalmente indigna de quaisquer sinais de carinho por parte dele.

O pensamento focou-se em Adam, que casaria com outra mulher dali a uns dias. Como desejava que ele estivesse agora ao seu lado, segurando-lhe na mão e falando-lhe com aqueles seus modos pacientes. Estaria calmo e controlado e teria muitas respostas para as suas perguntas sobre o que lhe aconteceria no futuro.

Mais do que tudo no mundo, desejava que a levasse para o seu lar, a casinha onde havia sido tão pacientemente educada por Rose Brown. Podiam sentar-se na sua velha cama e Maggie conseguiria dizer-lhe o que era incapaz de dizer a mais ninguém. Que era ela a causa da morte de Charles. Que se não tivesse casado com Charles, ele ainda poderia estar vivo. Que supostamente era ela que devia ter morrido. Que era a pessoa que Robert queria fora do caminho. E, se tivesse morrido, como era suposto, quem sentiria a sua falta?

Em vez disso, era Charles, dono de uma família unida e com amigos leais, quem estava morto. Pobre Charles, cujo único grande erro na vida fora casar-se com ela. Tinha morrido sem nunca encontrar amor nem felicidade, porque ela estava demasiado perdida para conseguir dar-lhos. A culpa e o remorso eram os seus amargos companheiros e, se Adam estivesse presente, poderia arrancá-los do seu íntimo, mostrar-lhos e deixar que os espantasse.

Outra dor atravessou-lhe as costas quando uma porta se abriu atrás dela e soaram passos. Recusando deixar que alguém visse que se sentia tão mal, respirou fundo e aguentou até a dor começar a diminuir.

Anne puxou uma cadeira e sentou-se. Já tinha vestido a roupa para o funeral e estava pálida e tensa.

– Maggie? Chegou a altura, querida. Precisamos que vás lá para cima.

– Não quero deixá-lo – protestou com um gesto na direção do marido.

– Eu sei, mas precisamos de te preparar. E também precisas de comer alguma coisa e de descansares, se puderes. Vai ser um dia longo, quente e stressante e necessitas de manter a força.

– Quem ficará com o Charles? Não quero deixá-lo aqui sem ninguém que olhe por ele.

– O James está vestido. Ele disse que vem para baixo durante algum tempo.

– Contanto que prometas que o Charles não ficará sozinho.

– Prometo.

Maggie acabou por concordar. Podia confiar em que James continuaria a vigília. Enquanto se levantava

com as pernas a tremer e Anne ficou ao lado dela, Maggie reparou no envelope que a amiga segurava na mão.

– O que é isso?

– É para ti.

– Para mim? De quem?

– Do Adam – respondeu Anne com um suspiro.

– Ele esteve aqui?

– Sim. Passou por aqui várias vezes.

– Não consigo imaginar porquê.

– Queria ver-te, mas ignorávamos se estarias nessa disposição. James disse-lhe que te contactasse daqui a uns dias. Deixou-te isso – disse, estendendo-lhe o papel.

– Vou lê-lo mais tarde – retorquiu, detetando o olhar curioso de Anne.

Enfiou-o no bolso, sem quebrar o lacre. Nesse momento, foi invadida por mais uma dor e apenas desejava afastar-se da amiga para lhe ocultar o crescente desconforto. Segurando firmemente a mão de Anne, dirigiu-se às escadas, a fim de se vestir para o funeral.

Adam sentou-se na última fila da pequena capela. Esta encontrava-se anichada num dos lados da enorme igreja onde a família Billington tomara disposições para o funeral. Ignorando se o receberiam bem depois de haver sido rejeitado à porta de Vinnie, tinha esperado que todos entrassem antes de o fazer e sentar-se num canto pouco iluminado. Vinnie, acompanhada do filho mais velho e da família, ocupou a primeira fila. Maggie, ladeada por James e Anne, ocupou a outra. As restantes filas encheram-se com os primos e as respetivas famílias, além dos amigos de longa data e da criadagem.

O ar no interior da igreja estava quente e já fazia calor lá fora. Todos teriam de efetuar um difícil percurso até ao talhão de terreno da família, nos arredores da cidade.

O pastor procedeu rapidamente às citações espirituais e a cerimónia foi diferente das outras a que tinha assistido em que a morte era encarada como uma espécie de evento social. A tia Vinnie tinha optado por realizar uma cerimónia íntima e tranquila. Com o enforcamento de Robert marcado para dali a poucos dias, qualquer outra coisa teria parecido inconveniente.

Os elementos da família do jovem, muitos dos quais eram conhecidos de vários membros do clã Billington, encontravam-se num estado de total choque e embaraço. Ninguém sabia ao certo porque tinha Robert matado Charles, embora corressem rumores desenfreados e vis e Adam suspeitou que Vinnie recusara proporcionar forragem aos coscuvilheiros, permitindo que conhecidos de passagem assistissem ao funeral ou ao enterro. A família só desejava fazer o luto e fazê-lo em privado.

Dado não ter conseguido falar com a tia, apenas estava a adivinhar, mas essa parecia a explicação mais lógica para a simplicidade do serviço fúnebre e para as poucas pessoas presentes.

A cerimónia acabou, sem mesmo o entoar de um hino. James, juntamente com os irmãos e os cunhados de Charles, levantou-se para transportar o caixão de Charles para o exterior. Adam sentiu-se invadir por uma onda de tristeza e vergonha por não lhe terem pedido que ajudasse. Permaneceu na última fila, de cabeça baixa, olhando de relance para as pessoas que passavam.

Maggie estava com um aspeto horrível. O rosto denotava uma palidez de morte e o vestido preto parecia pesado e desconfortável. Inclinou-se um pouco para a frente, respirando com dificuldade e transpirando profusamente. Anne dava-lhe firmemente a mão quando passaram, ambas tão imbuídas no momento, que nem deram pela sua presença. Sentiu-se agradecido por isso.

Aguardou até ao final e foi a última pessoa a sair da igreja. A família reuniu-se ao fundo da escadaria, um mar de roupa e de chapéus pretos, esperando estoicamente que o caixão fosse carregado para o carro fúnebre. Vinnie mantinha-se ao lado, supervisionando aquele momento final. Maggie encontrava-se junto

dela. Adam abriu caminho por entre a multidão, sussurrando condolências. A tia Vinnie minorou muito a sua tristeza ao abraçá-lo com força, agradecendo-lhe por ter vindo. Ao virar-se para Maggie, já não se sentiu tão desenquadrado.

Maggie não dera pela presença de Adam na igreja, mas não conseguiu deixar de avistá-lo enquanto ele avançava pelo meio dos grupos de familiares de Billington. Eram todos mais baixos e de complexão pálida e ele ressaltava acima da maior parte. Maggie aguardou tranquilamente enquanto ele abraçava o irmão mais velho de Charles e beijava Vinnie. Era a primeira vez que o via decorridos seis meses e parecia tão encantador como o recordava, mas mais magro e mais triste – se isso fosse possível.

– Olá, Maggie – cumprimentou ele com uma pequena vénia e agarrando-lhe na mão.

Vista de perto, ela parecia ainda mais pálida e Adam desejou poder erguê-la do chão e levá-la para um lugar fresco e com sombra.

– Olá, Lorde Belmont. – Ela sentiu-o estremecer devido ao cumprimento formal, mas não podia dirigir-se-lhe de uma forma familiar. Deixara de ser adequado. – Obrigada por vir.

– Lamento muito – pronunciou ele baixinho, desejando poder apagar qualquer emoção da voz. Continuou a agarrar-lhe na mão, sabendo que devia largá-la, mas não conseguiu, não depois de ter passado tanto tempo desde a última vez que lhe tocara. A pergunta era desapropriada, mas, de qualquer maneira, sentiu-se compelido a fazê-la: – Parece cansada. Sente-se bem?

– Tive uns dias difíceis.

Fazia um calor insuportável e o vestido era tão apertado e incómodo que não conseguia retomar o fôlego. Parecia não existir ar à sua volta e o mal-estar aumentava de momento a momento. Todas as pessoas que observavam a pequena troca de palavras com Adam contribuíram para piorar a situação. Adam pareceu sentir a crescente atenção dos que os rodeavam, pois apertou-lhe levemente a mão e, por fim, largou-a.

– Imagino que tenha sido horrível. – Sentia-se vazio e as palavras eram inadequadas para expressar o que lhe ia no íntimo. – Cuide de si.

– Assim farei.

Falavam como dois estranhos que nunca haviam significado nada um para o outro. Ele não conseguia suportar! Pleno de uma emoção transbordante e com voz trémula disse:

– Amava Charles como a um irmão...

– Sei que é verdade – reagiu ela à declaração sincera. – Também ele o amava.

A concordância dela fê-lo sentir ainda mais a perda de Charles. Que desperdício havia sido aqueles últimos meses! Lutando por se controlar e desejando prolongar aquele momento com ela, acrescentou:

– Se houver alguma coisa que possa fazer por si, por favor, avise-me.

– É muito gentil da sua parte. Mais uma vez obrigada.

Adam sentiu-se dispensado como se não passasse de mais um rosto na multidão, mas o que esperara? Que ela lhe caísse nos braços? Que expressasse a sua dor em voz alta, permitindo-lhe dar vazão à dele? Que lhe declarasse o seu amor eterno?

Sentindo-se um idiota, recuou um passo e ficou mesmo atrás de Maggie enquanto os transportadores do caixão acabavam a sua tarefa. As pessoas começaram a falar e a juntar-se, discutindo quem iria com quem até à sepultura. Maggie mantinha-se de pé a esfregar as costas quando Anne lhe sussurrou ao ouvido:

– Tens a certeza de que te sentes bem?

– Estou tão quente... Se pudesse sentar-me um momento... – Cambaleou para um lado e depois para o outro. Várias pessoas estenderam a mão para a equilibrar. Anne agarrou-lhe no braço e ajudou-a a subir para uma carruagem. James e Anne entraram a seguir e afastaram-se num abrir e fechar de olhos.

Outros encararam a deixa como sinal de partida e, minutos depois, o cortejo fúnebre começou a descer a movimentada rua. Adam conservou-se na frente da igreja, observando-os a todos e, quando estavam praticamente fora de vista, dirigiu-se à sua carruagem e o condutor seguiu a passo lento, mantendo-se na cauda das carruagens pretas à vista.

Foram precisas quase duas horas para chegar ao cemitério. Adam desejava acima de tudo poder juntar-se aos que se mantinham junto da sepultura, mas não o fez. Tinha as suas próprias despedidas privadas a fazer a Charles e, por conseguinte, esperou sentado na carruagem superaquecida, aguardando o final da breve cerimónia. Em seguida, as pessoas abraçaram-se e trocaram algumas palavras antes de voltarem a dirigir-se a casa de Vinnie para uma ceia e em breve as únicas pessoas que ficaram eram Anne e James – e Maggie.

Anne e James mantiveram-se à distância, respeitando a privacidade de Maggie que se conservava junto à sepultura. Ela oferecia uma visão solitária e trágica, vestida de negro, com o ventre proeminente e o rosto muito pálido. Na mão segurava uma única rosa vermelha. Dava a sensação de que falava com Charles, proferindo uma última despedida e Adam tentou imaginar o que ela dizia. Que pensamentos finais lhe dominariam a mente?

De repente, fechou os olhos, a cabeça descaiu-lhe para trás e desmaiou, caindo como uma pedra sobre a relva. Adam saltou imediatamente da carruagem, correu até junto dela e ajoelhou-se ao seu lado. Anne e James também se precipitaram e Anne ajoelhou-se na frente dele. Com o bem-estar de Maggie a ocupar um lugar de relevo em todas as suas mentes, a animosidade que reinara entre eles desapareceu de imediato.

– Maggie? – chamou Adam, inclinando-se para a frente, pairando sobre ela, agarrando-lhe numa das mãos. Tirou um lenço do bolso e enxugou o suor que lhe perlava a testa, usando-o depois para lhe abanar o rosto. – Maggie? Estás a ouvir-me? – Não obteve resposta e fitou Anne que dava palmadinhas na outra mão de Maggie, tentando acordá-la. – Ela tem estado doente?

– Não, mas quase não comeu nem dormiu desde sábado à noite. – Mantiveram-se em silêncio durante um minuto, ponderando no tempo que passara desde que ela comera adequadamente. – Acho que ela está só muito angustiada esta manhã.

– E faz tanto calor. Essa roupa preta não ajuda. Precisamos tirá-la do sol.

Nesse momento, Maggie abriu os olhos e não pareceu surpreendida ao vê-lo ali, cuidando dela.

– Adam? O que aconteceu?

– Desmaiaste, pequenina.

– Estou tão quente... – Sentiu uma dor no estômago e gemeu apesar das desesperadas tentativas de não dar a entender o seu desconforto.

– O que se passa? – inquiriu ele freneticamente, percorrendo-lhe a figura em busca da causa. – Estás ferida?

– Não – respondeu com um novo gemido, apertando-lhe a mão com força. – Acho que é o bebé. Pode vir aí.

Adam olhou para Anne, de olhos arregalados.

– Não é cedo de mais?

– O tempo só acaba daqui a umas semanas. A tensão dos últimos dias deve ter acelerado um pouco as coisas.

– Precisamos de levá-la para um lugar mais fresco e erguê-la do chão.

Perscrutou o terreno, em busca de um local à sombra e avistou um pequeno grupo de árvores a uns metros de distância. Não era grande coisa, mas pelo menos poderiam protegê-la do sol. Ergueu-a, pensando em como parecia frágil embora o bebé tivesse crescido tanto.

– O que estás a fazer? – conseguiu perguntar Maggie, respirando com dificuldade.

– Primeiro, vamos refrescar-te um pouco e depois precisamos de levar-te daqui.

– Não, tenho de ficar com o Charles – protestou. – Tenho de ficar com ele...

– Não estás a sentir-te suficientemente bem para ficares mais tempo – disse com um sorriso, pensando em como ela sempre fora uma pessoa leal e dedicada e amando-a mais por isso. – Tenho a certeza de que Charles entenderia.

Adam encostou-a à sombra, contra a base de uma das árvores. Um dos criados observara os acontecimentos a uma distância discreta e trouxe um pequeno jarro de água que estava escondido sob o banco do condutor. Adam humedeceu o lenço e passou-o pelo rosto de Maggie enquanto olhava para Anne.

– Conhece os planos dela para o parto?

– Sim, ela contratou uma parteira do bairro de Charles. Devia dar à luz a criança no seu quarto, na casa de Charles.

– Então, precisamos de levá-la para lá.

A decisão fez com que Maggie entrasse em pânico.

– Não, não posso voltar lá. Não me obriguem. Não consigo suportar...

Arregalou os olhos de susto e Adam ergueu os olhos para o irmão, que se encontrava de pé, atrás de Anne. James inclinou-se e sussurrou:

– Aconteceu tudo em frente da casa de Charles. Praticamente na ombreira da porta.

– Muito bem – decidiu Adam, virando-se novamente para Maggie e pronunciando num tom meigo: – Nunca mais tens de voltar lá, se não queres.

– Obrigada – murmurou ela, fechando os olhos com alívio e respirando pesadamente quando mais uma dor lhe trespassou o estômago.

– Que tal a casa da tia Vinnie? – sugeriu a James.

– A casa dela está cheia até ao teto de hóspedes e vão fazer uma reunião de família esta noite que pode durar horas.

– Isso não é nada bom. – Olhou para James e Anne enquanto os três avaliavam silenciosamente as opções disponíveis. Por fim, levantou-se e fitou-os. – Nesse caso, está decidido.

– Como assim? – inquiriu James.

– Vou levá-la para a nossa casa da cidade. Ajuda-me a pô-la de pé.

Nem James nem Anne moveram um só músculo. James foi o primeiro a falar:

– Não podes fazer isso, Adam.

– Porquê?

– Bom, já se fala por aí. Levá-la para casa só agravaria a situação. Além disso, a mãe está lá.

– Vou mandá-la embora.

– Não estás a raciocinar claramente – disse James, pousando uma mão reconfortante no seu ombro. – Pensa no escândalo que isso causaria. E pensa na memória de Charles.

– Tens razão. Claro que tens razão – anuiu Adam, passando uma das mãos pela testa quente. – Mas o que querem que faça? Não podemos deixá-la aqui, dando à luz na relva.

Voltou a ajoelhar-se ao lado dela, humedecendo novamente o lenço e refrescando-lhe o rosto quando a melhor ideia de todas lhe ocorreu subitamente.

– Sentes-te melhor? – perguntou.

– Sim. Arrefeci bastante.

– Ótimo. Vamos sair daqui.

– Para onde me levas?

– Vou levar-te para casa. Para a tua antiga casa em Mulberry Street. Gostarias?

Maggie não conseguia acreditar na excitação que a sugestão lhe causou.

– Falas a sério?

– Sim.

– Na verdade, gostaria muito.

Adam levantou-se e voltou a enfrentar James e Anne, dizendo:

– Ela pode ter o bebé lá, onde tudo lhe é familiar e se encontra rodeada das suas coisas. O pessoal é reduzido e discreto...

James acrescentou:

– Podíamos pôr a circular que ela se retirou para o campo e não recebe visitas...

– Sim – concordou Adam – e pode ficar na casa o tempo que lhe apetecer. O que acham?

– Parece-me uma ideia maravilhosa – disse Anne com lágrimas nos olhos. – Ela nasceu nessa casa. A mãe teria gostado de saber que Maggie também daria à luz lá.

– Levá-la-ei na minha carruagem – declarou Adam, aliviado por ter encontrado uma solução. – Anne – dirigiu-se à cunhada –, vai acompanhar-nos, não vai? – O pedido de perdão divisava-se no olhar quando acrescentou baixinho: – Por favor?

– Claro que irei – disse Anne, aceitando de imediato a proposta.

Ela e James sorriram, reconhecendo e aceitando as tréguas oferecidas por Adam.

– Também virás, não é verdade? – disse Adam ao irmão.

– Claro, embora ache que provavelmente devia apressar-me a ir buscar a parteira.

– Sim... sim.

James deu a sensação de que ia a dizer mais alguma coisa. Em vez disso, deu um rápido e apertado abraço a Adam.

– Tive saudades tuas – disse ao mesmo tempo que uma humidade suspeita lhe nublava subitamente a vista.

Virou-se e correu para a carruagem, antes que Adam pudesse responder.

Adam engoliu em seco, tentando desfazer o nó que se formara na garganta; depois, ele e Anne ajudaram Maggie a subir para a sua carruagem. Tinham acabado de se instalar quando uma dor aguda a invadiu e ela lutou por respirar.

– Há quanto tempo dura isso? – perguntou ele.

– Várias horas, acho – respondeu num tom débil.

– Patetinha – murmurou, atraindo-a mais de encontro ao corpo.

– Não acho que devesse vir connosco – conseguiu articular, mal a dor diminuiu. – Pensa no escândalo que isso causaria se alguém descobrisse.

– Já pensei e não me importo. Apenas desejo estar perto quando o nosso filho nascer.

– Mas o teu casamento? E a tua mãe e a Penny? O meu pai e...

– Chiu... – Adam pousou os dedos nos seus lábios para silenciar o protesto. – Preocupamo-nos com tudo isso depois. Agora, tens coisas mais importantes em que te concentrares.

– Acho que o sol te afetou o juízo.

– Bem pelo contrário. É a primeira vez desde há muito tempo que penso com clareza.

A temperatura no interior da carruagem era medonha e, com a esperança de encontrar uma brisa, Adam bateu no tejadilho para que o condutor se pusesse em movimento. Pareceu decorrer uma eternidade antes que parassem com um solavanco na sua antiga rua. Como Adam tinha suspeitado, foi um grande alívio para Maggie olhar lá para fora e avistar o seu alpendre a dar-lhe as boas-vindas como acontecera na maioria dos seus anos de vida.

Um cocheiro abriu a porta da carruagem. Adam saltou para o exterior e em seguida ajudou Maggie e Anne a descerem. Mal os pés de Maggie tocaram no chão, uma forte contração apoderou-se dela e pararam todos, com Adam a agarrar-lhe na mão e Anne a esfregar-lhe as costas.

Quando a contração passou, Adam pegou-lhe ao colo e levou-a até à porta.

No momento em que a alcançou, Gail abriu-a.

– Lorde Belmont, está tudo... – Parou, surpreendida ao ver o que ele transportava. – Miss Maggie!

– Ela desmaiou no funeral! – explicou Adam enquanto a mulher ofegava boquiaberta. – Achamos que o bebé vai nascer.

– Oh... oh... que horrível. Que maravilha! – exclamou Gail, virando-se e liderando o caminho pelas escadas.

No topo, Adam perguntou:

– Gail, lembras-te da minha cunhada, Anne St. Clair?

– Sim. Olá, minha senhora – cumprimentou Gail. – É bom voltar a vê-la.

– Olá, Gail – respondeu Anne, sorrindo.

Gail segurou a porta e Adam dirigiu-se ao antigo quarto de Maggie. Tomando o máximo cuidado com a sua preciosa carga, pousou-a no meio da cama.

– Agora, descansa e importa-te apenas com o bebé. Deixa que nós tratemos do resto.

Maggie pegou-lhe na mão e apertou-a com força.

– Fica perto. Por favor? Aliviar-me-ia muito saber que estás lá em baixo.

– Fico, sim. Se precisares de alguma coisa, basta mandares alguém chamar-me.

Deu-lhe um beijo na testa e depois afastou-se para o lado, enquanto Gail e outra criada, as duas com um ar muito competente, entraram atrás dele, prontas a assumir as funções. Embora ele quisesse ficar, as mulheres enxotaram-no para o corredor, dizendo-lhe que aquele não era lugar para um homem e garantindo-lhe que conseguiriam lidar com tudo até à chegada da parteira.

Anne desceu muitos minutos mais tarde e desatou à gargalhada quando viu Adam a andar febrilmente de um lado para o outro.

– A esse ritmo o chão vai ficar gasto, antes que tudo acabe.

– Isto é a coisa mais horrível por que alguma vez passei – reagiu, pensando na dor que Maggie tinha aguentado na sua carruagem enquanto atravessavam a cidade.

– Bem, ela ainda está no início e passarão horas – ou mais provavelmente dias – antes que haja novidades. – Adam estremeceu com o pensamento e ela riu novamente. – Não o quero aí, contemplando-nos com olhares irritados durante toda a noite e portanto vou mandá-lo embora.

– Não posso. A Maggie precisa de mim. Pediu-me que ficasse.

– Neste momento, ela não sabe o que quer.

– Mas... mas... – gaguejou ele enquanto Anne o conduzia até à porta, mantendo-a aberta.

– Faça alguma coisa de útil. Antes do mais, dirija-se a casa de Vinnie e conte o que aconteceu.

– Esqueci-me de Vinnie – disse Adam, batendo na testa.

– Sim, ela deve estar preocupada por não termos voltado. Diga-lhe que a Maggie está comigo e que a mantereí informada quanto ao avanço das coisas. Em seguida, vá a casa de Charles. A criada da Maggie ainda lá está. Mande-a preparar um saco com os objetos pessoais da Maggie. Ela saberá o que Maggie precisa.

– Sim, claro. Ah... algumas das coisas dela ainda estão lá em cima. Até ao meu regresso, talvez encontre algo de útil nas gavetas...

Corou embaraçado por ter de confessar que nunca embalara as coisas de Maggie, tendo recebido um pequeno conforto ao longo dos meses por estar rodeado dos pertences dela.

– Darei uma vista de olhos – prometeu Anne, feliz por perceber que Adam nunca deixara de amar a amiga durante todo esse tempo. – Depois de deixar a mala, vá até ao clube, jantar e beber. Mandarei o James para lhe fazer companhia. Se houver alguma novidade, enviarei um recado.

– Tem a certeza de que devia ir-me embora?

– Confie em mim. Não desejaria estar aqui. A casa é pequena e o parto pode ser... bem... desagradável. Agora, vá!

– Cuide dela por mim! – insistiu.

– Assim farei. – Empurrou-o porta fora, com intenção de fechá-la, mas ele parecia tão triste que não conseguiu resistir a dar-lhe um abraço apertado a que ele correspondeu plenamente. – Ela ficará bem.

– Tem de ficar.

– Vá!

A carruagem de Adam parou diante da sua casa na cidade. Fizera os recados encomendados por Anne e depois tinha ido à casa em Mulberry para deixar o saco de Maggie, tencionando ficar, mas mudara rapidamente de opinião. Havia mulheres subindo e descendo apressadamente as escadas, gemidos e lamentos que lhe chegavam e sentiu-se incapaz de suportar a atividade ou os sons. Anne tinha descido para lhe garantir que estava tudo a correr bem, embora ainda estivessem nas fases iniciais. Se aquilo era o início. Adam temia imaginar como seria mais tarde.

Invulgarmente suscetível, fora-se embora a toda a pressa, convencendo-se facilmente de que havia outros assuntos importantes de que podia tratar durante as horas em que necessitava desesperadamente de preencher o tempo de ócio.

Uma das carruagens dos Westmoreland estava parada diante da sua casa da cidade e sentiu-se contente. Poderia finalizar o negócio com eles sem ter de procurá-los. A mãe também estaria certamente nas proximidades e assim também poderia lidar com ela, mas não conseguia enfrentar qualquer deles imediatamente.

Uma vez lá dentro, dirigiu-se logo ao salão azul, onde fechou a porta à chave, servindo-se depois de um uísque duplo. Quando a respiração acalmou, pronunciou algumas orações. Por Charles e pelo descanso da sua alma. Por um parto seguro para Maggie e o bebé. Deu graças pelo regresso de Anne e de James à sua vida. Em seguida, tendo recuperado forças, desceu as escadas, preparado para o confronto.

Quando chegou ao *hall* de entrada, a mãe saiu de um dos salões ao fundo do corredor, fechando as portas atrás das costas com um estalido determinado. Ergueu o rosto, avistou-o e precipitou-se na direção dele com um ar furioso.

– Onde estiveste? – perguntou, indignada. – Há uma eternidade que os Westmoreland aguardam.

– Vão superar isso. Ou não. Quero lá saber.

– O que te deu para te comportares de uma forma tão atroz?

– Passei meramente o dia a consertar a minha vida.

– O que queres dizer? Não há nada de errado com a tua vida.

– Já não – disse ele. – Tive a sorte bastante de passar uma parte da tarde com o James.

– Constou-me que ele tinha regressado – comentou ela num tom amargo. – Juntamente com a prostituta da mulher.

– O nome dela é Anne – corrigiu o mais tranquilamente que foi capaz, interrogando-se sobre como conseguira aguentar as suas observações maldosas e cáusticas durante tanto tempo. – Está casada com James, o que faz dela sua nora.

– Nunca. Jamais a reconhecerei como tal.

– Só tem a perder, diria.

– Enlouqueceste completamente? – sussurrou ela.

– Talvez – admitiu, sorrindo como um tolo. – Mas se isto é loucura, recebo-a com todo o gosto. Há muito, muito tempo que não me sentia tão satisfeito. Tem de se preparar, porque eles vêm viver comigo.

– Não podes estar a falar a sério! – ripostou Lucretia ao mesmo tempo que duas manchas vermelhas de fúria lhe coloriam as faces e cerrava um punho de encontro ao farto peito. – Como poderias recebê-los aqui? Como poderias fazer-me uma coisa dessas? Ao nome da família! – A postura dele pareceu irritá-la ainda mais. – Harold e Penelope podiam vê-los.

– Harold e Penny terão ido embora muito antes de eles chegarem. E isso recorda-me que preciso de falar imediatamente com os Westmoreland. Quer juntar-se-me?

– Qual é a urgência? – inquiriu, parecendo subitamente preocupada.

– Vou cancelar o casamento, mãe.

– Não! – exclamou, angustiada. – Não permitirei que arruines a vida dessa maneira.

– Não é da sua conta.

– Não acredito nisto! Não consigo!

– Já que estamos a falar de mudanças, resolvi que é uma boa altura de se retirar para o campo. Precisa de começar a fazer planos para regressar a Sussex.

– Eu?! – Esforçou-se por falar através da sua indignidade. – Não vou a lado nenhum.

– Vai-se embora, mãe. Quanto mais depressa, melhor.

– Não vou, isso te garanto.

– Irá, nem que tenha de a transportar à força para fora desta casa. – Uma criada passou ao lado deles e Adam continuou a falar. As suas palavras e atitudes iriam espalhar-se pelos corredores dali a pouco. Era inútil ocultar o que quer que fosse. – Não quero que incomode a mulher do James.

– Incomodá-la, eu? Esta é a minha casa. Essa prostituta não colocará os pés aqui – redarguiu, com um olhar para a porta, como se necessitasse de ir a correr e bloquear-lhe pessoalmente a entrada.

– Anne será bem-vinda aqui! – declarou Adam num tom lacónico. – Esta não é a sua casa. É minha e a Anne e o James ficarão comigo sempre que estiverem em Londres.

Cansado da discussão, passou junto a ela.

– Agora, preciso de falar com Harold e depois sugiro que comece a preparar as malas enquanto o faço. Tem andado a lamuriar-se o mês inteiro por ser obrigada a permanecer em Londres devido ao casamento com este calor. Agora, tem a oportunidade de se escapar. A casa de dote deve servir-lhe lindamente e já lá devia estar há muito tempo. Espero que parta amanhã de manhã e agradecerá se se mantivesse nos seus aposentos até à sua partida.

Sem esperar para saber se ela teria qualquer comentário a fazer, dirigiu-se ao salão e entrou. Harold andava a passear de um lado para o outro. Penny estava sentada no sofá, bebendo ponche em pequenos goles, abanando-se e, como habitualmente, com uma expressão furiosa. Quando ele entrou, levantou-se de um salto.

– Onde estiveste?

– Hoje, não comeces com o teu arrazoado, Penny. Não estou com disposição para te aturar.

Ignorando o pedido, ela contou os pecados dele pelas pontas dos dedos.

– Fugiste de mim na noite de sábado, ontem faltaste a todas as festas que estavam marcadas para nós e ausentaste-te do baile da noite passada.

Adam não respondeu, olhando em vez disso para o pai dela.

– Olá, Harold. Ainda bem que estás aqui. Preciso falar consigo.

– A sua mãe acabou de nos deixar. Estava muito nervosa. O que aconteceu?

– Aconteceu uma coisa hoje no funeral do Charles. Preciso de falar sobre isso consigo, mas primeiro tenho algo a dizer à sua filha. – Virou-se para Penelope. – Ainda bem que mencionaste todas as festas a que faltei nos últimos dois dias. Como deves lembrar-te, o meu primo direito e meu melhor amigo foi assassinado no sábado à noite. O facto de não conseguires entender os meus sentimentos nesta situação, mostra-me tudo...

Aquela declaração paralisou-a, assustando-a e fazendo com que se acalmasse.

– Não estou a dizer que não combinamos – disse ela.

– Estou eu. – Fez uma pausa, deixando que o peso das suas palavras assentasse. – Sabes que é verdade, Penny. Desprezas-me. Ainda na semana passada, imploraste ao teu pai que te libertasse disto. Aqui tens a oportunidade.

– Seu canalha desavergonhado! Depois de tudo por que passei! Não sabes o que sofri por ser tua noiva. E agora, pensar que queres pôr-me de lado, envergonhares-me diante de toda a sociedade! Não o permitirei! Vamos casar daqui a onze dias. Sugiro que te prepares.

– Não. Sugiro que *te* prepares. Não vamos casar-nos.

– Sei que está perturbado com alguma coisa, Adam – interferiu Harold. – Contudo, não nos precipitemos.

– Não estou a precipitar-me. Antes do mais, nunca devia ter-nos metido nesta confusão e assumo toda a responsabilidade pelo fracasso. – Virou-se novamente para Penny. – Podes fazer a jogada que quiseses. Podes dizer a toda a gente que te abandonei, que sou o canalha que acreditas que sou. Diz o que quiseses a meu respeito para justificares a nossa separação. Pouco me interessa!

A jovem fitou-o durante um longo e doloroso momento e depois voltou-se para o duque.

– Pai, ele não pode fazer-me isso, pois não? A minha vida acabará. Serei o motivo de chacota de toda a gente. – Atravessou a sala e agarrou no braço de Harold. – Diz que o obrigarás a ir por diante. Jura.

Harold afastou-lhe a mão à força e interpôs-se entre os dois, olhando de um lado para o outro. Pela expressão rígida e intransigente de Adam, Harold sabia que o indivíduo não se casaria com Penelope. Nem na próxima semana. Nem nunca.

Virou-se e fitou a filha.

– Acho que o mais certo é dizer que o casamento foi cancelado.

– O quê? Impossível! Não podes deixar que ele se escape assim. Por favor!

– O que queres que faça, Penny? Que o desafie?

– Sim, sim – anuiu com entusiasmo. – Mata esse canalha. Dá-lhe um tiro no seu coração negro. É o que ele merece.

Harold suspirou. Era um homem realista. Não havia nada a fazer. Se Adam recusava seguir por diante com o casamento, não podia ser obrigado. Poderiam certamente ameaçá-lo e eventualmente processá-lo por quebra de compromisso e outras idiotices, que apenas iriam arrastar a confusão, deixando apenas ossos para os abutres recolherem após o final do escândalo. A reputação de Penny jamais seria recuperada de um tal massacre público. O melhor seria reduzir os prejuízos e começar a delinear os motivos públicos e as desculpas privadas que se poriam a circular para explicar o desentendimento do par.

Na sua mente começava a formar-se uma ideia que criaria pouca especulação. Após a morte prematura de Charles, ninguém ficaria surpreso se o casamento fosse cancelado. Na verdade, as pessoas esperariam que fosse adiado. Adam exigiria um período de luto durante o qual o afeto diminuiria, acabando por desaparecer.

«Sim», pensou. Daria resultado. O raciocínio prosseguia: não haveria complicações, nem coscuvilhice.

- Vai esperar para a carruagem, Penny.
  - Não vou. Está demasiado calor lá fora.
  - Vai! – gritou, esgotada completamente a paciência para com a filha. – Preciso de falar com Adam.
- Quando tudo indicava que ela continuaria a recusar, agarrou-lhe no braço e escoltou-a até à porta.

– Odeio-te – cuspiu ela por cima do ombro para Adam enquanto Harold lhe dava um violento empurrão e lhe fechava a porta nas costas.

Os passos dela afastaram-se pelo corredor e Harold disse:

- Bem... Conte-me o que se passou.
- Decidi casar com outra pessoa – respondeu Adam, encolhendo os ombros.
- O quê?

Todos os planos que Harold tinha rapidamente esquematizado desapareceram num instante. Sentiu uma dor aguda no centro do peito e interrogou-se verdadeiramente sobre se estaria prestes a sofrer um enfarte.

– Ainda não lhe pedi – explicou Adam –, mas espero que venha eventualmente a aceitar. Não tenciono desistir facilmente.

– Está a brincar, não está? Diga-me que sim. – Examinou Adam e viu que ele falava a sério. – Quem é?

– Sabe muito bem quem é – respondeu Adam e depois aguardando em silêncio que o peso gigantesco da declaração assentasse.

– Maggie? – ofegou Harold. – Vai casar com Maggie?

– Se me aceitar. Neste momento, está na sua antiga casa em Mulberry.

– O que faz lá?

– Está a dar à luz o meu primeiro filho. Talvez o seu primeiro neto.

– Não o reconhecerei.

– Não estou a pedir-lhe que o faça. Não tenciono disputar a paternidade de Charles sobre a criança. Jamais magoaria a minha tia Vinnie ou mancharia a reputação de Charles dessa forma. A criança permanecerá dele, mas vou educá-la como sendo minha. Só partilho a verdade consigo, porque sinto que devia sabê-lo.

– E se for um rapaz? Quanto à sucessão? Já pensou nisso?

– Não vou preocupar-me com o assunto.

– Isso é uma desgraça.

– Não há como fugir dela. Além disso, já toda a gente está a par. Não quanto à paternidade do filho de Maggie, mas todos sabem que você é pai de Maggie. Nos últimos meses, inteirei-me de que há muitas pessoas que sabem da relação entre si e a mãe dela, Rose Brown. Não tem segredos que valha a pena manter.

– As pessoas podem dizer o que quiserem. Não vão obter qualquer confirmação da minha parte.

– Se acha que revelar-se como sendo o pai de Maggie seria embaraçoso, lamento por si. Na verdade, se é isso realmente o que pensa, posso garantir que nunca verá o seu neto. – Adam deu um passo na direção da porta. Queria voltar para casa de Maggie, ver se James tinha voltado, saber o que se passava com Maggie. – Não me interessa o que decidir fazer. Só o aviso para que tenha algum tempo para imaginar como explicará tudo isso à sua mulher e à Penny. É natural que lhes chegue a palavra. Surpreende-me que ainda não tenham ouvido a verdade.

– Tenho de sair daqui – murmurou Harold. – Acho que vou ficar doente.

Adam abriu a porta da sala quando Harold saiu para o corredor.

– E, por favor, Harold, tenha piedade da Penelope. Arranje-lhe um compromisso com alguém que partilhe a sua visão das coisas. Encontre alguém que cuide dela.

– Um desastre... é o que é. Um maldito desastre.

Harold cambaleou para o corredor, murmurando entre dentes como um velho.

Adam despertou com o som de passos e de sussurros ao longo das escadas. Ao abrir lentamente os olhos, levou um momento a situar-se e a recordar que se encontrava na sala da frente da casa de Maggie. Um resquício da luz do amanhecer começava a filtrar-se através das janelas. Estava enroscado no pequeno sofá e o corpo enorme pendia desconfortável dos lados. Alguém tivera a boa ideia de tapá-lo com um cobertor. A cabeça tombara-lhe de lado e tinha um torcicolo no pescoço. Gemendo, esfregou o local dorido e endireitou-se.

Os passos aproximavam-se na sua direção. Verificou satisfeito que lá em cima reinava a calma. Estaria tudo acabado?

Após os desentendimentos e as discussões na sua mansão na tarde anterior, desfrutara de um longo jantar privado com James no seu quarto de hotel. Sorriu só de pensar em como fora maravilhoso voltar a sentar-se e a conversar com o irmão. Com a sua habitual perspicácia e o bom humor, James afastara qualquer culpa persistente que ele ainda guardasse pela forma como tratara a mãe de ambos e Penny Westmoreland.

Como James havia causticamente assinalado, Lucretia fora sempre infeliz e sempre o seria – independentemente de como Adam vivesse a sua vida ou com quem casasse. Quanto a Penny, dificilmente lhe faltariam pretendentes. Com um pouco de sorte, depois de ter passado tempo suficiente, ela perceberia a sorte que tivera em escapar a casar-se com um membro da família St. Clair. E se Harold tivesse um pico de bom senso, encontrar-lhe-ia alguém mais adequado em termos de idade e de temperamento.

Adam tinha sentido profundamente cada dia da ausência de oito meses que James fizera na sua vida e estava decidido a compensar toda a mágoa que o seu comportamento causara. Já dera ordens ao pessoal que preparasse os antigos aposentos de James para que ele e Anne pudessem ficar lá antes de partirem para a Cornualha, embora James tivesse resolvido esperar um dia antes de ocupá-los, dando a Lucretia uma oportunidade de abandonar a casa.

Sabendo até que ponto James tinha valorizado Grace Stuart, Adam jurara ser delicado com ela e até propusera conhecer os filhos – os seus meios-irmãos e a meia-irmã. James insistira que Adam nunca viria a lamentar tornar-se amigo deles. Embora Adam tivesse as suas dúvidas, guardou-as para si próprio, tencionando encarar os encontros com uma mente aberta. Estava decidido a tornar-se um homem melhor.

Adam tinha deixado James no hotel e regressara a casa de Maggie. Embora as mulheres continuassem a

tentar enxotá-lo, insistindo em que não deveria estar presente, a ideia de regressar à sua desagradável mansão isenta de afeto era insuportável. Sentia-se incapaz de ficar mais tempo longe de Maggie e queria estar por perto caso ela precisasse dele.

Alguém abriu a porta da sala e invadiu-o um momento de pânico ao perceber que não tinha ouvido choro de bebê durante a noite. O parto correria bem? Maggie e o bebê estavam bem?

Nesse momento, Anne entrou na sala em bicos de pés, espreitando para ver se ele estava acordado. Arregalou os olhos de susto e pôs-se em pé de um salto.

– Já acabou?

– Já – respondeu Anne, sorrindo.

Tinha a roupa amarrotada e um ar cansado, mas parecia eufórica.

– Maggie? O bebê? Não ouvi nada...

– Os dois estão bem e a descansar – disse ela.

Os joelhos cederam-lhe repentinamente e deixou-se cair no sofá.

– Estou tão feliz...

– Ela gostava de vê-lo – informou Anne com uma leve risada. – Se estiver de acordo.

Adam sacudiu a cabeça como se saísse de uma longa e profunda hibernação. Os últimos dias tinham sido tão emocionalmente desgastantes que não estava certo de possuir energia suficiente para mais agitação febril.

– Estou tão esgotado que me sinto como se eu próprio tivesse dado à luz.

– Encare isso como um ensaio – aconselhou ela. – Imagino que vocês os dois passarão por isto muitas mais vezes no futuro e da próxima vez estará muito melhor preparado.

Havia uma pergunta naquela afirmação e Adam ergueu o rosto e contemplou os olhos cor de esmeralda, pensando em como ela era bonita e na sorte que James tivera em fazer aquela ótima escolha. Desejoso de acalmar quaisquer receios de Anne sobre as suas intenções, prometeu:

– Sim, imagino que a Maggie e eu passaremos por isso muitas mais vezes.

Um olhar de alívio estampou-se no seu rosto encantador e perguntou:

– Então, vai ficar?

– Casarei com ela, se me aceitar.

– Imagino que o aceitará, se souber jogar as cartas certas.

– Assim espero. Quero finalmente fazer o que é certo.

– Bem – começou e depois acrescentou: – Sabe que ela nunca deixou de amá-lo. Durante todo este tempo... nunca o fez.

– Obrigado por me contar – disse Adam. – Vou manter isso em mente quando estiver a desgastá-la.

Seguiu-se um momento de silêncio constrangedor que Anne rompeu:

– Por onde andará o meu voluntarioso marido?

– De regresso ao vosso hotel, mas pedi-lhe que os dois se mudassem para a nossa casa em Mayfair. Ainda hoje, se estiver de acordo.

– Tem a certeza?

– Mais do que alguma vez na minha vida. – Levantou-se e estendeu a mão. – Anne... eu... – Era difícil pronunciar as palavras, mas recusou engoli-las. Aquele era um novo dia da sua vida, um dia de mudanças e de novos começos. – Lamento tudo o que aconteceu. Desculpe as coisas que disse e fiz...

– Ora! – exclamou Anne, afastando com um gesto todo o seu desconforto e as desculpas. – Não se preocupe com isso agora. Deitámos tudo para trás das costas.

Adam estendeu a mão através do espaço que os separava e agarrou-lhe na mão.

– Sinto-me muito feliz por James a ter encontrado.

– E eu porque o encontrei – respondeu, ao mesmo tempo que os olhos se lhe enchiam de lágrimas devidas ao dia e à noite carregados de emoções. – Agora, vá até lá acima. A sua família espera-o.

– Gosto do som da palavra – disse, soltando-lhe a mão e deixando que o momento sentimental se esvaísse. – Que planos têm para a manhã?

– Eu vou para o hotel dormir umas horas e depois prometi à Maggie que voltava para lhe fazer companhia. Entretanto, pode ocupar-se disso?

– Com todo o gosto.

Pegou-lhe no braço e acompanhou-a à porta, onde uma criada a esperava com a capa. Enquanto a ajudava a subir para o coche estacionado junto ao alpendre, ficou encantado quando ela se virou e lhe deu um beijo na face.

– Ainda há esperança para si, St. Clair – disse, permitindo que o seu comportamento atrevido viesse novamente à tona.

– Há mesmo, não é verdade? – sorriu, sentindo-se leve, feliz e despreocupado.

A carruagem começou a afastar-se pelo rodado e lembrou-se de perguntar:

– A propósito... é uma menina ou um menino?

– A Maggie está à espera para lhe dizer... – respondeu de longe e ele ficou a acenar até ela desaparecer ao dobrar da esquina.

Maggie mexeu-se inquieta no meio das almofadas. Estava exausta, cansada e dorida, mas, ao mesmo tempo, cheia de energia. Era impossível dormir. Tinha tantas coisas em que pensar e para decidir, tantas mudanças com que lidar de imediato e em simultâneo. A primeira e a mais importante consistia em saber onde ia viver nos próximos meses. Não descansaria até a questão estar resolvida.

Não podia voltar para a casa que tinha partilhado com Charles. Passar pelo sítio onde ele morrera, sempre que entrasse ou saísse da casa, estava fora de causa. Viver com Lavinia também não era uma opção. Embora gostasse muito da mulher mais velha, a ideia de aceitar a sua caridade, quando Maggie não passara de uma impostora na vida de Charles, era impensável. E errada.

O que fazer?

Esperava que Adam a deixasse ficar ali, na sua antiga casa – pelo menos até o assunto da herança de Charles ficar resolvido. Depois, quando ela e o bebé se mudassem, teria fundos para arranjar outro local.

Durante a noite interminável, enquanto entrara em trabalho de parto tão ferozmente, Anne tinha-lhe dito inúmeras vezes que Adam se encontrava no andar de baixo. O facto de saber que ele estava perto dera-lhe conforto ao longo dos esforços para ter o bebé. Decerto que ele cuidaria dela, talvez um pedacinho, dado que se havia dado ao trabalho de trazê-la para casa e em seguida de aguardar junto dela até ao final.

Apesar do que lhe fizera, Maggie esperava que ele ainda mantivesse a memória da ligação que dantes haviam partilhado. Talvez a recordação o encorajasse a aceder ao seu pequeno pedido de ajuda.

Anne tinha prometido que enviaria Adam diretamente, mas parecia que ela se fora embora há muito tempo. A espera debilitara os nervos já fragilizados de Maggie.

– Porque está ele a demorar tanto tempo? – perguntou a Gail que espreitava da janela para a rua.

– Está a despedir-se de Mistress Anne.

– Não estão a discutir, pois não?

– Não. Na verdade, ele acabou de beijá-la na face.

– Graças a Deus! – exclamou Maggie.

A última coisa de que precisava era que ele discutisse com Anne e se exaltasse. Ele e Anne precisavam de descobrir um terreno de entendimento onde pudessem lidar um com o outro de uma forma civilizada. Precisavam muito disso.

– Ah!... – exclamou Gail. – Ela foi-se embora. Ele vem aí.

Ouviram-lhe de imediato os passos na escada. O coração de Maggie batia com força. Ele não podia recusar! Não podia mesmo!

Com um rápido olhar em redor do quarto, concluiu que tudo estava pronto. Todos os vestígios do parto haviam desaparecido. Ela tomara banho e vestira uma camisa de noite lavada de algodão. Baixou os olhos, sorriu maravilhada para o bebé adormecido nos seus braços e sussurrou:

– Como podia ele não te amar?

– Está preparada? – murmurou Gail quando Adam chegou ao topo da escada.

– Sim – respondeu Maggie assentindo com a cabeça e Gail dirigiu-se à porta, abrindo-a no momento em que ele bateu ao de leve.

– Posso entrar? – perguntou.

Gail fez-lhe uma rápida vénia.

– Mistress Maggie está à sua espera.

Com toda a delicadeza, deu a volta por trás dele e fechou a porta, abandonando-os àquele momento de privacidade.

Nos últimos meses, Maggie tinha ensaiado mil vezes aquela cena. O que diria. Como o diria. As explicações que daria. As desculpas que apresentaria. O perdão que pediria. Contudo, ao fitá-lo, sentada no meio da cama onde haviam partilhado tantas maravilhosas intimidades, todas as palavras que tinha prontas, desapareceram-lhe da mente. Apenas conseguiu olhá-lo e sorrir, maravilhada pelo facto de a simples presença dele conseguir reparar algo no seu coração partido.

– Olá – articulou finalmente.

– Olá – correspondeu.

Adam ficou de pé, sem pronunciar palavra, tentando recordar-se do discurso que preparara cuidadosamente, das desculpas que tencionara apresentar, das juras de amor e proteção que desejava oferecer, mas não foi capaz de pensar numa única coisa. Apenas conseguiu ficar a contemplar maravilhado a figura de Maggie com o seu filho nos braços.

O belo cabelo de Maggie tinha sido lavado e escovado e pendia numa cascata encaracolada sobre os ombros e as costas. As faces apresentavam um rosado saudável e o rosto ainda estava arredondado e cheio devido ao peso extra que havia transportado, os seios fartos e abundantes. Os maravilhosos olhos violeta fitavam-no com um brilho de amor e de carinho e o último tijolo da sua barreira de defesa caiu como se nunca tivesse existido.

Pensou que ela se assemelhava a uma celestial e angelical Madonna, tão bonita que lhe doía o coração só de olhar para ela. Fez um gesto na direção da borda da cama.

– Posso?

– Sim – respondeu ela com um sorriso e acariciando o lugar ao lado dela com a mão que tinha livre.

Ele aproximou-se cautelosamente e sentou-se, espreitando o pequeno rosto escondido pelo cobertor macio.

– É um menino ou uma menina?

– Uma menina – respondeu Maggie com orgulho.

– Que maravilha! – Estendeu um dedo e tocou ao de leve na borda do tecido à volta do rosto do bebé, com medo de avançar mais. – Já decidiste que nome vais dar-lhe?

– Charles e eu tínhamos pensado dar-lhe o nome das nossas mães. Rose Lavinia.

– Lindo! – murmurou. – É um nome adorável. – Inclinou-se um pouco mais para ver melhor. – Olá, bela Rose.

– Gostavas de lhe pegar? – perguntou Maggie, rindo com a expressão aterrorizada que ele deixou transparecer. – Não vais magoá-la.

– Tens a certeza?

– Sim. Ela é muito mais resistente do que parece.

– Tal como a mãe – retorquiu Adam. Nunca tinha pegado num bebé e decerto jamais pensara ser-lhe dada a oportunidade de pegar nessa criança especial.

As mãos tremiam-lhe quando estendeu os braços e Maggie depositou o leve montinho ao seu cuidado. Rose aninhou-se imediatamente contra o seu peito, como se soubesse que pertencia ali e a mais nenhum lugar e Adam não estava preparado para a surpreendente onda de emoção que o invadiu.

A filha deles. A sua filha. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e forçou-se a engoli-las.

– Posso vê-la? – perguntou, indicando a mantinha firmemente enrolada e Maggie apartou as dobras para que ele pudesse ver como a menina era bonita com o seu imaculado vestido branco. – É tão pequenina – comentou, inspecionando os pés, as mãos e as perninhas – e tão perfeita.

– É, não é? – concordou Maggie, que pensara exatamente o mesmo durante as duas últimas horas, sempre que a espreitava.

Adam passou a mão pelo sedoso cabelinho loiro que cobria a pequena cabeça de Rose e a carícia fez com que o bebé abrisse os olhos sonolentos.

– Oh, sua raposinha matreira! – sussurrou espantado, apertando-a ternamente e com mais força de encontro ao peito. – Vê só que bonita és! – Já estava a imaginar os pretendentes a fazer fila, aguardando a sua vez.

Ergueu o rosto para Maggie com o olhar cheio de admiração e alegria e descobriu que ela chorava copiosamente, com lágrimas enormes e silenciosas a escorrerem-lhe pelas faces.

– O que se passa, pequenina?

– Julguei que nunca a verias – respondeu, mal sendo capaz de falar devido à vaga de emoção que a invadira ao ver Adam a pegar na filha de ambos. – Sinto-me tão feliz que tenhas...

– Também eu – disse, puxando-a para ele, enquanto as lágrimas lhe caíam sem cessar.

Quando se sentou na borda da cama, embalando-a e à filha, dispôs de muito tempo para refletir em como a vida era estranha. No facto de ter conhecido aquela adorável jovem, tê-la amado tão ferozmente para depois a perder por causa da sua personalidade rígida e inflexível. No facto de os dois haverem concebido aquela criança preciosa e também que fora necessária a morte do bondoso Charles para os reunir e levá-lo a compreender como vivera de uma forma idiota.

– Oh, Adam... – disse ela finalmente quando recuperou o controlo suficiente para falar. – Desculpa o meu estado...

– Não peças desculpa – disse, beijando-a na testa. – Passaste momentos difíceis e o nascimento de Rose é um acontecimento milagroso. Tens todo o direito a uma demonstração emocional.

– Gostas mesmo dela? – inquiriu Maggie com a esperança a brotar-lhe no coração.

– Como podia não gostar? – respondeu, baixando os olhos para a bonita criança que dormia tão calmamente nos seus braços.

– Então, posso pedir-te um favor? Não para mim, mas para a Rose?

– Podes pedir o que quiseres, querida Maggie, que desde já está concedido.

– Podemos ficar aqui? Não por muito tempo – apressou-se a acrescentar com receio de que a ideia lhe desagradasse. – Só até descobrir o estado das finanças de Charles e poder decidir para onde iremos a seguir. Prometo que não te incomodaremos. Quase não darás pela nossa presença.

– Claro que podem ficar aqui. O tempo que quiserem.

– Obrigada. Aliviaste-me muito – disse, baixando os olhos ao confessar: – Tenho andado tão preocupada nos últimos dias sobre o que nos ia acontecer. Odeio ter medo do futuro.

– Sei que tens e juro-te que não voltarás a ter motivo para te preocupares. A partir de agora tenciono cuidar bem de vocês as duas.

– Oh... Não queria que pensasses... quer dizer... – Corou de embaraço. – Nunca esperaria que tomasses conta de nós, embora fosse uma grande ajuda se pudesses ajudar-me a ficar a par dos negócios de Charles. Não faço ideia do que nos resta para sobrevivermos e ignoro como posso descobrir.

Adam suspeitava que provavelmente havia muito pouca coisa. Charles tinha sido um mestre no malabarismo de fundos e o que ele devia e o que sobrava para pagar as contas ninguém sabia. Maggie não fazia obviamente ideia das fraquezas de Charles e não estava disposto a desiludi-la, sobretudo quando a resposta não importava.

Sorriu, consciente de como ela podia ser teimosa. Nunca se considerara um homem eloquente e queria dizer as coisas certas para a convencer em relação ao seu futuro. Pegando-lhe na mão, inquiriu:

– Posso dizer-te uma coisa?

– Claro – acedeu hesitante e um pouco assustada pela expressão séria do rosto dele. Caso se tratasse de más notícias sobre a herança de Charles, achava que não conseguiria aguentar.

– Quando te conheci, era um homem diferente. Arrogante e orgulhoso, determinado e muito seguro de mim.

Maggie sorriu ao lembrar-se de como ele podia ser arrogante.

– Lembro-me.

– Um dia, quando estávamos a discutir, agora nem sequer me recordo sobre o quê, disseste que podia mudar se quisesse, mas não acreditei em ti.

– Também me lembro disso.

Maggie sorriu novamente, interrogando-se sobre onde a conversa os levaria.

– Bem, descobri que tinhas razão. Posso mudar e mudei. – Moveu-se para mais perto dela. – Quero ser feliz. É tudo o que quero e é tudo o que me interessa. E, por fim, descobri o que me dará satisfação para sempre.

– O que é? – perguntou ela.

Ela não fazia obviamente qualquer ideia do significado das palavras e ele soltou uma gargalhada ante o seu olhar consternado.

– És tu.

– Eu? – retorquiu ofegante, totalmente apanhada de surpresa.

– Sim. Tu e o bebé Rose. Se as duas partilhassem as vossas vidas comigo, tornar-me-iam o homem mais feliz do reino.

– O que estás a dizer? – perguntou Maggie, tremendo e receosa de ser otimista.

– Estou a dizer que te amo. Sempre te amei desde a primeira vez que te avistei quando estavas a dançar na areia da praia e cortaste o pé. Durante todos estes meses, nunca deixei de te amar um único instante. – Os olhos procuraram os dela, ansiando qualquer indício de uma emoção correspondida. – Amo-te, Maggie. Casas comigo?

– Oh, Adam... – exclamou, quase incapaz de respirar. Aquela era a resposta a todas as suas preces, mas não podia concordar. O próprio Adam dissera: aqueles haviam sido uns dias emocionalmente difíceis; ele não estava a pensar claramente ou nunca lhe faria tal proposta. – Não poderia – respondeu, angustiada com a ideia de ter de rejeitá-lo. – Simplesmente não poderia.

– Porquê?

– Por um lado, é demasiado cedo... com a morte de Charles há apenas uns dias...

– Concordo. Ambos estaremos de luto, por conseguinte teríamos de encontrar-nos em segredo. Poderia passar algum tempo aqui contigo e com a Rose e ninguém saberia. Seria muito discreto. Daqui a cerca de seis meses, quando o luto começar a abrandar, podíamos ser vistos ocasionalmente. Depois de passado um ano, casaríamos numa cerimónia discreta. – Antecipando a chegada de mais um protesto, acrescentou: – Um ano é um longo tempo de espera, mas, no final, o prémio valerá definitivamente a pena. Ter-te-ei e à Rose ao meu lado.

– Mas e a tua mãe?

– Não me interessa o que ela pensa. Já a mandei para o campo. Deixará de viver comigo.

– E a Penelope?

– Já falei com ela e com o teu pai. Rompi o noivado ontem.

– Então, acabou – concluiu ela baixinho, aliviada por saber que esse grande desgosto nunca aconteceria.

– Antes do mais, nunca devia ter-me metido nisso. Não foi justo para a Penny. Quando descobri sobre ti e o Charles, fiquei tão... – Fez uma pausa e passou uma das mãos pelos olhos cansados. Era inútil reavivar todas as antigas mágoas que haviam causado um ao outro. – Penny e eu fazíamos um par horrível, logo desde o início, e rompi o noivado tanto por ela como por mim. Disse ao teu pai que encontrasse alguém que cuidasse dela.

– Achas que ele o fará?

– Não sei o que ele fará. Entretanto, sou livre para passar o resto da minha vida como me apetecer. E escolho vivê-la contigo. Qual é a tua resposta?

– Não sei, Adam – respondeu, sentindo-se terrivelmente desconcertada. Tudo se processava tão rapidamente. Esperara alguma ajuda, talvez um sítio para ficar, talvez um pouco de ajuda financeira. Nada de tão monumental lhe atravessara a mente. – O que diriam as pessoas, se casássemos?

– O que interessa o que as pessoas diriam? – Agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a ao de leve. – Anima-te, rapariga. És filha do duque de Roswell e da bonita mulher Rose Brown. Mostra alguma coragem!

– Estás a tornar tudo tão difícil!

– Como assim?

– Estás a pedir-me que tome decisões importantíssimas, sem ter oportunidade de refletir sobre elas. Sinto-me tão cansada... tão confusa...

– Eu sei, eu sei... – concordou ele, recuando. Fora arrastado por uma necessidade desesperada de que ela respondesse que sim e o seu fervor arrebatava-os. – Desculpa estar a pressionar-te desta maneira. Por agora, só preciso que me respondas a uma pergunta.

– Qual?

– Uma vez disseste que me amavas. Ainda me amas?

Como podia ele imaginar que não?

– Sim – respondeu. – Amo-te com todas as minhas forças e sempre te amarei até ao meu último dia de vida.

Adam sorriu e deu-lhe uma leve palmada na mão.

– É só isso que preciso por agora. Não te preocupes com o resto. Temos muito tempo para fazer os nossos planos. – Voltou a beijá-la na testa e, inclinando-se, beijou também Rose. – E, agora, acho que chegou a altura de vocês as duas descansarem. A Anne ficará furiosa se, quando voltar, te encontrar cansada.

Só de ouvir falar de *descanso*, ela começou a bocejar. Queria continuar a falar, mas sentiu-se de repente demasiado cansada para prosseguir. Saber que ele a amava, que sempre a amara, tirara-lhe um

peso enorme de cima dos ombros. Toda a culpa, preocupação e medo que a invadira nos últimos dias afastou-se como o baixar da maré. Pela primeira vez desde há muito tempo, sentiu-se contente e, quando Adam lhe aconchegou a roupa, com Rose aninhada ao lado dela, não conseguiu suster um sorriso à medida que os olhos se fechavam gradualmente.

Quase a adormecer, perguntou:

– Ficas um pouco aqui connosco?

– Não desejaria estar noutro lugar – respondeu ele meigamente.

# Epílogo

Adam sentava-se atrás da secretária. Lá fora, estava um belo dia de julho e as rosas dos jardins atrás do seu escritório na mansão dos Belmont enchiam a divisão com o seu delicioso perfume. Havia muito trabalho a fazer, mas aparentemente não conseguia terminá-lo. Até ao momento só abrira duas das cartas – uma de James e outra de Harold Westmoreland – mas não conseguira concentrar-se o suficiente para ler as restantes.

Era um dia para recordar, não para trabalhar. Dois anos antes, Charles tinha sido atingido a tiro e eliminado enquanto protegia Maggie de uma bala assassina. No verão seguinte, ele e Maggie tinham-se casado numa cerimónia simples a que só assistiram algumas pessoas. James e Anne, a sua tia Vinnie, Grace Stuart e os seus filhos.

Sentia-se como sempre maravilhado pela velocidade com que as coisas podiam mudar para melhor. Ele e Maggie viviam uma felicidade maravilhosa. Rose desenvolvia-se rapidamente e qualquer dia teria um novo irmãozinho ou uma irmãzinha. A sua relação com James estava mais sólida do que nunca e a amizade com Anne tornara-se forte e inabalável. Grace Stuart tinha-o finalmente conquistado com a sua elegância e suave requinte e não conseguira evitar a crescente ligação que sentia com os filhos dela, que eram alegres, divertidos, adoráveis e muito parecidos com James em todos os aspetos.

Embora não tivesse feito as pazes com Penelope e não o esperasse, ele e Harold haviam conseguido encontrar uma placa de entendimento, aceitando o que acontecera. Harold chegou mesmo a fazer visitas ocasionais enquanto se esforçava a contragosto por estabelecer uma relação com Maggie. Era divertido observar os dois a andar às voltas, tentando encontrar uma forma de lidarem um com o outro.

Adam queria pensar que tinha contribuído um pouco para os unir, mas sabia que isso não era verdade. Tudo se devia ao bebé Rose. Harold vira a criança uma vez e apaixonara-se imediatamente pela miúda encantadora. Ninguém era imune, nem mesmo o nobre duque de Roswell.

Nesse momento, uns passinhos ecoaram no corredor e Rosie entrou, uma trouxinha de energia com dois anos. Sempre que a fitava, sentia uma tal onda de amor que os olhos se enchiam de lágrimas e o coração lhe doía por saber que ela era tão preciosa e era sua filha.

– Papá, papá – gritou a menina alegremente ao vê-lo. Correu na sua direção de braços erguidos e ele não conseguiu evitar o pensamento de que era a menina mais bonita de toda a Inglaterra. Com o cabelo loiro-palha aos caracóis, emoldurando o rosto angelical, as bochechas rosadas e os olhos violeta, parecia uma adorável boneca de porcelana.

– Olá, docinho – disse, levantando-a do chão e encostando-a ao peito. – Como está a minha linda Rosie

esta manhã?

– Poni... – disse ela, olhando por cima do ombro dele e apontando lá para fora.

– Vamos a caminho dos estábulos – explicou a governanta e Adam assentiu com a cabeça.

A miúda adorava cavalos e, como tinha todos os empregados das cavalariças na palma da mão, ia passear todas as manhãs e os homens revezavam-se para a sentar em cima das éguas mais calmas.

– Onde está a tua mamã, *miss*? A dorminhoca continua deitada? – perguntou Adam, o que levou Rose a dar-lhe pequenas palmadas nas faces com as mãozinhas.

– Cama... cama... – disse a menina.

Depois continuou a tagarelice, que só Maggie parecia entender, até ter acabado qualquer história que estava a contar e contorceu-se no colo do pai para que a pusesse no chão, impaciente por ir lá para fora. Tão rapidamente como tinha aparecido, desapareceu através das portas e correu para o quintal, avançando a tal velocidade que a pobre governanta mal conseguiu acompanhá-la. Adam seguiu Rose até ao exterior e encostou-se à balaustrada, observando-a a afastar-se com um enorme sorriso estampado no rosto.

Mal a filha desapareceu da sua vista, pegou nas duas cartas que se encontravam na secretária e subiu ao andar de cima para ver se Maggie estava acordada. Ela estava a chegar ao final da gravidez e extremamente inchada por esse motivo. Embora se sentisse como uma baleia encalhada e pensasse que parecia uma, ele achava-a um espanto e a alegria que retirara por vê-la aumentar de volume ao longo dos meses nunca diminuiu. Aos olhos dele, Maggie ficava mais bonita a cada dia que passava.

Sabendo como ela se sentia cansada, espreitou para o quarto de casal, preparado para entrar nos bicos dos pés, mas Maggie já estava sentada, encostada confortavelmente às almofadas e a tomar o chocolate da manhã. Apresentava-se nua sob o lençol que lhe moldava os seios fartos e o estômago volumoso.

– Bom dia, preguiçosa – saudou ao deparar com o sorriso de boas-vindas.

– Também fingirias preguiça, caso não fosses capaz de virar-te de lado sem ajuda. – Parecendo totalmente esgotada com a sua situação, acrescentou: – Gostava de levantar-me, mas nem à beira da cama consigo chegar e portanto resolvi ficar deitada o dia inteiro.

Adam riu e foi sentar-se ao lado dela, beijando-a ternamente.

– Podia pensar em algumas coisas para te ajudar a passar o tempo.

Com os olhos a brilharem muito, Maggie perguntou:

– Onde está a Rose?

– Foi visitar os cavalos.

– Ooh, então temos pelo menos uma hora para nós. É melhor aproveitámo-la ao máximo, não achas?

Fez uma tentativa para se mexer e arranjar-lhe espaço ao lado dela, mas, no preciso momento em que o fez, Adam reparou que ela esfregava o fundo das costas.

Inclinou-se mais para diante e pôs-se a massajar o sítio onde Maggie tinha posto a mão.

– É aqui? – inquiriu.

– Sim.

– Estás com dores?

– Algumas.

– Achas que pode ser hoje o dia?

– Talvez – respondeu, descontraindo-se gradualmente, à medida que ele continuava a massajá-la.

– Nada de jogos de cama, sua diabinha insaciável – ralhou, dando-lhe uma palmada no traseiro, antes que ela se pusesse novamente de costas. Voltou a beijá-la apreciando a proximidade e o cheiro dela. – Tens medo?

– Não, se souber que estás por perto.

– Nunca sairei do teu lado, sabes isso.

– Sim, sei – concordou, achando que ele parecia mais encantador do que no dia em que o conhecera.

O amor e o cuidado familiar tinham-lhe suavizado as feições e agora as linhas do rosto eram causadas por sorrisos em vez de preocupações. Fora ela a conceder-lhe essa sensação de paz e de pertença que sempre lhe faltara na vida.

Adam dera-lhe muita coisa em troca: confiança, filhos, amizade, segurança. E Maggie nunca se cansava de ver o amor que sentia por ela a brilhar-lhe nos magníficos olhos negros. Havia algo de maravilhoso em ter toda aquela emoção centrada em si.

– O que tens aí? – indagou, reparando pela primeira vez nas cartas que ele tinha atirado para cima da cama quando entrara no quarto.

– Notícias – respondeu num tom misterioso.

– Se forem más, não me contes.

– São boas – disse ele com uma gargalhada. – Bom, pelo menos é o que acho. A Anne não pode vir já...

– Bem, isso não me parece uma boa notícia.

– Porque – continuou Adam, sem atender à interrupção e prolongando o momento – ela e o James vão ter um bebé.

Maggie soltou uma exclamação de alegria e de surpresa.

– Repete isso! Diz-me que é verdade!

– É, e ela anda com muitos enjoos. James não quer que ela viaje durante umas semanas até o pior ter passado.

– Que maravilha! – reagiu, enxugando algumas lágrimas de felicidade que lhe tinham caído pelas faces.

– Sinto-me tão feliz por ambos.

– Também eu.

– E a outra carta?

– É do teu pai.

– Agora, sei que não estás a falar verdade. Tudo o que ele possa dizer não são decerto boas notícias.

– Nesse caso, chamemos-lhes notícias *interessantes*.

Fez uma pausa, esperando para lhe aumentar a curiosidade e deu resultado, pois por mais que ela repetisse que não se importava com Harold, aparentemente não se continha quando ele estava em causa.

– Do que se trata? – quis saber, impaciente.

– Penelope fugiu. Com um americano.

– Oh, céus... ainda bem para ela! – aplaudiu Maggie, desatando a rir com a volumosa barriga a tremer devido ao esforço. – A pobre rapariga ia no terceiro noivado. O primeiro noivo, Adam, abandonara-a. O segundo tinha morrido num acidente antes de vir da Jamaica para a conhecer. O terceiro... bom... – Aquele conde que o pai lhe arranjou tinha para aí uns sessenta anos.

– Sessenta e três – anuiu Adam.

– O pai deve estar fora de si.

– Mais do que isso. Vem até cá para uma visita prolongada. Diz que quer passar mais tempo junto da sua filha *ajuizada*.

– É bom saber que me aprecia mais – comentou sarcasticamente – embora só o tivesse conseguido por ele haver decidido que a Penny é louca. – Sentiu mais uma dor nas costas e esfregou-as distraidamente, pensando em todas as mudanças e em todas as boas-novas. – Importas-te de ir buscar o meu roupão? – perguntou. – Acho que vou tocar a campainha para me prepararem um banho. Se isto continuar, tenho de me despachar, antes que venha a sentir-me pior.

– Claro – anuiu Adam, dirigindo-se à cadeira que estava no outro lado do quarto e pegando no roupão pendurado na parte de trás. – Vou chamar Gail.

Quando se virou, uma brisa matinal entrava através dos reposteiros, banhando o quarto com uma estranha luz amarelada. Na cama, Maggie apresentava-se envolta num halo. Puxara o lençol para trás, revelando as curvas da gravidez. Tinha o cabelo encaracolado caído sobre os ombros e a mão pousada no ventre volumoso. O anel de ametista que lhe oferecera quando tinham ficado noivos – o anel que trouxera no bolso durante meses – reluzia em tonalidades roxas pelo quarto. Era a única coisa que ela estava a usar.

Maggie ergueu o rosto para o sítio onde Adam se conservava muito quieto e não foi capaz de dominar um ar assustado devido à expressão invulgar do seu rosto.

– O que se passa?

– É muito estranho, mas costumava sonhar com este mesmo momento – respondeu ele, aproximando-se e voltando a sentar-se em cima do colchão. – Quando estávamos separados... costumava sonhar contigo. Fechava os olhos e via-te assim, aqui no meu quarto em Belmont, grávida e cheia, com o sol da manhã colorindo a tua pele e tendo apenas esse anel. – Levou a mão dela aos lábios e beijou-a.

Baixou os olhos para o ventre de Maggie e prosseguiu:

– Inclina-me e beijava-te aqui. – Acariciou-lhe o ventre, colando os lábios à pele quente. – E o bebé dava um pontapé contra a minha boca.

Os dois riram quando a criança, esperando com impaciência para sair, fez exatamente isso.

A mão dele continuava pousada no ventre dela e Maggie tapou-a com a sua e quis saber:

– Como acabava o teu sonho?

– Assim – disse ele – passeando o olhar pelo quarto e reparando que a luz amarela peculiar tinha desaparecido e tudo parecia ter voltado à realidade, com nós os dois juntos. Contudo, ficava sempre triste quando acabava.

– Porquê? – incitou ela meigamente.

– Porque sabia que se conseguisse alcançar esse momento na minha vida, seria feliz durante o resto dos meus dias, mas ignorava como fazer que acontecesse.

– No entanto, realizou-se em todos os aspetos – disse com um sorriso ante o brilho que os olhos dele emitiam. – Não é um sonho.

– É sim – insistiu ele. – É um sonho tornado realidade.